FOLHA DE S.PAULO
DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
ANO 102 ★ Nº 33.996 DOMINGO, 1º DE MAIO DE 2022 R$ 7,00

O MELHOR DE **sãopaulo** serviços

As favoritas da cidade

Datafolha revela marcas preferidas em 40 categorias de 10 segmentos

Junto com Poupatempo e Metrô, SUS é o melhor serviço público **p. 14**

+ Cinemark segue líder entre os cinemas **p. 57**

Com polarização, PF redobra segurança de presidenciáveis

Candidatos receberão notas de 1 a 5 conforme risco que correm e terão agenda avaliada 48h antes

A Polícia Federal vai reforçar o esquema de segurança dos candidatos à Presidência diante da expectativa de uma eleição acirrada e da polarização entre Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Entre outras medidas, a polícia vai atrelar a cada presidenciável uma inédita nota de risco, que varia de 1 a 5, e exigir que os candidatos anunciem suas agendas 48 horas antes. Mais de 300 agentes estarão envolvidos.

A PF também pode contraindicar eventos arriscados.

As decisões vêm a reboque das eleições de 2018, quando Bolsonaro foi esfaqueado por Adélio Bispo de Oliveira. Até então, a proteção seguia lei e portaria sucintas da Justiça.

Integrantes da PF avaliam que essa é a eleição mais preocupante da história em termos de segurança em razão do clima de radicalização. É também a primeira vez na história recente que um ex-presidente será candidato.

A proteção pela PF pode ocorrer a partir da homologação das candidaturas, entre julho e agosto. **Política A4**

Bolsonaro contraria aliados e faz convocação para ato contra o STF A5

Eduardo Anizelli/Folhapress

RELIGIOSOS ESPERAM QUE VITÓRIA DA GRANDE RIO NO CARNAVAL AJUDE A COMBATER INTOLERÂNCIA

A vitória da escola de samba Grande Rio e seu enredo sobre Exu no Carnaval do Rio foi celebrada como um triunfo contra o preconceito em terreiros como o de Celinho de Omulu, babalorixá (pai de santo) ladeado na foto pelos seus dois adjuntos, o babakekerê Luiz Carlos e a iakekerê Naná, além da iadagã (auxiliar) Zaze (mais à esq.), em Duque de Caxias (RJ) **Cotidiano B1**

Indústria tenta retomada sem intervenção do Estado

Setor que mais encolheu nas últimas décadas, a indústria brasileira registra perdas em relação aos seus pares internacionais. O peso na economia está em 11%, menor desde 1947. Houve queda na participação no emprego e nas exportações. **Mercado A19**

Otto Lara Resende, que faria 100, tem relevância de sua obra analisada **C4**

MÔNICA BERGAMO

Voltar aos palcos é como nascer de novo, declara Daniela Mercury **C2**

Esporte B7

Racismo no futebol

Dirigentes brancos jamais vão se sensibilizar por situação que não viveram, afirma Grafite

esg A27

Empresas ainda não têm projetos de adaptação a mudanças climáticas

Rafael Vilela/Fairwork

87% DOS PAULISTANOS DEFENDEM REGULAR APLICATIVOS

Juliana Iemanjara, 34, que presta serviços para quatro apps; levantamento indica inclinação de moradores à regulação de plataformas para dar proteção aos colaboradores **Mercado A22 e A23**

Itamar Vieira Junior

Jatinhos e tragédia sob Bolsonaro

A tragédia do governo Bolsonaro é percebida de maneira distinta por uma sociedade desigual. Para milionários e bilionários, o problema são as filas para a compra de jatinhos num país que vive o drama da fome. **Ilustríssima C12**

Marqueteiro vê Doria vítima de bolsonaristas

Política A14

Freixo reduz críticas a ações policiais em guinada ao centro

Política A12

Brasil deve iniciar transplantes de órgãos de porco em 2025

Com investimento de R$ 50 milhões do governo paulista, pesquisadores estimam que o país poderá ter primeiros pacientes submetidos ao transplante já em 2025. **Ciência B6**

Banimento de livros atinge 26 estados dos EUA

Estudo da entidade de defesa da liberdade de expressão Pen America revela que ao menos 26 dos 50 estados dos EUA tiveram no último ano ações de autoridades locais para vetar livros em escolas e bibliotecas públicas. **Mundo A15**

EDITORIAIS A2

Redução de danos

Sobre embate em torno do deputado Daniel Silveira.

Brasil deprimido

Acerca de dados que mostram avanço da doença.

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Redução de danos

Cassação e inelegibilidade do deputado Daniel Silveira, sem prisão, é o melhor desfecho

Uma democracia funcional é um organismo político complexo, em que diversos agentes exercem papéis específicos para que o regime produza seus generosos resultados.

Já o arbítrio é embaralhado. A ditadura brasileira até 1985 mandava no Executivo e também em assuntos do Judiciário e do Legislativo. Interessa apenas aos nostálgicos daqueles tempos, entre eles o presidente Jair Bolsonaro (PL), o retorno a um regime de exceção.

Pela Constituição de 1988, não é preciso improviso nem negociações subterrâneas entre próceres da República para solucionar problemas como o do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ). Basta que cada um atue dentro de sua competência e que se apliquem as leis.

O Supremo Tribunal Federal condenou Silveira a 8 anos e 9 meses de prisão, além de multa, por ameaçar a institucionalidade democrática —uma pena que soa exagerada. Acertou ao determinar a perda do mandato e a inelegibilidade.

Bolsonaro escolheu aviltar o instituto da graça quando indultou o apaniguado como meio de provocar o STF. Carregará a atitude vergonhosa pelo restante de sua vida pública, mas, do ponto de vista das regras do jogo, mobilizou um poder conferido expressamente ao presidente da República pela Carta.

O poder, que fique bem claro, limita-se à suspensão da pena do condenado, mas não se sobrepõe à palavra final do Supremo Tribunal. A graça não anula a condenação de Silveira, que perderá a condição de réu primário.

Caberá à Câmara dos Deputados proceder à correta cassação do mandato, em votação pelo plenário, consequência direta do trânsito em julgado da condenação. Já à Justiça Eleitoral cumpre bloquear, pelos próximos oito anos, quaisquer tentativas de Daniel Silveira de candidatar-se a cargo político, como reza a Lei da Ficha Limpa.

A esta altura, trata-se do melhor desfecho possível para o caso —e o Supremo fará bem em concorrer para tanto. Em suma, o deputado brutamontes não deverá cumprir a pena de prisão, mas estará sujeito a todos os demais efeitos do reconhecimento, pela mais alta corte do país, do crime que cometeu.

O que Jair Bolsonaro quis transformar numa conflagração entre Poderes dispõe na verdade de um encaminhamento relativamente simples pelas instâncias regulares do Estado democrático de Direito.

O presidente busca o conflito e açula seus seguidores porque quer semear uma tempestade nas eleições de outubro. Reagir com firmeza —mas também com frieza— serve para mostrar a Bolsonaro que o seu poder tem limites.

Conduzir as eleições, por exemplo, não é assunto do presidente da República, mas única e exclusivamente do Poder Judiciário.

Brasil deprimido

Pandemia e queda de preconceito são motivos possíveis para alta dos registros de doença

Se não chega a surpreender, é de consternar o anúncio de que casos de depressão estão em alta no Brasil. Nada menos que 11,3% dos que aqui vivem, mais de 24 milhões de pessoas, relatam diagnóstico médico desse transtorno mental.

Aferiu-se o dado na versão 2021 da pesquisa Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), do Ministério da Saúde, segundo reportou o jornal O Estado de S. Paulo. Antes se conhecia um 10% de prevalência, conforme a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019; em 2013, eram 7,6%.

A estatística ultrapassa aquilo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) registra para o Brasil, 5,3%. Supera, também, a proporção de casos nos Estados Unidos, de 8,4% da população acima de 18 anos (critérios díspares, contudo, podem prejudicar a comparação).

De toda maneira, constata-se número elevado e crescente de brasileiros padecendo de uma doença que pode ser incapacitante. De acordo com a OMS, a depressão está entre as principais causas de faltas no trabalho e, ao lado da ansiedade, provoca prejuízo econômico mundial de US$ 1 trilhão anual.

As causas do crescimento aparente, aqui, não são triviais de elucidar. Perdas de pessoas próximas, emprego e renda durante a pandemia de Covid-19 surgem como principais suspeitos.

A Vigitel apontou ainda aumento no abuso de álcool, que atinge 18,3% da população, e restrição da atividade física (48,2% exercitam-se menos do que seria desejável). Ambos os fatores contribuem para depressões e também podem derivar da pandemia.

Por fim, e paradoxalmente, não se exclui que parte da alta resulte de fenômeno sociocultural positivo: redução do preconceito. Hoje soa menos constrangedor admitir-se deprimido e buscar tratamento, levando ao acréscimo de registros.

Tampouco se descarta que haja erros de diagnóstico. Por falta de treinamento ou especialização, alguns médicos podem estar identificando a patologia de modo equivocado, tratando como doenças o que talvez não sejam mais que infelicidades cotidianas e medicando-as de forma precipitada.

Psiquiatria e farmacologia enfrentaram dificuldades para chegar a novas classes de medicamentos. Surge alguma esperança com substâncias psicodélicas, como a psilocibina de cogumelos, mas ainda há longo caminho até que se comprovem seguros e eficazes.

Por onde os ratos escapam

Hélio Schwartsman

Duas semanas atrás falei aqui do livro "East-West Street", de Philippe Sands. Poucas horas após a publicação da coluna, três amigos cuja opinião respeito muito me escreviam para recomendar uma segunda obra de Sands, "The Ratline" (o caminho dos ratos), que devorei.

"The Ratline" conta a história de Otto Wächter, que governou territórios da Polônia e da Ucrânia na ocupação nazista. Wächter foi acusado de crimes contra a humanidade, mas conseguiu fugir. Passou três anos perambulando pelos alpes austríacos e depois desceu para Roma onde, com o apoio de hierarcas do Vaticano e beneplácito dos EUA, se preparava para fugir para a Argentina. Em julho de 1949, morreu na capital italiana sob circunstâncias suspeitas.

Sands transforma o que poderia ser uma árida investigação sobre a fuga de um nazista num daqueles livros que você não consegue largar, com pitadas de romance, mistério e espionagem. Impressionou-me a sensibilidade de Sands. O autor, que é judeu, tinha razões para odiar Wächter. Ainda assim, ele consegue traçar um retrato muito humano do nazista, notadamente sua história de amor com a mulher, Charlotte, que o ajudou na fuga.

Igualmente tocante é a relação que Sands desenvolveu com Horst Wächter, o filho de Otto, que lhe franqueou grande parte do material de pesquisa. Horst certamente condena o nazismo, mas, numa espécie de defesa psicológica, está convencido de que o pai não é um monstro e que tentou, à medida de suas forças, diminuir o sofrimento de civis. Ele martela essa tese apesar das muitas evidências em contrário, o que em vários momentos se torna frustrante para Sands. Ainda assim, eles desenvolvem um relacionamento que, se não é de amizade, é de grande respeito mútuo.

É legal ver esse tipo de tolerância em tempos em que basta um clique para rotular pessoas como nazistas, fascistas, comunistas nas redes sociais.

PS - Dou três semanas de folga ao leitor.

helio@uol.com.br

Uma prévia do segundo mandato

Bruno Boghossian

Jair Bolsonaro ofereceu mais uma amostra de seu projeto para um segundo mandato. Nas recentes crises fabricadas pelo capitão, o governo voltou a ser uma engrenagem a serviço dos planos de expansão dos poderes do presidente, com o apoio de congressistas e militares bem alimentados pela máquina pública.

Bolsonaro sempre sonhou com uma autoridade sem limites. Ainda na campanha, falava em aumentar o número de cadeiras no STF para produzir uma maioria artificial na corte. Desde o início do governo, aparelhou órgãos de controle e trabalhou abertamente para emparedar um Congresso que o incomodava.

As etapas iniciais do plano foram concluídas com algum sucesso. O presidente interferiu na Receita e na Polícia Federal para conter investigações contra seu grupo político, comprou uma base dócil de parlamentares, instalou um aliado na Procuradoria-Geral da República e deu assento no Supremo a dois ministros dispostos a seguir sua cartilha.

Essas manobras fizeram de Bolsonaro um presidente mais poderoso hoje do que em janeiro de 2019. Ele já deu todos os sinais de que pretende continuar no caminho do autoritarismo daqui por diante. Nos últimos dias, o capitão concretizou sua ameaça de descumprir decisões do STF e voltou a falar em ignorar as eleições para permanecer no cargo em caso de derrota nas urnas.

Nos dois lances, Bolsonaro contou com o apoio de um centrão engordado por verbas oficiais e de uma cúpula militar interessada em manter privilégios conquistados nos últimos anos. A Câmara decidiu acomodar um deputado da tropa de choque golpista do presidente, enquanto as Forças Armadas passaram a agir como porta-vozes das articulações para melar a votação de outubro.

Os dois grupos devem ser a espinha dorsal de um eventual segundo mandato de Bolsonaro —seja ele conquistado nas urnas ou na marra. Com apoio no Congresso e nos quartéis, o presidente deve se sentir forte o suficiente para anular os últimos contrapesos do poder.

No fim do caminho

Ruy Castro

A cena ainda lhe dá calafrios, não? Jack Nicholson arrombando a porta com um machado em "O Iluminado" (1980) a fim de dizimar mulher e filho. E talvez você já tenha se perguntado que fim levou aquele machado. Bem, no tempo dos estúdios, tudo o que se usava em cena ia depois para o almoxarifado. Como há muito os filmes se tornaram produções independentes, os objetos passaram a ter qualquer destino. O machado de "O Iluminado" alguém levou para casa e se deu bem —porque ele acaba de aparecer num leilão em Londres, a US$ 100 mil o lance inicial.

A então novata Sharon Stone, por sua vez, achando-se mal paga por seu trabalho em "Instinto Selvagem" (92), apropriou-se do vestido que usou na imortal cena em que estava sem calcinha por baixo. Ela própria contou outro dia. Pena que, no passado, outros não tivessem feito o mesmo: Marilyn Monroe, com o vestido esvoaçante de "O Pecado Mora ao Lado" (55); Audrey Hepburn, com o vestidinho preto de "Bonequinha de Luxo" (61); e Tony Curtis e Jack Lemmon, com suas melindrosas anos 20 de "Quanto Mais Quente Melhor" (59).

Que fim levaram o Aston Martin de "Goldfinger" (64), o DeLorean de "De Volta para o Futuro" (85) e as bicicletas de "E.T." (82)? E o globo que Chaplin equilibra com os pés em "O Grande Ditador" (40)? O guarda-chuva de Gene Kelly em "Cantando na Chuva" (52)? As Tábuas da Lei que Charlton Heston traz do Monte Sinai em "Os Dez Mandamentos" (56)? O tapa-olho de John Wayne em "Bravura Indômita" (69)?

E aquela navalha terrível de "Un Chien Andalou" (30)? O florete de Tyrone Power em "A Marca do Zorro" (40)? O facão de Tony Perkins em "Psicose" (60)? O sabre de luz de Luke Skywalker em "Guerra nas Estrelas" (77)? Onde estarão?

Não sei. Só sei que, se procurar por eles, a única coisa que você se arrisca a encontrar no fim do caminho é você mesmo —o de milênios atrás, indecentemente jovem no seu espelho.

Raízes da intolerância

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Dados oficiais do Instituto de Segurança Pública mostram que o Rio de Janeiro tem registrado aumento nos casos gerais de intolerância religiosa, em que se incluem episódios de "injúria por preconceito" e "preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional". Traduzindo: discriminam-se cada vez mais negros, nordestinos e praticantes de cultos afro-brasileiros.

Não é surpresa a inclusão de nordestinos nesse espectro. Na história do processo de seleção para a carreira diplomática, é possível deparar com episódios reveladores de uma oblíqua tradição "estética", que não visava negativamente apenas os afro-brasileiros. Num desses, o Barão do Rio Branco (1845-1910), rejeitou a candidatura do poeta simbolista Antonio Francisco da Costa e Silva (1885-1950) por suposta inadequação estética: "nordestino e estrábico".

Esse critério seletivo se alterou oficialmente, mas suas raízes sociais continuam à mostra em setores populares. Faz pouco tempo, o sotaque de uma jovem paraibana num reality show provocou ataques cruéis da audiência.

Sempre houve esse tipo de discriminação no Sul, porém de modo mais atenuado em cidades tradicionalmente acolhedoras, como o Rio de Janeiro, cuja institucionalidade popular foi tecida pelos migrantes nordestinos nos morros e subúrbios. O carioca era uma mistura branda, em que a dicotomia entre "nós" e "eles" não traduzia conflitos nem ressentimentos. Pelo contrário, graças aos cultos afros e ao samba, resultava numa originalidade civilizatória que até hoje garante à cidade um lugar de visibilidade na cena internacional.

Mas é evidente que a sublimação carnavalesca da cidade jamais conseguiu esconder o persistente racismo neocolonial. Sob a superfície da hipocrisia social, estão latentes velhos esquemas discriminatórios, que agora se exasperam na onda de um retrocesso mental frente à exposição pública de diferenças temidas pela consciência enferrujada de frações de classe "média". Essas mesmas de olhos fechados às pequenas e grandes violências que desfiguraram o urbano remanescente na paisagem do Rio.

Assim, a intolerância detectada pelo Instituto pode ser uma formulação ainda estreita para algo maior do que o neoterrorismo dos ataques pontuais a peles, sotaques e crenças. É que no passo de uma insólita "coligação do mal", operante nos aparelhos de Estado e na propaganda da fé extremista, cresce um enorme déficit coletivo de empatia. E isso está mais relacionado à rejeição ao incremento da diversidade cultural do que com crença religiosa em sentido estrito, embora os cultos afros sejam pretextos óbvios. Trata-se, na verdade, de pura intolerância a gente, ao outro de si mesmo, à condição humana propriamente dita.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O ASSUNTO É **DIA DO TRABALHO**

Emprego, direitos, democracia e vida

Momento histórico impõe construir frente ampla

O tempo presente exige a unidade da nação, das suas instituições e organizações, para defender e fortalecer a nossa democracia e seus instrumentos, impedindo todas as ameaças golpistas.

Neste 1º de Maio, Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, celebramos nossas lutas e apresentamos as propostas para o futuro. Em 1886, nos Estados Unidos, trabalhadores reivindicaram a redução da jornada de trabalho sem redução dos salários. Repressão, assassinato, pena de morte e prisão foram respostas autoritárias que exigiram novas etapas de lutas e novas bandeiras, como a liberdade e o direito de organização.

Quase um século e meio depois, a data celebra e remete a inúmeras conquistas, como direitos trabalhistas, jornada e condições de trabalho, salário, proteção laboral e previdenciária. A organização sindical lutou para ter sistemas de relações de trabalho que tratem dos conflitos e das mudanças no mundo do trabalho por meio de negociação e, quando necessário, exercer o seu direito de greve.

A luta do movimento sindical buscou a garantia da liberdade, a promoção do Estado democrático de Direito e impedir recorrentes ímpetos autoritários nefastos com o propósito de cercear a liberdade e restringir os mais variados direitos.

No Brasil, o período recente vem marcado por retrocessos, com retirada de direitos e proteções, promoção de empregos precários e vulneráveis, informalidade crescente e sem proteção previdenciária, ataques aos sindicatos e desvalorização da negociação coletiva.

Uma economia deprimida e rastejante entrega nossas riquezas naturais, destrói o meio ambiente, privatiza o patrimônio público para enriquecer o interesse privado, desindustrializa nosso sistema produtivo, enfraquece o Estado e as políticas sociais. O governo ataca as instituições, ameaça com golpes, negligencia a vida e a ciência.

As ameaças são reais em nosso país. A fome, a pobreza e a miséria massacram a vida de milhões; o desemprego gera desespero e tira a esperança de uma vida melhor; a carestia arrocha os salários; a violência e o negacionismo no enfrentamento da pandemia de Covid-19 mataram centenas de milhares de brasileiros.

Neste 1º de Maio, convocamos os trabalhadores e as trabalhadoras a lutar pela superação das ameaças ao emprego, aos direitos, à democracia e à vida. Convidamos a sociedade a participar ativamente das mobilizações e manifestações para enfrentar os ataques e as ameaças e afirmar nossas propostas que estão na Pauta da Classe Trabalhadora, lançada recentemente na Conclat (Conferência da Classe Trabalhadora). A sociedade precisa estar atenta e não esquecer que, em regimes autoritários, os direitos são suprimidos, a liberdade cerceada e as desigualdades acirradas. Nossa unidade deve ser inquebrantável na defesa da democracia e da vida.

Nossa prioridade é ampliar a unidade e capacidade de fazer crescer a nossa força política para superar os ataques e ameaças. A participação de todos nessa luta é fundamental.

Neste Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, queremos manifestar nosso direito de escolha sobre os rumos do país, fato que se materializa no processo eleitoral — e que precisa ser livre e transparente—, no qual o debate público e o voto devem consolidar a escolha do projeto de país que iremos construir daqui para a frente, seus governantes e legisladores.

Os tempos atuais exigem a unidade da nação, das suas instituições e organizações, para defender e fortalecer nossa democracia e seus instrumentos, impedindo todas as ameaças golpistas. O momento histórico impõe construir e fortalecer uma frente ampla pela democracia e pela vida. Essa luta é nossa prioridade, e para a qual iremos somar forças.

Sérgio Nobre, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT); **Miguel Torres**, presidente da Força Sindical; **Ricardo Patah**, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT); **Adilson Araújo**, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil; **Oswaldo Augusto de Barros**, presidente da Nova Central Sindical de Trabalhadores; **Nilza Pereira de Almeida**, secretária-geral da Intersindical - Central da Classe Trabalhadora; e **José Gozze**, presidente da Pública Central do Servidor

Carvall

Por um mundo do trabalho mais inclusivo e plural

Renovemos a luta pelos direitos dos trabalhadores

Emmanoel Pereira
Presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST)

A pandemia de Covid-19 ampliou a extensão e a intensidade dos fatores que afetam o mundo do trabalho. Debates expõem os novos valores e a flexibilização do mercado de trabalho, as nuances da prevalência do negociado sobre o legislado, as fissuras na legislação social protetora do trabalho, mudanças tecnológicas e a necessidade de correções de rumos na reforma trabalhista.

Em pleno século 21, em meio a um contingente de desempregados e informais, tentamos nos convencer de que o trabalho é uma identidade que deveria se projetar em clima de abrandamento das relações antagônicas e históricas entre patrão e empregado, distanciar-se da oposição entre trabalho manual e intelectual, além de propiciar um tempo para a fruição da vida.

Mas não podemos cair na inércia do pessimismo. Há progressos inegáveis. Neste 1º de Maio é preciso reafirmar metas de inclusão e dignidade. Nesse sentido, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) reforça seu compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU: ao final desta década, é imperioso termos o pleno emprego para mulheres, negros, jovens e pessoas com deficiência, com vencimentos igualitários e justos — tudo isso aliado à melhoria na qualidade de vida e à preservação do meio ambiente.

Já passamos a experimentar transformações necessárias. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou modificações no Plano de Logística Sustentável do Poder Judiciário, que passou a ser instrumento da Política de Governança de Contratações, com estímulo ao uso de fontes de energia renovável. O órgão também atualizou normas de acessibilidade e ambientação de novos servidores, além de instituir a Comissão Permanente de Acompanhamento dos ODS e da Agenda 2030.

A Justiça do Trabalho é vanguarda na apresentação de soluções eficazes, como a Semana Nacional da Conciliação Trabalhista, que, neste ano, ocorrerá de 23 a 27 de maio. Com a retomada dos encontros presenciais, a expectativa é aumentar o entendimento entre as partes.

O TST segue intransigente contra infrações que violam direitos humanos, como o trabalho análogo à escravidão e a exploração infantil. O tribunal efetivou, recentemente, ações afirmativas para a inserção de profissionais com Down em seus contratos de terceirização e tem investido na democratização do acesso às suas deliberações, com a adoção de Libras para os julgamentos e manifestações públicas. Também levamos ao presidente da República nosso apoio à ratificação da Convenção 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que combate abusos físico, psicológico, sexual e econômico contra trabalhadores formais e informais.

No Dia do Trabalho, o poder público e a sociedade civil devem renovar o compromisso em favor dos direitos dos trabalhadores e do desenvolvimento humano e social. O mundo do trabalho, apesar de sua complexidade crescente, tende a se tornar mais inclusivo, plural e igualitário na medida em que rompermos nossa inércia, geramos consensos e direcionamos nosso olhar para os cidadãos.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO **PARA VOCÊ, ADOLESCENTE, QUAL É A IMPORTÂNCIA DO VOTO? JÁ TIROU SEU TÍTULO?**

O voto jovem pode ser um fator de virada nas eleições. A última eleição americana é prova disso — ele é importantíssimo! Ainda assim, o estado das coisas não me anima o suficiente para tirar o título.
Paulo Henrique Silva Affonso Christo, 17 anos (São Paulo, SP)

★

Desde pequena, eu quis votar. É costume da família todo mundo ir junto no dia da eleição. Quando a gente era menor, meus pais deixavam a gente clicar na maquininha. O voto é importante para que você ocupe o espaço de tomada de decisões, para impedir que esse o espaço seja ocupado em seu nome. É importante que a gente escolha representantes que defendam nossos ideais. Quando eu fiz 16, uma das primeiras coisas foi tirar o título de eleitor e recomendo a todos os jovens que façam o mesmo, até 4 de maio.
Maria Vitória Medeiros Vieira, 17 anos (São Paulo, SP)

★

A política deve, ou deveria, cobrir principalmente os interesses das futuras gerações, pois elas é que irão realmente sofrer as boas e as más consequências de decisões políticas, como estamos sofrendo hoje consequências de péssimas decisões da década passada. O jovem deve usar sua pequena porcentagem para tentar ao máximo modificar como a política nacional funciona. Do modo que opera hoje, o país continuará nesse estado.
Pedro Vitor Gonçalves, 17 anos (Belém, PA)

★

É importante para mudarmos o Brasil. Já tirei meu título.
Ana Vitória Simão Ruivo, 17 anos (São Paulo, SP)

★

Sim, já tirei o meu título. É importante o jovem saber que ele tem o poder para não deixar o maior ladrão da história voltar à cena do crime.
Wilson Huido, 17 anos (São Paulo, SP)

★

O voto jovem é importante por mostrar o posicionamento político da nossa juventude e o que ela acha sobre a opção menos pior dos políticos candidatos. Ainda não tirei meu título de eleitor.
Gabriel Dias Lacrimanti, 15 anos (São Paulo, SP)

★

Acho de extrema relevância, pois com a participação de uma eleitorado mais jovem se tem uma maior democratização e o fortalecimento da cidadania. Sim, já tirei o título.
Silas Martins de Medeiros, 18 anos (Varjão de Minas, MG)

★

Tirei meu título de eleitor antes de completar 18 anos. Quando fui à Justiça Eleitoral para retirá-lo, parecia que eu estava finalmente podendo escolher e apertar os botões da urna eletrônica sozinha. A importância do voto é ter a chance de escolher aquele candidato que mais representa a minha ideologia e que poderá mudar a realidade brasileira. Votar é poder retirar do poder "representantes" que ficaram mais de quatro anos no cargo e não realizaram o que prometeram, votando em projetos que apenas beneficiavam a si próprios.
Camilla Yumi Endo, 18 anos (Maringá, PR)

★

O adolescente já tem um início de preocupações com a vida e em como será o seu futuro, então se preocupa com quem vai gerir o país. "Como eu vou entrar na universidade?"; "será que vou conseguir emprego?"; "terei um país/estado/cidade mais seguro para morar?" são perguntas que dizem respeito aos jovens, por isso é muito relevante que nós tenhamos participação ativa na vida pública, para que possamos escolher como será o país que vivemos. Meu título está tirado, pronto para ser usado e incentivo todos os que conheço a tirarem também.
Emanuel da Silva Alves, 18 anos (Ferraz de Vasconcelos, SP)

★

A participação de jovens é de vital importância no mundo eleitoral. É aí que os jovens começam a pensar, como cidadãos adultos, quem é o mais capacitado para dirigir aquilo a que está se candidatando. Com o resultado de eleições, jovens aprendem se seu voto foi válido para algo benéfico ou não.
Thiago Silva Lima, 18 anos (Morrinhos, GO)

★

O voto entre 16 e 18 anos serve para evidenciar quem realmente se importa com o futuro do país e faz seu papel de cidadão político por meio do cumprimento desse direito. Tirei meu título há duas semanas e não vejo a hora de fazer parte da verdadeira mudança.
Felipe Schoqui Moreira, 17 anos (São José do Rio Pardo, SP)

★

Ainda não tirei meu título, não assisto a muita coisa de política e estou por fora. A importância é a influência que o voto tem com os jovens.
Giovana Menezes, 17 anos (Santo André, SP)

★

É importante, porém eu ainda não tirei o meu título.
Guilherme Rosa Lopes, 15 anos (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 23 a 29 abr • Total de comentários: 13.710

- 435 — Fala de Barroso sobre ataque a sistema eleitoral é 'ofensa grave', diz Defesa (Poder) **24.abr**
- 337 — Milton Ribeiro dispara arma em aeroporto e é levado para depor na PF (Cotidiano) **25.abr**
- 307 — Bolsonaro promove evento oficial contra STF e cobra militares na apuração dos votos (Poder) **27.abr**

OUTROS ASSUNTOS

No front
Que exemplo de ser humano, profissional e mulher ("Enfermeira brasileira coordena 33 hospitais no Afeganistão e negocia com talibãs", Mundo, 29/4)! Nobel pra ela!
Bira Scutari (Ferraz de Vasconcelos, SP)

Falha na obra
Quando até concreto desaba, o que esperar do abstrato ("Trecho de obra inaugurada por Bolsonaro há 20 dias desaba no RS", Cotidiano)?
Fernando Scavone (São Paulo, SP)

★

São obras financiadas pelo tal orçamento secreto com o centrão.
Maria B. T. M. da Silva (São Paulo, SP)

Reajuste de 5%
Se o governo não pode reajustar o salario dos servidores, não autorize aumento de energia, medicamento, plano de saúde e outros aumento autorizado pelo governo ("Bolsonaro diz que reajuste de 5% 'desagrada a todo mundo', mas é o possível", Mercados, 29/4).
João Batista Pereira (Porto Velho, RO)

★

Compreensível... leite moça, viagra, cartão corporativo, camarão e farofa, próteses, "férias", pagar mico com o Putin, picanha para as Forças Armadas... enfim. É o possível em outubro, tirar o inepto.
José Trindade (Curitiba, PR)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Bolso vazio

Um dos principais partidos da coligação de Jair Bolsonaro (PL), o PP não deverá contribuir financeiramente com a campanha do presidente. A decisão da legenda é a de utilizar os R$ 340 milhões a que terá direito do fundo eleitoral exclusivamente para candidaturas parlamentares e a governadores. Esta foi a principal razão pela qual o PP não se importou em "perder" o general Braga Netto para o PL. Caso tivesse o vice na chapa, seria inevitável pingar recursos para a eleição presidencial.

ALVOS O PP estima eleger uma bancada federal de 50 a 60 deputados, objetivo considerado prioritário —hoje são 55. O partido de Arthur Lira, presidente da Câmara, e Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil, também vê chances reais de vencer as eleições para os governos de Acre, Rio Grande do Sul e Roraima.

PENTE FINO 1 Bolsonaro afirmou a aliados que fará análise minuciosa antes de nomear o próximo ministro substituto do TSE. Em franco antagonismo com a corte, o presidente tem dito que não quer um "novo Barroso", referindo-se ao ex-presidente da corte Luís Roberto Barroso, com quem tem protagonizado embates.

PENTE FINO 2 O STF irá formar uma lista tríplice e encaminhar à Presidência. O escolhido de Bolsonaro pode acabar sendo o relator das ações sobre propaganda eleitoral, mas já há articulação no TSE para repassar a atribuição a outro juiz, evitando possível conflito de interesses.

ZUEIRO 1 Bolsonaro passou a adotar um tom sarcástico em postagens em redes sociais nas últimas semanas. Reagiu com ironia a posts de artistas como Leonardo DiCaprio e Anitta, a críticas que sofreu no Carnaval e até à recomendação de Michel Temer (MDB) de revogar o perdão ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ).

ZUEIRO 2 Segundo pessoas que acompanham a comunicação presidencial, o novo estilo atende a uma estratégia de trazer de volta conservadores irritados com a força do centrão no governo e relacionar-se com jovens. A ação é chamada de "ratio", quando um comentário gera mais engajamento do que o post original.

CADA UM... Presidente da Comissão de Segurança Pública da Câmara, Aluisio Mendes (PSC-MA), diz que presidirá todas as sessões, restringindo o espaço para o vice, Daniel Silveira, ter ingerência sobre o colegiado.

... NO SEU QUADRADO "Como temos uma comissão que funcionará por pouco tempo, pretendo presidir todas as sessões até o recesso branco", diz Mendes, em referência ao período da campanha, em que o Congresso fica esvaziado. Silveira foi escolhido dias após ter recebido perdão de Bolsonaro.

CREPÚSCULO... Uma notificação para fechamento administrativo do Allianz Parque foi o estopim para que a gestão Ricardo Nunes (MDB) elaborasse projeto de lei que propõe aumento do limite de barulho nas regiões de estádios em SP.

...DA PARTIDA Após o show da banda Maroon 5, em 5 de abril, o estádio foi multado por extrapolar o atual limite de barulho de 55 decibéis. Como foi a terceira multa, a arena foi notificada para que fechasse, decisão que foi suspensa por liminar em 8 de abril.

PÁ-PUM A prefeitura apresentou esboço do projeto em 6 de abril, como revelou o Painel. Na proposta atual, o texto prevê aumento do limite para 85 decibéis até as 23h.

LARGADA Um dos principais passos da pré-campanha de Fernando Haddad (PT) ao Governo de SP será a organização de seminários abertos sobre temas relevantes para as políticas públicas do estado, como Saúde e Segurança Pública. Eles devem começar em maio.

VEM... O pré-candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, está concentrando seus esforços em atrair os apoios do PSD e da União Brasil. Isolado e estagnado nas pesquisas de intenção de voto, ele aposta na musculatura financeira e na capilaridade das legendas para alavancar sua empreitada.

...COMIGO Na sexta (22), Ciro viajou a SP para jantar com o presidente do PSD, Gilberto Kassab. Na União, mantém conversas frequentes com o presidente da sigla, Luciano Bivar, e com o ex-prefeito de Salvador ACM Neto.

EM CASA Geraldo Alckmin e sua mulher, Lu, fizeram uma imersão no PSB durante congresso da legenda, em Brasília. Além de ouvirem o hino da Internacional Socialista, participaram de todas as reuniões e fecharam o evento comendo pizza com a juventude do partido.

DISSIDENTES Os deputados Marcio Alvino e André do Prado, do PL, participaram da reunião de secretariado de Rodrigo Garcia (PSDB) em Registro, na sexta-feira (29). No domingo (1º), Luiz Mota também da sigla, o acompanha em Avaré. A legenda vive um racha entre apoiadores do governador e do ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos).

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
357.813 exemplares (março de 2022)

Acirramento eleitoral faz PF ampliar proteção de candidatos ao Planalto

Polícia Federal edita nova norma específica com diretrizes sobre segurança de presidenciáveis em meio à polarização da campanha

Camila Mattoso e Julia Chaib

BRASÍLIA A polarização eleitoral entre Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a perspectiva de uma disputa acirrada levaram a Polícia Federal a reforçar o esquema de segurança de candidatos à Presidência para este ano.

Até 2018, a PF fazia a proteção dos candidatos com base em lei e portaria sucinta do Ministério da Justiça, que tratava genericamente da necessidade de a corporação proteger aqueles que disputassem o Palácio do Planalto.

Após o pleito, marcado pela facada a Bolsonaro e ameaças à campanha de Fernando Haddad (PT), a polícia editou instrução normativa específica para a segurança dos candidatos à Presidência com diretrizes que devem ser seguidas pelos agentes e com recomendações claras aos políticos que vão concorrer.

Para esta eleição, a polícia vai fazer uma análise de perigo sobre cada campanha, avaliando os aspectos que envolvem cada presidenciável. A partir disso, a PF vai definir o tipo e o tamanho de equipe que será colocada para cada um, num nível de risco de 1 a 5.

A metodologia que será utilizada prevê critérios objetivos para justificar o número de pessoas envolvidas na segurança de político. Mais de 300 policiais estarão envolvidos no processo.

O então candidato Bolsonaro é alvo de facada em 2019 Raysa Leite - 6.set.2019/Reuters

Lula após caravana ter sido atingida por tiros no PR Marlene Bergamo - 27.mar.2018/Folhapress

Outra medida prevista na instrução normativa que foi publicada estipula que os candidatos devem avisar suas agendas com 48 horas de antecedência para que os policiais possam analisar a periculosidade de cada evento e fazer varreduras em determinados locais, se necessário.

Os presidenciáveis devem fazer um "relato circunstanciado de eventuais situações críticas ou relacionadas à campanha eleitoral que ensejam um maior risco ao candidato". A PF poderá desaconselhar a ida a um compromisso caso entenda ser muito inseguro.

Integrantes da PF avaliam que essa é a eleição mais preocupante da história em termos de segurança em razão de todo o clima de radicalização, para além de Lula e Bolsonaro.

A possibilidade de candidatura de Sergio Moro, hoje praticamente nula, também era motivo de preocupação. É a primeira vez na história recente que um ex-presidente será candidato.

Policiais ouvidos pela reportagem dizem que as redes sociais ampliaram as formas de mobilização de apoiadores e adversários e que, no atual contexto, isso passou a exigir mais atenção à segurança.

A PF também está reforçando os equipamentos que serão utilizados. A Polícia Federal recebeu nos últimos meses mais de 70 carros blindados que vão ser utilizados na segurança dos candidatos.

Os presidenciáveis têm direito ao aparato da PF a partir do momento em que homologam a candidatura, o que pode ser feito entre o período que começam as convenções, em julho, até o dia 15 de agosto.

A instrução deixa claro que eles também podem contar com esquema de proteção privado, caso queiram ou caso a PF aponte a necessidade.

A nova regra criada pela PF prevê ainda que a coordenação da equipe responsável pela proteção do candidato caberá preferencialmente a um delegado com experiência em atividades relacionadas e será escolhido pela própria PF.

> **Sendo verificado risco de ameaças concretas e contemporâneas ao período em que a proteção estiver sendo prestada, o candidato que se expuser espontaneamente aos riscos assumirá a responsabilidade dos fatos decorrentes**
>
> **Polícia Federal** em documento sobre o tema

O documento diz que os policiais designados deverão possuir treinamento específico e experiência com segurança de dignitários.

Nesta segunda (2), a PF dará início a mais um curso básico de proteção à pessoa, que vai formar mais 80 policias que vão participar do processo eleitoral. Em março, a Polícia Federal enviou aos partidos um ofício para tratar do tema. No documento, o órgão afirma que decidiu antecipar os processos de elaboração do plano de proteção dos presidenciáveis em razão dos prazos apertados da campanha.

A PF ainda afirma que "um planejamento operacional bem elaborado eficiente demanda tempo razoável para sua confecção e constante diálogo" com os representantes da campanha e, por isso, já estava querendo iniciar as tratativas com os dirigentes dos partidos que tiverem candidatos.

A segurança dos políticos é motivo de preocupação também nas legendas. Pessoas próximas a Bolsonaro relatam receio de que ele sofra novo ataque, como o de que foi alvo em 2018. Bolsonaro foi esfaqueado em 6 de setembro daquele ano em ato de campanha em Juiz de Fora (MG).

O autor da facada foi Adélio Bispo. A PF concluiu que ele agiu sozinho e laudos apontam que ele tem doença mental.

Apesar do temor, Bolsonaro faz passeios por Brasília e outras cidades sem estar em ambiente controlado e já andou de moto sem capacete. Em algumas ocasiões, em motociatas maiores, Bolsonaro vai com colete à prova de balas.

O presidente da República conta com o aparato de segurança do GSI (Gabinete de Segurança Institucional) e não da PF, inclusive durante toda a campanha à reeleição.

No caso do ex-presidente Lula foi montado pelo partido um núcleo para pensar a segurança do candidato.

Atualmente, ele conta com o apoio de segurança previsto na lei 7.474, de 1986. Segundo decreto 6.381, que regulamentou a lei, ex-presidentes têm direito aos serviços de quatro servidores para atividades de segurança e apoio pessoal e a dois veículos oficiais, com os respectivos motoristas. Eles são vinculados ao GSI e recebem treinamento de lá.

O petista ainda tem o suporte do que aliados chamam de "seguranças militantes", com a ajuda de integrantes de movimentos como o MST e, segundo colegas de partido, também recorre à segurança privada quando precisa.

Pessoas próximas têm defendido que o petista defina critérios e selecione bem as viagens que fará e os eventos dos quais vai participar.

Houve tentativa de convencê-lo a não repetir viagens no esquema das caravanas que fez pelo país em 2018, antes de ser preso. Em março daquele ano, durante a pré-campanha, dois dos três ônibus da caravana do ex-presidente Lula (PT) foram atingidos por tiros, no Paraná. Ninguém ficou ferido e o Ministério Público do estado informou, no ano passado, que a investigação sobre o episódio foi inconclusiva.

Apesar dos apelos, Lula se mostrou irredutível e afirma que este fator não o impedirá de comparecer a atos. Desde que saiu da prisão, em 2019, o petista só participou de eventos em ambientes controlados, isto é, com a presença quase exclusiva de apoiadores. Em 2018, o petista Fernando Haddad também registrou casos de ameaças a pessoas próximas a ele.

A campanha de Ciro Gomes (PDT-CE) também está atenta ao fator segurança. Dirigentes do PDT têm acompanhado os fatores de risco junto à militância do pré-candidato.

Bolsonaro convoca aliados para ato anti-STF

Ao mesmo tempo, presidente tem sido orientado a não comparecer nas manifestações previstas neste 1º de maio

UBERABA E BRASÍLIA Aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) defendem que ele não participe dos atos em desagravo ao deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ) neste domingo (1º), por temor de discursos radicalizados que possam acentuar a crise entre os Poderes.

Já integrantes do Legislativo e do Judiciário, com ou sem a presença do chefe do Executivo, temem que as manifestações possam reeditar os atos de raiz golpista de 7 de Setembro do ano passado.

Neste sábado, Bolsonaro usou um evento oficial em Uberaba (MG) para convocar seus aliados a participarem dos atos.

Em recado direto ao STF (Supremo Tribunal Federal), ele disse: "[Aqueles] que, porventura, irão às ruas amanhã, não para protestar, mas para dizer que o Brasil está no caminho certo. Que o Brasil quer que todos joguem dentro das quatro linhas da Constituição. E dizer que não abrimos mão da nossa liberdade."

"Amanhã não será dia de protestos. Será dia de união do nosso povo para um futuro cada vez melhor pra todos nós", completou, na Expozebu, maior evento da pecuária no país. O evento consta da agenda oficial do presidente e teve transmissão ao vivo pela TV Brasil, do governo federal.

Neste domingo, estão previstas mobilizações em ao menos cinco capitais: Salvador, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Os últimos três devem ser maiores, em especial o que ocorrerá na avenida Paulista.

Segundo organizadores, Bolsonaro ainda não definiu se participará do ato na capital federal, que deve ocorrer em frente ao Congresso. Mas integrantes da segurança da Presidência participaram das reuniões com a Secretaria de Segurança Pública do DF.

O entorno do chefe do Executivo diz que ele só comparecerá ao ato de Brasília caso a manifestação seja volumosa. Reservadamente, integrantes do Governo do Distrito Federal dizem acreditar que o ato na Esplanada não deve ter tantas pessoas quanto os anteriores, até porque foi convocada sem muita antecedência.

A avaliação de aliados do presidente, como mostrou a Folha, é a de que o indulto concedido ao deputado teve efeito positivo sobre a base que já é cativa de Bolsonaro. Mas a campanha do presidente constatou divisão em outra parcela do eleitorado, mais moderada.

O entorno do chefe do Executivo também teme o acirramento da crise quando Bolsonaro está, pela primeira vez, lucrando politicamente num embate com o Supremo. O receio é que ele se exceda e que uma postura autoritária acabe por se sobrepor ao lucro que ele teve com a base ao dar o indulto a Daniel Silveira.

Senadores que conversaram com integrantes do STF nos últimos dias captaram um receio na corte de que, mais uma vez, Bolsonaro esteja preparando o terreno para que a militância endosse atos de caráter golpista.

Isto é, que o objetivo do presidente, por fim, seria inflamar a base contra o Judiciário para posteriormente abrir caminho de questionamento à lisura das urnas e ao resultado das eleições, caso ele perca.

O deputado agraciado com o indulto de Bolsonaro, que anulou a pena de 8 anos e 9 meses imposta pelo STF, deve comparecer aos protestos na Paulista e em Copacabana.

Há possibilidade de o presidente participar por vídeo no ato em São Paulo. Aliados consideram que esse é o melhor dos cenários, por ser mais controlável. Diante de multidões de apoiadores, ele costuma se exaltar mais.

Foi em um carro de som na avenida Paulista, em setembro do ano passado, que Bolsonaro exortou desobediência a decisões judiciais e xingou o ministro Alexandre de Moraes, relator de inquéritos que têm como alvo o presidente e seus aliados.

Nesta sexta (29), sem citar diretamente o deputado Daniel Silveira, Moraes defendeu a punição a quem defende ataques às instituições democráticas e a volta do AI-5, que esteve em vigor na ditadura militar.

As falas remetem a discursos feitos pelo deputado bolsonarista e pelas quais ele se tornou réu e foi condenado pelo STF. Moraes afirmou que quem tem coragem de exercer sua liberdade como escudo para ilícitos deve ter coragem de aceitar sua responsabilização penal.

"Se você tem coragem de exercer sua liberdade de expressão não como um direito fundamental, mas sim como escudo protetivo para prática de atividades ilícitas, se você tem coragem de fazer isso, você tem que ter coragem também de aceitar responsabilização penal e civil."

O ministro disse que não é possível tolerar discurso de ódio e ataques à democracia. "É discurso muito fácil a pessoa que prega racismo, homofobia, machismo, fim das instituições democráticas, falar que está usando sua liberdade de expressão."

Bolsonaro, por sua vez, modulou o discurso crítico ao STF. Em entrevista à rádio Metrópole, de Cuiabá, disse que não quer peitar a corte, mas que ela cometeu excesso.

Em Brasília, o empresário João Salas, um dos organizadores do ato, disse que vai disponibilizar um dos quatro trios elétricos para o presidente falar "do coração". "Ninguém vai atacar o Supremo, nem nada disso por causa de discurso. Apoiamos o presidente e confiamos nele. A nossa manifestação, espontânea e pacífica, é estritamente sobre liberdade."

Marcelo Toledo, Marianna Holanda, Julia Chaib e Mateus Vargas

O deputado Daniel Silveira, condenado no STF, mas que ganhou perdão Gabriela Biló - 20.abr.22/ Folhapress

Indulto remonta à monarquia e foi aplicado depois de guerra

Concessão de perdão se disseminou em democracias e já foi utilizada pelo papa

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Nenhum poder dado ao presidente é mais nobre, escreveu Ruy Barbosa mais de um século atrás, do que o de conceder o indulto. "É a sua colaboração na Justiça. Não se lhe deu para se entregar ao arbítrio."

À época, o então senador fez as afirmações para criticar o uso do instrumento pelo então presidente Hermes da Fonseca, seu antigo adversário na eleição presidencial de 1910. Citava três casos de favorecimento de acusados supostamente com ligações com o governo da época, como um cabo do Exército condenado por homicídio, agraciado 11 dias depois da confirmação da condenação.

Antes de provocar uma crise institucional entre o presidente Jair Bolsonaro e o Supremo Tribunal Federal, decretos presidenciais de indulto já beneficiaram combatentes da Segunda Guerra Mundial, réus do mensalão e até os irmãos Gracie, precursores do jiu-jitsu, que tinham sido sentenciados por lesão corporal na época do governo Getúlio Vargas.

Todos esses precedentes foram consumados na modalidade do indulto coletivo, quando um mesmo despacho do presidente extingue a punição, sem citar indivíduos nominalmente, de um conjunto de condenados que se enquadram em critérios como um teto de penas.

O decreto expedido por Bolsonaro, que gerou um impasse político com a mais alta corte, era específico para o deputado federal Daniel Silveira (PTB-RJ), condenado horas antes a quase nove anos de prisão por ameaçar magistrados do tribunal.

Quando o perdão é decretado individualmente, também é chamado de graça.

Precedentes desse tipo de benefício, como os criticados por Ruy Barbosa, são mais incomuns na história política brasileira.

Após a Segunda Guerra, o presidente interino José Linhares, que assumiu após a queda de Getúlio, concedeu indulto individualmente a dois civis italianos que atuavam para as forças expedicionárias do Brasil na Europa. Ambos tinham sido condenados por crimes como homicídio e furto pela Justiça Militar brasileira.

Em 1992, em meio a crise política que acabou lhe custando o mandato, o então presidente Fernando Collor concedeu a graça para um homem condenado por roubo. Procurado pela reportagem, Collor, hoje senador pelo PTB de Alagoas, não respondeu a respeito das motivações para aquele ato.

Antes de Bolsonaro, foi só na década passada que o uso desse instrumento pela Presidência da República despertou controvérsia política.

No Natal de 2017, o então presidente Michel Temer seguiu a tradição de expedir um decreto coletivo de indulto, mas com condicionantes mais generosas em relação a anos anteriores. A flexibilidade foi interpretada como uma manobra para beneficiar réus da Lava Jato, e o decreto coletivo acabou barrado no Supremo.

A situação foi a julgamento no plenário da corte no ano seguinte, e terminou com vitória da tese presidencial por 7 votos a 4.

Nos debates, chegou a ser mencionado o caso do italiano Cesare Battisti, condenado por homicídios em seu país e que permaneceu por anos no Brasil em decorrência de decisão do então presidente Lula (PT) de não extraditá-lo, em 2010.

Naquele episódio, o Supremo considerou que a palavra final sobre atender ou não ao pedido das autoridades italianas cabia à Presidência da República, que optou por autorizar a permanência no país. Posteriormente, no governo Temer, a medida foi revista.

No julgamento, o pivô da decisão de manter o decreto de indulto presidencial foi Alexandre de Moraes, primeiro a divergir da tese do relator, Luís Roberto Barroso.

A ministra Rosa Weber, também no julgamento no Supremo, fez um histórico dessa prerrogativa e citou jurista britânico do século 18 para quem o poder de conceder indulto não seria compatível "com a democracia". Mas votou afirmando que a Constituição dá "ampla liberdade decisória" ao presidente.

Ainda hoje, a existência desse tipo de clemência é questionada dentro e fora do meio jurídico.

Suas origens são atribuídas à Grécia Antiga, mais especificamente ao estadista e legislador Sólon, em 590 a.C.

"Na Idade Média, era uma forma de perdão, uma lei de esquecimento. Depois de grandes guerras, o monarca então procurava o apaziguamento social e dava o indulto para que as forças beligerantes se sincronizassem dentro de um novo poder", diz o professor Álvaro Mayrink da Costa, que foi magistrado no Rio de Janeiro por 40 anos.

Ele afirma que o objetivo é buscar a "paz social", o que hoje pode ser entendido como reduzir a superlotação carcerária ou encampar uma ação humanitária. Nada disso, diz ele, se encaixa na medida tomada por Bolsonaro agora.

O fato é que o instrumento se enraizou em democracias ocidentais e está disseminado a ponto de o papa Bento 16 ter o utilizado, em 2012, para tirar da prisão um ex-mordomo que havia furtado documentos confidenciais e os repassado à imprensa.

O mais famoso caso de indulto individual foi o concedido em 1974 pelo então presidente americano Gerald Ford ao seu antecessor, Richard Nixon, que havia renunciado semanas antes em decorrência do escândalo de Watergate.

No Brasil, o perdão existe desde a época da Independência. A primeira Constituição, de 1824, já previa como uma das atribuições do imperador agir "perdoando e moderando as penas impostas" aos réus condenados, sem estabelecer restrições.

Com a Proclamação da República, esse tipo de prerrogativa passou a ser do presidente. Hoje, a Constituição barra o perdão apenas em casos de tortura, tráfico de drogas, terrorismo e crimes hediondos.

O professor de direito Guilherme Nucci, da PUC-SP, lembra que os Três Poderes da República possuem competência para perdoar a prática de crimes ou criminosos.

O Legislativo, diz, se vale da anistia, como a estabelecida nos anos finais da ditadura militar. No Judiciário também há hipóteses previstas de perdão judicial, e ao Executivo há a possibilidade de concessão do indulto.

"A graça é antiga e se volta a cenários jurídicos particulares, quando o Judiciário não pode perdoar, porque inexiste previsão legal, e o condenado teve uma atitude heroica ou uma condenação injusta. Então, o 'soberano' concede graça."

Bolsonaro não gosta de gente, gosta de policial, diz Lula

Victoria Azevedo

SÃO PAULO O ex-presidente Lula (PT) cometeu uma gafe sobre policiais neste sábado (30) no momento do discurso em que fazia uma série de críticas ao presidente Jair Bolsonaro (PL), seu principal adversário na disputa eleitoral deste ano e que tem nas forças de segurança um forte tema de suas campanhas.

"Hoje temos um presidente que não derramou uma lágrima pelas vítimas da Covid ou com a catástrofe que houve em Petrópolis. Ele não tem sentimento. Ele não gosta de gente, ele gosta de policial. Ele não gosta de livros, ele gosta de armas", disse o petista em um evento em São Paulo.

Na ocasião, o ex-presidente também condenou os ataques de Bolsonaro e seus aliados ao STF (Supremo Tribunal Federal).

"Ele [Bolsonaro] só conhece ódio, ódio e ódio. É ódio contra a mulher, é ódio contra o negro, ódio contra o PT, ódio contra o sindicalista, ódio contra LGBT, ódio contra quilombola e agora é ódio com a suprema corte. Ele agora resolveu brigar com a suprema corte", afirmou.

"E esse presidente, ao invés de ir visitar uma cadeia, e dar indulto para quem merece indulto, ele resolveu dar o indulto para um amigo seu que tinha cometido a barbaridade de ofender a suprema corte", completou, referindo-se ao indulto concedido por Bolsonaro ao deputado Daniel Silveira, condenado pelo STF.

Também nesta semana, Lula afirmou que o mundo "está chato para cacete" e pesado porque todas as piadas viraram politicamente erradas.

"Se você quer dar risada é nesses programas de humorismo chatos pra cacete na televisão", disse o petista em encontro com jornalistas e youtubers em São Paulo na última terça (26).

Ao falar em defesa de um mundo em que pessoas com pensamentos diferentes possam conversar, ele chegou a defender as piadas com nordestinos. Lula é pernambucano.

Ombudsman da Folha tem mandato renovado por um ano

SÃO PAULO O jornalista José Henrique Mariante, 55, teve seu mandato de ombudsman da **Folha** renovado por um ano. Assim, seu período no cargo se estenderá até maio de 2023.

Mariante é o 14º profissional a ocupar o posto, criado pela **Folha** em 1989. Entre as funções do ombudsman, estão a produção de uma coluna semanal, publicada aos domingos, e de uma crítica interna de segunda a sexta, distribuída à Redação. Também é responsável por encaminhar aos jornalistas queixas e comentários de leitores.

Para garantir a independência do ocupante da função, ele não pode ser demitido durante esse período.

Na **Folha** desde 1991, Mariante exerceu diversos cargos, entre eles os de editor de Esporte e secretário-assistente de Redação (em dois períodos diferentes).

Segundo o ombudsman, os últimos 12 meses foram marcados por "cobranças reiteradas de leitores em relação à postura da **Folha** diante do governo Bolsonaro. Não significa que o jornal não se posicione, mas muitos avaliam que não tem sido suficiente". Em outras palavras, parcela expressiva dos leitores quer mais reportagens sobre as deficiências do governo federal e mais editoriais incisivos contra a gestão Bolsonaro.

Entre as boas reportagens nesse sentido, ele cita a série sobre as irregularidades da Codevasf, estatal federal entregue pelo presidente ao centrão em troca de apoio político.

"O leitor tradicional da **Folha** não se satisfaz com o que o jornal entrega, ele quer sempre mais", afirma Mariante.

Ainda sobre seu primeiro período como ombudsman, critica o que chama de "jornalismo reprodutivo". De acordo com ele, a **Folha** "não pode ficar reproduzindo as frases feitas dos políticos nas redes sociais, é preciso dizer o que está acontecendo, com profundidade. O leitor percebe quando o texto é superficial".

Mariante lembra dois momentos em que recebeu uma "avalanche de reclamações" — em linhas gerais, leitores acusavam a **Folha** de dar guarida a opiniões racistas.

José Henrique Mariante Eduardo Anizelli - 7.mai.2021/Folhapress

Primeiro, em setembro de 2021, quando o colunista Leandro Narloch escreveu um texto intitulado "Luxo e riqueza das 'sinhás pretas' precisam inspirar o movimento negro". Depois, e principalmente, em janeiro deste ano, quando o antropólogo Antonio Risério publicou o artigo "Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo", em que afirmava que "o racismo negro é um fato" e discordava da definição de que só há racismo quando existe opressão.

A repercussão negativa do segundo episódio, inclusive na própria Redação, levou o jornal a promover seminários sobre a questão racial e a pluralidade. Também foi formado um comitê de equidade e inclusão da **Folha**.

As reclamações dos leitores, evidentemente, não se restringem às questões políticas e raciais. São recorrentes, segundo Mariante, as queixas em relação à editoria de Esporte, que deixou de lado um registro, mínimo que seja, do noticiário da área, e ao Guia, que abandonou o tradicional formato de bolso, com longos roteiros.

Ao mirar o que há pela frente, o ombudsman vê nuvens carregadas. Ele acredita que a **Folha** terá um dos maiores desafios da sua história na cobertura destas eleições.

"Teremos um período eleitoral em que as chances de violência e de afronta ao Estado de Direito são altas. Os EUA tiveram o seu 'dia de fúria' [a invasão do Capitólio por uma multidão insuflada por Donald Trump em 2021]; aqui no Brasil, nós podemos ter vários 'dias de fúria'", afirma.

"O prognóstico é ruim para a população e, principalmente, para a imprensa. Será um ano difícil para a **Folha**."

E o jornal está preparado para essa cobertura? "Não pode se dar ao luxo de não estar preparado. Não pode fugir desse papel. O jornal deve continuar apartidário e pluralista, mas não pode se curvar. Caso contrário, vai perder sua relevância."

Ombudsman

Excepcionalmente, o colunista não escreve neste domingo (1º).

A apresentadora Silvia Corrêa conversa com os participantes do webinário "Políticas, saúde e os tratamentos do sangue"

Novas perspectivas no **tratamento** **da hemofilia**

Webinário reúne especialistas e representante de pacientes para discutir os avanços e as políticas de saúde pública que estão transformando a vida de quem tem a doença

Graças aos avanços da medicina e a uma política pública exitosa, que possibilitou o acesso universal à terapia preventiva, a qualidade de vida de quem tem hemofilia no Brasil melhorou muito nas últimas décadas e as perspectivas para esses pacientes são animadoras.

Essa foi a principal conclusão do webinário "Políticas, saúde e os tratamentos do sangue" realizado pelo Estúdio Folha, em parceria com a Bayer, que reuniu na última segunda-feira, dia 25, especialistas da área e representantes de pacientes. Os quatro participantes concordaram que o Brasil avançou muito no tratamento, mas que é possível dar ainda mais autonomia e qualidade de vida a esses pacientes. O evento, transmitido pelo TV Folha, foi mediado pela apresentadora Sílvia Corrêa.

O hematologista e diretor-geral do Hemorio, Luiz Amorim, lembrou que, no passado, os pacientes recebiam o fator coagulante, VIII ou IX, dependendo da sua deficiência, somente sob demanda, ou seja, quando sangravam. O tratamento era feito com crioprecipitado [retirado do plasma sanguíneo através de congelamento].

"Um paciente com hemofilia podia necessitar de até 400 bolsas de crioprecipitado por ano", lembrou. Amorim explicou ainda que só na segunda metade da década de 80 é que o plasma passou a ser submetido à inativação viral, processo capaz de erradicar os vírus eventualmente presentes nos hemoderivados.

Mas a grande mudança em relação ao tratamento para a hemofilia começou nos anos 1990 com os fatores recombinantes, produzidos por engenharia genética, que dispensam o plasma como matéria-prima.

Tânia Pietrobelli, presidente da Federação Brasileira de Hemofilia, narrou sua própria experiência, como evitou que o filho, que hoje é médico e tem 42 anos, tivesse sequelas da doença. A hemofilia é incurável, na maioria dos casos é hereditária (transmitida da mãe para o filho) e causa com frequência graves problemas físicos por conta de sangramentos nas articulações, as chamadas hemartroses, complicação bastante comum da doença.

"Meu filho teve uma mutação genética, não tínhamos outros casos na família. Por sorte, o pediatra foi muito ativo e desconfiou que podia ser um problema de coagulação. A partir daí, buscamos informação e descobrimos que nos países desenvolvidos existia a profilaxia [tratamento de reposição do fator deficiente que previne os sangramentos] e que, graças a ela, as pessoas com hemofilia não desenvolviam sequelas. Passamos a importar com muito sacrifício a medicação para fazer a profilaxia."

O Brasil passou a realizar o protocolo da profilaxia primária, que já era padrão em outros países, como EUA, e recomendado pela Organização Mundial da Saúde, em 2011. "Antes, o tratamento era só quando a pessoa sangrava e muitos desenvolviam sequelas, além de sentirem muitas dores", contou Tânia.

Boa parte dos avanços na política pública para os pacientes com hemofilia foram construídos com a ajuda da médica hematologista Suely Rezende, professora titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e PhD pela Universidade de Londres, que prestou consultoria ao Ministério da Saúde na área de coagulopatias.

"Tive o privilégio de participar da criação desse programa, que tornou possível um nível muito alto de informação sobre esses pacientes. O Brasil tem hoje a quarta maior população de pacientes com hemofilia do mundo, o que demonstra que fomos capazes de diagnosticá-los. Todos estão cadastrados em um registro nacional, o Web Coagulopatias, e atualmente ninguém recebe medicamento pró-coagulante sem estar inscrito nesse sistema, coordenado e monitorado pelo Ministério da Saúde. É um programa muito bem avaliado pelos pacientes, pelos médicos e reconhecido internacionalmente pela sua eficiência."

Agora, um novo avanço deve contribuir para melhorar a qualidade de vida dos pacientes com hemofilia. Um novo tratamento já foi aprovado pela Conitec e pela Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos (Sctie) para ser incorporado ao SUS, com custo menor e duração mais longa, o que aumenta o intervalo entre as aplicações dos fatores, que devem ser feitas na veia.

"Podemos usar a engenharia genética para produzir o pró-coagulante. Esta proteína produzida é muito similar à que existe no sangue, a mesma encontrada no plasma de doadores, que tem a duração habitual. Mas nós podemos modificá-las através de tecnologias bastante avançadas e fazê-las ficarem mais tempo na circulação, de uma forma ativa", afirmou a hematologista Margareth Ozelo, professora da Disciplina de Hematologia e Hemoterapia do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

A presidente da Federação Brasileira de Hemofilia reforçou a importância de medicamentos mais modernos para os pacientes. "Após dez anos de profilaxia, agora temos que buscar tratamentos mais avançados, como os de longa duração. Essas tecnologias vão ajudar a desafogar inclusive o armazenamento do produto, já que a frequência de infusões é menor."

Nenhum dos debatedores recebeu ajuda financeira para participar do evento

ENTENDA AS DIFERENÇAS DE TRATAMENTO

FATORES DE COAGULAÇÃO PLASMÁTICO
A partir do sangue, é produzida a proteína por meio do plasma. Tratamento é indicado hoje para pacientes acima de 30 anos

FATORES DE COAGULAÇÃO RECOMBINANTE
Por meio da engenharia genética, proteína é produzida sem o uso do sangue. Não há risco de contaminação e é possível modificar a proteína, permitindo maior flexibilidade na individualização do tratamento. É indicado para pacientes até 30 anos para fator recombinante

NOVAS TECNOLOGIAS QUE VÊM POR AÍ
Em fevereiro de 2022, a Conitec/Sctie aprovaram o uso de um novo medicamento, também recombinante, com maior duração na corrente sanguínea, que demanda menos infusões

EstúdioFOLHA

Incorporação de novas tecnologias exige avaliação detalhada e criteriosa

Processo para a aprovação de novos medicamentos no Sistema Único de Saúde (SUS) leva em conta evidências científicas e a sustentabilidade do programa

O processo para que novos tratamentos e tecnologias sejam oferecidos para a população brasileira através do Sistema Único de Saúde passa pela Conitec, a Comissão Nacional de Incorporações de Tecnologias no SUS. "Ela foi criada em 2011. Portanto, estamos falando de uma comissão que atua há mais ou menos 11 anos e, durante esse período, já avaliou mais de mil demandas de incorporação, a maioria de medicamentos, como é o caso desses que falamos aqui", afirmou a médica Suely Rezende.

Para os pacientes com hemofilia, dois produtos foram incorporados em fevereiro passado. "A questão aqui é a incorporação da tecnologia em si. É uma tecnologia mais avançada e tão eficaz e efetiva quanto as que estão sendo usadas hoje para os pacientes com hemofilia A. Só que ela tem essa grande vantagem de ter uma meia vida mais prolongada e, por isso, requer menos infusão endovenosa. Nós estamos falando de três a quatro infusões por semana que vão passar para duas em alguns casos, até um pouco menos do que isso, na dependência individual de cada paciente", disse.

Depois de publicado no Diário Oficial da União há um prazo de 180 dias, com possibilidade de mais 90 de extensão, para o tratamento de fato chegar aos pacientes. Nesse período é quando se define como ele será usado, por quem e com qual frequência. "Esse processo é longo porque demanda uma criação do que a gente chama de PCDT, Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas. Esses protocolos requerem uma análise profunda da literatura médica e a redação de um documento que requer metodologia. São especialistas que vão redigi-lo baseado no que a gente chama de evidências científicas", detalhou.

Suely também afirmou que, além das evidências científicas, o custo/benefício é um dos principais critérios para a incorporação de novas terapias. "Não podemos prescrever um medicamento baseado em opinião. Para prescrever um medicamento, ele tem que ter uma evidência científica robusta, forte, que recomenda o seu uso. Por isso, ele precisa passar por esse processo."

A hematologista enfatizou o papel fundamental da comissão e de outras instituições para a saúde pública no país. "É importante falar da relevância da Conitec para incorporação de novas tecnologias, não somente medicamentos, mas também de testes e vacinas, como vimos recentemente. A incorporação é no nível do SUS e o medicamento (ou o que for) precisa estar registrado pela Anvisa, a nossa Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que faz um trabalho muito importante."Presidente da Federação dos Pacientes com Hemofilia, Tânia Pietrobelli também reforçou a necessidade de a sociedade civil se mobilizar para reivindicar tratamentos mais eficazes e acessíveis à população. "Informação é fundamental", destacou.

Após dez anos de profilaxia, agora temos que buscar tratamentos mais avançados, como os de longa duração

Tânia Pietrobelli, presidente da Federação Brasileira de Hemofilia

Para prescrever um medicamento, ele tem que ter uma evidência científica robusta, forte, que recomenda o seu uso

Suely Rezende
professora da Faculdade de Medicina da UFMG

Hoje, boa parte dos hemofílicos faz o tratamento profilático em casa. Isso melhora a eficácia e a qualidade de vida

Luiz Amorim
diretor geral do Hemorio

A incorporação de um produto mais avançado garante que a proteína fique mais tempo na circulação e diminua o número de infusões

Margareth Ozelo
professora do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp

Foto: Keiny Andrade/Estúdio Folha

A EVOLUÇÃO NO TRATAMENTO DA HEMOFILIA

- **1803:** Primeiro registro na literatura médica sobre um distúrbio hemorrágico que afeta principalmente os homens e ocorria em determinadas famílias
- **1900:** No início do século 20, não havia como armazenar sangue e, em casos de sangramentos, os pacientes a recebiam transfusão direta de um membro da família. A expectativa de vida dos pacientes era de 13 anos
- **1926:** Primeiro protocolo sobre transfusão de sangue é publicado dentro de um compêndio sobre cirurgia, nos EUA. Os médicos já sabem que as infusões de plasma, administradas imediatamente após sangramento, conseguiam controlar o problema
- **1947:** O médico argentino Alfredo Pavlovsky distingue em laboratório os dois tipos de hemofilia, A e B
- **Década de 1950:** Plasma fresco congelado é transfundido em pacientes, mas o procedimento falha porque o teor de fator de coagulação era muito baixo
- **1960:** Expectativa de vida de uma pessoa com hemofilia grave era inferior a 20 anos
- **1965:** A pesquisadora Judith Graham Pool chega a uma descoberta revolucionária: o crioprecipitado, gerado no descongelamento do plasma, é rico em fator VIII
- **Década de 1970:** Começam nos EUA os experimentos de profilaxia primária. As infusões passam a ser feitas de maneira preventiva para evitar os sangramentos espontâneos e minimizar a progressão das consequências desses sangramento
- **1992:** FDA (Food and Drug Administration), a agência reguladora de medicamentos americana, aprova os primeiros produtos recombinantes de fator VIII. A mudança é uma revolução no tratamento, já que passa a ser possível produzir a proteína sem plasma humano nem ajuda de células de cobaia
- **Década de 2000:** FDA aprova os primeiros produtos de fator recombinante sintéticos
- **2001:** Entra em vigor, no Brasil, a Lei do Sangue, que cria regras para a coleta, processamento, estocagem, distribuição e aplicação do sangue, seus componentes e derivados. O principal objetivo da lei é evitar a doação de sangue contaminado
- **2011:** Protocolo de profilaxia primária é implantando no SUS, ou seja, pacientes com hemofilia passam a ter direito a um tratamento gratuito que previne sangramentos. Os tratamentos disponíveis usam fator de coagulação plasmático e recombinante
- **14/2/2022:** Conitec/Sctie aprova a incorporação no SUS de um novo tratamento com fator recombinante de longa duração, que reduz o número de infusões e melhora a qualidade de vida dos pacientes
- **2022:** Pacientes aguardam disponibilização do tratamento no SUS. Prazo é de 180 dias a partir da aprovação

Terapia gênica já mostra resultados para os casos mais graves da doença

Professora da Disciplina de Hematologia e Hemoterapia do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, a hematologista Margareth Ozelo se destaca nas pesquisas sobre tratamentos inovadores, que usam a terapia gênica, para quem sofre de hemofilia, sobretudo na forma mais grave da doença – quando a deficiência do fator de coagulação pode fazer o paciente sangrar sem motivo.

"Fazemos parte de alguns grupos de pesquisa, que nós chamamos de terapia gênica para hemofilia A e hemofilia B. Em 1999, em colaboração com a Universidade da Pensilvânia, começamos a trazer essa possibilidade de tratamento no Brasil, com pacientes brasileiros que participaram de estudos em fase inicial."

A doutora Margareth explicou a diferença entre a terapia gênica e a de reposição, usada atualmente. "Em vez de dar a proteína pronta que falta, na terapia gênica nós fazemos a incorporação de uma sequência do DNA, seja do fator VIII seja do fator IX, para uma célula do fígado do indivíduo, que passa então a produzir a proteína deficiente. Esse é o princípio básico, mas há várias questões importantes para entender todo esse processo. Umas delas, por exemplo, é como essa sequência do DNA vai chegar até o núcleo da célula-alvo."

Esse tratamento revolucionário, ainda em fase de estudo, prevê uma única infusão. "Depois de alguns dias, amostras de sangue mostram que esse indivíduo começa a produzir o fator. Então, com uma única infusão, ele passa a ter na circulação o fator, o que inclusive vai prevenir o sangramento."

Além de ser, claro, um grande avanço para quem sofre com a deficiência de fatores de coagulação, a tecnologia pode ser replicada para outras doenças, que, diferente da hemofilia, ainda não têm nenhum tratamento disponível. "Há um grupo de pacientes que ficam desassistidos, principalmente os de doenças raras. Quando não há nenhuma alternativa terapêutica, a terapia gênica pode ser a única possibilidade de reverter um quadro grave, muitas vezes em pacientes ainda na primeira infância", destacou.

Assista a íntegra do webinário aqui:

EstúdioFOLHA Ateliê de produção de conteúdo em todas as plataformas |

COMO CHEGAMOS AQUI?

Na última quarta-feira (27), no clima de beligerância contra o STF (Supremo Tribunal Federal) que alimenta ao longo de seu governo, Jair Bolsonaro (PL) cobrou que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) aceite as sugestões encaminhadas pelas Forças Armadas para o processo eleitoral dentro do âmbito da CTE (Comissão de Transparência das Eleições). A instituição foi convidada a participar dessa comissão no ano passado pelo então presidente do TSE, o ministro do STF Luís Roberto Barroso. O discurso do presidente foi mais um capítulo de seu embate contra a Justiça Eleitoral. Segundo ele, uma das sugestões é que militares acompanhem a apuração das urnas nas eleições.

FOLHA EXPLICA

Bolsonaro, militares e TSE têm idas e vindas sobre segurança das urnas

Tribunal responde a bateria de perguntas; novos questionamentos seguem em sigilo

O presidente Bolsonaro no Palácio do Planalto Antonio Molina - 26 abr 2022/Folhapress

O que sugere a fala de Bolsonaro?

O discurso do presidente indica a intenção de utilizar o questionamento à segurança e lisura das eleições para mobilizar sua base.

A contagem dos votos não é secreta e pode ser auditada. Ao final da votação, cada urna imprime boletins com a quantidade de votos de cada candidato, brancos e nulos.

Candidatos, partidos e eleitores podem escanear o QR Code dos boletins nas seções eleitorais para comparar com os dados contabilizados pelo TSE e garantir que não houve manipulação durante a transmissão.

Nesse sentido, fazer uma contagem paralela já é tecnicamente possível no mesmo dia das eleições.

Caso a impressão do comprovante do voto tivesse sido aprovada, por exemplo, como ele defendia, isso não alteraria a dinâmica da totalização dos votos.

Foi sugerida contagem paralela nos moldes citados por Bolsonaro?

Como os últimos questionamentos feitos pelas Forças Armadas estão sob sigilo, não é possível saber ao certo.

Dos documentos já públicos, sejam aqueles com perguntas ou com sugestões, não é possível depreender que exista tal proposta.

Nas palavras de Bolsonaro, a sugestão abarcaria a criação de um duto para enviar os dados recebidos pelo TSE também às Forças Armadas.

"Quando encerra eleições e os dados chegam pela internet, tem um cabo que alimenta a 'sala secreta do TSE'. Dá para acreditar nisso? Sala secreta, onde meia dúzia de técnicos diz 'quem ganhou foi esse'. Uma sugestão é que neste mesmo duto seja feita uma ramificação, um pouco à direita, porque temos um computador também das Forças Armadas para contar os votos", disse Bolsonaro.

As Forças Armadas podem fazer sugestões ao TSE?

Criada com o objetivo de aumentar a transparência e fiscalização das eleições, a comissão tem integrantes da sociedade civil, academia e de outros órgãos, como da Polícia Federal. Assim como os demais membros, as Forças Armadas foram convidadas a sugerir melhorias ao plano de ação rascunhado pelo tribunal.

Uma das sugestões encaminhadas pelo representante das Forças Armadas, o general Heber Garcia Portella, era de que propostas adicionais pudessem ser enviadas mesmo após o prazo de 17 de dezembro.

O tribunal respondeu que era importante manter o cronograma do plano, mas que eventuais novas propostas poderiam ser analisadas em separado.

O plano de ação final foi aprovado na última segunda-feira (25). Relatório com as sugestões de cada membro, acompanhado das respostas do tribunal a cada uma delas, veio a público nesta semana.

O que aconteceu nesse meio tempo?

Ofícios enviados por Portella ao TSE fizeram muito barulho nas redes bolsonaristas e foram usados pelo presidente Bolsonaro.

Ao longo dos dez dias que antecediam o prazo para sugestões, o general enviou, ao todo, 48 perguntas e 27 pedidos de documentações.

Em janeiro, Bolsonaro disse mais de uma vez, publicamente, que havia perguntas das Forças Armadas sobre fragilidades da urna eletrônica sem resposta do tribunal.

"E a Defesa agora fez alguns questionamentos ao ministro Barroso, do TSE, sobre fragilidades da urna eletrônica. Estamos aguardando a resposta. Pode ser que ele nos convença. Mas se nós não estivermos errados, pode ter certeza que algo tem que ser mudado no TSE. [...] O Brasil merece eleições limpas e transparentes", disse em 5 de janeiro, ao dar entrevista no hospital, em São Paulo, onde esteve internado após uma nova obstrução intestinal.

O TSE respondeu?

Em fevereiro, o TSE publicou em seu site um documento com as respostas, que também têm sido exploradas pela militância bolsonarista.

Depois da divulgação, novos questionamentos foram feitos pelas Forças Armadas, mas esse documento está sob sigilo. De acordo com o tribunal, ele está sob análise.

Ao cobrar o TSE na quarta-feira (27), o presidente afirmou que as sugestões das Forças Armadas seriam a maneira de confiar nas eleições. Algo que ele dizia antes em relação ao voto impresso.

"Todas foram técnicas. Não se fala ali em voto impresso. Não precisamos. Nessas sugestões existe essa maneira, para a gente confiar nas eleições", declarou o mandatário.

O que as Forças Armadas sugeriram primeiramente?

CONTAGEM DOS VOTOS

Das sugestões enviadas em dezembro, uma chama atenção em especial. Nela, o general sugere que o sistema atual não permitiria a validação e contagem dos votos.

"Considerando o voto como um direito e um dever inarredáveis de cada cidadão, sugere-se a adoção de medidas que permitam a validação e a contagem de cada voto sufragado, mesmo que, por qualquer motivo, as respectivas mídias ou urnas eletrônicas sejam descartadas", consta em trecho do documento.

Essa posição parece estar conectada com perguntas que constam nos ofícios. Em uma delas, questiona-se se o TSE visualiza uma solução "para superar a possibilidade de perda de voto por falha de mídia eletrônica". O TSE explica que há duas mídias de gravação na urna e que isso minimiza a possibilidade de perda de dados.

APLICATIVO "BOLETIM NA MÃO"

Portella também sugeriu o aperfeiçoamento do aplicativo do tribunal que permite a leitura dos boletins de urna. Uma das sugestões era que fosse possível armazenar vários boletins, o que o tribunal disse que já acontece. O tema também havia sido tratado nos questionários. O tribunal explicou ainda que a sociedade civil também pode desenvolver seu próprio aplicativo —hoje já existe uma versão disponível, além do app oficial do TSE.

URNAS NO TESTE DE INTEGRIDADE

Outra sugestão se referia aos parâmetros utilizados pelo tribunal para determinar a amostra de urnas testadas no dia das eleições, no teste de integridade. Tal item também foi tema de parte das perguntas enviadas.

Com o objetivo de demonstrar que o voto digitado é o voto computado, urnas selecionadas por sorteio são retiradas dos locais de votação e participam de uma cerimônia pública. Os votos digitados na urna também são registrados em papel e tudo é gravado em vídeo. Ao final, há uma conferência para ver se os números batem.

As urnas testadas eram antes cerca de 100, em dezembro foram duplicadas; e agora passarão a ser cerca de 600. Estatísticos consultados pela Folha também consideraram problemática a forma como o tribunal justificou o aumento.

Outros temas técnicos foram questionados, entre eles:

> Não se fala em voto impresso. Não precisamos. Nessas sugestões [das Forças Armadas à comissão)] existe essa maneira, para a gente confiar nas eleições
>
> **Jair Bolsonaro (PL)**
> presidente da República

CÓDIGO-FONTE DA URNA

Parte das perguntas das Forças Armadas se referia à auditoria do código-fonte. Há questionamento, por exemplo, sobre quais os controles e formas de acompanhamento de que os códigos-fonte fornecidos, auditados e eventualmente corrigidos são aqueles efetivamente utilizados nas eleições

O TSE responde que diferentes cerimônias públicas, de lacração dos códigos e das urnas, com entes que fiscalizam as eleições, como partidos, OAB, Forças Armadas e Polícia Federal, garantem que os códigos auditados são os mesmos utilizados nas eleições.

Em linhas gerais, o código-fonte dá comandos para a urna funcionar. Antes da lacração há diferentes possibilidades de auditoria. Ele fica disponível em uma sala do TSE para inspeção de partidos e outras entidades.

Além disso, especialistas analisam o código e tentam hackear a urna, para identificar vulnerabilidades para correção. Ainda, nestas eleições, houve uma ampliação da abertura do código, que foi compartilhado com três universidades —a meta, a princípio, é que no futuro ele passe a ser publicado online.

SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO

Um dos ofícios solicitava documentações com normas de segurança da informação do tribunal e sobre desenvolvimento de software, incluindo, por exemplo, perguntas sobre políticas de senha, backup, antivírus, entre outras. O TSE enviou as diferentes políticas solicitadas e que, em parte, já eram públicas.

O pano de fundo dessa parte das perguntas parece ser o ataque hacker sofrido pelo tribunal em 2018 e que está sob investigação da Polícia Federal. Tema que é repetidamente explorado por Bolsonaro.

Também foi solicitado o relatório de gestão de riscos do tribunal.

Rodolfo Avelino, professor de cibersegurança do Insper, explica que um risco é uma vulnerabilidade detectada, mas não explorada por um agente. "Conceitualmente quando uma vulnerabilidade é explorada o fato gera um incidente de segurança", diz.

Um exemplo comum, segundo ele, é identificar que não se está usando a versão mais recente de algum programa ou sistema, que já tenha sido disponibilizada pelo fabricante.

Ao todo, o TSE diz ter detectado 712 riscos, sendo 207 nas eleições de 2018; 292 nas eleições de 2020 e 213 nas eleições de 2022. O documento não informa quantos deles já foram resolvidos. Esse número tem sido usado nas redes sociais de apoiadores do presidente para criticar o TSE.

O que reavivou o debate recentemente?

Em meio aos seguidos questionamentos das Forças Armadas, os quais têm sido usados pela militância bolsonarista e pelo próprio Bolsonaro, a crise escalou após declaração do ministro Barroso.

O ex-presidente do TSE, que convidou as Forças Armadas para a comissão, disse que elas têm sido "orientadas" a atacar o sistema eleitoral. O Ministério da Defesa rebateu a afirmação do ministro, que classificou como "irresponsável" e "ofensa grave".

Renata Galf

Bolsonaro goleia Lula no TikTok, diz estudo

Nos dez principais conteúdos vinculados a cada um deles, presidente tem 13 vezes mais audiência do que o petista

Matheus Teixeira

BRASÍLIA Uma pesquisa de doutorado concluiu que os vídeos vinculados ao presidente Jair Bolsonaro (PL) no TikTok têm audiência 13 vezes superior aos conteúdos relacionados ao ex-presidente Lula (PT), seu principal adversário nas eleições de outubro.

Desde que entrou na rede social, ocupada predominantemente pelo público jovem, o chefe do Executivo ampliou de maneira significativa a superioridade em relação ao petista na plataforma.

O levantamento aponta que, somando as 10 principais hashtags ligadas a cada um deles, os vídeos de Bolsonaro representaram 92% das visualizações contra 8% de Lula —em números totais, é o equivalente a 10,06 bilhões versus 778 milhões.

Esse resultado é relativo a janeiro. Em maio do ano passado, a proporção era de 79% contra 21% —o atual presidente criou uma conta oficial no aplicativo em outubro.

O petista, por sua vez, não tem uma conta oficial verificada pela plataforma. No último dia 22, na tentativa de se aproximar do público jovem, ele publicou uma foto com óculos escuro e anunciou sua entrada na rede social.

"Pediram para dar uma rejuvenescida nas redes. Nova foto do perfil. TikTok e Kwai em breve", escreveu, em referência também a outro aplicativo.

Enquanto o petista não entra na plataforma, Bolsonaro amplia a diferença. Na principal hashtag de cada pré-candidato, #Bolsonaro2022 teve 3,2 bilhões de visualizações em janeiro ante 609 milhões da #LulaPresidente2022 —em maio, o placar era de 534 mil contra 113 mil.

Na análise dos conteúdos ligados aos dois, há uma predominância de cores e emojis com a bandeira do Brasil quando o assunto é Bolsonaro. No caso de Lula, o ícone mais recorrente é o coração.

O levantamento é resultado da pesquisa de doutorado na Universidad Pompeu Fabra, em Barcelona, feita pela brasileira e especialista em democracia digital Maria Carolina Lopes.

Ela afirma que os números representam um dado importante a ser trabalhado pelas campanhas dos políticos.

"Significa que naquela plataforma, que está crescendo muito rápido, ele tem muita visibilidade. E visibilidade é um componente muito importante da comunicação política", afirma.

Lopes diz acreditar que o chefe do Executivo encontrou uma forma de ter grande alcance nas redes, enquanto Lula ainda patina nesse sentido.

"A gente percebe que o Bolsonaro pode ter o problema que for, mas que encontrou, desde a eleição passada, um caminho, uma fórmula de comunicação que funciona no contexto de desordem informacional", analisa.

Segundo ela, nesse universo, algumas técnicas funcionam muito bem, como fazer uma comunicação mais espontânea, sem marketing profissional nem fotos muito preparadas ou cenários elaborados para gravar o conteúdo. "O que representa isso é um vídeo gravado de celular com o presidente em cima de uma moto", exemplifica.

Ela relata que vem analisando dados sobre o desempenho dos dois políticos há quase um ano e que a diferença tem se ampliado a cada dia.

"Quando você entra na plataforma, você está entregando à sua militância instrumentos para ela te ajudar a fazer a sua comunicação. Não é entregar milhões de reais para um marqueteiro, é outra coisa", diz.

É justamente na área da estratégia digital que o Partido dos Trabalhadores tem enfrentado sua principal crise.

Até então marqueteiro da pré-campanha petista, Augusto Fonseca foi afastado da função no último dia 21, segundo informou o partido em nota. Além dele, o ex-ministro Franklin Martins (Secretaria de Comunicação Social) corre risco de deixar a coordenação de comunicação de Lula.

Um dos nomes cotados para assumir no lugar de Fonseca é Sidônio Palmeira, ligado ao PT da Bahia. Ele fez os programas vitoriosos do ex-governador da Bahia Jaques Wagner em 2006 e 2010 e do atual, Rui Costa, em 2014.

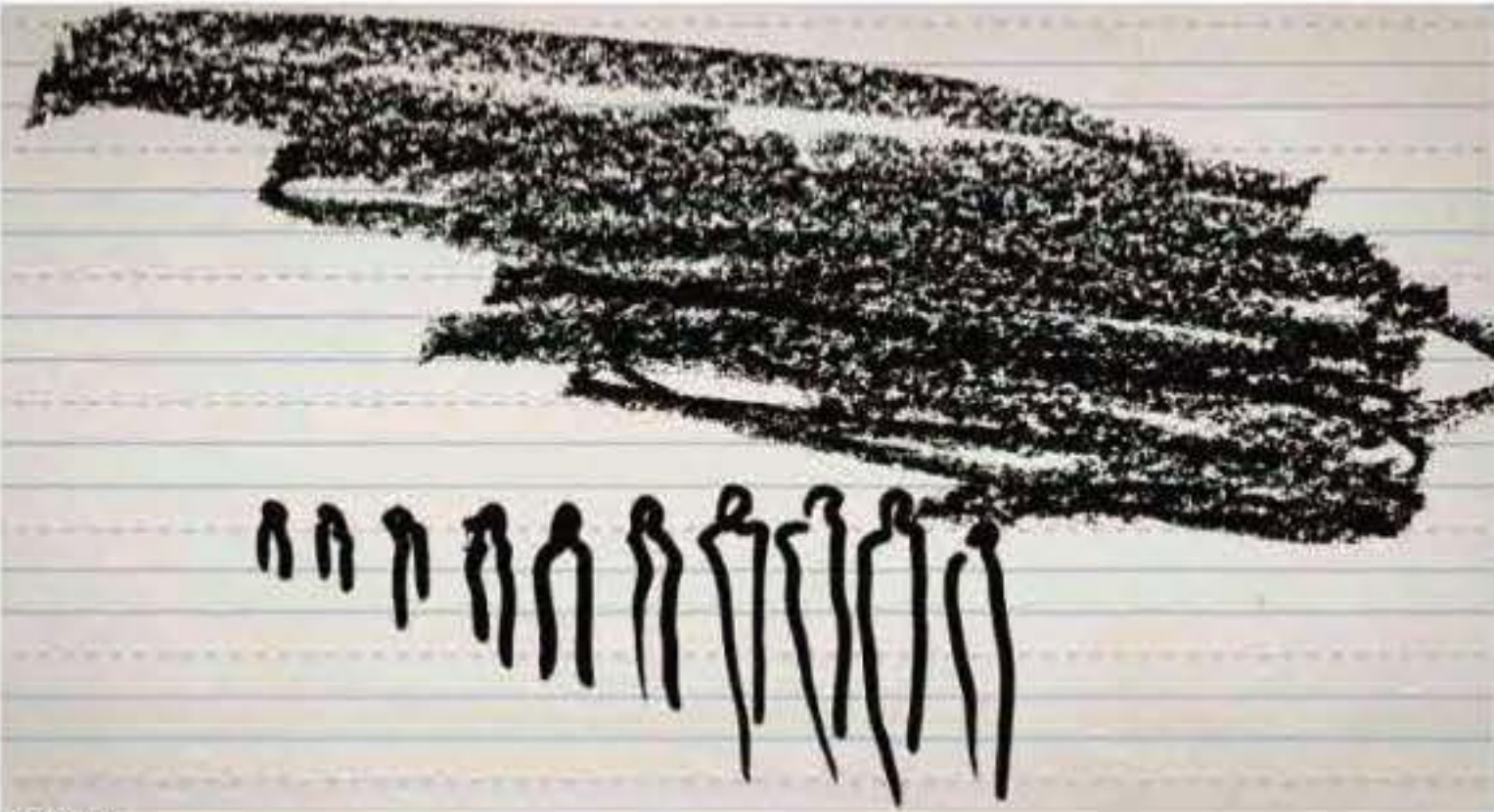
Integrantes da cúpula do partido afirmam que, em comparação ao bolsonarismo, o comando da pré-campanha petista é analógico e tem ficado para trás na comparação com o presidente.

A promessa de Lula de entrar no TikTok no último dia 22 foi vista como um dos sinais de que o petista quer mudar de estratégia nas redes sociais.

Para se ter ideia do alcance da plataforma, em 2020 ela ultrapassou o Facebook como a mais baixada do ano, em parte consequência da pandemia, quando as pessoas passaram a buscar novas formas de distração. Estima-se que a rede possua 1 bilhão de usuários ativos mensais, o que a coloca no time das grandes ferramentas.

O aplicativo surgiu em 2016, sob o nome de Douyin, e foi criado para publicação de vídeos curtos a fim de competir com o Musical.ly.

Em 2017, a big tech chinesa ByteDance fez um "rebranding" internacional e disponibilizou o Douyin para mercados fora da China, com o nome de TikTok. No mesmo ano, comprou o Musical.ly e abocanhou o público e a tecnologia do rival.

Em 2018, a estratégia surtiu seus primeiros efeitos, com um buzz em mercados como EUA, Europa e Brasil.

Juliana Freire

A crise tem data marcada

Ela começará na noite de 2 de outubro

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O Brasil corre o risco de viver sua maior crise institucional desde o dia 13 de dezembro de 1968, quando o marechal Costa e Silva baixou o Ato Institucional nº 5. Ela tem data e hora marcadas: a noite de 2 de outubro, quando se conhecerá o resultado da eleição.

O cenário é previsível: fecham-se as urnas, totalizam-se os votos e, caso Jair Bolsonaro seja derrotado, ele anuncia que não aceita o resultado.

Em 1951 essa carta foi tentada contra a posse de Getúlio Vargas, com o argumento de que ele não conseguira a maioria absoluta dos votos. Não prosperou, mas o desconforto militar reemergiu e em 1954 custou a vida ao presidente.

Em 1951 tratava-se de uma chicana conceitual. Hoje o presidente é um crítico do sistema de coleta e totalização dos votos. Chega a dizer que foi eleito em 2018 no primeiro turno, mas surrupiaram-lhe a vitória. Faltam cinco meses para a eleição e Bolsonaro faz sua campanha hostilizando o Judiciário e propondo que as Forças Armadas participem do processo de totalização.

Bolsonaro revelou parte da questão:

"Uma das sugestões das Forças Armadas é que, ao final das eleições, os dados vêm pela internet para cá [Brasília] e tem um cabo que alimenta a sala secreta do TSE. Uma das sugestões é que desse mesmo duto seja feita uma ramificação para que tenhamos um computador do lado das Forças Armadas para que possamos contar os votos no Brasil".

Noves fora a urucubaca trazida pelo uso da palavra "cabo", é melhor discutir essa questão a partir de hoje. Deixá-la para outubro é uma forma de botar veneno na crise.

(Em 2018, o deputado Eduardo Bolsonaro disse que "para fechar o STF basta um cabo e um soldado". O cabo a que seu pai se referiu agora é outro.)

Deixe-se de lado a discussão sobre as motivações de Bolsonaro. Sua proposta é aceitável. O segundo cabo não deveria abastecer só "um computador do lado das Forças Armadas", mas a máquina de uma comissão complementar na qual poderiam entrar cidadãos das mais diversas atividades.

O processo de coleta e totalização eletrônica já funcionou em diversas eleições e, salvo a teima de Bolsonaro, nunca teve contestação. Contudo, o presidente demonstra estar mais preocupado com o resultado do que com o processo. E aí assim se pode chegar à crise de outubro.

Um bom quintanista de direito é capaz de redigir todos os protocolos necessários para tornar públicos os debates e as propostas da Comissão de Transparência. Alguns detalhes técnicos não podem ser divulgados. Tudo bem, um responsável embarga o item e coloca ao lado sua assinatura, responsabilizando-se por ele.

Em maio essas minúcias podem parecer trabalhosas. Se a questão for empurrada com a barriga, na crise de outubro as restrições de hoje serão lembradas com arrependimento. O que está em jogo, há anos, é o respeito ao resultado eleitoral. Quem está jogando com a sua contestação pouco liga para argumentos constitucionais ou regimentais.

Na crise de 1968, o jogo estava jogado. O deputado Márcio Moreira Alves havia feito na Câmara um discurso considerado ofensivo por militares. (Conspirava-se no Gabinete Militar da Presidência com o ministro da Justiça, mas essa era outra história.) O senador Daniel Krieger, presidente do partido do governo e seu líder na Casa, mostrou ao presidente Costa e Silva que o pedido de licença para suspender seu mandato seria rejeitado. Deu no que deu.

A noite do Ato Institucional nº 5 durou 20 anos. Passou o tempo e um dos participantes da reunião em que se proclamou a ditadura em nome da preservação da democracia contaria:

"Naquela época do AI-5 havia muita tensão, mas no fundo era tudo teatro. Havia as passeatas, havia descontentamento militar, mas havia sobretudo teatro. Era um teatro para levar ao Ato".

Tancredo neutralizou o teatro de 1984

Havendo teatro e conspiradores palacianos, nem sempre se chega a uma excentricidade constitucional.

Em 1984 espertalhões tentaram alguns truques contra a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral. Com sua capacidade aglutinadora, ele devorou todas as tramas. Teve o apoio da maioria dos comandantes militares, sobretudo do general Leônidas Pires Gonçalves.

Tancredo viveu também outra crise, jogando com as pedras do golpe (para quem o tomou) ou do contragolpe (para quem o deu).

Em novembro de 1955, estava tudo pronto. O deputado Carlos Luz, na Presidência interina da República, melaria a vitória de Juscelino Kubitschek. (O titular, Café Filho, estava num hospital.) Bastava tirar o general Henrique Lott do Ministério da Guerra, colocando no seu lugar o colega Fiuza de Castro.

No dia 9, Carlos Lacerda, o derrubador de presidentes, havia anunciado:

"É preciso que fique claro, muito claro, que o presidente da Câmara não assumiu o governo da República para preparar a posse dos srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart. Esses homens não podem tomar posse, não devem tomar posse, não tomarão posse".

Na tarde do dia 10 Carlos Luz chamou Lott ao palácio e deu-lhe um chá de cadeira de quase duas horas ao fim do qual disse-lhe que estava demitido.

Fiuza aceitou o ministério e marcou a posse para a tarde do dia seguinte.

Lott foi para casa e conversou com o comandante da guarnição do Rio, general Odylio Denys. (Ambos esperavam pelo lance.)

Às 22 horas a tropa começou a ir para a rua. Ao fim do dia seriam 25 mil homens.

Luz decidiu embarcar com parte do governo no cruzador Tamandaré, e Carlos Lacerda foi junto. Lott mandou que as fortalezas disparassem tiros de advertência.

Dois dias depois, sem víveres e com passageiros mareados, o Tamandaré voltou melancolicamente para o Rio.

Luz estava deposto e Tancredo Neves ajudou a convencê-lo a assinar uma carta de renúncia. Carlos Lacerda asilou-se numa embaixada e o presidente do Senado, Nereu Ramos, assumiu a Presidência da República.

(O presidente Café Filho tentou voltar ao governo, Lott dobrou a aposta e arrastou as fichas.) Em dez dias o general depôs dois presidentes.

Em janeiro de 1956 Nereu Ramos empossou Juscelino Kubitschek.

(Em outubro de 1977, quando demitiu o ministro Sylvio Frota, o presidente Ernesto Geisel fez questão de que a transferência do cargo se desse no mesmo dia. Lembrava-se de 1955.)

Os advogados de Lula

No auge da Operação Lava Jato, quando Lula entregou sua defesa aos advogados Cristiano Zanin e Valeska Teixeira Martins, criminalistas de renome torceram o nariz. Eram profissionais pouco conhecidos e ela vinha a ser filha de um velho amigo do ex-presidente.

Passaram os anos e a dupla ganhou todas, até na Comissão de Direitos Humanos da ONU, conseguindo uma decisão que não tem valor prático, mas carrega forte simbolismo.

*

Nos próximos quatro domingos, no ócio, o signatário pesquisará os malefícios das urnas eletrônicas e das vacinas.

Freixo diminui críticas a ações policiais em guinada ao centro

Pré-candidato ao Governo do Rio limita falas sobre mortes envolvendo PMs

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O deputado federal Marcelo Freixo (PSB-RJ) reduziu a frequência com que critica em suas redes sociais ações policiais do Rio de Janeiro desde que lançou sua pré-candidatura ao governo do estado, em junho de 2021.

O novo comportamento ocorre no momento em que o pré-candidato do PSB tenta formar uma frente ampla de partidos e setores sociais para sua campanha. Atualmente ele tem o apoio de seis siglas, mas busca atrair mais aliados, como o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD), e até o PSDB, sob comando de Rodrigo Maia no estado.

O pré-candidato vem buscando desvincular sua imagem de radical de esquerda, construída em razão da filiação por 16 anos ao PSOL. Ele trocou a antiga sigla pelo PSB.

Um dos focos do deputado é atrair setores da polícia, em parte ainda resistente ao seu nome. Recentemente, ele celebrou a adesão do ex-comandante da PM e do Bope (Batalhão de Operações Especiais) Alberto Pinheiro Neto a uma lista de apoiadores públicos de sua pré-campanha.

Marcelo Freixo (PSB) durante evento no Rio Mauro Pimentel - 30.mar.2022/AFP

> **Quando fala de forma generalizada [sobre ações policiais], não buscando se conectar, acaba se afastando desse grupo**
>
> **Robson Rodrigues**
> coronel da reserva da PM do Rio e interlocutor de Freixo

Freixo afirma que a defesa dos direitos humanos faz parte de sua história parlamentar e assim se mantém. Contudo, diz que, como aspirante ao governo, precisa ampliar os temas em que se posiciona, o que pode reduzir a exposição de bandeiras mais antigas.

"Tenho uma história, e ela não mudou. A gente amplia [os temas], porque tem que ampliar. Inflação, fome. Eu tenho que falar para um setor mais amplo. Mas isso não muda nossa atuação nem posicionamento", afirmou ele.

Desde que anunciou sua candidatura, Freixo não comentou diretamente em suas redes as mortes de Cauã da Silva, 17, e Thiago da Conceição, 16, durante operações policiais, além dos oito homicídios no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, após uma ação da PM, entre outros casos.

Ao ser procurado pela Folha no início da tarde de terça-feira (27) a respeito de posicionamento sobre a morte de Jhonatan Ribeiro de Almeida, ocorrida na noite de segunda-feira (25) no Jacarezinho, o deputado informou que se manifestaria no mesmo dia, o que acabou ocorrendo.

A família do jovem afirma que ele foi baleado quando estava desarmado. Em uma rede social, o deputado escreveu estar em contato com a equipe da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, que presidiu por dez anos, para auxiliar os parentes da vítima.

"O enterro do menino é hoje [terça]. Tudo tem um prazo. Não podemos ter uma relação oportunística. Sempre trabalhei com assistência e depois de cobrança", disse à reportagem.

A presidente da comissão, deputada Dani Monteiro (PSOL), confirma que Freixo mantém o auxílio à equipe.

"Quando assumi a presidência, a primeira pessoa que procurei para ter alguma referência foi o Marcelo. Ele foi e continua sendo muito solícito", disse a deputada.

A última cobrança direta à atuação da polícia feita por Freixo em suas redes sociais havia ocorrido em junho, quando da morte de Kathlen Romeu, 24, grávida de oito meses. O comentário foi feito a poucos dias de ele anunciar sua saída do PSOL.

Um mês antes, o parlamentar criticou nas redes a operação policial mais letal da história do estado, no Jacarezinho, em que 28 pessoas foram mortas. Classificou o caso como mais um episódio do "massacre nas favelas".

No mesmo período em que não fez comentários diretos em suas redes sobre as mortes envolvendo ações policiais, o deputado lamentou publicamente o homicídio de ao menos sete policiais.

"É claro. Não quero ter uma PM bolsonarista. Quando fala [sobre a morte de um PM] estou fazendo uma disputa por essa polícia", afirmou.

Freixo tem buscando ampliar o diálogo com policiais a fim de quebrar resistências dentro da corporação tendo em vista tanto a eleição como um eventual governo.

Um dos interlocutores do deputado na corporação é o coronel da reserva Robson Rodrigues, ex-chefe do Estado-Maior da PM. Ele afirma que ressaltou a Freixo a importância de que as críticas direcionadas às ações policiais evitassem generalizações.

"A questão não é a quantidade [de críticas às ações], mas sim a qualidade. Se falar de uma forma generalizada, não diferencia um caso de excesso de uma ação que demandou ações enérgicas", disse o coronel da reserva. "Quando fala de forma generalizada, não buscando se conectar, acaba se afastando desse grupo."

A aproximação de Freixo com forças policiais vem desde seu último mandato na Assembleia. Uma das preocupações é evitar que policiais ampliem sua adesão ao bolsonarismo a partir de críticas excessivas a suas ações. O presidente Jair Bolsonaro (PL) deve apoiar a reeleição do governador Cláudio Castro (PL), principal adversário de Freixo.

O deputado do PSB lidera as intenções de voto, segundo pesquisa de abril do Datafolha. Ele tem 22%, em empate técnico com Castro, com 18%.

São condenados pelo mundo

Conclusão da ONU sobre casos de Lula é esmagadora para Moro e Deltan

Janio de Freitas

Jornalista

A conclusão dos seis anos de exame, na ONU, dos processos contra o ex-presidente Lula é esmagadora para Sergio Moro, mas seu alcance não cessa na condenação moral desse ocupante ilegítimo de uma cadeira de juiz.

Moro e Deltan Dallagnol, também objeto da condenação moral, sem poderosos coadjuvantes não conseguiriam subverter algo tão relevante como é o processo de eleição de um presidente da República. Não receberem menção direta da ONU não é excluir da condenação moral esses coautores.

Outros dos muitos sentidos implícitos, mas não obscuros, na conclusão das duas dezenas de autoridades internacionais do Comitê de Direitos Humanos da ONU é a grande impunidade brasileira. O velho vício nacional de caráter se impõe, paradoxal, com a inconsequência penal das transgressões judiciais e da articulação eleitoralmente violadora.

O ministro Gilmar Mendes, para surpresa de muitos, criou um caso raro. Sua decisão individual de impedir, sem base jurídica ou factual, que Lula fosse ministro da presidente Dilma abriu o caminho para o golpe no processo eleitoral de 2018, com a retirada forçada de Lula. Na prática, a entrega a Bolsonaro da vitória ilegítima.

Gilmar Mendes viria a ser, porém, o mais áspero crítico de Moro no Judiciário e batalhador pelo reconhecimento, no Supremo, da parcialidade e da suspeição de Moro contra Lula.

O Tribunal Regional Federal da Região Sul, sediado em Porto Alegre, foi o revisor dos atos de Moro. Endossou-os na aprovação dos atabalhoados relatórios do juiz João Gebran e dos seus companheiros de turma, que não se pouparam em sinais de entendimento com Moro e das mesmas parcialidade e suspeição. O TRF-4 e os que lá reviram sem rever as transgressões e malandragens de Moro têm lugar destacado na condenação moral.

O Conselho Nacional de Justiça não quis perceber irregularidade alguma nos procedimentos de Moro. Os desvios de conduta judicial e pessoal estavam até na imprensa, apesar de tão discretos quanto possível. Eram inúmeros juristas e advogados sempre prestigiados pelo jornalismo a advertir, sem descanso, para a ocorrência de cada perversão praticada por Moro e por Deltan Dallagnol. Em vão.

Vigorava, em nome do jornalismo, um dos componentes mais deploráveis do acontecimento escandalosamente histórico que foi, ainda é, a distorção da escolha eleitoral de um presidente da República.

Tudo o que houve por ação ou influência da Lava Jato de Curitiba só foi possível pela força do ambiente criado por imprensa e TV combinadas.

Os então editores de primeira página, de telejornais e seus chefes, acompanhados da quase totalidade dos comentaristas profissionais, colunistas e editorialistas, tiveram protagonismo decisivo.

A maioria, no mínimo, consciente das irregularidades a que dava apoio. E do que fazia o Moro a quem aplaudia.

Assim está configurada uma dívida monstruosa com o país dos últimos oito anos, desmoralizado, mais degradado do que nunca e aturdido na obscuridade do seu futuro. São esses protagonistas os que cobram autocrítica —de Lula.

Desde que o Supremo Tribunal Federal fixou a convicção de que Moro conduziu com parcialidade e suspeição os processos contra Lula, tornou-o merecedor de passar da cadeira de juiz à de réu. Suas transgressões foram criminosas: fez e divulgou gravação clandestina de telefone da presidente, divulgou mentiras de Palocci sobre Lula a uma semana da eleição para beneficiar Bolsonaro, e muito mais. Por aí vagueia, no entanto, como autocandidato a presidir o país.

No rol dos construtores deste período desastroso há um oceano de traições à função pública que, em país de alguma decência, não ficariam impunes.

Aqui, os gritos são contra a impunidade de crime vagabundo e de ferocidades animalescas. Mas esta impunidade primária só existe como decorrência da impunidade que, entre tantos, beneficia Moro, Dallagnol e muitos atingidos pela conclusão da ONU. Sintam-se como são: condenados morais pelo mundo.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Esquerda no NE racha e disputa apoio de Lula

Chapa nacional, com siglas como PT, PC do B, PV e PSB, não deve se repetir em estados da região, que encaram divisões

João Pedro Pitombo

SALVADOR A aliança que dará sustentação à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na disputa pelo Planalto não deve se repetir nas eleições estaduais no Nordeste, região que concentra a maioria dos governadores aliados e que é um dos principais redutos do petista.

A provável chapa com PT, PC do B, PV, PSB, Rede e Solidariedade não deverá ser replicada em nenhum dos nove estados da região. Com isso, há chance que Lula tenha dois ou até três palanques em cada estado nordestino.

Em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, por exemplo, o embate entre candidatos de partidos da base lulista promete ser mais tenso e deve ser marcado por rusgas, atritos e acusações mútuas.

O cenário de conflito preocupa cúpula da campanha petista, que atua para que rixas paroquiais não atinjam a eleição nacional, criando problemas desnecessários para Lula.

Um dos focos de maior tensão é a Paraíba, onde o governador João Azevêdo (PSB) e o ex-governador Ricardo Coutinho (PT), rompidos desde 2019, protagonizam desavenças e enfrentam uma disputa aberta pelo apoio de Lula.

Azevêdo concorre à reeleição amparado por uma ampla frente de partidos de centro, enquanto Coutinho concorrerá ao Senado na chapa que será liderada pelo Veneziano Vital do Rêgo (MDB).

Os três eram aliados na campanha vitoriosa que elegeu Azevêdo em 2018, mas se afastaram ao longo do mandato. O PT, por sua vez, rachou no ano passado após a filiação de Coutinho: uma parcela do partido se manteve com o governador e outra parte foi para a oposição.

Lula classificou como um "bom problema" o cenário eleitoral conturbado e com múltiplos palanques na Paraíba.

"Um técnico da seleção tem um bom problema quando tem muito jogador bom. Na Paraíba, eu estou feliz com a minha situação, porque muita gente boa quer trabalhar conosco, querendo fazer aliança. Eu não recuso voto", disse.

Além de Azevêdo e Veneziano, Lula também será apoiado pela pré-candidata ao governo Adjany Simplicio (PSOL) e mantém conversas com a vice-governadora Lígia Feliciano (PDT). Há possibilidade de um palanque quádruplo no estado.

A postura de desprendimento em relação aos palanques, contudo, não se repete na vizinha Pernambuco. Lá, a deputada federal Marília Arraes trocou o PT pelo Solidariedade e vai concorrer ao governo contra o deputado federal Danilo Cabral, que tentará manter a hegemonia de 16 anos do PSB no estado.

Mesmo com três candidaturas em seu arco de alianças —também concorrerá ao governo o advogado João Arnaldo (PSOL)—, o petista afirmou nesta sexta-feira (29) que apoiará apenas o candidato do PSB.

"Embora eu mantenha toda relação que eu tenho de respeito pela Marília, eu, sinceramente, vou trabalhar para que Danilo seja o governador do estado de Pernambuco", disse Lula à Rádio Jornal.

Pernambuco é um colégio eleitoral crucial e simbólico para o PSB, motivo que levou Lula a priorizar Cabral e não criar arestas na aliança nacional. Ainda assim, Marília Arraes tem atrelado à sua imagem ao ex-presidente e critica o PSB por vetar a adoção de palanques múltiplos para Lula no estado.

Outro foco de conflito é o Maranhão, onde o PT está fraturado entre o governador Carlos Brandão (PSB), alçado ao cargo em abril após a renúncia de Flávio Dino (PSB), e o senador Weverton Rocha (PDT).

Ambos fazem parte da base de Dino, que tenta isolar Weverton e consolidar seus apoiadores em torno de Brandão, que foi filiado ao PSDB e ao Republicanos antes de ir para o PSB.

Formalmente, os petistas vão apoiar Brandão e indicaram como candidato vice Felipe Camarão, ex-secretário estadual de Educação que até ano passado era filiado ao DEM.

Mas houve uma reação no último domingo (24), quando militantes petistas fizeram um ato de apoio a Weverton, que apesar de filiado ao PDT também tem proximidade com Lula.

Assim como em Pernambuco, o Rio Grande do Norte também deve ser palco de conflitos entre o PT e Solidariedade. Neste caso, um embate direto.

Vice-governador entre 2015 e 2018, o empresário Fábio Dantas (Solidariedade) vai liderar a chapa de oposição à governadora Fátima Bezerra (PT), que concorre a um novo mandato em outubro.

Mas não haverá disputa em torno de Lula. Mesmo filiado a um partido da base petista, Dantas cercou-se de aliados de Jair Bolsonaro (PL), terá o ex-ministro Rogério Marinho (PL) como candidato ao Senado e afirmou querer o apoio do presidente.

O Solidariedade também estará no campo oposto ao PT na Bahia e vai apoiar ACM Neto (União Brasil) na disputa pelo governo baiano contra Jerônimo Rodrigues (PT). Com um partido da base de Lula em seu palanque, o ex-prefeito reforça sua estratégia de se afastar do bolsonarismo.

O PSOL, mesmo com aliança nacional, vai se descolar do PT nas disputas estaduais e lançou pré-candidaturas em oito dos nove estados do Nordeste. Em estados como Bahia e Pernambuco, a postura do partido é de enfrentamento e críticas aos governos do PT e PSB.

PSOL oficializa acordo com PT sem debater eventual governo

O PSOL oficializou o apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições presidenciais de outubro. A decisão foi anunciada na tarde deste sábado (30), após realização da conferência nacional do partido. Foram 35 votos a favor do apoio e 25 contrários. Esta será a primeira vez, desde a fundação do partido, em 2004, que o PSOL não lança uma candidatura própria à Presidência. No encontro foi discutido o programa político que o PSOL irá defender. Também foi aprovada uma resolução para que a decisão de compor um eventual governo petista ou a base aliada no Congresso seja debatida somente após as eleições. Com o apoio, o PSOL deve indicar integrantes para atuar na coordenação da pré-campanha. O nome do ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSB) para ser vice de Lula na chapa presidencial também era um ponto questionado por psolistas. O vereador Chico Alencar (PSOL-RJ) afirma, no entanto, que é "preciso engolir" essa decisão para vencer o bolsonarismo. Lula participou do ato com o partido neste sábado.

Zanone Fraissat/Folhapress

Lula Guimarães, 54
É graduado em jornalismo pela PUC-SP. Suas principais campanhas eleitorais foram as de Eduardo Campos e Marina Silva (2014), João Doria (2016) e Geraldo Alckmin (2018)

Lula Guimarães

Doria foi vítima da máquina de moer reputações bolsonarista

Marqueteiro do tucano, Lula Guimarães diz que exaustão da polarização pode abrir espaço para ex-governador e que PSDB precisa ter candidato para 'reconstruir valores'

ENTREVISTA

Fábio Zanini

SÃO PAULO Publicitário da campanha presidencial de João Doria (PSDB), Lula Guimarães, 54, diz que seu cliente ainda não decolou nas pesquisas por ter sido vítima da "máquina de moer reputações" bolsonarista.

Ele enxerga, no entanto, uma janela de oportunidade para o crescimento de uma terceira via, em razão do que considera ser uma certa fadiga da população com o cenário de polarização entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

"A exaustão da polarização pode ser a mola para que os candidatos da terceira via possam significar alguma esperança", diz, em entrevista à **Folha**.

Na última terça-feira (26), começaram a ir ao ar as primeiras inserções de TV do PSDB, que mostram Doria como uma alternativa de centro e alguém com a marca da competência, que devem ser os dois principais motes da pré-campanha do ex-governador.

Veterano de campanhas tucanas, Guimarães trabalhou com o próprio Doria na vitoriosa eleição para a Prefeitura de São Paulo em 2016. Em suas peças publicitárias reside a maior esperança do candidato de ganhar pontos que permitam que seu projeto sobreviva aos questionamentos dentro do próprio partido.

*

Como cavar um espaço para a terceira via em um cenário tão polarizado? Tenho acompanhado várias pesquisas. Estamos chegando numa exaustão da polarização, um teto máximo de Lula e Bolsonaro. Os dois não tendo mais para onde crescer, começa a bater um certo desespero de as pessoas acharem que vão ter que optar pelo menos pior. E há um contingente grande de que acha que não precisa escolher o menos pior, especialmente porque a eleição tem dois turnos.

Em 2018, candidatos com história política consistente foram vítimas da polarização e acabaram tendo uma votação muito pequena. Isso não pode acontecer agora? O mesmo fenômeno aconteceu em 2016, com João Doria. Ele venceu no primeiro turno para prefeito por conta de um crescimento na reta de chegada do Fernando Haddad, que esvaziou as candidaturas de Celso Russomanno e Marta Suplicy. Também ocorreu com Bolsonaro em 2018. Mas é um movimento de véspera de eleição. Existe um percentual expressivo do voto nem-nem, nem Lula nem Bolsonaro.

O João não foi descoberto ainda por esse eleitorado muito porque a rejeição dele cresceu rápido. E não por uma má avaliação da gestão e do seu trabalho. A máquina bolsonarista fez um trabalho de moer a reputação dele, depois da pandemia especialmente. Existe um domínio do bolsonarismo nas redes sociais. Eu acompanho pesquisa qualitativa no Nordeste. Você tem no interior da Paraíba, do Piauí, eleitores que rejeitam o Doria, mas nem ouviram falar dele. Esses eleitores foram operados, receberam informação dessa máquina.

Grudou na imagem de Doria que ele é artificial, marqueteiro. O estilo dele não contribui para essa visão negativa também? Veja que você não citou nenhum caso de corrupção, negacionismo, nada que pudesse desqualificar o João do ponto de vista da gestão. Os atributos negativos são ligados à pessoa dele, ao excesso de marquetismo, de organização, às vezes vaidade pessoal. É mais fácil reverter rejeição pessoal do que por um escândalo de corrupção, nepotismo ou indulto a um cara que foi condenado pelo STF.

Como o sr. pretende trabalhar essa questão da imagem, então? Eu tenho a expectativa de que ele consiga mostrar, na comunicação, a sua competência de gestão, seu método, sua organização, as coisas positivas que até os adversários reconhecem. O João montou em São Paulo um secretariado que é de ministério, só tinha craque. É um cara que vai dormir às 2h e acorda às 5h. Tem obsessão por organização. Esses atributos vão ser facilmente percebidos se a gente fizer uma comunicação que possa mostrá-lo sem que seja no cargo de governador tendo que dar as más notícias da pandemia. Nos últimos dois anos, foi lockdown, restrições. Claro que trouxe a boa notícia da vacina.

> Estamos chegando numa exaustão da polarização, um teto máximo de Lula e Bolsonaro. Os dois não tendo mais para onde crescer, começa a bater um certo desespero de as pessoas acharem que vão ter que optar pelo menos pior
>
> Os atributos negativos são ligados à pessoa dele [Doria], ao excesso de marquetismo, de organização, às vezes vaidade pessoal
>
> Do ponto de vista político, não dá para colocar Lula e Bolsonaro no mesmo patamar
>
> **Lula Guimarães**
> marqueteiro de João Doria (PSDB)

A acusação que é feita é que ele marqueteou demais a vacina. O Bolsonaro falou contra a vacina e o João falou a favor. É muito difícil alguém que faz o esforço que ele fez, de cruzar o mundo para fazer um acordo com uma empresa privada, para trazer a vacina, não querer usar isso a favor da sua própria imagem.

Como o sr. compara essa eleição com a de 2018? Em 2018 a gente ainda colheu o resultado dos movimentos de 2013, dos protestos e da insatisfação das pessoas com a política. Em 2016 a gente vê, até na eleição do João Doria, um outsider. E depois o auge, que é a eleição do Bolsonaro. Tenho a impressão que em 2018, se o candidato não fosse o Alckmin, fosse talvez o João, representaria melhor esse anseio do outsider. E talvez o espaço do Bolsonaro tivesse sido reduzido. Tivemos ainda um divisor de águas, a facada. Agora a gente não tem mais esse outsider, tem uma eleição em que as pessoas estão a fim de alguém experiente.

Qual o impacto para Bolsonaro de todo o dinheiro que ele está despejando na economia, como o Auxílio Brasil e outras medidas? O que tenho visto nas pesquisas é que os cidadãos impactados pelo Auxílio Brasil não transformam isso em voto. Acham que o Lula vai melhorar e aumentar. O Bolsa Família tem um poder grande na sociedade, é um programa fundamental do avanço da pobreza para a classe média para 35 milhões de pessoas. É uma marca grande ainda do PT, que o João entende que tem de continuar.

Em 2016, o slogan de Doria foi "não sou um político, sou um gestor". Ainda dá para trabalhar esse conceito hoje? Dá para dizer que ele é um político gestor. Tem a experiência da política, mas não abandona uma boa gestão. O que prova isso são os números de São Paulo, um estado que cresceu cinco vezes mais do que o Brasil, gerou um terço dos empregos no país. Você pode acusá-lo de usar calça apertada, almofadinha, mas isso não apaga os resultados.

E o BolsoDoria, até que ponto ainda assombra a imagem dele? O BolsoDoria foi um movimento muito mais de uma militância que ele depois abraçou. Assim como o João, dezenas de milhões de brasileiros se decepcionaram com o Bolsonaro. Esperavam um governo que teria uma condução da economia mais eficiente, mais privatizações, e viram um certo despreparo, inexperiência ao lidar com os problemas nacionais.

A ideia é tratar Lula e Bolsonaro como dois polos equivalentes? Ou há uma diferenciação a ser feita? Eles têm resultados para o Brasil que são equivalentes. O Lula fez um governo de grandes avanços, mas depois o PT promoveu grandes declínios, especialmente o governo Dilma. O Bolsonaro já se mostrou um governo que foi ineficiente. Agora, do ponto de vista político, não dá para colocar Lula e Bolsonaro no mesmo patamar. O Lula, apesar de todas as acusações que podem ser feitas, nunca demonstrou vontade de fazer um atentado contra a democracia. Não disputou um terceiro mandato quando podia ter feito um movimento golpista. A Dilma nunca fez um indulto para soltar o Lula ou qualquer preso.

Até que ponto a divisão no PSDB atrapalha seu trabalho? O PSDB sempre teve conflito. O PT também. Vai caindo a ficha para o PSDB de que é necessário ter candidato a presidente, porque esse grande palanque que a propaganda eleitoral dá é importante para reconstruir alguns valores do partido. E o PSDB tem pilares importantes que às vezes são esquecidos. Quem tem 20 e poucos anos não sabe dos avanços do governo FHC, nem que a Lei de Responsabilidade Fiscal é uma conquista do PSDB, que o Bolsa Família vem do Bolsa Escola, criado pelo partido.

Em São Paulo, Rodrigo Garcia tem buscado um certo descolamento de Doria. Como lidar com isso? Pode existir uma intenção dos adversários de dizer que o Rodrigo quer se descolar do João. Mas o Rodrigo estava presente no governo o tempo inteiro. Acho pouco possível desassociar. E pode ser positivo para ele mostrar os resultados do João.

Existe uma pressão para que Doria escale alguns degraus na pesquisa rapidamente, até para que a candidatura sobreviva. Como é trabalhar nesse ambiente? A pressão sobre a comunicação sempre existe. A equipe que o João já traz é muito capaz. Chego para somar num time muito bom. Comunicação tem de fato um poder, mas é limitado. A política está acima. A gente vai ter agora, nas inserções ou na chegada da propaganda eleitoral, uma oportunidade de fazer com que o João cresça. A exaustão da polarização pode ser a mola para que os candidatos da terceira via possam significar alguma esperança.

mundo

Estudante em biblioteca da Universidade Rice, no estado americano do Texas Brandon Bell - 26 abr 22/Getty Images/AFP

Banimento de livros por governos locais já atinge 26 estados dos EUA

Obras sobre gênero e racismo são alvo de políticos conservadores em ano de eleições locais

Rafael Balago

WASHINGTON "Quando eu estava crescendo, todos nas histórias eram brancos, em enredos que não faziam sentido nenhum para mim", conta a fotógrafa e escritora Susan Kuklin, 81. Ao longo da carreira, ela buscou combater a falta de diversidade produzindo livros com a história de pessoas alvo de preconceitos, como vítimas da Aids nos anos 1980, imigrantes sem documentos e jovens que tentaram o suicídio.

Em 2014, ela editou "Beyond Magenta", com perfis de adolescentes trans. Após a publicação, recebeu ao menos seis mensagens de jovens leitores contando que chegaram a pensar em se matar, mas se sentiram melhor ao descobrir que não eram os únicos a passar por aquela experiência.

O trabalho, no entanto, levou Kuklin a uma lista inesperada: a de obras mais banidas em escolas e bibliotecas nos EUA.

Estudo da Pen America, entidade de defesa da liberdade de expressão, apontou que ações para barrar livros em escolas e bibliotecas públicas foram feitas por autoridades locais em ao menos 26 dos 50 estados do país no último ano.

Entre julho de 2021 e março de 2022, foram 1.586 casos. A lista inclui casos de remoção de obras de bibliotecas e proibições de que eles sejam citados em salas de aula.

"Sempre houve esforços localizados contra um livro que um aluno tenha levado para casa e seus pais não tenham gostado. Há canais nas escolas para que os pais reclamem e a queixa seja debatida. O que vemos agora é algo diferente: um movimento amplo no qual os mesmos livros estão sendo alvo em vários estados diferentes", afirma Jonathan Friedman, diretor da Pen America e um dos autores do estudo.

"Em vários casos, as pessoas que fazem as queixas estão vendo trechos na internet e ficando revoltadas que as obras estejam nas bibliotecas das escolas, mesmo que seus filhos não tenham tido acesso a elas."

Os defensores dos vetos dizem querer poupar as crianças de conteúdos por eles considerados pornográficos ou que podem gerar divisão social, como obras que discutem o racismo, pois avaliam que elas prejudicariam o desenvolvimento. Por essa lógica, é como se, ao entrar em contato com materiais que discutam questões de gênero, estudantes fossem estimulados a se decidir por uma transição.

Um ponto que incomoda conservadores é que alguns livros sobre questões LGBTQIA+, por exemplo, são em quadrinhos, o que poderia atrair o interesse de crianças —embora as obras tragam o aviso de que são indicadas para alunos a partir do ensino médio. É o caso de "Gender-queer: A Memoir", título mais banido no país, segundo a lista da Pen America, que debate situações envolvendo sexualidade e traz desenhos não explícitos, ainda que sugestivos.

Maia Kobabe, que produziu "Genderqueer", contou em um artigo que o contato com livros foi fundamental para entender quem era. Kobabe se descobriu bissexual na adolescência e, mais tarde, entendeu ser uma pessoa não binária. "Remover ou restringir livros queer é como cortar um salva-vidas para jovens queer, que podem nem saber que termos pesquisar no Google para saber mais sobre as próprias identidades, corpos e saúde", escreveu.

O movimento de combate aos livros foi abraçado por vários políticos conservadores. Em outubro, por exemplo, o deputado republicano Matt Krause, do Texas, fez uma requisição às escolas perguntando se elas tinham alguma obra de uma lista de 850 que ele considerava capazes de "fazer os estudantes se sentirem desconfortáveis, culpados ou angustiados em razão de sua cor ou sexo".

Krause planejava disputar o cargo de procurador-geral do estado, mas acabou retirando a candidatura após a confusão gerada por sua relação de livros. Na dúvida sobre o que fazer, muitas escolas acabaram retirando de circulação as obras citadas pelo deputado.

Na mesma época, o governador Greg Abbott, também republicano, determinou uma investigação para checar se as crianças estariam tendo acesso a livros com conteúdo pornográfico. "Os pais têm o direito de proteger seus filhos do conteúdo obsceno usado nas escolas. Eles estão certos de que as escolas não devem prover material pornográfico ou obsceno aos alunos", disse o texano.

No começo de abril, autoridades da Flórida rejeitaram livros de matemática por citarem temas ligados a questões raciais. Uma das obras banidas propunha exercícios de cálculo a partir de um gráfico sobre a percepção do preconceito na sociedade.

Na última quarta-feira (29), o Legislativo do Tennessee aprovou uma lei que exige que as escolas enviem suas listas de livros para a aprovação de uma comissão estadual, que poderá ser controlada por apenas um partido.

No debate em plenário, o republicano Jerry Sexton foi questionado sobre o que pretende fazer com os títulos banidos. "Não tenho ideia, mas eu os queimaria." Depois, tentou amenizar e disse que não pretende fazer parte da comissão de seleção de livros. "Não estamos banindo livros, mas sim os tirando da biblioteca."

O presidente Joe Biden no mesmo dia fez críticas aos conservadores. "Há muitos políticos tentando ganhar pontos ao tentar banir livros, mesmo os de matemática", disse, em um evento de homenagem a professores. "Vocês imaginavam que teriam de se preocupar com livros sendo queimados porque não se encaixam na agenda política de alguém?"

Haverá eleições em 36 estados americanos em novembro, além da votação para renovar o Congresso, e o controle dos pais sobre o conteúdo escolar deverá ser um tema presente. No ano passado, o republicano Glenn Youngkin se elegeu governador da Virgínia após uma campanha em que prometia dar mais poderes aos familiares sobre a educação e impedir o acesso a livros considerados inadequados.

Por outro lado, cidades e estados sob comando democrata buscam ampliar o acesso a livros com temas como feminismo, racismo, imigração e direitos LGBT. Nas bibliotecas de Washington, por exemplo, é comum ver exposições sobre esses temas, com destaque para títulos que debatem questões como o empoderamento feminino e o combate à discriminação contra pessoas negras.

Na capital americana, "Genderqueer: A Memoir" é difícil de ser encontrado nas bibliotecas públicas por outra razão que não o banimento ou conservadorismo: há só oito exemplares disponíveis e mais de 20 pedidos de reserva.

Em resposta à onda de vetos pelo país, a rede de bibliotecas do Brooklyn, em Nova York, lançou uma campanha para que adolescentes de todo o país possam fazer carteirinhas virtuais, emprestar ebooks de seu acervo e lê-los de modo virtual. Assim, poderão escapar de vetos locais.

"Não podemos ficar parados enquanto livros rejeitados por alguns são removidos das bibliotecas para todos. Nossa campanha será um antídoto para a censura", disse Linda Johnson, presidente da rede, ao anunciar a ação.

Em meio aos embates políticos, autores se sentem frustrados. "É meio irônico para mim, porque a razão para escrever esses livros era buscar a inclusão e celebrar tudo o que temos em comum. E virou o oposto, devido a um movimento que quer manter as pessoas divididas e com raiva, de modo que alguns possam continuar no poder. É muito difícil trabalhar nessas circunstâncias", lamenta Kuklin, autora de "Beyond Magenta".

Ela, que também é fotógrafa, conta que os escritores estão debatendo como lidar com o novo cenário —em que a autocensura também já se faz presente. Ela publicou recentemente um livro sobre adolescentes imigrantes nos EUA. "Tiramos seus nomes e as fotos deles, o que, como fotógrafa, digo que foi muito difícil de fazer. Mas tínhamos de protegê-los das tensões políticas. E censuramos a nós mesmos."

> A razão para escrever esses livros era buscar a inclusão e celebrar tudo o que temos em comum. E virou o oposto, devido a um movimento que quer manter as pessoas divididas e com raiva, de modo que alguns possam continuar no poder
>
> **Susan Kuklin**
> fotógrafa e escritora

Saiba quais são os livros mais banidos e os estados com mais vetos a obras

- **'Gender Queer: A Memoir', de Maia Kobabe** vetos em 30 distritos
- **'All Boys Aren't Blue', de George Johnson** vetos em 21 distritos
- **'Lawn Boy', de Jonathan Evison** vetos em 16 distritos
- **'Out of Darkness', de Ashley Hope** vetos em 16 distritos
- **'The Bluest Eye', de Toni Morrison** vetos em 12 distritos
- **'Beyond Magenta', de Susan Kuklin** vetos em 11 distritos
- **Texas** 713 vetos em 16 distritos
- **Pensilvânia** 456 vetos em 9 distritos
- **Flórida** 204 vetos em 7 distritos
- **Oklahoma** 43 vetos em 2 distritos
- **Kansas** 30 vetos em 2 distritos
- **Indiana** 18 vetos em 3 distritos

Fonte: Pen America, com dados referentes ao período de julho de 2021 a março de 2022.

Corpos enterrados em vala comum na cidade de Motijin, próxima a Kiev Marko Djurica - 4.abr.22/Reuters

Russos encaram opção de deixar legado genocida para seus filhos

Assim como na Alemanha nazista, haverá medo e vergonha, porque aniquilação não pode ser esquecida

OPINIÃO

Jason Stanley
Professor de filosofia na Universidade Yale, é autor de "Como Funciona o Fascismo: A Política do 'Nós' e 'Eles'" (L&PM Editores)

O crime de genocídio implica uma tentativa de destruir, "integral ou parcialmente", um grupo nacional, étnico, racial ou religioso —de apagar todos os resquícios desse grupo, cultural e fisicamente. Tal objetivo é perseguido por meio de métodos que incluem assassinato em massa, estupro, sequestro e aborto involuntário ou esterilização. Ao passo que as crianças podem ser reeducadas para adotar uma identidade inteiramente nova, sua antiga cultura terá sido apagada de forma sistemática dos livros e de outras mídias, sendo a meta negar que seus ancestrais alguma vez tenham existido.

Para além da inenarrável violência física, o apagamento de identidades é profundamente trágico. Mas o fenômeno só pode ser inteiramente compreendido se olharmos para ele também pela perspectiva dos perpetradores.

O genocídio desempenhou um papel instrumental na história nacional de vários países. E às vezes é resultado de uma decisão consciente de um povo no sentido de se identificar —definir a própria essência de seu pertencimento nacional— em função da eliminação de outro.

Por definição, a retórica genocida escolhe um grupo social específico e justifica sua erradicação. O discurso cria o tipo mais extremo de grupo social ideológico antagonístico, nutrindo essa sintonia afetiva negativa de um jeito muito específico. Ao propor narrativas falsas sobre a história, define a essência do grupo-alvo como ameaça existencial. Um "grupo social ideologicamente antagonístico e genocida" é, portanto, aquele cuja identidade se baseia na ideia de que sua própria existência corre perigo em função de outro grupo.

Justificar de forma entusiasta o genocídio puro e simples é complicado, e esses conceitos altamente abstratos são centrais para entendê-lo. Mas exemplos podem dar concretude ao abstrato.

[...]

O documento define os russos como um grupo social ideologicamente antagonístico e genocida. Ser russo é estar comprometido com a aniquilação da Ucrânia

Em 3 de abril, a agência de notícias estatal russa RIA Novosti publicou um artigo intitulado "O que a Rússia deveria fazer com a Ucrânia?". O historiador Timothy Snyder habilmente descreveu o texto como "Manual russo do genocídio". Sendo ele um proeminente historiador de assassinatos em massa, a afirmação tem seu peso.

Desde o início, o presidente russo, Vladimir Putin, justificou sua guerra contra a Ucrânia como uma campanha de "desnazificação". É com detalhes perturbadores que o manual chama a atenção para essa justificativa. Depois de descrever a Ucrânia como "o inimigo da Rússia e um instrumento usado pelo Ocidente para destruir a Rússia", o documento apresenta uma elaborada argumentação a fim de sustentar essa afirmação.

"O que a Rússia deveria fazer com a Ucrânia?" oferece uma litania pseudo-histórica sobre os graves males que a Rússia teria sofrido nas mãos do Ocidente. "A Rússia fez todo o possível para poupar o Ocidente", proclama, "mas o Ocidente decidiu se vingar pela ajuda por ela fornecida de forma altruísta". Segundo essa narrativa, a Ucrânia é o instrumento principal da traição do Ocidente, e a identificação do país como uma nação independente reflete a ascendência do "ucronazismo".

Isso, nos é dito no documento, seria uma versão piorada do nazismo: "O ucronazismo representa uma ameaça muito maior ao mundo e à Rússia do que a versão hitleriana do nazismo alemão".

A identidade ucraniana é um "construto antirrusso que não tem qualquer substância civilizacional própria". Sua característica principal —a natureza essencial da nação ucraniana— é justamente seu antagonismo à Rússia. Portanto, "diferentemente, por exemplo, da Geórgia e dos países bálticos, a história provou ser impossível a Ucrânia existir como um Estado-nação, e qualquer tentativa de 'construir' tal Estado-nação naturalmente conduz ao nazismo".

Ao focar o papel histórico da Rússia diante do Ocidente, o documento oferece uma nova conceitualização da identidade russa. Em específico, define os russos como um grupo social ideologicamente antagonístico e genocida.

Ser russo é estar comprometido com a total aniquilação da Ucrânia e do povo ucraniano. A "desnazificação" é a expressão mais pura da identidade russa. De acordo com essa lógica, a identidade russa é mais bem exemplificada em atos brutais e violentos de vingança.

Como meu pai, eu amo minha pátria ancestral, a Alemanha. Amo sua filosofia, sua literatura e seu papel contemporâneo como defensora da paz no mundo. Mesmo assim, o primeiro pensamento que me ocorre ao conhecer outro alemão é que seus avós muito provavelmente teriam apoiado com entusiasmo que eu e minha família fôssemos assassinados. Meu primeiro pensamento é que a Alemanha escolheu de forma consciente se tornar um grupo social ideologicamente antagonístico e genocida, definir-se como o povo que enfim erradicaria os judeus.

Bem, não lograram êxito. Mas conseguiram assassinar oito dos meus tios-avós e tias-avós e todos os seus filhos. Mataram com gás minha bisavó em um campo de concentração e espancaram meu pai, então com apenas seis anos de idade, até transformá-lo em uma polpa sanguinolenta nas ruas de Berlim.

Sei que os alemães de hoje querem esquecer essa história —deixar o passado no passado. Os alemães preservaram a germanidade ao mesmo tempo que derrubaram valentemente o conceito de germanidade de seus avós. Mas ainda há medo e vergonha em seus olhos sempre que tentam desviar o curso da conversa do legado sombrio do país. Sempre haverá, porque o genocídio não pode ser e não será esquecido —jamais.

Eis a escolha —uma identidade ligada a um legado horripilante— que os russos de hoje estão fazendo para seus descendentes.

Tradução de Caroline Chang

Denúncias de genocídio têm de ser feitas só com evidências claras

Abordagem internacional de crimes de guerra baseada na lei e orientada por processos sempre foi fantasia

OPINIÃO

Ross Douthat
Colunista do New York Times, é autor de "To Change the Church: Pope Francis and the Future of Catholicism" e ex-editor na revista The Atlantic

Há pouco mais de uma semana, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, agiu como Joe Biden e chamou a campanha russa na Ucrânia de "genocídio" —saltando à frente dos principais aliados americanos, do Departamento de Estado e dos fatos existentes.

O comentário provocou agitação em pessoas nervosas com a escalada retórica americana e elogios de pessoas que a desejam (notadamente o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski).

Em geral, estou do lado das pessoas nervosas: em um conflito com uma potência nuclear, sempre é interessante reduzir as apostas existenciais, e acusações de genocídio devem ser feitas apenas com evidências muito claras, assim como os pedidos de mudança de regime (o bidenismo anterior de Biden, que teve que ser desmentido) deveriam ser feitos, bem... Praticamente nunca.

Diferentemente da conversa sobre mudança de regime, que o Kremlin leva a sério porque acredita que os Estados Unidos querem planejar uma "revolução colorida" em Moscou, a acusação de genocídio pode parecer aos ouvidos do presidente Vladimir Putin muito mais um floreio do que uma ameaça.

Afinal, nada na história recente sugere que o termo seja usado pelas potências ocidentais com real consistência ou certeza ou de uma forma que provoque uma resposta americana coerente.

Não é por falta de discussão e esforço. A experiência da década de 1990, quando os EUA se afastaram do massacre dos tutsis em Ruanda e, mais tarde, intervieram do ar para impedir a limpeza étnica na antiga Iugoslávia, parecia fornecer modelos de como a "pax americana" ou a "ordem internacional baseada em regras" deve funcionar.

Quando houve uma ameaça de genocídio, havia a responsabilidade de proteger a população ameaçada.

Continua na pág. A17

[...]

Se uma potência com armas nucleares cometer crimes contra a humanidade em território controlado por ela, os EUA irão à guerra para impedi-los? Pergunte aos uigures ou aos tchetchenos

Continuação da pág. A16

Quando se decidiu que o genocídio havia ocorrido, havia a responsabilidade de colocar as partes responsáveis perante um tribunal internacional.

Mas a realidade não cedeu a essa estrutura ideal. Em vez disso, temos casos, como no Iraque e na Líbia, em que ditadores foram punidos por atrocidades passadas ou ameaçadas, mas enfrentaram uma justiça dura, não em Haia, e as intervenções lideradas pelos americanos que os derrubaram foram amplamente vistas como imprudentes ou desastrosas.

Temos casos, como na região de Darfur, no Sudão, e agora com os rohingyas em Mianmar, em que o rótulo de genocídio foi afixado, mas não houve resposta militar americana. Temos um caso como a Segunda Guerra do Congo, onde assassinatos em massa e atrocidades continuaram durante anos sem uma determinação de genocídio — ou, de fato, sem que recebesse muita atenção ocidental.

E então temos o caso recente da opressão da China à sua minoria uigur, que o Departamento de Estado declarou ser um genocídio no início de 2021 —declaração que não levou exatamente a sérias consequências internacionais para o regime de Pequim.

Este último exemplo é especialmente relevante para a invasão da Ucrânia pela Rússia, no sentido de que responde a uma questão levantada pelo comentário de Biden sobre genocídio.

Se uma potência com armas nucleares cometer crimes contra a humanidade em território controlado por ela, os Estados Unidos irão à guerra para impedi-los? Pergunte aos uigures. Ou, aliás, aos tchetchenos, que certamente sofreram tanto com a crueldade russa quanto os ucranianos, sem que ninguém sugerisse que poderíamos nos arriscar a uma guerra nuclear por causa deles.

Mas essa observação fria não é um conselho de desespero. A ideia de uma abordagem internacional do genocídio ou de qualquer crime de guerra baseada na lei e orientada por processos sempre foi uma fantasia. Mas um cálculo mais realista ainda deixa espaço para se fazer o possível para que os assassinos em massa paguem um preço. Você só precisa adaptar sua abordagem e aceitar que não está estabelecendo uma regra universal.

Tanto o genocídio ruandês quanto o bósnio terminaram com os genocidas sofrendo uma derrota militar devastadora —mas nas mãos dos exércitos rebeldes ruandeses e croatas, respectivamente, não das tropas terrestres dos Estados Unidos ou da ONU. O fim das depredações do Estado Islâmico, entretanto, aconteceu com o apoio militar dos EUA, mas com o exército iraquiano como ator-chave em campo.

Isso sugere que onde há um ator militar local plausível para liderar o esforço o apoio internacional pode inclinar a balança contra os criminosos de guerra. Onde não há, às vezes podemos ter um jogo mais demorado: anos após o genocídio em Darfur, o ditador sudanês Omar al-Bashir poderá finalmente enfrentar um tribunal internacional depois de ser derrubado num golpe.

Mas, às vezes, tudo o que se pode fazer é testemunhar. Não iríamos invadir a União Soviética para vingar o Holodomor ou colocar Mao Tse-tung em julgamento pelo Grande Salto Adiante e também não devemos esperar ver Xi Jinping no banco dos réus.

A situação na Ucrânia é um caso distinto. É muito improvável que Putin caia do poder; seria insano tentarmos forçar uma mudança de regime. Ao mesmo tempo, há um exército em campo que se mostrou capaz de enfrentá-lo, com apoio internacional, mas sem intervenção direta dos EUA. E essa boa notícia, por mais provisória que seja, parece ser o que nosso presidente deveria enfatizar —a situação real, não a escalada hipotética.

Putin está cometendo genocídio? Ainda não, pessoal, e agora, com o nosso apoio, os ucranianos estão garantindo que ele não tenha essa oportunidade.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Discussões com EUA sobre armas nucleares estão 'congeladas', diz chancelaria russa

KIEV E PARIS | REUTERS E AFP O diálogo entre Moscou e Washington sobre a estabilidade estratégica no que diz respeito ao controle de armas nucleares está formalmente "congelado", informou neste sábado (30) a agência de notícias russa Tass, citando uma autoridade do Ministério das Relações Exteriores.

Vladimir Iermakov, chefe de não proliferação nuclear do Ministério das Relações Exteriores russo, afirmou que esses contatos podem ser retomados assim que Moscou concluir o que chama de "operação militar especial" na Ucrânia.

Iermakov afirmou que Moscou acredita que os EUA pretendem finalizar projetos para implantar mísseis de médio e curto alcance na Europa e na Ásia-Pacífico —ele não exibiu evidências para sustentar o que disse. "O surgimento de tais armas nessas regiões vai piorar a situação e alimentará a corrida armamentista."

A autoridade russa, por outro lado, afirmou que os riscos de uma guerra nuclear devem ser reduzidos ao mínimo. Para ele, as potências globais têm de manter a lógica estabelecida em documentos oficiais destinados a prevenir um conflito nuclear, algo que, disse Iermakov, a Rússia claramente segue.

Também neste sábado, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, disse que a suspensão das sanções impostas ao país pelo Ocidente faz parte das negociações de paz com a Ucrânia. O chanceler, em comentário à Xinhua, agência de notícias estatal da China, afirmou que delegações dos dois países seguem discutindo diariamente por videoconferência um rascunho de um possível tratado.

A declaração parece ser uma reação ao que autoridades em Kiev alertaram na sexta-feira, de que as negociações sobre o fim da invasão da Rússia, agora em seu terceiro mês, correm o risco de entrar em colapso. O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, tem insistido desde o começo da guerra que as sanções ocidentais precisam ser reforçadas e não podem fazer parte das negociações.

Lavrov disse ainda que, se EUA e outros países da Otan estiverem realmente interessados em resolver o conflito, devem parar de enviar armas para Kiev.

Em Washington, o pacote de ajuda de US$ 33 bilhões proposto pelo presidente Joe Biden para a Ucrânia, incluindo US$ 20 bilhões em armas, recebeu apoio tanto de democratas como de republicanos.

No front militar, as forças russas voltaram a atacar Kharkiv e o Donbass, no leste da Ucrânia. Em Odessa, principal porto do país, o Comando Sul das Forças Armadas ucranianas afirmou que ao menos três mísseis de cruzeiro Kalibr destruíram a pista do aeroporto da cidade.

Em telefonema a Volodimir Zelenski, o presidente da França, Emmanuel Macron, disse que intensificará o apoio militar e humanitário, e a Suécia reclamou da violação, na sexta, de seu espaço aéreo por um avião russo de reconhecimento.

O incidente ocorreu em Blekinge, no sul sueco, e foi o segundo do tipo desde o começo da Guerra da Ucrânia. O cenário se agrava porque a Suécia, assim como a Finlândia, deverá pedir para entrar na Otan nas próximas semanas.

Espaço em Havana divide artistas, entre chancela e repressão

FAC atrai público com shows e exposições, mas reflete fratura na oposição após reação do regime a protestos

Sylvia Colombo

HAVANA Noite de sexta-feira, e uma enorme fila dobra um quarteirão na capital cubana. A maioria das pessoas é jovem e chega em grupos. Aos poucos, o perfil da aglomeração muda, e frequentadores mais velhos também surgem, para em poucas horas lotar o lugar.

De quinta a domingo, essa tem sido a rotina da Fábrica de Arte Cubano, após o relaxamento das restrições para frear a Covid —que manteve as portas do local fechadas por quase dois anos.

O prédio, que abrigava uma antiga indústria de azeite, ficou abandonado por décadas, até 2014, quando se transformou em centro cultural que recebe exposições e shows de rock, pop e jazz — a entrada custa US$ 3 (73 pesos cubanos, no câmbio oficial, ou cerca de R$ 15).

A FAC, como é chamada, surgiu no governo de Raúl Castro (2008-2018), quando várias iniciativas para fomentar um incipiente mercado privado surgiram na ilha.

A ditadura passou a permitir a abertura de restaurantes, lojas, bares e casas de shows, num esquema controlado e cheio de burocracia, que buscava salvar um dos pilares da economia local, o turismo.

Num primeiro momento, esses negócios foram parar nas mãos de empresários vinculados ao regime ou simpáticos a ele —no caso da FAC, o músico Equis ("X") Alfonso.

Nem todos os empreendimentos perseveraram. Houve a pandemia, mas também a expectativa de poder contar com a iminente, e depois frustrada, aproximação com os EUA, então sob Barack Obama. A retomada das relações, sob essa visão, traria mais turistas e significaria, no futuro, o fim do embargo econômico imposto nos anos 1960.

Na prática, restaurantes e bares para estrangeiros passaram a ter o menu marcado com avisos de "isso não temos". O motivo pode ir além da falta de fornecimento de ingredientes provocada por restrições comerciais —em algumas vezes, o contrabando simplesmente não chegou. Lojas enfrentam desafio semelhante, e o desabastecimento em toda a ilha foi uma das razões das manifestações de 11 de julho de 2021.

A FAC, no entanto, busca driblar o embargo com bom humor e produtos locais. As bebidas que abundam são o rum cubano e refrigerantes nacionais que imitam a Coca-Cola e a Fanta Laranja.

O centro cultural está localizado no Vedado, bairro de classe média, condição financeira da maior parte do público. Em 2019, a FAC foi escolhida como um dos cem melhores destinos do mundo pela revista americana Time e chegou a receber a visita de personalidades, como a ex-primeira-dama dos EUA Michelle Obama e a cantora Madonna. Como em muitos outros lugares, a pandemia foi uma ducha de água fria, fechando o local no ano seguinte em meio às restrições impostas contra a Covid.

Nesta fase da reabertura, não são exigidos comprovantes de vacinação para entrar na FAC. Dados do regime indicam que mais de 94% da população tomou a primeira dose da vacina contra a Covid, 87% completaram o primeiro ciclo de imunização e 57,7% receberam o reforço — os fármacos aplicados em Cuba foram, essencialmente, os nacionais Abdala e Soberana, além de uma quantidade menor da chinesa Sinopharm.

Quando a **Folha** visitou a FAC, em uma sexta-feira em meados de abril, havia quatro shows ao mesmo tempo, em diferentes salas. Um deles era do Interactivo, conjunto de mais de 30 músicos liderados pelo pianista Roberto Carcassés e que vem causando furor na ilha com jazz e gêneros caribenhos. No meio do espaço, um pátio serve de ponto de encontro, e há um restaurante e um lounge.

A despeito das filas de dobrar o quarteirão e das pistas lotadas, o lugar não é unanimidade, já que representa uma contradição, na visão de diversos ativistas da ilha.

"Não deveria existir espaço de arte para alguns, concedido a amigos do regime, como é o caso de X Alfonso", diz a artista plástica Sandra Ceballos. A declaração ajuda a entender a fratura que cinde a oposição cubana após a repressão aos protestos do 11J.

Dissidentes se dividem na hora de escolher o caminho para lutar contra o regime em meio a julgamentos a conta-gotas (de 1.395 detidos, 728 continuam presos e 128 foram condenados) e denúncias de violação de direitos humanos.

Como resume Abraham Jimenez Enoa, jornalista do Washington Post obrigado a deixar Havana, à **Folha**: "É paradoxal. Você tem artistas e jornalistas presos, exilados, fazendo greve de fome. Outros vão à FAC e podem dançar e exibir sua arte às pessoas e nas redes sociais —desde que não critiquem o regime".

Movimento na porta do centro cultural em Havana @fabricadeartecubano no Instagram

Amarildo

Eduardo Guardia

Economista transpirava gentileza, confiança, respeito, empatia e competência

Ana Paula Vescovi

Economista-chefe do Santander Brasil

Essa é uma história repleta de admiração, respeito, amizade.

Conheci o Eduardo no fim dos anos 1990, em Brasília, recém-chegada ao serviço público federal. Éramos jovens e tivemos o privilégio de aprender a fazer política pública e a tomar decisões que afetam a vida de milhões de pessoas com profissionais do calibre do Amaury Bier, José Roberto Mendonça de Barros, Pedro Parente, Murilo Portugal.

Um time que tinha à frente Pedro Malan na Fazenda, Martus Tavares no Planejamento, além de Gustavo Franco e depois Arminio Fraga no Banco Central. Foi esse time que ajudou a colocar o Plano Real de pé e a criar as regras fiscais que ainda servem de rumo para a nossa economia. Foi esse o time que fez a renegociação das dívidas subnacionais e trabalhou pela aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, o que levou o Brasil ao superávit primário necessário para equilibrar a dívida pública e a crescer de modo sustentado no início dos anos 2000.

Eduardo era o técnico que havia estudado a fundo o tema fiscal e orçamentário e, no governo, fora uma voz importantíssima nas discussões que ajudaram o país a enfrentar a combinação de endividamento explosivo e contas públicas em descontrole.

Em 2002, Eduardo se tornou o mais jovem titular do Tesouro Nacional e foi quem gerenciou a crise econômica na transição eleitoral, com forte depreciação cambial diante da perspectiva de mudança de governo. Eram muitas as incertezas sobre a futura condução da política econômica. Naquele momento, com dívida muito curta e atrelada ao dólar, entre outros fatores, o Tesouro ficara com sérias dificuldades de se financiar. Foi a reputação do time que conseguiu construir uma passagem segura para o próximo governo, com foco na transição de altíssimo nível. E, assim, Eduardo pôde passar um Tesouro solvente para o seu sucessor.

Anos se passaram, e eu, por vezes, tinha notícias do Edu, como os amigos o chamavam. Foi secretário de Fazenda em São Paulo e, no setor privado, consolidou também sua posição como um profissional respeitado e disputado. Trabalhou por anos na BM&F e ajudou a formar a B3 que conhecemos hoje. Foi um período em que tivemos poucas oportunidades de nos encontrar.

Em 2016, a história nos uniu novamente. Convidada por Henrique Meirelles, que acabara de ser empossado ministro da Fazenda, assumi a chefia do Tesouro Nacional, numa outra crise fiscal aguda ou até mais aguda que as anteriores. Menos de um mês depois, soube que Eduardo seria meu chefe imediato, o segundo na hierarquia da economia do país. Veio para comandar um time de secretários que, muito mais que amigos, eram economistas com valores e pensamento muito alinhados e forte compromisso público.

Para mim, foram marcantes suas primeiras palavras de apoio: "Ana, trabalhar pelo Tesouro é um privilégio, pois os desafios imensos são superados pela possibilidade de mudar o Brasil".

Assim, enfrentamos o dia a dia da execução orçamentária durante a crise que extirpou 7% da renda dos brasileiros. Eduardo fazia uma ponte técnica com o Banco Central de Ilan Goldfajn e coordenava a construção de soluções com os times: teto de gastos; Regime de Recuperação Fiscal para os governos estaduais; nova Taxa de Longo Prazo para os financiamentos do BNDES; mudanças no Fies para tornar sustentável o financiamento estudantil; implementação da nova Lei das Estatais; transparência dos números dos subsídios creditícios e tributários; formulação da reforma da Previdência; negociação da cessão onerosa e o ajuste de capital e de governança na Caixa.

Quando em 2018 se tornou ministro, convidou-me a substituí-lo na Secretaria-Executiva.

Enfrentamos a greve dos caminhoneiros —segundo ele, o momento mais crítico da sua carreira— com um subsídio transparente ao diesel, cumprindo metas e regras fiscais. Graças à sua persistência e percepção de oportunidade política, conseguimos concluir a privatização das distribuidoras de energia da Eletrobras.

Liderou uma transição impecável no Ministério da Fazenda, processo iniciado ainda nas eleições, quando recebemos todos os economistas designados pelos candidatos à Presidência. Definida a eleição, costurou pessoalmente reuniões para apresentar e abrir o diálogo do seu sucessor com os presidentes das Casas no Congresso.

Como descreveu a jornalista Miriam Leitão, Eduardo tinha a capacidade de dialogar, aceitar diferenças, mostrar seu ponto de vista e conseguir fazer dos números algo mais gentil do que árido. Transpirava gentileza, confiança, respeito, empatia e competência diante dos mais difíceis interlocutores.

Fez muito pelo Brasil com a tranquilidade de quem decidiu servir o país em diferentes momentos da sua carreira. Hoje, olhando com orgulho todas as homenagens que recebeu, vejo o quanto todas fazem jus à pessoa que ele sempre foi.

Os momentos duros que dividimos no governo nos fizeram grandes amigos. Continuará para sempre a ser uma das pessoas que mais me influenciaram e mudou a direção da minha carreira ao incentivar que eu tivesse uma experiência no setor privado. Eduardo habita não apenas a minha memória mas um lugar especial na minha história e na história do meu país.

Placa de fábrica da Ford em Camaçari (BA); unidade foi fechada Rafael Martins - 7.jan.22/Folhapress

Indústria defende recuperação sem intervencionismo

Setor vê oportunidade para nova estratégia diante da transição verde e digital, além da guerra e da pandemia

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Setor que mais perdeu participação na economia nas últimas décadas, a indústria brasileira tem ficado para trás também em relação aos seus pares internacionais.

De acordo com entidades do setor, a reversão desse cenário passa por um novo tipo de estratégia: uma política industrial sem intervencionismo estatal e a solução de questões que também beneficiam os demais setores, como investimentos em digitalização da economia e sustentabilidade do processo produtivo.

As transições para uma economia verde e digitalizada, além da necessidade de rever as cadeias produtivas diante de eventos inesperados como guerras e pandemias, tornam o momento propício para que o país volte a elaborar uma estratégia para o setor. O processo eleitoral de 2022 também é visto como oportunidade para discussão do tema.

O peso da indústria de transformação na economia brasileira está hoje em 11%, menor patamar desde 1947. Sua participação no emprego formal e nas exportações também caiu.

Na comparação internacional, o país responde por uma parcela na produção mundial que é praticamente a metade da verificada há 30 anos. A fatia nas exportações globais também está no menor patamar da série elaborada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria).

Algumas faces desse processo são a saída de multinacionais do país e o fechamento de companhias brasileiras tradicionais.

A mais recente Pesquisa Anual Industrial do IBGE, divulgada em 2021 com dados para 2019, destaca a indústria automotiva como a que mais encolheu entre 2010 e o último ano antes da pandemia, caindo da 3ª para a 6ª posição no ranking. Na outra ponta, destaca-se o desempenho positivo na fabricação de produtos alimentícios, que se manteve como o principal segmento em termos de geração de valor.

Os três estados mais afetados pela desindustrialização no período foram Amazonas, onde está a Zona Franca de Manaus, Bahia e São Paulo —os dois últimos perderam posteriormente unidades da Ford. Outro exemplo é o setor de couro e calçados, no qual o total de empresas no país caiu de 12,3 mil para 8.000 na última década.

Países desenvolvidos e grandes economias emergentes têm adotado uma série de estratégias para a indústria que ganharam força a partir da saída da crise financeira de 2008. Em geral, focadas na digitalização dos processos produtivos.

Outro pilar de destaque é a adoção de processos produtivos mais sustentáveis. Por fim, a pandemia e a guerra na Ucrânia mostraram a necessidade de diversificar fornecedores e fortalecer indústrias estratégicas.

"As políticas industriais anteriores estavam baseadas no protecionismo, na reserva de mercado para indústrias nascentes. Hoje os 'drivers' são essas duas tendências: a digitalização e a necessidade de mudar o processo produtivo para que ele seja mais sustentável", afirma Samantha Cunha, gerente de Política Industrial da CNI.

"Isso significa ser mais integrado do lado das exportações e das importações. Significa ampliar mercados, acessar tecnologia de ponta e insumos de melhor qualidade, ter maior concorrência que estimule a inovação."

Para isso, afirma ser necessário um Estado mais indutor do que intervencionista e que seja capaz de resolver questões relacionadas ao Custo Brasil. "Nem demais, nem a ausência [do Estado]."

Rafael Cagnin, economista do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), cita um trabalho da Unctad, órgão da ONU, que lista mais de 115 experiências de grandes estratégias de desenvolvimento.

Um quarto delas está voltado à indústria 4.0. Metade enfatiza a sustentabilidade ambiental. Quase todas contam com investimento público em infraestrutura física e digital, e em pesquisa e tecnologia.

Também buscam uma indústria integrada ao mundo, com atração de investimento externo e privado e algum tipo de cooperação internacional. Por fim, ele destaca a necessidade de reciclagem e qualificação de mão de obra.

"Existe o vício de achar que política industrial é sinônimo de substituição de importação e protecionismo. É uma estratégia datada e já superada", afirma Cagnin.

Ele afirma que o processo de redução da participação da indústria na economia é natural, assim como foi a redução da agropecuária anteriormente. Mas isso se deu em economias avançadas quando esses países já haviam se tornado ricos em termos de renda per capita —o que não é o caso do Brasil.

Cagnin cita ainda o exemplo dos EUA, que estão reconstituindo competências industriais, mas com foco em alta tecnologia, como na produção de semicondutores, e da Europa, que busca recuperar a segurança energética em bases mais limpas, via cadeia do hidrogênio.

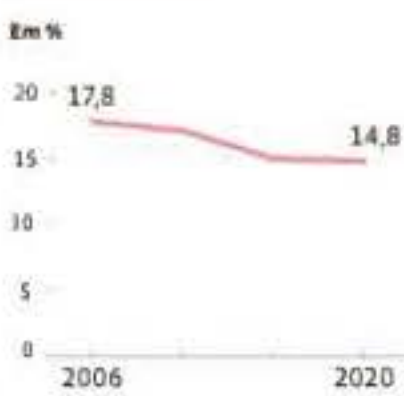
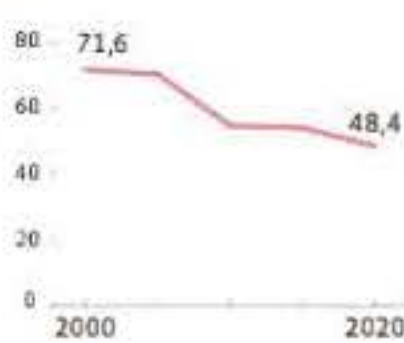
"A gente precisa criar condições para que esses exemplos de empresas na fronteira tecnológica se multipliquem e que isso se transfira para o tecido industrial como um todo", afirma Cagnin.

Samuel Pessôa, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da FGV e colunista da **Folha**, afirma que o Brasil possui experiências positivas de incentivos a setores, como a criação da Embraer, posteriormente privatizada, e a atuação da Embrapa na modernização da agropecuária.

E também políticas frustradas, como os estímulos à indústria naval e outros programas muito dependentes de recursos públicos criados nas gestões Lula e Dilma.

"A gente passou um período em que as políticas eram muito caras e não eram bem desenhadas. Precisamos olhar o que deu e o que não deu certo, extrair lições de forma que possamos orientar a política pública e minimizar o tempo perdido."

Peso da indústria de transformação brasileira

Participação no emprego formal
Em %

Participação nas exportações
Em %

Investimento em P&D
Em R$ bilhões

Participação na produção mundial
Em %

Participação na produção mundial
Em %

Fonte: CNI (Confederação Nacional da Indústria)

Reindustrialização é vista como necessária por pré-candidatos

As discussões sobre fortalecer a indústria brasileira, em linha com o que diversos países desenvolvidos e emergentes têm feito, também entraram na pauta dos pré-candidatos à Presidência.

Procuradas, as campanhas de Ciro Gomes (PDT), João Doria (PSDB) e Simone Tebet (MDB) se manifestaram. As de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) não responderam.

Veja as respostas dos candidatos e, no caso de Lula e Bolsonaro, o que eles e seus representantes já falaram sobre o assunto.

*

Ciro Gomes (PDT)

Representante do pré-candidato Ciro Gomes (PDT), o economista Nelson Marconi afirma que a política de desenvolvimento e recuperação do emprego em economias desenvolvidas conta com uma estratégia para recuperação do setor industrial.

O Projeto Nacional de Desenvolvimento do pré-candidato prevê a criação de cinco novos complexos industriais como parte da revitalização do setor, em áreas como refino de petróleo, saúde, defesa e agronegócio (processamento de cereais e frutas e defensivos, fertilizantes e implementos agrícolas).

Marconi defende o uso de diversos instrumentos, como parcerias público-privadas, investimento estatal em infraestrutura, linhas de crédito específicas para setores estratégicos e políticas de compras públicas e conteúdo local.

Ele afirma que não vê espaço para políticas tarifárias de proteção a determinados setores, até em razão das restrições impostas pela Organização Mundial do Comércio.

"Se você fizer um conjunto de ações para estimular o setor produtivo local, o uso de tarifas vai ser muito menos importante. O que a gente quer não é fechar a economia. É abrir mais, mas pensando na exportação."

Para ele, qualquer política deve ser precedida por uma estabilização macroeconômica. "Uma coisa é essencial. Ter uma situação macroeconômica estável, com taxa de juros baixa, condições de financiamento e a taxa de câmbio em um patamar que possibilite exportar."

João Doria (PSDB)

A economista Ana Carla Abrão, que faz parte da assessoria econômica do ex-governador João Doria (PSDB), afirma que uma reforma tributária ampla, por meio da aprovação da proposta que unifica tributos sobre o consumo, é a principal ação a ser tomada na busca de ganhos de eficiência para a economia brasileira em geral e, em particular, para a indústria.

Também diz que uma política de abertura comercial que barateie a importação de tecnologia, cuja carga tributária representa cerca de 50% dos custos da indústria, deve ser priorizada. "São as reformas estruturais, que gerem competitividade aos produtos nacionais e reduzam seus custos de produção e de distribuição, os caminhos que irão garantir que a indústria brasileira esteja cada vez mais inserida nas cadeias locais e globais de consumo", afirma.

"Política industrial eficaz e sustentável se baseia em eficiência e estabilidade econômicas, segurança jurídica e crescimento."

Simone Tebet (MDB)

Assessora da senadora Simone Tebet (MDB), a economista Elena Landau afirma que a indústria brasileira acabou sofrendo pelo próprio excesso de proteção e falta de inserção internacional.

Ela afirma que o setor está mudando, porque percebeu que não pode oferecer produtos de qualidade e tecnologia avançada sem acesso a insumos por conta de barreiras à importação de componentes.

"A gente quer uma indústria na era da digitalização e muito comprometida com a economia de baixo carbono. Para fazer isso, a gente precisa que tenha integração internacional", afirma.

Landau diz que o objetivo principal da candidatura é a empregabilidade e vê o Brasil em uma posição privilegiada na área de meio ambiente —ressalvando que é necessário esquecer o que o governo atual fez—, uma vantagem competitiva por causa da matriz energética limpa e a capacidade para entrar no mercado de carbono.

Ela afirma que subsídios orçamentários e o uso do BNDES podem ser necessários, mas que é necessário fazer avaliação do impacto dessas políticas. "Não estou dizendo que não tem papel do Estado. Tem papel do Estado, mas em parceria. E o Estado tem muito o que fazer: reforma tributária, dar segurança jurídica, simplificar a vida do empreendedor."

Lula (PT)

Luiz Inácio Lula da Silva tem falado numa nova política industrial e sugeriu recentemente que aguarda a conclusão de estudos da Fundação Perseu Abramo para definir um plano. O objetivo, segundo ele, é identificar setores em que empresas brasileiras possam se tornar competitivas se receberem apoio oficial.

Em artigo para a **Folha** escrito em janeiro, o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, que participou dos governos Lula e Dilma Rousseff, disse que um novo mandato petista deve retomar as políticas industriais e as de investimento tecnológico que devolvam a competitividade, sem esquecer as questões climáticas e ambientais.

Em sua coluna na **Folha** da sexta-feira (29), o também ex-ministro da Fazenda Nelson Barbosa (2016) afirmou que a ideia de que o governo tem um papel importante na coordenação e incentivo à transformação produtiva em economias de mercado voltou à moda.

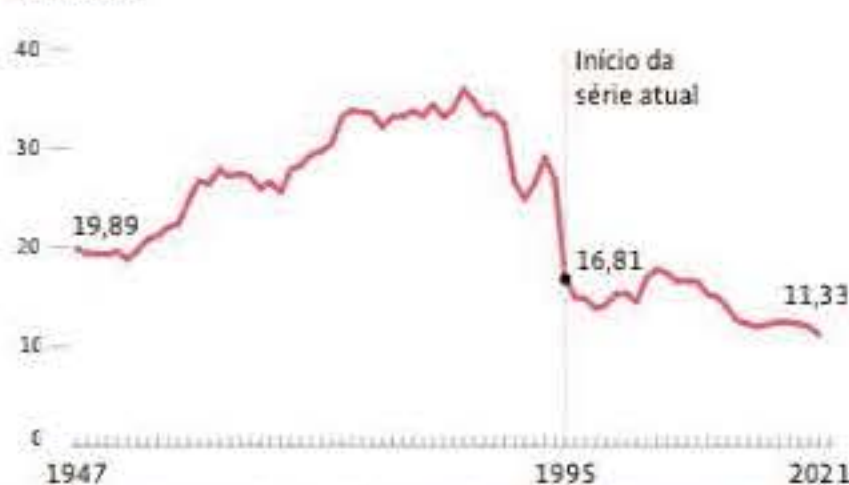
Jair Bolsonaro (PL)

Atualmente, o governo discute medidas para estimular a produção de semicondutores, componentes que passam por um problema global de fornecimento desde a pandemia e que são cruciais para o funcionamento de produtos como brinquedos, celulares, aviões e sistemas de defesa.

Ainda não há uma decisão definitiva sobre que medidas serão adotadas, mas o ministro Paulo Guedes (Economia) sinalizou a possibilidade de cortar impostos. O país tem hoje a estatal Ceitec (Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada) voltada aos semicondutores, mas a empresa está em processo de liquidação.

O governo também cortou recentemente as alíquotas do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) para diversos produtos, com objetivo de "estimular consumo e competitividade da indústria e baratear as mercadorias para a população".

Indústria brasileira encolhe

Participação da indústria de transformação no PIB
Em % do PIB

Fonte: Elaboração do Ipeadata com base em dados do IBGE. Questões metodológicas podem causar distorções na comparação com o período anterior a 1995

PAINEL S.A. | **Joana Cunha**
painelsa@grupofolha.com.br

João Carlos Gonçalves

Achar que Lula vai revogar reforma trabalhista na canetada é ilusão

SÃO PAULO Mesmo com os planos dos bolsonaristas de fazer manifestação na avenida Paulista no 1º de Maio, o secretário-geral da Força Sindical, João Carlos Gonçalves, o Juruna, afirma que não espera confronto com os participantes do ato das centrais, que terá a presença de Lula na praça Charles Miller. Para Juruna, o caráter histórico do evento afasta o receio de confusão neste domingo.

Ele também vê o ambiente pacificado no recente desentendimento das centrais por causa do documento conjunto com as propostas dos trabalhadores aos presidenciáveis, que teve uma versão individual da CUT. "Já se superou. O Lula já veio. Puxou a orelha deles, pediu documento unitário. Estamos trabalhando para que a campanha vá bem", diz.

Na avaliação do sindicalista, a polêmica em torno da proposta de revogar ou revisar a reforma trabalhista é uma discussão ilusória. "Não acredito que o Lula vá revogar em uma canetada. Isso, para mim, é vender ilusão. Tudo o que for feito para mudar legislação trabalhista vai ter de ser novamente negociado com empresários, trabalhadores e Parlamento."

*

Como está a preparação para o ato do 1º de Maio? Há receio de confronto com bolsonaristas neste ano? Não. O evento não é de enfrentamento. É mais um ato histórico, e as nossas reivindicações vão ser colocadas pelas lideranças que vão falar. Estamos convidando representações institucionais, político-partidárias, de diversos matizes. O convite foi amplo. Uns confirmaram, outros não, mas buscamos fazer o mais amplo.

Como a ausência de Alckmin foi recebida por vocês? Ninguém confirmou que ele ia nem que não ia. Seria interessante ele estar, mas ele não confirmou. Nós, da secretaria-geral da Força, fizemos a relação de todos os convidados e os contatos estão sendo feitos.

E a decisão da CSB (Central dos Sindicatos Brasileiros), que resolveu não participar do ato unificado com as outras centrais no 1º de Maio? Eles disseram que há uma busca por protagonismo entre as centrais, que está faltando solidariedade. O que significa isso? Somos dez centrais. Quando se organiza algo assim, há milhares de dirigentes sindicais que querem falar. Tem, às vezes, uma cotovelada aqui e acolá, mas nada que possa prejudicar o 1º de Maio. Eu tenho a opinião de que o fato de fazerem separado não prejudica.

O evento deles, com certeza, vai tocar em bandeiras que eles ajudaram a construir e que foi a pauta do Conclat [Conferência Nacional da Classe Trabalhadora]. Não vejo antagonismo no fato de ele fazer em Itatiba. Talvez, pela candidatura do PDT, ele achou melhor fazer separado.

E o mal-estar da CUT com as outras centrais sobre a pauta conjunta de reivindicações? Isso já se superou. O Lula já veio ao evento. Puxou a orelha deles no dia, pediu um documento unitário. Estamos trabalhando para que a campanha vá bem.

Como avalia os movimentos recentes do deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade-SP), que foi vaiado em evento com Lula e se reuniu com Aécio Neves (PSDB-MG)? Acho importantíssimo que o Paulinho esteja na campanha [de Lula]. No dia 3, o Solidariedade vai se manifestar a favor dessa coligação.

São detalhes [o episódio das vaias]. O Paulinho fez do limão uma limonada. Demonstrou que quer apoiar o Lula e, mais do que isso, quer ampliar o leque de alianças com o Lula. Por isso, no dia 3, ele convidou várias personalidades do MDB, de partidos de centro, que seria interessante estarem junto com o Lula.

Recentemente, as centrais foram recebidas na Fiesp pela nova gestão de Josué Gomes da Silva. O diálogo está melhor do que na era Paulo Skaf? Parece que ficou melhor com o Josué. Primeiro, porque ele sempre foi um bom interlocutor. Segundo, as centrais sindicais entendem que fortalecer as negociações coletivas é fundamental para as relações entre capital e trabalho.

Essa aproximação que nós fazemos com a Fiesp é no sentido de valorizar as negociações coletivas, os acordos coletivos por empresa. E, para isso, precisa ter sindicato forte.

Do nosso lado, financeiramente, é importante que tenha um respaldo dos trabalhadores para que as negociações sejam fortes, com financiamento. E também do lado do empresariado, que foi também prejudicado com a mudança da lei. Não queremos que o Estado decida por nós. Queremos fortalecer a negociação coletiva. Para isso, precisa ter sindicato forte, com financiamento dos trabalhadores.

E qual é a sua opinião sobre as sinalizações do PT em relação a reforma trabalhista? O pessoal fica falando em revisar ou revogar. Desde que começou esse debate, começou com a expressão do acordo espanhol, que não foi revogar. Foi uma negociação no Parlamento da qual participaram empresários e representantes dos trabalhadores. Aqui vai ser a mesma coisa.

Não acredito que o Lula vá revogar em uma canetada. Isso, para mim, é vender ilusão. Tudo o que for feito para mudar legislação trabalhista vai ter de ser novamente negociado com empresários, trabalhadores e o parlamento.

Não existe isso de prometer que vai, em uma canetada, revogar. Isso é enganação. Acredito que vá haver, sim, negociação entre as partes: trabalhadores, empresários, Estado e Parlamento, que vai votar a proposta que por acaso se chegue em um acordo.

Raio-X
Secretário-geral da Força Sindical e 2º vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi das Cruzes, trabalhou como petroleiro nos anos 1970 e foi eleito para Cipas nos anos seguintes. Entre outras posições, foi presidente do Dieese e cursou sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Vanderlei Pereira da Silva, 35, teme perder a casa após ter parado de pagar financiamento Gabriela Biló/Folhapress

BB faz leilões de casas ocupadas por famílias pobres e muda bairro inteiro

Lei obriga venda, diz banco, que já realizou 105 certames desde 2019; famílias vivem incerteza e não têm condições de arrematar o próprio imóvel

Vinicius Sassine

BRASÍLIA Nas ruas de terra batida do Girassol, residencial erguido por famílias pobres à beira da rodovia que leva a Brasília, a tensão de uma parcela expressiva dos moradores é quase palpável. Alguns imóveis traduzem esse sentimento: foram abandonados e depenados, com caixas-d'água, fiações e portões arrancados.

Outras casas do Girassol, que fica na periferia de Cocalzinho de Goiás, uma pequena cidade no entorno do Distrito Federal, são ocupadas por famílias que chegaram no rastro do abandono dos primeiros moradores. Estão ali como único meio de moradia, sem pagar aluguel, e também para evitar a depredação das casas a qualquer sinal de abandono.

A incerteza incorporada à rotina no Girassol se deve à decisão do Banco do Brasil de leiloar imóveis de famílias pobres que deixaram de pagar os financiamentos imobiliários.

O BB afirmou que os leilões foram "obrigatórios, em cumprimento à lei 9.514/97 (alienação fiduciária)".

Os leilões se intensificaram nos anos de pandemia, quando trabalhadores das periferias das cidades brasileiras se viram sem renda diante da crise econômica e das restrições de circulação impostas pelo combate ao vírus, que afetaram sobretudo os informais.

A inadimplência dos financiamentos passou a ser uma constante no Girassol, onde vivem faxineiras, marceneiros, pedreiros, carregadores de areia e outros autônomos que costumam buscar trabalho em Brasília, cujo centro está a 70 quilômetros dali.

Vanderlei Pereira da Silva, 35, mora com o filho Gael, de 1 ano, numa casa simples no Girassol. Ele faz carregamento de caminhão de areia. Há três semanas, não encontra trabalho. Nos piores momentos da pandemia, os períodos sem nenhum tipo de ocupação foram ainda mais longos.

Há anos ele deixou de pagar o financiamento imobiliário, cuja parcela é de R$ 518. "Eu me endividei, cuido sozinho do meu filho e pago R$ 400 só para a mulher que cuida do bebê quando tenho trabalho."

Ele teme que a casa vá a leilão —caso já não tenha ido, o que Silva diz não saber por não ter recebido uma carta ou telefonema do banco.

No lote ao lado, a casa onde mora a família do sobrinho de Silva foi colocada a leilão na segunda-feira (25). O lance mínimo foi de R$ 15.493.

Vivem no imóvel o pintor Walliff de Oliveira, 28, a mulher, Fabiana das Dores, 26, e a filha de 10 anos do casal. Eles disseram ter comprado um ágio de quem fez o financiamento no Banco do Brasil. Pagaram nove prestações e ficaram inadimplentes.

"A gente descobriu o leilão na internet. Não chega carta, não ligam, nada", afirmou Fabiana. "Se forem tomar a casa, vão tomar de todo o mundo. Do asfalto para cá, ninguém paga."

> **Se forem tomar a casa, vão tomar de todo mundo. Do asfalto para cá, ninguém paga**
>
> **Fabiana das Dores**
> moradora de Cocalzinho de Goiás, no entorno do DF

Os imóveis colocados à venda são simples. Alguns contam com dois quartos, uma cozinha, uma sala e um banheiro. Não há água encanada para todos, a internet é instável, a maior parte das ruas não tem asfalto e a energia não chega regularmente a todas as casas.

Gustavo da Silva Mariano, 21, cuida de uma fazenda perto de onde mora, no Girassol. O imóvel foi um dos ofertados no leilão de segunda. Mariano ocupa a casa com a mulher e dois filhos, de 2 e 5 anos.

"Quem fez o financiamento deixou de pagar as prestações com o tempo. E aí ele me ofereceu morar aqui, senão arrancam tudo. Se eu sair hoje, arrancam a fiação, pia, tudo."

O jovem disse que a situação piorou na pandemia, com mais casas sendo colocadas em leilão. "Nem fico sabendo. Estou aqui há um ano. Se a casa for leiloada, eu saio."

Nenhuma família afirmou ter condições de arrematar o próprio imóvel no leilão.

As casas estão sendo colocadas à venda em leilões pelo Banco do Brasil, com lances mínimos de R$ 15 mil a R$ 60 mil. Ao todo, 101 imóveis —todos eles descritos como ocupados— foram ofertados no leilão de segunda-feira (25).

As casas oferecidas ficam no Girassol e em residenciais com o mesmo nível de precariedade urbana em Cocalzinho e em Águas Lindas de Goiás, também no entorno do DF.

O leilão foi feito sem um comunicado por carta ou telefone aos ocupantes, conforme o relato dos moradores à **Folha**.

A informação sobre os leilões se espalha pelo bairro, e passaram a ser comuns o abandono de imóveis, a retirada de objetos de valor, a ocupação por outras famílias ou a permanência nos imóveis sem clareza sobre o destino.

A **Folha** questionou o Banco do Brasil sobre a quantidade de leilões feitos de 2018 a 2022, com imóveis com valores de oferta de até R$ 50 mil.

Segundo o banco, nenhum leilão foi feito em 2018. Em 2019, primeiro do governo Jair Bolsonaro (PL), foram 25. Em 2020, quando começaram os efeitos da pandemia, foram 35. Em 2021, o número subiu para 41. Em 2022, já foram 4 leilões, somando 105 no total.

Os leilões comerciais também aumentaram exponencialmente na pandemia, conforme dados do Banco do Brasil: nenhum em 2018 e 2019; 68 em 2020; e 166 em 2021.

Apesar do aumento, os leilões vêm tendo baixa procura. Num certame com oferta de 149 imóveis, houve 4 vendas, com valor médio de negociação de R$ 33,7 mil, segundo o banco.

Em outro, com 119 casas, não houve compradores. Segundo as famílias, os mesmos imóveis são oferecidos em diversos leilões, repetidamente.

"O Banco do Brasil possui diversas opções para evitar a inadimplência de operações de financiamento imobiliário", disse a instituição, em nota.

"Após constatação da inadimplência do crédito, o BB continua disponibilizando alternativas para a regularização das parcelas de forma simplificada com alongamento do prazo e diluição do saldo em atraso, dentro das boas práticas bancárias."

Em 2021, afirma, houve renegociação e regularização de mais de 35 mil operações do tipo. A venda direta ou o leilão ocorrem "após esgotadas todas as tentativas para a regularização", diz o banco.

"Os imóveis são ofertados como se encontram, com descontos significativos e condições diferenciadas, dando a oportunidade de aquisição, inclusive, pelos atuais ocupantes, se houver. Os adquirentes dos imóveis dão destinação aos mesmos, no exercício de seu direito de propriedade."

Se houver resistência em sair por parte de quem ocupa o imóvel, a questão deve ser resolvida na Justiça, por iniciativa de quem arrematou o bem.

1

87% dos paulistanos defendem regular apps, indica levantamento

Serviços de entrega e carros são usados por 46% dos moradores de SP; 93% querem melhores condições para os trabalhadores de aplicativos

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Quase nove em dez moradores da cidade de São Paulo são favoráveis a regular aplicativos de transporte e entrega para dar proteção aos entregadores e motoristas, aponta levantamento do Instituto Locomotiva para o projeto Fairwork, da Universidade Oxford, divulgado neste domingo (1º).

Empresas como Uber, iFood, Rappi e 99 não remuneram esses trabalhadores de maneira justa, na avaliação de 64% dos paulistanos ouvidos pelo instituto.

Segundo Mark Graham, professor do Oxford Internet Institute e diretor do projeto Fairwork, se as empresas ignorarem que os consumidores se sentem afetados pelas condições de trabalho dos entregadores, sua estratégia comercial ficará em risco.

Na pesquisa do Locomotiva, 70% disseram que deixariam de usar aplicativos de entrega e transporte que não garantam bons salários e condições de trabalho aos colaboradores.

A regulação das atividades de entregadores e motoristas está na pauta do debate eleitoral deste ano, nos planos do governo federal e até entre as metas dos próprios aplicativos.

Esse trabalho intermediado por plataformas ganhou visibilidade a partir de março de 2020, quando vários países decretaram confinamentos para combater o contágio pelo coronavírus.

Com o comércio e as empresas fechadas, as entregas foram, de um lado, uma saída para quem perdeu emprego e renda e, por outro, a solução para os que puderam cumprir em casa as ordens de distanciamento social.

A aproximação dos usuários com os trabalhadores apareceu durante o movimento Breque dos Apps, paralisação nacional que reuniu principalmente entregadores e pediu apoio na pandemia e melhores condições de trabalho.

O assunto ficou entre os mais comentados na rede social Twitter na época; no começo deste mês, 82% dos paulistanos consideraram justas as paralisações no levantamento feito para a Fairwork —um projeto global de pesquisa coordenado por Universidade Oxford, Oxford Internet Institute e WZB Berlin Social Science Center.

> **Você trabalha o dia inteiro carregando comida nas costas com fome. Já vi moleques que param, pegam a marmita, sentam na calçada e comem a comida fria**
>
> **Juliana dos Santos, 34**
> contabilista e entregadora de aplicativos

Sob pressão da opinião pública, as principais plataformas se viram levadas a procurar soluções. Do protesto de 2020 até este 1º de Maio, seguros contra acidentes, ajustes em valores mínimos por corrida e promessas de mais transparência foram algumas das medidas adotadas.

Das maiores, pelos menos três —99, iFood e Uber— encabeçam articulações por uma legislação que inclua os profissionais no INSS, mas fora da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

A formalização tradicional, com carteira assinada, não é um consenso entre os entregadores. A Amabr (Associação dos Motofretistas de Aplicativos e Autônomos do Brasil), por exemplo, defende um novo modelo de proteção por meio do qual os entregadores consigam manter a autonomia para escolher cargas horárias e dias de trabalho.

A entidade cobra regras claras para os operadores logísticos (OLs), empresas que fornecem entregadores para as plataformas.

Independentemente do sistema de trabalho, na rua falta lugar para comer, esquentar uma refeição, descansar e até mesmo para carregar o telefone celular —o instrumento de trabalho mais importante depois da moto.

Em São Paulo, embora mais da metade (54%) dos ouvidos para a Fairwork responda que as empresas tratam entregadores e motoristas de forma justa, 93% afirmam que as condições deveriam melhorar.

Para o coordenador do Fairwork Brasil, Rafael Grohmann, a percepção dos paulistanos sobre a atividade dos entregadores sinaliza, para as empresas do setor, a necessidade de "ações para melhorar ativamente as condições para seus trabalhadores".

O iFood e a 99 dizem que, em diálogo com a Fairwork, buscam aprimorar suas práticas em prol do trabalho digno e justo. A Amobitec (associação que inclui iFood, Uber e 99) afirma estar atenta às demandas dos trabalhadores e buscar melhorias. A ABO2O (que representa empresas como Loggi e Rappi) diz que o diálogo sobre a relação dos profissionais com os aplicativos deve considerar as diferenças entre eles.

FATOS E OPINIÕES

1,4 milhão
de brasileiros trabalham com entregas e transportes via apps, segundo o Ipea

15%
dos entregadores trabalham mais de 40 horas por semana, segundo o Datafolha

46%
dos paulistanos usam aplicativos de transporte e entrega com frequência, segundo pesquisa do Locomotiva

82%
consideram justas as paralisações e greves de entregadores

70%
dizem que deixariam de usar os apps que não garantem boas condições e salários aos trabalhadores

93%
acham que os apps deveriam oferecer condições de trabalho mais justas

Pesquisa com 1.021 moradores do município de São Paulo com 18 anos ou mais, conduzida entre os dias 31.mar e 11.abr.2022, feita pelo Instituto Locomotiva para o projeto Fairwork

2

3

4

5

6

'Na rua não tem pra onde correr; vai comer o pão que o diabo amassou'

DEPOIMENTO

SÃO PAULO Juliana Iemanjara Janaina do Nascimento da Silva, 34, cria dois filhos sozinha e desde 2019 é entregadora de aplicativo, além de fazer bicos como garçonete e vender bolos. Por mês, levanta, em média, R$ 4.500.

Durante uma semana, seu cotidiano foi documentado pelo fotógrafo Rafael Vilela, que desde 2020 pesquisa o trabalho dos entregadores e da economia de plataforma no Brasil. O relato abaixo foi dado nesse período.

*

Meu nome é Juliana Iemanjara, tenho 34 anos. Crio meus dois filhos sozinha, com a ajuda da minha mãe, na Vila Inglesa, periferia sul de São Paulo. Trabalho desde 2019 como entregadora de aplicativo. Para complementar a renda, faço bicos em bares, vendo produtos pela internet e doces nas ruas.

Sou formada em contabilidade e sonho em me aprofundar nos meus estudos para auxiliar o movimento dos entregadores —faço parte do coletivo Entregadores Antifascistas— e também comprar minha casa própria.

Trago sustento sozinha para minha família. Minha mãe cuida dos meus filhos para eu fazer esse corre todo. Pago o aluguel, pago prestação da moto, não pode parar, né? Tem que tá o tempo inteiro na rua.

Os aplicativos que eu mais faço são LalaMove e Uber. Tem o ClickEntrega também, que virou aplicativo agora. Fui aprovada esses dias no Appjusto, só que ele toca muito pouco ainda.

Do iFood eu fui bloqueada. Trabalhava com eles no sistema de OL [empresa que fornece mão de obra terceirizada para os aplicativos], que é como se fosse um funcionário fixo: tem alguém que comanda ali o seu serviço.

Quando resolvi entrar pro sistema nuvem [em que o entregador supostamente decide as horas e regiões de trabalho], meu supervisor na OL não quis liberar minha conta e me bloqueou.

Acho que o único lado bom dos aplicativos é você poder trabalhar, tem muita gente que não consegue carteira registrada, não tem capacitação, estão desempregadas, saíram do sistema penitenciário, essas pessoas vão pro aplicativo. Mas em um trabalho muito precarizado.

Se pra homem já é complicado, pra mulher é o dobro. Todas as mulheres que estão na rua têm essa noção. Motoqueiro também não respeita o motoqueiro, se vê que é mulher então, piorou.

Na rua você tem que ser desenrolado. Não tem pra onde correr. Vai sofrer. Vai comer o pão que o diabo amassou. Para usar um sanitário, como é que você faz? Às vezes em um posto de gasolina ou até num bar você precisa consumir alguma coisa para utilizar o banheiro, mas nem toda hora a gente tem dinheiro pra comprar uma bala ou uma água.

Já teve vezes que me falaram "nossa, é uma mulher, por isso que demorou". Não demorei cinco minutos pra chegar, mas o restaurante demorou uma eternidade pra me entregar o pacote.

Às vezes você percorre 8 km pra ganhar R$ 5. É o que eu sempre falo pra todo o mundo: tem que procurar outros meios de renda. Eu faço bico num bar como garçonete, vendo coisas pela internet. Quando sobra uma grana, eu e minha mãe fazemos bolo pra vender, fazemos doces.

O cara que faz R$ 5.000 por mês no aplicativo não tem vida, não tem família. Se tem filho, vai ficar com a mulher. E a mulherada que sai pra rua, deixa o filho com quem? Quem leva pra escola?

Que tempo você tem pra participar de um coletivo, pra correr atrás de alguma coisa e reivindicar direitos?

Você trabalha o dia inteiro carregando comida nas costas com fome. Essa é uma bandeira que nós, entregadores, começamos a levantar: que os aplicativos conseguissem em num determinado horário ter uma opção lá que você pode clicar e retirar um almoço em um restaurante pra você comer.

Os entregadores não têm um lugar pra descansar. Muitas vezes não têm lugar para carregar o celular. Não existe um botão de emergência, se você sofrer um acidente, você não vai ser amparado.

As pessoas são viciadas no valor do aplicativo. Você vai falar o valor do seu trabalho e elas questionam: "Mas no aplicativo está mais barato". Nessa hora você tem que explicar que o aplicativo é uma empresa gigante, tem muito dinheiro e dá desconto pra ter bastante cliente.

Você tem que explicar pra ele o porquê daquele valor, né? Olha o valor da gasolina, além da gasolina, a minha moto, tô gastando pneu, eu tô gastando óleo, motor. No final do ano eu vou ter que fazer o documento da moto, tem a manutenção.

Aprendi com 14 anos a pilotar moto, sempre gostei de moto. Faço o que amo. A gente passa a não gostar quando tá trabalhando que nem um condenado, sendo precarizado, recebendo pouco. É lógico, ficamos revoltados.

1 Juliana Iemanjara, 34, que presta serviços para quatro aplicativos **2** A motociclista desvia de carros no centro de São Paulo **3** Entrega feita à noite na zona sul da capital **4** Juliana ajusta a rota de entrega em uma pausa no semáforo **5** Capacete sobre mesa da ocupação 9 de Julho, no centro de SP **6** Com os dois filhos que cria com a ajuda da mãe, na Vila Inglesa **7** Juliana prepara entrega de almoço na ocupação; ela também faz bicos como garçonete e vende bolos e doces Rafael Vilela/Farwork

7

8

Ethan Zuckerman

Ideias de Elon Musk para o Twitter são coisas de dez anos atrás

Pesquisador critica plano de bilionário de só haver perfis reais e defende que redes sociais sejam tratadas como bens públicos

ENTREVISTA

Rafael Balago

WASHINGTON Elon Musk está atrasado, diz o professor Ethan Zuckerman. Pesquisador de redes sociais há décadas, ele tem a avaliação de que ideias defendidas pelo bilionário para o Twitter, como a de exigir que cada perfil corresponda a uma pessoa real, já mostraram não funcionar.

Ele dá como exemplo o Facebook, que adotou a prática de buscar ter perfis reais desde o início, mas também foi cenário de muitos problemas.

"É o tipo de coisa que as pessoas falavam talvez dez anos atrás. Como se, caso soubéssemos quem cada pessoa era, poderíamos ter uma liberdade de expressão perfeita, e tudo funcionaria bem. A maioria das pessoas que trabalham com redes sociais hoje em dia não pensa que esse é um modo responsável de gerir comunidades."

Professor na Universidade de Massachusetts em Amherst, Zuckerman defende que os usuários tenham mais poder para atuar na moderação das redes sociais que utilizam, como acontece, de modo informal, em grupos de WhatsApp. E que é preciso criar alternativas de redes sociais que não estejam sob controle de bilionários, mas da sociedade.

*

Ethan Zuckerman, 49
Professor de políticas públicas e comunicação na Universidade de Massachusetts em Amherst e criador do centro de pesquisas Digital Public Infraestructure. Formado em filosofia, foi pesquisador em Harvard e professor associado no MIT. Também foi cofundador da startup Tripod, nos anos 1990, e de duas instituições sem fins lucrativos, a Geekcorps e a Global Voices. Colaborou com projetos no Brasil, incluindo a Rede Nossa São Paulo.

Como a compra por Elon Musk pode mudar o Twitter nos próximos meses? Quando uma companhia que era pública se torna privada, passamos a saber menos sobre ela e suas operações. Então, podemos esperar que o Twitter se torne menos transparente. Poderá ser mais difícil entender o que acontece ali.

Uma segunda coisa é que Musk disse várias vezes estar preocupado com o fato de o Twitter estar ficando muito cuidadoso sobre moderar seu conteúdo. E que ele se preocupa que essa moderação está beirando o que ele chama de censura. Musk está meio que prometendo ir em direção oposta à que maioria das redes sociais está indo. Muitas delas começaram com a noção, muito inocente, de abertura, em que qualquer coisa passa e você pode dizer o que você quiser. E elas então descobriram com o tempo que esse modelo de regras tende a afugentar mulheres, pessoas não brancas e indivíduos que são alvo de intimidação e assédio. Musk parece sugerir que ele quer desfazer isso e ir para um modelo mais antigo de rede social.

O terceiro ponto é que Musk tem dito coisas muitas vagas sobre tornar o Twitter mais aberto. Disse que iria tornar o algoritmo do Twitter um código aberto. Isso é uma declaração sem sentido. A maioria dos algoritmos usados por empresas como o Twitter são algoritmos de aprendizado de máquina muito complexos. Apenas saber as regras do algoritmo não ajuda em nada. Você teria de ver quais os dados em que eles são treinados.

O Twitter já é surpreendentemente aberto sobre seus algoritmos e efeitos. Alguns meses atrás, publicaram um estudo dizendo: "Ei, nós auditamos nosso algoritmo principal, e ele favorece políticos de direita mais que de esquerda. E não sabemos por quê". Esse tipo de algoritmo é treinado pelos dados e pode fazer coisas que surpreendem mesmo quem os criou. Assim, abrir o código provavelmente não ajuda. Ser capaz de auditar e revê-lo seria mais útil.

Como avalia a ideia de banir bots [contas automatizadas] e fazer com que apenas usuários com identidade verificada possam usar o Twitter? Acha viável? Não, especialmente dada a cultura do Twitter. Muitas das contas mais interessantes são de paródia. Uma delas, por exemplo, faz piadas com ideias estúpidas que Elon Musk poderia ter.

Há projetos que criaram bots muito úteis também. O Twitter não tem uma cultura de identidade com nomes reais. E não há muitas evidências de que usar nomes reais torna uma rede social melhor. O Facebook, uma das redes menos legais, tem uma política de nomes reais desde o começo. Você não precisa ser anônimo para ser malvado.

[Adotar nomes reais] É uma ideia muito antiquada. O que Musk vem dizendo que gostaria de fazer com o Twitter é o tipo de coisa que as pessoas falavam talvez dez anos atrás. Como se, caso soubéssemos quem cada pessoa era, poderíamos ter uma liberdade de expressão perfeita, e tudo funcionaria bem. A maioria das pessoas que trabalham com redes sociais hoje em dia não pensa que esse é um modo responsável de gerir comunidades.

O Twitter não tem uma cultura de identidade com nomes reais. E não há muitas evidências de que usar nomes reais torna uma rede social melhor. O Facebook, uma das redes menos legais, tem uma política de nomes reais desde o começo. Você não precisa ser anônimo para ser malvado

Se o senhor tivesse poder e dinheiro para aprimorar o Twitter, o que faria? Precisamos de redes sociais que sejam tratadas como bens públicos, não apenas negócios privados. Da mesma forma que pagamos impostos para ter estradas, transporte público, sistema de Justiça, deveria haver algumas alternativas de redes sociais mantidas com financiamento público. E que elas deveriam ser governadas pelo público que as usa. Vou explicar isso em duas partes.

Primeiro: o financiamento funcionar como nas emissoras públicas em várias democracias europeias. Não são mídias controladas pelo governo. Seu dinheiro vem dos impostos, mas são mídias de alta qualidade, supervisionadas por reguladores para garantir que elas busquem o interesse público.

Seria útil ter alguns espaços de mídias sociais para certas aplicações, discussões ou questões políticas locais. Espaços nos quais poderíamos ter regras muito estritas sobre como tratar as outras pessoas na conversa, de modo que não se torne algo abusivo ou desagradável. Talvez plataformas para tentar te apresentar a vizinhos que você não conhece, te apresentar a toda a diversidade da sociedade. Se você é um paulistano e não conhece ninguém da Amazônia, talvez uma plataforma poderia tentar conectar vocês.

Essas plataformas [públicas] não seriam as únicas, você ainda teria as comerciais, mas parte delas teria algum interesse público em paralelo.

A segunda coisa é ter mais controle sobre a governança das plataformas. Vemos isso no Reddit. Em diferentes comunidades, há moderadores que decidem o que é um discurso aceitável. Se é um grupo sobre fotos de animais fofos, os moderadores derrubam qualquer conteúdo que não seja de animais fofos. Algumas das comunidades mais saudáveis no Reddit até elegem seus moderadores, têm um sistema democrático, para decidir quais serão as regras e quem ficará responsável por fazer elas serem cumpridas.

E se tivéssemos uma onda de espaços digitais, com algum financiamento público para colocar a tecnologia de pé, onde o foco seja na inclusão da comunidade e em governança, em vez de moderação? Essa seria uma visão muito diferente das mídias sociais do que a que temos agora.

Como vê as redes sociais no futuro próximo? Boa parte do meu trabalho é sobre interoperabilidade. Um modo de pensar sobre isso é: "O que acontece se eu decidir deixar o Twitter?". Tenho muitos seguidores lá. Posso dizer: "Ei, me sigam no Mastodon [rede social de código aberto]", mas nem todos virão. Seria muito bom se meus posts no Mastodon pudessem ser lidos no Twitter. Mas tem talvez 2.000 pessoas que sigo no Twitter. Não quero perdê-las. Eu recebo informações valiosas delas e quero mantê-las. Imagine que temos dois pedaços de software. Uma é muito simples: diz "vou compartilhar alguma coisa neste lugar, mas eu posso compartilhar em outros lugares". Então tuíto no Mastodon e isso também vai para o Twitter. Simples.

Agora, a parte difícil. Tenho um software que une todos os que sigo no Mastodon, no Twitter, no Reddit, no Facebook. Posso colocar todos no mesmo lugar? Tenho trabalhado em um software assim desde 2017. Liberamos uma versão inicial no MIT, chamada Gobo, que permitia olhar o Twitter, o Mastodon e o Facebook. O Facebook depois decidiu que não queria fazer parte disso. Atualmente, estamos fazendo ele funcionar para Twitter, Mastodon e Reddit. É difícil tecnicamente e legalmente. Essas plataformas não querem que você use outro software para interagir com elas. Mas ter algum tipo de interoperabilidade e o direito de usar qualquer software para interagir com o Facebook, o LinkedIn ou qualquer outra rede é algo pelo que vale a pena lutar.

Tem sugestões de como lidar com desinformação e fake news, especialmente de caráter eleitoral? É muito difícil para os governos regular conteúdo. Nos EUA, temos padrões muito fortes de liberdade de expressão. É muito difícil para o governo dizer: "Você não pode falar isso". Quando a desinformação se torna uma posição política, é uma situação quase impossível. No meu país, agora, o Partido Republicano acredita que a eleição passada foi manipulada. Eles estão errados. É desinformação. Mas, se disser "você não pode falar isso", vão falar que estou desafiando um discurso político. É uma situação muito difícil.

O que você pode fazer é demandar transparência. Se é uma pessoa real dizendo isso, se é um bot, se há uma ação coordenada. Há cem seres humanos repostando a mesma coisa ao mesmo tempo? Podemos rastrear o quão confiável alguém é? Das últimas 100 coisas que ela postou, 70 foram checadas como imprecisas. São coisas que podem ajudar sem você chegar e dizer "você não pode mais falar isso".

Qualquer um que vive em uma democracia entende o quão perigoso seria deixar o governo decidir o que é verdade ou não. Talvez você fique feliz se isso ocorrer sob Lula, mas não estaria feliz se isso ocorresse sob Bolsonaro. Talvez o contrário. Você provavelmente não quer uma situação em que o governo tem poder de veto sobre a expressão. Mas pode fazer algo como dizer: "Ei, Twitter, você tem 150 milhões de usuários no Brasil, se você quer continuar a operar no Brasil, a vender anúncios no Brasil, vamos precisar dessas informações em tempo real. Então podemos analisar como você está lidando com a desinformação".

Algo realmente grande está acontecendo agora na União Europeia. Há a nova Lei dos Serviços Digitais. Não sabemos exatamente como serão os detalhes, mas parece adotar essa ideia, de como podemos tentar obter mais informações sobre essas plataformas, e como podemos usar isso em nosso modelo de regulação. É potencialmente atrativo.

O Brasil pode ajudar a influenciar os rumos das redes sociais em nível global? O Brasil é uma das maiores potências tecnológicas, em termos de ter uma população grande e muito conectada. As pessoas olham para o Brasil, e para a Índia, para ajudar a contrabalançar o poder dos EUA e da UE na questão de como essas redes funcionam.

Na minha opinião, Brasil e Índia se moveram para uma veia mais populista e nacionalista, e frequentemente isso significa que os políticos estão sendo muito bons em usar as mídias sociais para mobilizar pessoas.

O que os usuários podem fazer para terem uma relação melhor com as redes? As pessoas deveriam buscar redes que são moderadas e nas quais elas podem ter voz na moderação. As pessoas deveriam ter redes sociais para suas vizinhanças. Isso se tornou bastante comum em cidades europeias, em várias partes da Ucrânia em razão da guerra. São como grupos de WhatsApp ou Telegram, mas não podem ser desligadas se alguém decidir que não quer mais que você faça isso. Temos o WhatsApp porque um bilionário particular, Mark Zuckerberg, estava com medo de que esse produto iria desbancar o Facebook. E, se ele decidir que não o quer mais, não o teremos mais.

Os grupos de WhatsApp são uma prova de que as pessoas podem tocar suas próprias redes sociais. Muitos desses grupos funcionam bem, na maior parte do tempo. Eles têm suas próprias regras. Seria bom se tivéssemos uma plataforma desenhada para isso. E ter coisas como um sistema de votação dentro dela, ou caminhos para que as pessoas pudessem eleger moderadores e tomar decisões. É o que deveríamos estar experimentando.

A economia a cinco meses da eleição

Emprego, confiança e crédito indicam que país não afundou como oposição esperava

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O salário médio não era tão baixo fazia uma década. Sem-teto montam vilas de barracas nas calçadas de bairros ricos de São Paulo. No fim deste ano, a renda (PIB) per capita ainda será menor do que em 2010 (dois mil e dez: não é erro de digitação). Ainda não se conhece projeto político que apresente um plano crível para dar conta dos problemas crônicos do crescimento ("reformas", com ou sem aspas).

É a pior crise da República.

Isto posto, se a conversa muda para o curtíssimo prazo e trata do ambiente político-eleitoral, é fato que a economia não afundou ainda mais, como a oposição esperava. A cinco meses da eleição, alguns bodes até saem da sala.

Há números melhores no emprego, na confiança de consumidores e empresários, no crédito. A receita do governo é a maior desde 2014 (como proporção do PIB), o que facilita favores eleitorais.

Considere-se o caso do emprego. Na sexta-feira (29), o IBGE divulgou os números de março. A taxa de desemprego é a menor desde 2016. O nível de ocupação é o maior desde 2017 (a porcentagem das pessoas em idade de trabalhar que tinham emprego).

O número de pessoas com algum trabalho é o maior desde 2012. É 8,2 milhões maior do que em março de 2021 ou 2,2 milhões maior do que em março de 2019.

O rendimento médio do trabalho ("salários") é um desastre. Descontada a inflação, nunca foi tão baixo desde 2012, quando começa a nova série de dados sobre trabalho do IBGE. Mesmo assim, cresce um tiquinho a partir do fundo do poço desde janeiro —despiora.

O ânimo de empresários da construção civil, dos serviços e da indústria ainda é de "insatisfação", de pessimismo, mas a confiança cresceu em abril, segundo a pesquisa da FGV, recuperando-se da degringolada vista a partir de meados de 2021. No comércio, ainda caiu. A confiança dos consumidores, embora em nível de insatisfação profunda, também se recuperou um pouco.

A alta da taxa de juros, a perspectiva de crescimento menor do que 1% do PIB neste ano e a queda do valor do salário real não desanimaram o crédito bancário de modo significativo.

O ritmo anualizado do valor das concessões de crédito (novos empréstimos) estava acelerando pelo menos até fevereiro, dado mais recente (descontada a inflação). Sim, é visível uma desaceleração nos dados trimestrais (em termos reais, dessazonalizados).

O estoque de crédito (total de dinheiro emprestado) também cresce, em termos anuais.

A leitura apressada desses exemplos talvez dê a impressão de que a economia se levanta da tumba. Não. Ainda rastejamos no chão frio da cripta. A sugestão aqui é que se interprete a conjuntura de modo mais político e com o realismo que a oposição carnavalesca e doidivanas costuma desprezar.

Note-se outra vez: 8,2 milhões de pessoas arrumaram algum trabalho, em um ano (aumento de 9,4%). O salário médio caiu, mas muita gente não tinha renda alguma faz um ano. A baixa do rendimento, por falar nisso, foi maior para a categoria de funcionários públicos. A fatia de empregos formais é praticamente a mesma de 2019 ou 2018.

Além dessa situação minimamente despiorada, o governo anabolizou o clima econômico de curtíssimo prazo. Liberou o saque parcial do FGTS, renegocia dívidas de empresas do Simples e do Fies (financiamento estudantil), abriu o crédito consignado para mais gente, baixou um imposto aqui e ali. Faz mais dívida, é verdade, piorando a situação de 2023.

Os juros estão em alta. A inflação permanecerá além de 10% ao ano até agosto ou setembro. Tropeços nos EUA e na China prenunciam problemas por aqui. Por ora, porém, menos bodes na sala ajudam Jair Bolsonaro.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Avanço do acordo UE-Mercosul esbarra em projetos ambientais

Anunciado como vitória por Bolsonaro, texto espera ratificação há quase 3 anos

Danielle Brant e Renato Machado

BRASÍLIA Anunciado como primeira grande vitória internacional do presidente Jair Bolsonaro (PL), o acordo entre União Europeia e Mercosul ganhou nova articulação para tentar agilizar o processo de ratificação no bloco europeu. Propostas no Congresso vistas como nocivas ao meio ambiente, no entanto, colocam em risco esse novo esforço.

O acordo foi selado em junho de 2019, após mais de duas décadas de negociações e com Bolsonaro havia apenas seis meses à frente do Planalto. O texto acordado prevê que mais de 90% das exportações do Mercosul para os países do grupo terão tarifas zeradas em até dez anos.

Para entrar em vigor, porém, precisa ser ratificado pelos Parlamentos de UE e Mercosul e também pelos dos países-membros dos dois blocos. Ao longo do governo Bolsonaro, a euforia pela assinatura do acordo foi, aos poucos, dando lugar a críticas dos europeus, direcionadas em sua maior parte à política ambiental do governo brasileiro.

Após um período na geladeira, defensores do acordo passaram a enxergar uma nova janela de oportunidade com o desfecho das eleições na França. Pessoas que acompanham o processo lembram que o presidente reeleito, Emmanuel Macron, deixou o tema de lado durante a disputa eleitoral para evitar desgaste político, uma vez que há resistência ao acordo por parte dos sindicatos franceses.

Interlocutores no Ministério das Relações Exteriores do Brasil veem uma movimentação recente na Europa para avançar a partir de agora o chamado "split". Esse mecanismo, na prática, é a divisão do acordo entre UE e Mercosul.

Nesse formato, a parte comercial pode vir a ser ratificada apenas pelo Parlamento Europeu, não por todos os países do bloco. Já os temas sobre sustentabilidade e governança ficariam para um segundo momento.

Procurada pela **Folha** nas últimas duas semanas, a delegação da União Europeia em Brasília não respondeu aos questionamentos.

Ao mesmo tempo que há esforço para destravar a ratificação do acordo, aumentou também a preocupação por parte de especialistas, ambientalistas e políticos europeus a respeito do avanço na Câmara dos Deputados do projeto de lei que permite atividades de mineração em terras indígenas.

Além disso, há grande pressão da bancada ruralista para a votação das propostas que flexibilizam o uso de agrotóxicos, que permitem a regularização fundiária de terras invadidas e que diminuem a rigidez da legislação sobre licenciamento ambiental —as três já estão no Senado.

"Na questão do uso de defensivos agrícolas, há uma pressão muito grande. E [o defensivo] está quase deixando de ser usado lá fora em razão do tempo e dos princípios ativos, e só agora que vamos começar a usar. Então não vejo por que Alemanha usar, Estados Unidos usarem e a gente não poder usar. Lá tem dez anos e aqui ainda falta regulamentar", afirma o senador Zequinha Marinho (PL-PA).

"Então não vejo resistência [da União Europeia] em razão disso. Claro que a gente está brigando não só por uma questão de regulamentação, é uma questão comercial acima de tudo. O problema aí é puramente mercado e, quando entra mercado, você sabe que todo o mundo joga da forma que melhor convier."

A Frente Parlamentar Agropecuária teve uma reunião na quarta-feira (27) com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), para buscar agilizar a tramitação desses projetos. Uma semana antes, no entanto, o próprio Pacheco havia participado de reunião com embaixadores europeus, na sede da delegação da União Europeia. O presidente do Senado foi justamente questionado sobre o avanço dessa pauta.

Pacheco respondeu que todos esses projetos "estão tendo a cadência necessária" e tramitam "sem precocidade, sem atropelos". "Estamos estudando e avaliando qual é o ponto de equilíbrio em relação a cada um desses projetos, que possa fazer conciliar o desenvolvimento econômico do Brasil, a sua pujança econômica, sobretudo no agronegócio e na indústria, com a preservação do meio ambiente", disse.

A preocupação com os projetos no Congresso Nacional se soma a uma resistência política à figura de Bolsonaro e sua política ambiental. Nesse cenário, uma das apostas é a derrota do presidente em outubro, deixando a negociação com o seu sucessor.

"O problema é que Bolsonaro também passou a ser visto como um criminoso em relação à população indígena, como um genocida, como um 'ecocida'. O problema é a credibilidade do governo", afirma o eurodeputado Miguel Urbán, que esteve em Brasília a convite da deputada federal Fernanda Melchionna (PSOL-RS).

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil afirmou que os países do Mercosul levam em conta a relevância dos temas agrícolas e ambientais para a viabilização do acordo comercial.

A pasta argumenta que houve grande entendimento por parte dos europeus de que o acordo se trata do mais avançado capítulo já negociado pela UE sobre comércio e desenvolvimento sustentável. Mesmo assim, completa, o Mercosul concordou em negociar documento adicional com mais compromissos.

O investimento privado cresce

Tudo sugere que as empresas se ajustaram e estão prontas para investir ainda mais

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Em 2021, o investimento no Brasil correspondeu a 20,8% do PIB, ou seja, da economia. Esse número foi obtido a preços constantes. Não foi, portanto, influenciado pelo encarecimento dos bens de investimento ocorrido após a recuperação em "V" da economia mundial no segundo semestre de 2020.

O nadir do investimento foi no 3º trimestre de 2017, quando atingiu 16,8% do PIB. Ou seja, após a nossa grande crise econômica de 2014 até 2016, o investimento cresceu quatro pontos percentuais do PIB.

Meu colega Manoel Pires, coordenador do Observatório de Política Fiscal do FGV-Ibre, acaba de divulgar uma série histórica do investimento do setor público desde 1947 (bit.ly/3vM9WSI). Entre 2017 e 2021, o investimento público ficou constante.

Ou seja, a elevação do investimento entre 2017 e 2021 foi do investimento privado.

De fato, meu colega do FGV-Ibre Gilberto Borça Jr., em um post no Blog do Ibre, documentou que um ponto percentual do PIB do aumento do investimento se deveu a uma questão puramente contábil, associada à alteração na forma de contabilização da operação de novas plataformas de exploração de petróleo no Brasil (bit.ly/3s2c806).

Ou seja, desde 2017 o investimento privado, a preços constantes e já descontando a superestimativa do investimento, fruto da alteração na forma de contabilizar das novas plataformas, aumentou em três pontos percentuais do PIB.

Há evidências de que, desde 2016, a rentabilidade das empresas tem subido. Segundo a base de dados da Economática, a geração de caixa das empresas abertas brasileiras como fração do faturamento —tecnicamente o lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização (Lajida), como fração do resultado operacional líquido (ROL)— subiu de 16%, em 2014, para 28%, em 2021. Entende-se, portanto, os motivos da elevação do investimento. Para as empresas abertas que constam na base da Economática, o investimento subiu de 2,6% do PIB em 2018 para 4% em 2021.

No passado recente, houve um outro ciclo de aumento do retorno do capital. Entre 1995 e 2004, o Lajida/ROL elevou-se de 12% para 27%, estabilizando-se, em seguida, em 25% de 2005 até 2007. De 1995 até 2007, o investimento das empresas abertas subiu de 1,5% do PIB para 6,7% do PIB, atingindo o pico de 7,8% do PIB em 2008.

Tudo sugere que as empresas, após nossa grande crise, se ajustaram, renovaram os ajustes na pandemia e estão rentáveis e prontas para elevar seus investimentos ainda mais.

*

Na segunda-feira passada (25), houve no Insper o lançamento do livro "Nós do Brasil, Nossa Herança e Nossas Escolhas", editado pela Record, de minha amiga e recém-empossada secretária do Desenvolvimento Econômico de São Paulo, Zeina Latif.

O objetivo do livro é abordar a nossa grande estagnação de 40 anos —entre 1980 e 2021, o produto per capita da economia brasileira cresceu ao ritmo de 0,7% ao ano, e a produtividade do trabalho, a 0,6%.

Após o primeiro capítulo, em que os números e os principais fatos econômicos são apresentados, Zeina passa a tratar do tema em um corte transversal, olhando de inúmeros pontos de vista.

Temas como o atraso educacional, raízes históricas, Judiciário, nossas instituições democráticas, as Forças Armadas, a cidadania falha, a falta de uma classe média, os problemas do serviço público, a imprensa e finalmente nossos departamentos de ensino e pesquisa em economia, com um peso imenso de correntes de tradição heterodoxa.

Trabalho interdisciplinar, com erudição, sustentado na melhor literatura moderna. Leitura obrigatória para quem deseja entender como chegamos aqui.

|DOM. Samuel Pessôa |**SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** |TER. Michael França, Cecilia Machado |QUA. Helio Beltrão |QUI. Cida Bento, Solange Srour |SEX. Nelson Barbosa |SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Manifestação em Austin contra lei do Texas que proíbe aborto a partir de seis semanas de gestação Sergio Flores - 2.out.21/AFP

Empresas pagam viagem para funcionária abortar nos EUA

Companhias ajudam quem trabalha em estados que restringiram procedimento

Rafael Balago

WASHINGTON Imagine uma mulher do Texas que, após três semanas de atraso na menstruação, descobriu estar grávida. Ela não quer ter um filho agora. Até alguns meses atrás, ela poderia ir a uma clínica e fazer um aborto de modo seguro e legal.

No entanto, desde setembro, as regras no Texas mudaram. Se algum médico ajudá-la a encerrar a gravidez após seis semanas de gestação, poderá ser processado na Justiça e pagar uma multa de ao menos US$ 10 mil.

Uma saída é buscar o aborto em algum estado vizinho, onde o procedimento continua legal —e algumas empresas dos EUA têm ajudado nisso. Companhias como Apple, Yelp e Citigroup passaram a custear a viagem delas a outros estados americanos onde o aborto segue legalizado.

A Yelp, por exemplo, anunciou no começo de abril que as despesas de funcionárias e seus parceiros que precisem ir a outro estado para realizar um aborto serão reembolsadas pelo plano de saúde corporativo, como outros tratamentos são. Os gestores da empresa, que tem 200 funcionários no Texas, não serão informados sobre a utilização do benefício.

Antes dela, o Citigroup, que tem 65 mil funcionários nos Estados Unidos, sendo 8.500 no Texas, adotou medida similar, que inclui gastos com passagens aéreas.

A Apple, que tem instalações no Texas, também entrou na questão. Em setembro, o presidente-executivo, Tim Cook, disse aos funcionários que o plano de saúde da empresa cobriria as despesas de funcionárias que precisassem viajar a outros estados para realizar um aborto, segundo o jornal The New York Times. Também disse que a companhia analisava como poderia ajudar na batalha jurídica contra a nova lei texana.

Já os aplicativos de transporte Uber e Lyft prometeram cobrir os gastos legais de motoristas que sejam processados por ajudar mulheres a abortar no Texas. A regra permite que qualquer pessoa que tenha ajudado de alguma forma no procedimento seja processada. Assim, o motorista pode ser punido, mesmo que ele não saiba qual a finalidade da viagem da passageira.

A lei não determina que o estado tome medidas para investigar abortos, mas estimula os cidadãos a fazer isso: qualquer pessoa pode entrar na Justiça para processar terceiros envolvidos em um procedimento, mesmo que não os conheça. Se ficar provado que houve ação ilegal, o denunciante pode receber um bônus de US$ 10 mil. Críticos da lei dizem que isso cria um modelo de caça a recompensa, para ampliar a pressão sobre médicos e clínicas.

Nos últimos anos, o Texas passou a atrair empresas de tecnologia por oferecer custo de vida mais barato, na comparação com a Califórnia. Por outro lado, o estado, sob comando republicano, tem adotado leis mais duras em questões de comportamento.

Para as empresas, além da questão do bem-estar das funcionárias, há a preocupação de que muitas delas decidam ir morar em outros estados, ou nem queiram disputar vagas em locais que restringem a prática.

Os EUA vivem uma crise de falta de profissionais em várias áreas. Com a sobra de vagas, trabalhadores têm mais poder para decidir onde trabalhar e mais tranquilidade para deixar posições em que não se sintam bem. Em um movimento chamado de "Great Resignation", mais de 4,4 milhões de pessoas pediram demissão de seus postos só em fevereiro deste ano.

"Queremos ser capazes de recrutar e reter funcionários onde quer que eles queiram viver", disse Miriam Warren, chefe de diversidade da Yelp, ao New York Times. "A capacidade de controlar sua saúde reprodutiva, e se e quando você quer expandir sua família, é completamente fundamental para ter sucesso no ambiente de trabalho."

A decisão das empresas também deve valer para outros estados que adotarem restrições. Na quinta (28), o Legislativo do estado de Oklahoma aprovou uma lei similar à do Texas, que ainda aguarda sanção do governador. O estado adotou também outra lei, que entra em vigor em agosto e prevê multa de até US$ 100 mil e pena de dez anos de prisão para quem realizar aborto.

O aborto foi liberado nos EUA por uma decisão da Suprema Corte de 1973, no caso que ficou conhecido como Roe vs. Wade, baseado no direito constitucional à privacidade. Os juízes da época (não havia nenhuma mulher na corte) consideraram que não caberia ao Estado cercear uma questão de foro íntimo.

Em 1992, a corte atualizou o posicionamento e adotou o conceito de viabilidade fetal: as mulheres podem abortar sem restrições até o momento em que o feto não seria capaz de sobreviver fora do útero, o que tende a acontecer geralmente após 22 semanas de gestação. No entanto, não houve consenso sobre quando isso aconteceria de fato, o que abriu caminho para que, nos últimos anos, estados adotassem regras locais cada vez mais restritivas.

Em setembro de 2021, uma lei estadual do Texas passou a impedir o procedimento a partir de seis semanas de gestação, momento em que muitas mulheres ainda nem descobriram que estão grávidas. A lei texana considera que o feto é viável se o coração dele já estiver batendo.

A questão deverá ser resolvida de novo pela Suprema Corte em 2022, até outubro, quando o ano jurídico atual termina. O tribunal analisa a legalidade de uma regra criada no Mississippi, em 2018, que barra a prática após a 15ª semana de gestação, exceto em emergências médicas ou má-formação do feto, mas não em casos de estupro.

Assim, a Corte poderá colocar fim à onda atual de restrições, confirmar a validade das medidas ou até mesmo rever a liberação de 1973. Como o colegiado tem hoje maioria conservadora, defensores do aborto temem uma decisão contra o procedimento, que não é garantido por lei.

No Brasil, o aborto é um crime previsto no Código Penal, com pena de 1 a 3 anos para a gestante e de 1 a 4 anos para o médico ou autor do procedimento. A **Folha** entrou em contato com Apple, Citigroup e Uber, que também atuam no país, para perguntar mais detalhes sobre as ações feitas nos EUA e se haveria algum plano de ajudar as mulheres no Brasil da mesma forma, mas elas não quiseram comentar.

Para Juliana Reis, roteirista e criadora do projeto Milhas pelas Vidas das Mulheres, esse debate ainda está distante do Brasil, mesmo que mulheres estejam em cargos de liderança de várias multinacionais. "Quando chega na hora dos direitos sexuais, essa compatibilidade de gêneros cede a outros imperativos, como de cunho religioso ou conservador. O nosso progressismo é limitado", avalia.

Iniciado em 2019, a Milhas pelas Vidas arrecada doações de pontos de programas de fidelidade, além de doações em dinheiro, para ajudar brasileiras a viajar para países da América Latina onde a prática foi legalizada, como Argentina e Colômbia. O projeto já recebeu mais de 5.500 pedidos de ajuda, e conseguiu atender em torno de 850 mulheres.

Reis conta que, mesmo com apoio, é comum ver mulheres que pediram ajuda terem medo de embarcar para fazer o aborto, por conta das pressões sociais e falta de apoio emocional da família. "Isso acontece tanto com mulheres pobres, de periferia, sozinhas, quanto com mulheres casadas, que têm pós-graduação, que se sentem totalmente desamparadas", comenta.

"Hoje nossa referência não são os Estados Unidos, onde avança o retrocesso. Nossa referência é Argentina, Uruguai, Chile, México. O Brasil está virando uma ilha retrógrada", avalia.

"Dificilmente a gente pode esperar que as empresas brasileiras vão passar a considerar os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres um tema importante."

> **A capacidade de controlar sua saúde reprodutiva, e se e quando você quer expandir sua família, é completamente fundamental para ter sucesso no ambiente de trabalho**
>
> **Miriam Warren**
> chefe de diversidade da Yelp, ao jornal The New York Times

Ações das empresas nos EUA

- Custear gastos com viagens de funcionárias para abortar em outros estados

Quem fez
Apple, Citigroup, Yelp

- Cobrir despesas legais de motoristas que forem processados por ajudar mulheres que buscavam o aborto no Texas

Quem fez
Lyft e Uber

- Criar fundos para custear ações em defesa do aborto e funcionários afetados pelas novas leis

Quem fez
Bumble e Match (dona do Tinder)

esg

Massa tardia de ar polar causa geada em pleno mês de fevereiro em cidades da região Sul, como São José dos Ausentes (RS) Anapio Pereira/Divulgação MetSul

Empresas ainda não têm projetos de adaptação a mudanças climáticas

Companhias priorizam a redução de emissões, mas ignoram adequação a eventos extremos

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Fortalecer a infraestrutura contra inundações e tempestades, investir em sementes agrícolas mais resistentes, melhorar o armazenamento de água. Essas são algumas iniciativas que poderiam ajudar empresas a se proteger de mudanças climáticas.

Contudo, conforme destacou o IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU) em fevereiro, a maior parte do financiamento global está sendo direcionada para projetos que visam reduzir as emissões de carbono, desconsiderando a importância da adaptação.

A avaliação do mercado sobre a gravidade da questão climática pode ajudar a explicar por que esse tema segue preterido.

Em janeiro deste ano, uma pesquisa da consultoria PwC mostrou que apenas 36% dos executivos brasileiros acreditam que as mudanças climáticas são uma grande ameaça ao crescimento das companhias no longo prazo. No recorte global, a proporção é ainda menor: 33%.

O empresariado teme mais por choques na economia global e ataques cibernéticos do que por eventos ambientais.

Para André Ferretti, ambientalista e gerente da Fundação Grupo Boticário, ainda há uma visão imediatista do setor privado sobre o clima.

"É preciso pensar num futuro mais distante. Há tendências de maior intensidade e frequência em eventos climáticos extremos que podem afetar drasticamente o negócio, seja em relação à operação, aos fornecedores ou aos colaboradores", diz.

É o que também pensa Vanessa Pinsky, especialista em ESG e pesquisadora da USP (Universidade de São Paulo). Na visão dela, a compreensão das mudanças climáticas como um grande desafio para o desenvolvimento ainda é incipiente no Brasil.

"Empresas assumem metas de redução de emissões de carbono, mas não incluem o clima na matriz de risco da organização. Isso faz com que a demanda por projetos de adaptação passem longe da pauta dos conselhos de administração."

Em alguns setores, porém, o problema é iminente. Um estudo feito pela Antaq (Agência Nacional de Transportes Aquaviários) mostrou que as mudanças climáticas já ameaçam os portos no Brasil.

O principal risco são os vendavais, que já afetam sete portos e podem se tornar um problema futuro para outras nove instalações na costa do país. Tempestades, ressacas e elevação do nível dos oceanos também preocupam.

"Os impactos nas operações portuárias em função da mudança do clima já são uma realidade no Brasil, e, mantidas as condições atuais, há uma tendência de piora neste cenário", afirma o documento.

O estudo lembra que os portos são responsáveis por 95% da corrente de comércio exterior do país, movimentando cerca de 14% do PIB (Produto Interno Bruto).

Questionado sobre a existência de iniciativas para reduzir o impacto de vendavais, ressacas e tempestades, o Porto de Santos —o maior do país— afirmou que participa de um novo levantamento para analisar "potenciais riscos da mudança climática".

"Com base nas informações geradas pelo estudo, com previsão contratual de ser concluído até junho deste ano, a SPA [Santos Port Authority] poderá avaliar os riscos climáticos presentes e futuros, para que possa incluir a variável climática na decisão do planejamento de seus investimentos e na sustentabilidade das operações portuárias."

Em 2018, o CDP (Carbon Disclosure Project) mostrou que 215 das 500 maiores empresas do mundo poderiam perder cerca de US$ 1 trilhão (equivalente a R$ 4,71 trilhões) devido às mudanças climáticas.

Uma das empresas citadas foi a Alphabet —proprietária da Google—, que provavelmente terá que lidar com o aumento dos custos de refrigeração de seus data centers.

Mas o calor não é a única ameaça para as empresas de tecnologia. Num artigo de 2018, pesquisadores das universidades de Oregon e Wisconsin, nos EUA, analisaram a vulnerabilidade da internet diante dos riscos climáticos.

Baseado em projeções da elevação do nível do mar, o estudo avaliou a quantidade e o tipo de infraestrutura que devem ficar submersas ao longo dos próximos anos. A conclusão é que, até 2033, mais de 6.000 km de cabos de fibra poderão estar debaixo d'água somente nos Estados Unidos. Outros tantos data centers e equipamentos de telecomunicação correm o risco de ter o mesmo destino.

A **Folha** procurou a Google para entender se a companhia tem iniciativas para minimizar os impactos que as mudanças climáticas podem trazer —ou já estão trazendo— nos negócios.

A empresa americana respondeu que não tem nada específico para compartilhar sobre adaptação climática e impacto econômico.

O agronegócio brasileiro é um dos grandes prejudicados pelos efeitos das mudanças climáticas. Temperaturas mais altas já afetam o cultivo do café e da laranja, além de causarem a morte de aves, bovinos e suínos.

Quebras de safra engrossam a lista de prejuízos. Em dois anos, o Brasil deve perder 41 milhões de toneladas de grãos em função de eventos como secas, geadas e excesso de chuvas.

A **Folha** procurou as principais empresas do setor para falar sobre iniciativas de proteção a eventos extremos.

Em nota, a Cargill, multinacional de produção e processamento de alimentos, disse não ter nada nesse perfil específico, e reforçou suas ações de mitigação, como usar biomassa para gerar energia e reduzir emissões de carbono.

A Bunge, gigante do comércio internacional de soja e outras commodities agrícolas, destacou que não possui áreas de cultivo e que sua operação consiste na compra e processamento dos grãos.

"Nós incorporamos detalhamentos minuciosos de aspectos relacionados à sustentabilidade ao nosso processo de gestão de riscos", disse a Bunge em nota.

"Tal processo inclui riscos decorrentes de mudanças nos padrões climáticos, escassez de água, desmatamento, produtividade do agricultor, aumento da tributação e regulamentação sobre as emissões de GEE [gases de efeito estufa], entre outros", acrescentou.

A BRF, dona da Sadia e da Perdigão, disse usar tecnologia para mapear a procedência dos grãos e mencionou o compromisso de reduzir o consumo de água em 13% até 2025.

Entre os frigoríficos, JBS e Marfrig não responderam sobre suas iniciativas. Procurada para comentar como tem lidado com os riscos climáticos, a Minerva Foods disse que não participaria da reportagem.

Continua na pág. A28

Gado morto devido à seca em São Paulo do Potengi (RN) Allan Lira - 18.nov.21/Folhapress

> Há tendências de maior intensidade e frequência em eventos climáticos extremos que podem afetar drasticamente o negócio, seja em relação à operação, aos fornecedores ou aos colaboradores
>
> **André Ferretti**
> ambientalista e gerente da Fundação Grupo Boticário

> Empresas assumem metas de redução de emissões de carbono, mas não incluem o clima na matriz de risco da organização
>
> **Vanessa Pinsky**
> especialista em ESG e pesquisadora da USP

Principais ameaças ao crescimento das empresas

Em %

	Brasil	Mundo
Instabilidade macroeconômica	69	43
Riscos cibernéticos	50	49
Desigualdade social	38	18
Mudanças climáticas	36	33
Riscos à saúde	32	48
Conflitos geopolíticos	21	32

Fonte: 25ª CEO Survey (PwC)

Empresas ainda não têm projetos de adaptação a mudanças climáticas

Continuação da pág. A27
Algumas companhias têm incorporado a adaptação climática em suas estratégias de sustentabilidade.

A Neoenergia, do setor elétrico, aposta na diversificação do portfólio em várias frentes (eólica, solar, hidrelétrica e termelétrica a gás natural) para blindar o negócio de problemas como a seca.

"O tema está no radar e temos realizado estudos a partir de uma metodologia de avaliação de risco climático para mapear medidas adaptativas de planejamento, institucionais e físicas , a fim de eliminar e minimizar eventuais efeitos das alterações decorrentes das mudanças climáticas", afirma Solange Ribeiro, diretora-presidente adjunta da Neoenergia.

Segundo ela, a companhia investiu R$ 3,1 bilhões no segmento de renováveis em 2021, o que representa um aumento de 246% em relação ao ano anterior. Desse total, R$ 2,8 bilhões foram voltados aos parques eólicos.

Outra empresa que vem acompanhando o assunto é a Ambev. Extremamente dependente da água, a companhia destaca suas plataformas para monitorar o gasto hídrico e a definição de metas para reduzir o consumo por litro de cerveja produzido.

"Sabemos que a gestão de preparo, de conteúdo e de conhecimento dão maior resiliência aos negócios e fazem parte da estratégia de adaptação às mudanças climáticas", afirma Karen Tanaka, gerente de sustentabilidade da Ambev.

A executiva diz que a cervejaria busca diversificar seus fornecedores de insumos agrícolas em diferentes regiões geográficas, o que ajuda a diminuir os riscos de desabastecimento por eventos extremos.

Outros programas também compõem a estratégia da Ambev, como iniciativas de agricultura regenerativa e a preservação de bacias e florestas — que ajudam tanto na mitigação quanto na adaptação climática.

"A partir de um amplo diagnóstico de cada bacia, reunimos uma série de parceiros e traçamos um plano local com ações que incluem educação ambiental, restauração ecológica, práticas de conservação e PSA [Pagamento por Serviços Ambientais]", explica.

Manifestantes em Nova York carregam cartazes de protesto sobre crise climática logo após as celebrações do Dia da Terra Bryan R. Smith - 23.abr.22/ AFP

Crise do clima vai afetar cadeias de exportação do Brasil, diz relatório

IPCC destaca que país será um dos mais prejudicados pelos problemas de diferentes regiões

SÃO PAULO Secas, tempestades e outros eventos extremos vão se tornar cada vez mais frequentes e intensos nos próximos anos. Conforme destacou o IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU), a atual crise do clima é sem precedentes e, pior, irreversível.

No setor privado, a necessidade de não agravar esse cenário vem ganhando força diante da pressão por boas práticas ESG (ambiental, social e de governança, na sigla em inglês). No entanto, a falta de medidas de adaptação afeta não só as empresas, mas também setores inteiros.

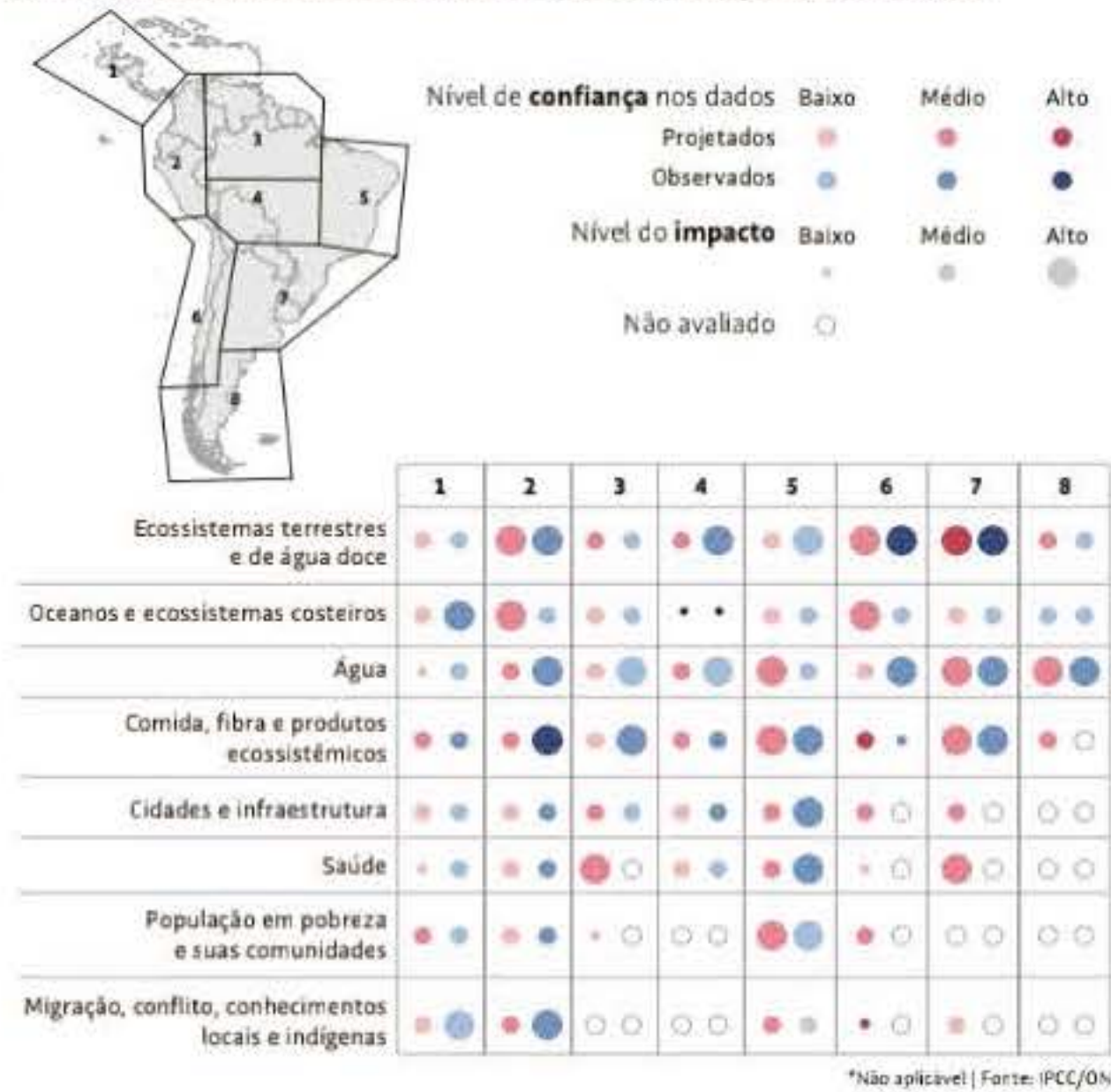
Dados do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia) mostram que as temperaturas no Brasil já estão mais altas, enquanto as chuvas, mais intensas. O agronegócio, por exemplo, que representa cerca de 27% do PIB nacional, é um dos grandes prejudicados, sofrendo com perdas de safras e morte de animais.

"As mudanças climáticas atingirão as cadeias de abastecimento, mercados, finanças e comércio internacionais, reduzindo a disponibilidade de bens no Brasil e aumentando seu preço, bem como prejudicando os mercados para as exportações brasileiras", diz o relatório do IPCC divulgado em fevereiro, que posiciona o país como um dos que mais serão afetados por questões ambientais.

"Adaptação é [tarefa] extremamente necessária, independentemente do que estamos fazendo em mitigação. Não é uma coisa ou outra, elas têm que andar juntas", afirma. "Ainda que conseguíssemos hoje, ou num curtíssimo prazo, zerar nossas emissões, aquilo que emitimos em excesso permanece na atmosfera causando efeitos por décadas ou séculos", acrescenta.

Segundo André Ferretti, ambientalista e gerente da Fundação Grupo Boticário, alguns governos locais estão implementando conceitos de adaptação para revisar planos diretores, por exemplo. Mas, considerando que boa parte dos modelos de negócio foi projetada para uma realidade climática que não existe mais, é fundamental que o tema seja discutido pelo setor privado também.

América do Sul já sofre do clima na saúde, acesso a água e alimentação

*Não aplicável | Fonte: IPCC/ONU

No Brasil, o agronegócio é o setor econômico mais vulnerável às mudanças climáticas, mas não o único.

Vanessa Pinsky, especialista em ESG e pesquisadora da USP, destaca o mercado energético —fortemente baseado em hidrelétricas— como outro segmento bastante exposto ao clima, além das seguradoras e do setor financeiro.

"Eu tenho muitas dúvidas sobre em que medida as empresas estão de fato olhando para a necessidade de adaptação numa perspectiva de risco sistêmico para o negócio", afirma.

Ela ressalta que as ameaças climáticas já estão bem mapeadas, e não se tratam de futurologia. "A alteração do ciclo de chuvas em várias regiões do Brasil é um fato dado, vai acontecer —em menor ou maior medida, dependendo do quanto conseguirmos conter o aquecimento global", diz.

Ela também destaca outros problemas irreversíveis ou próximos a um ponto de inflexão, como o derretimento de geleiras (que elevam o nível do mar), a savanização da Amazônia (que modifica o clima em diversos biomas) e o branqueamento de corais (que afeta a cadeia marinha).

"O cenário é tão complexo que isso não é problema de uma empresa. É problema de setores e do país como um todo. Precisamos de uma política pública pautada em estratégia e investimento de longo prazo em ciência, tecnologia e inovação", afirma Pinsky. TB

Questões ambientais ameaçam 4% do PIB global, mostra estudo

Marc Jones

LONDRES | REUTERS As mudanças climáticas podem causar uma perda de 4% da produção econômica global anual até 2050 e atingir partes mais pobres do mundo de forma desproporcional, estima um estudo abrangendo 135 países.

A agência de classificação de risco S&P Global, que dá aos países pontuações de crédito com base na saúde de suas economias, publicou um relatório na terça-feira (26) analisando o provável impacto econômico do aumento do nível do mar e de ondas de calor, secas e tempestades.

Em um cenário em que os governos evitam, em grande parte, novas políticas de mudança climática, os países de renda média e baixa provavelmente terão perdas no PIB (Produto Interno Bruto) 3,6 vezes maiores, em média, do que as de nações mais ricas.

A exposição de Bangladesh, Índia, Paquistão e Sri Lanka a incêndios florestais, inundações, grandes tempestades e também à escassez de água significa que o sul da Ásia tem de 10% a 18% do PIB em risco, aproximadamente o triplo da porcentagem ameaçada na América do Norte e 10 vezes mais que a taxa da Europa, região menos afetada.

As regiões da Ásia Central, do Oriente Médio e do norte da África e África Subsaariana também encaram perdas consideráveis.

Os países do Leste Asiático e do Pacífico enfrentam níveis de exposição semelhantes aos da África Subsaariana, mas principalmente por causa de tempestades e inundações, em vez de ondas de calor e secas.

"Em diferentes graus, este é um problema para o mundo", disse o principal analista de crédito governamental da S&P, Roberto Sifon-Arevalo. "Uma coisa que realmente salta aos olhos é a necessidade de apoio internacional para muitas dessas partes [mais pobres] do mundo."

Países da linha do Equador e pequenas ilhas tendem a estar em maior risco, enquanto economias mais dependentes de setores como a agricultura provavelmente serão mais afetadas do que aquelas com grandes setores de serviços.

esg

Atenção, empresas: litigância climática está chegando

Processos contra companhias que violam metas ambientais devem crescer

OPINIÃO

Rodrigo Tavares
Fundador e presidente do Granito Group; professor catedrático convidado na NOVA School of Business and Economics, em Portugal. Nomeado Young Global Leader pelo Fórum Econômico Mundial, em 2017

Ao abrir uma filial de uma empresa no Brasil, um conhecido banqueiro brasileiro sobreavisou-me: "Poupe em tudo, menos nos advogados". A judicialização das atividades corporativas, juntamente com a hiperburocratização e a tributação visigótica, são o tripé cambaleante onde assentam as empresas brasileiras.

Mais de 60 milhões de ações envolvendo empresas tramitam no Judiciário do país, sobretudo de cunho trabalhista, civil e relacionadas ao direito do consumidor. Um CEO (presidente-executivo) brasileiro tem que conhecer tão bem o chão da fábrica quanto o chão do fórum da sua comarca.

É um cenário que se agudizará com a litigância climática, uma ferramenta a ser usada pela sociedade civil para responsabilizar empresas e governos na agenda do clima.

Ainda que as primeiras ações datem da década de 1990 na Austrália e nos EUA, foi com a vitória histórica em 2021 de um grupo ambiental contra a Shell —em que um tribunal holandês ordenou que a empresa estabelecesse o corte de 45% das suas emissões de carbono até 2030— que se abriu um novo capítulo.

Foi a primeira vez que o poder judicial de um país obrigou uma empresa a se alinhar ao Acordo de Paris.

Hoje, segundo a LSE (London School of Economics and Political Science), existem 548 casos em curso em tribunais contra empresas ou entidades públicas por violações associadas às alterações climáticas.

No Brasil são 18, incluindo uma ação cautelar de quatro associações não governamentais —Agapan, Ingá, Coonaterra-Bionatur e Ceppa— contra uma empresa de mineração por violação das regras de licenciamento ambiental "frente à grave situação de emergência climática".

Mas no país não há registro de casos semelhantes ao da Shell. E falta ativismo jurídico por parte da sociedade civil.

Em Portugal, na semana passada, um grupo de 12 jovens, composto principalmente por advogados recém-graduados e estudantes de Direito, criou a associação Último Recurso. Publicamente, apresentaram como missão colocar o Estado português e a empresa de energia Galp no tribunal, acusando-os de serem principais responsáveis pela crise climática no país.

Em declarações à coluna, a direção da associação salienta que a base legal dos processos deriva "da responsabilidade civil (por violação de direitos subjetivos e interesses legalmente protegidos dos cidadãos), dos deveres fiduciários, dos riscos financeiros e dos direitos humanos." Ou seja, a base legal é ampla e multidisciplinar.

A questão dos direitos humanos ocupa um espaço importante porque a ONU reconheceu há poucos meses que o meio ambiente limpo, saudável e sustentável é um direito humano fundamental.

Mas é mais fácil um trabalhador processar uma empresa pela simples falta de pagamento de horas extraordinárias do que uma associação processar uma corporação por contribuir para o aquecimento global e operar a crédito no planeta, afetando milhares.

A associação espera "resistência dos tribunais" dada a "propensão algo conservadora das decisões jurisdicionais", acrescida pela "falta de preparação da magistratura portuguesa para lidar com quesitos ambientais e climáticos," afirmam Mariana Gomes (presidente), Beatriz Cunha (vice-presidente) e Pedro Marques (tesoureiro), por email.

> [...]
> É mais fácil um trabalhador processar uma empresa pela falta de pagamento de horas extraordinárias do que uma associação processar uma corporação por contribuir para o aquecimento global

Tanto no Brasil paulista quanto no Portugal lisboeta, o mundo corporativo opera em espaços de confiança e camaradagem.

Os jovens advogados portugueses alertam para o fato de que muitas das empresas carbônicas "estão profundamente inseridas no status quo, cuja sustentabilidade é reconhecida por estruturas e organizações também integradas nesse status quo." Para superar a crise climática é, por isso, necessário "deixar para trás o 'business as usual'."

Jovens portugueses têm pedigree nesta área. Em 2020, quatro crianças e dois adolescentes, com idades entre os 8 e os 21 anos, foram os autores de uma ação que deu entrada no Tribunal Europeu dos Direitos Humanos contra 33 Estados, incluindo o português, pela falta de ações concretas para reduzir as emissões de gases com efeitos de estufa.

O ordenamento jurídico brasileiro, à semelhança do europeu, também permite a litigância climática.

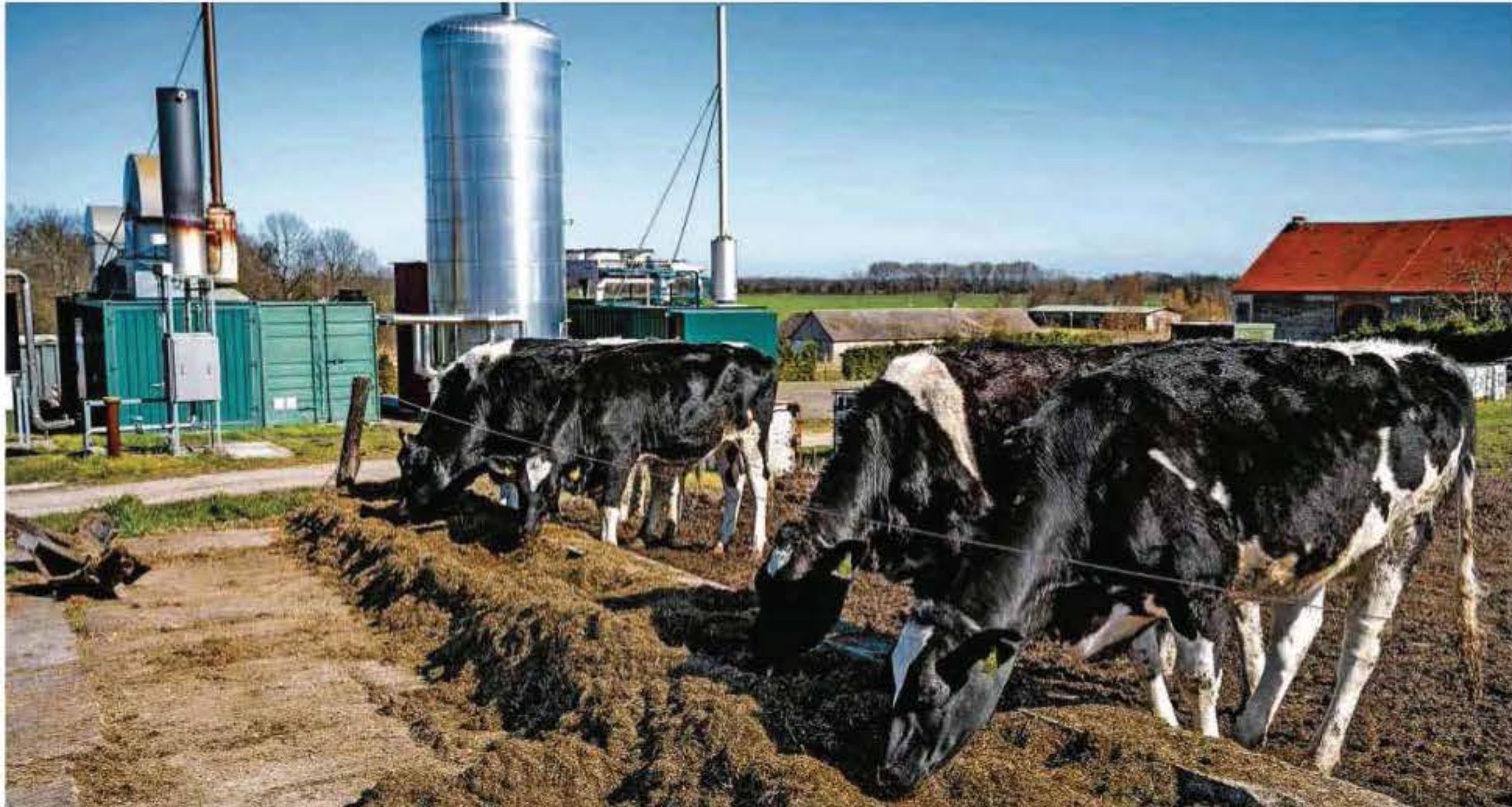
A Lei da Política Nacional da Mudança do Clima (lei 12.187/09); o Acordo de Paris, ratificado pelo Brasil em setembro de 2016; o entendimento do STF sobre o alcance jurídico do artigo 225 da Constituição Federal de 1988, que determina que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, cabendo à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações; o Código Florestal Brasileiro; e uma constelação de regras associadas ao direito ambiental, ao direito do consumidor e à responsabilidade civil instigam as empresas e o poder público a cumprir objetivos de mitigação ou adaptação climática.

Apesar do papel indutor de organizações internacionais como a ClientEarth ou a Glan (Global Action Network), levar a emergência climática para dentro dos tribunais acarreta custos difíceis de suportar por jovens juristas ativistas.

A própria Último Recurso não dispõe de financiamento externo e irá contatar "fundações, organizações e doadores privados" para angariar recursos.

Mas que doadores privados? Se a maior parte dos filantropos brasileiros ou portugueses são empresários, não há o risco de haver conflitos de interesse? Não poderá um empresário, pelo charme da filantropia, ser tentado a financiar ações contra a concorrência?

E poderão recursos públicos da União Europeia, o maior financiador da agenda climática do mundo, ser disponibilizados para a sociedade civil processar governos, incluindo os próprios membros da UE?

O caminho será árduo, mas é imparável. Se nos últimos anos o STF tem sido exortado a interferir no poder Executivo para evitar calamidades políticas, também serão os tribunais a estimular os executivos de empresas a cumprirem regras para evitarmos catástrofes ambientais.

Vacas se alimentam em frente a usina combinada de calor e energia (CHP) que funciona a biogás numa fazenda em Ribbeck, na Alemanha John MacDougall/AFP

Biogás pode ajudar Alemanha a cortar dependência da Rússia

Florian Cazeres

RIBBECK (ALEMANHA) | AFP Após anos de estagnação e questionamentos sobre seu impacto ambiental, o setor de biogás da Alemanha volta a chamar a atenção em meio aos esforços de Berlim para reduzir sua dependência energética de Moscou por causa da guerra na Ucrânia.

A uma hora de carro a oeste de Berlim, a fazenda de Peter Kaim é dominada pelo forte odor que emana de três longas esferas colocadas no meio de um campo lamacento compartilhado com cem vacas.

Todos os dias, toneladas de resíduos orgânicos —principalmente esterco, milho e grama— são despejados nesses recipientes.

Em um processo chamado "metanização" alimentado por bactérias, essa matéria orgânica se transforma em gás.

A pequena usina aquece cerca de 20 casas na vila de Ribbeck, conhecida por uma pereira elogiada pelo escritor alemão Theodor Fontane (1819-1898) num poema clássico do século 19.

Tudo "vem 100% da nossa fazenda", diz Kaim, orgulhoso de ter uma produção energética "independente" em meio à guerra na Ucrânia, que elevou os preços.

O agricultor pede às autoridades regionais que adotem procedimentos de autorização mais simples para ajudar o biogás a se tornar um participante maior no mix energético da Alemanha.

Assim como Kaim, todo esse setor vê a crise atual como uma oportunidade —que levou Berlim a reduzir sua dependência da Rússia, da qual importava 55% de seu gás natural, metade de seu carvão e 35% de seu petróleo.

Em um sinal de que a mensagem estava chegando, o governo alemão anunciou, na semana passada, seu desejo de aumentar a produção de "gás verde" como parte de sua estratégia para construir mais resiliência diante do aumento dos preços da energia.

Por enquanto, o biogás representa apenas 1% do consumo na principal economia europeia. Mas "poderíamos aumentar imediatamente nossa produção em 20% e substituir 5% do gás russo se algumas barreiras regulatórias fossem levantadas amanhã", diz Horst Seide, presidente da federação dos produtores de biogás alemães.

Segundo ele, um esforço coordenado de promoção do setor permitiria, a longo prazo, produzir dois terços da capacidade do Nord Stream 2, o polêmico projeto de gasoduto entre a Rússia e a Alemanha que Berlim suspendeu no início da invasão da Ucrânia em fevereiro.

A história do biogás na Alemanha tem décadas. No início dos anos 2000, o país optou por esse setor e tornou-se líder europeu. Ainda hoje, metade dos metanizadores do continente estão localizados no país.

Mas, no início de 2014, o governo alemão deu uma guinada e decidiu cortar a capacidade de produção da indústria com um complexo sistema de subsídios.

A principal objeção era a industrialização massiva do setor, que representava um grande problema ambiental devido ao risco de contaminação das águas e vazamentos de gases poluentes.

Alegaram também que as terras usadas para agricultura e pecuária estavam sendo tomadas para produção de energia.

De acordo com o ministério da Agricultura alemão, 14% das terras agrícolas do país já são usadas para geração de energia.

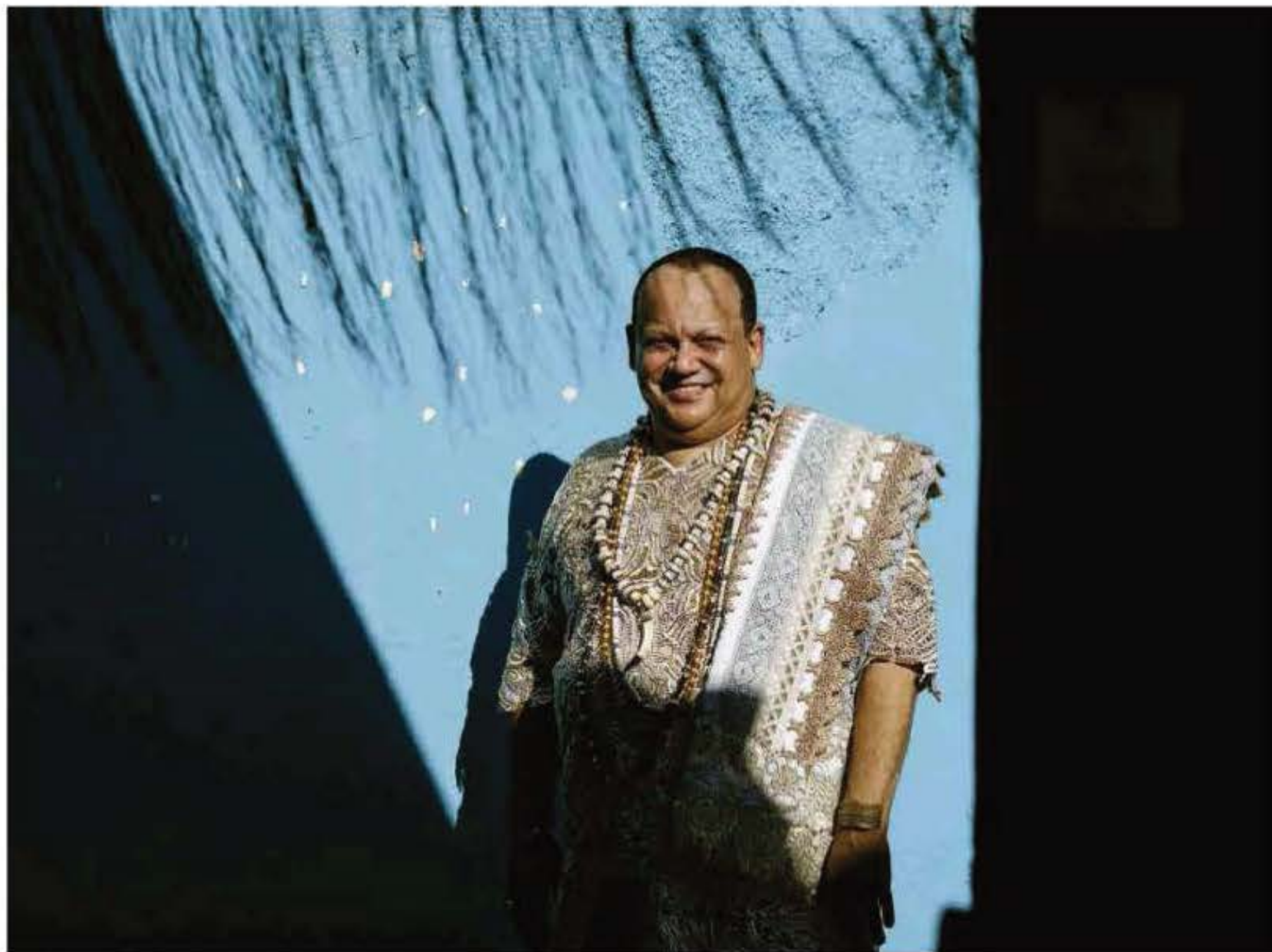
A abertura de novas instalações despencou: de 1.526 em 2013 para 94 em 2014, logo após a mudança regulatória. No ano de 2021, apenas 60 foram registradas.

O setor garante que aprendeu com seus erros e quer fazer parte da solução para se desconectar do gás russo, mas pede uma flexibilização da regulamentação.

No entanto, alguns especialistas são céticos. "Em um futuro contexto de insegurança alimentar devido à guerra na Ucrânia, é difícil defender um aumento na produção de biogás usando o modelo atual", comenta Michael Sterner, pesquisador de energia da Universidade de Regensburg.

De acordo com Ingo Baumstark, porta-voz da federação dos industriais, a expansão da produção pode ser feita de forma descentralizada, usando pequenas instalações e matérias-primas sustentáveis.

O setor explica que quer abandonar a monocultura do milho dedicada exclusivamente à produção de energia para focar nos resíduos e sobras da produção agrícola.

Mas esse modelo, melhor do ponto de vista ambiental, exige uma operação logística colossal, pois atualmente 80% da matéria orgânica utilizada no setor vem de plantas cultivadas exclusivamente para esse fim, segundo a Agência Alemã do Meio Ambiente.

Pai Celinho de Omolu, líder religioso que tem um dos terreiros mais conhecidos de Duque de Caxias (RJ) Eduardo Anizelli/Folhapress

Desfile campeão sobre Exu é divisor de águas no combate à intolerância no RJ

Religiosos esperam que a vitória da Grande Rio no Carnaval ajude a desmistificar preconceitos

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO O pai de santo Celinho de Omolu, 57, notava que as pessoas falavam o nome de Exu com temor na voz, como se o orixá mensageiro fosse um tabu ou então uma ameaça.

Esse cenário, afirma o religioso, começou a mudar na madrugada do último domingo (24), quando o Acadêmicos do Grande Rio entrou na Marquês de Sapucaí.

Durante o desfile, a agremiação exaltou o nome da divindade e conquistou o primeiro título de sua história. Segundo Pai Celinho, o medo começou a dar lugar ao respeito.

"Os leigos se sentiam mais confortáveis para falar de Exu. Antes do desfile, eles tinham receio, como se questionassem: 'Será que eu estou reverenciando o diabo?'", afirma ele, que considera o desfile um divisor de águas.

"Agora, na televisão, no Sambódromo e na comunidade, as pessoas falam dele com a boca cheia de orgulho", completa o religioso.

O pai de santo mora em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense onde a Grande Rio nasceu em 1988. Para a liderança religiosa, o enredo foi um presente à cidade e às religiões de matriz africana.

"O desfile não poderia ter tido um resultado diferente. Exu dominou aquele momento com toda sua magia, amor e encantamento. O desfile foi de arrepiar", diz ele, acrescentando que a sociedade precisava desse esclarecimento sobre a divindade.

Ela frequentemente é relacionada à figura do diabo do cristianismo, associação que muitas pessoas usam para depreciar as religiões de matriz africana e aqueles que cultuam o orixá.

"Exu foi demonizado e incompreendido. O desfile de domingo desmistificou essa visão que muitas pessoas têm sobre ele", diz o religioso. "Exu na verdade é o mensageiro, é o portador das informações do plano astral."

> **O desfile não poderia ter tido um resultado diferente. Exu dominou aquele momento com toda sua magia, amor e encantamento. O desfile foi de arrepiar**
>
> **Celinho de Omolu**
> pai de santo

Desconstruir preconceitos foi justamente um dos objetivos da Grande Rio. "O enredo e a vitória da escola carregam muitas camadas de importância. A primeira é desconstruir a ideia de que Exu é o diabo cristão", afirma o historiador e antropólogo Vinícius Natal, 35, que trabalhou na pesquisa do enredo.

O pesquisador diz, no entanto, que o trabalho sofreu resistência de setores de fora da escola de samba.

"Alguns grupos conservadores se colocam contra, porque não entendem o enredo. Eles colocam Exu na velha associação com o diabo. Mas essas visões só demonstram a importância do enredo e de falar de Exu em todos os espaços", explica.

Se fora da Grande Rio houve resistência, dentro da agremiação a homenagem foi muito bem recebida.

Vinícius explica que o enredo foi uma demanda da própria escola e ganhou força após a edição de 2020 do Carnaval.

À época, a tricolor foi vice-campeã com um samba-enredo sobre Joãozinho da Gomeia, o mais célebre pai de santo de Caxias.

Já na apuração, a equipe de criação da escola, capitaneada pelos carnavalescos Leonardo Bora e Gabriel Haddad, bateram o martelo e decidiram celebrar Exu na edição seguinte, que só aconteceria em 2022.

"A gente começou logo depois o projeto de pesquisa, que se deu não só por meio de livros, mas foi muito através de entrevistas a componentes da escola, das comunidades de axé e do movimento negro", explica Vinícius.

"Trazer Exu no desfile é dar uma resposta à intolerância e dizer que é preciso respeitar todas as religiões. A vitória coroa um debate sobre intolerância que a escola está pautando na cidade, no estado e no Brasil."

> **O Carnaval e o samba foram o nosso grito de luta por liberdade e por direitos. Foi um grito de resistência e reexistência. Exu foi para a avenida e todo mundo teve que vê-lo do jeito que ele é**
>
> **Conceição d'Lissá**
> mãe de santo

Mãe Conceição d'Lissá, 61, conhece de perto a violência motivada pelo preconceito religioso em Caxias. Ela diz ter sofrido cinco ataques; em um deles, foi alvo de tiros quando estava em casa.

O último episódio aconteceu em 2014, quando criminosos atearam fogo no barracão onde está localizado seu terreiro. Em razão dos estragos causados pelo ataque, Mãe Conceição foi obrigada a ficar com o espaço fechado durante um ano.

"É como se a gente deixasse de ser cidadão, de ser uma pessoa com direitos. É uma impunidade que faz com que você se sinta muito impotente", diz a religiosa, que teve estresse pós-traumático por causa dos ataques.

O município em que a Grande Rio nasceu de fato coleciona casos de intolerância. Em 2021, a CPI da Intolerância Religiosa, feita na Assembleia Legislativa do estado, recebeu 37 casos vindos da Baixada, sendo que 19 deles (51%) ocorreram em Duque de Caxias.

Ainda segundo dados obtidos pela CPI, a cidade tem cerca de 300 terreiros, a maior concentração dentre os 13 municípios da região.

Já a Prefeitura de Caxias diz que recebeu no último ano 30 denúncias sobre intolerância religiosa. Em nota, o poder municipal afirma que combate todo tipo de preconceito e que oferece assistência social, jurídica e psicológica a quem sofre atos de violência religiosa.

Além disso, a prefeitura afirma levar às escolas palestras com reflexões e esclarecimentos sobre racismo, homofobia e intolerância religiosa.

Apesar do preconceito, Mãe Conceição diz que o candomblé é a sua vida e que não segurou a emoção quando viu Exu homenageado no Sambódromo, no último domingo.

"O Carnaval e o samba foram o nosso grito de luta por liberdade e por direitos. Foi um grito de resistência e reexistência. Exu foi para a avenida e todo mundo teve que vê-lo do jeito que ele é, não do jeito que querem que ele seja", afirma ela.

"Que seja um divisor de águas para que a nossa cultura e religiosidade sejam respeitadas", conclui.

Uma das principais lideranças religiosas do Rio, o babalaô Ivanir dos Santos diz que o título da Grande Rio é uma conquista coletiva.

"É uma vitória para o Brasil, não só para as religiões de matriz africana. É a afirmação da diversidade e do combate ao ódio", afirma ele, que é interlocutor da CCIR (Comissão de Combate à Intolerância Religiosa).

"Que esse axé de Exu abra o caminho não só da Grande Rio, mas também o da democracia, do Estado laico e o da diversidade."

Adams Carvalho

Sério mesmo, Elon?

Não é a liberdade de expressão que está correndo risco, mas a democracia

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Elon Musk comprou o Twitter, diz ele, por temer o cerceamento à liberdade de expressão. O Twitter, meus amigos? Aquela rinha da trollagem em que vale dedo no olho, chute no saco e dentada na orelha? A ferramenta através da qual a família Bolsonaro corrói diariamente a democracia, ri da tortura, propaga mentiras sobre a pandemia, ameaça jornalistas, ativistas, cientistas, artistas e minorias em geral? Quem sabe o próximo passo do bilionário sul-africano seja comprar o Saara para proteger a areia?

Poucas discussões estão mais mal colocadas, hoje, do que esta sobre a liberdade de expressão. Quando temos bilhões de dólares e a ciência mais avançada (da matemática à psicologia) criando algoritmos que privilegiam, incentivam e propagam em escala global as opiniões mais extravagantes, chocantes e violentas; quando o resultado deste comércio desregulado de ideias é o esgarçamento do tecido social, o afunilamento do espaço público, a polarização política, as guerras culturais, o crescimento vertiginoso da depressão, ansiedade e suicídio entre jovens; quando esse sambalelê civilizacional põe a democracia em risco e se fala em Guerra Civil, nos EUA, e golpe militar, no Brasil, simplesmente defender a liberdade de expressão como um princípio absoluto e pronto, acabou-se, é meter a cabeça num buraco para não ver o que se passa.

É preciso que os autoproclamados liberais olhem pela janela (ou mesmo pro celular) e constatem que levantar a bandeira da Primeira Emenda à Constituição Americana, dos enciclopedistas, dos contratualistas, de Bentham, Stuart Mill e outros que pensaram sobre uma arena pública radicalmente diferente da nossa não dá conta do que está acontecendo. É como tentar tirar um parafuso Philips com uma faca de cozinha: você espana o parafuso (confunde os contornos da questão), não o remove (o problema segue inabalado) e ainda destrói a faca (corrompe os autores).

Qual a solução? Mudar os algoritmos? As plataformas melhorarem seus filtros e regras de conduta? Criar-se uma espécie de constituição global para as redes sociais? Não tenho ideia, mas talvez o primeiro passo seja tirar os antolhos da "liberdade de expressão são über alles!" e encarar o problema. O mundo está doente. Uma das causas da doença é a transformação da opinião em commodity e a aplicação da lei da oferta e da procura ao campo das ideias, o que faz com que quebrar a placa com o nome da vereadora assassinada eleja um deputado, mas propostas sólidas sobre educação e saúde pública, não.

A distopia das redes sociais nos trouxe para um "freak-show" do século 19, um circo de horrores. Estamos promovendo à fama e levando ao poder a Mulher Barbada, o Homem Elefante, a cabra de duas cabeças, a multidão goza vendo urso "dançar" sobre uma chapa incandescente. O que há de mais próximo deste antigoverno que brotou das redes e joga para elas não é o liberalismo, o conservadorismo nem sequer o fascismo, é a Farra do Boi.

Não é a liberdade de expressão, hoje, quem está correndo o maior risco, como acreditam Elon Musk e tantos outros, mas a democracia, o estado de direito, a declaração universal dos direitos humanos — conceitos que, convenhamos, jamais estiveram, nem de longe, assegurados a todos.

Daniel Silveira, livre pelo indulto presidencial para incitar a multidão contra um ministro do STF e tombar as nossas cambaleantes instituições, ri da nossa cara posando para uma foto com a placa quebrada da Marielle, emoldurada pelo cúmplice Rodrigo Amorim — um souvenir macabro do lamaçal de onde surgiram.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

APRESENTA

EstúdioFOLHA

Vacinação contra pólio e sarampo tem início na cidade de São Paulo

Tomar a vacina é a forma de se proteger contra essas doenças graves que estavam praticamente erradicadas

A cidade de São Paulo, reconhecida pela mídia internacional como capital mundial da vacina, em razão do trabalho de imunização contra a Covid-19, iniciou a campanha de vacinação contra sarampo e poliomielite. Essas doenças estavam praticamente erradicadas no país e voltaram a preocupar durante a pandemia de Covid-19.

No caso do sarampo, a meta da prefeitura é imunizar, até 3 de junho, 95% das 709.273 crianças de seis meses a 5 anos, independentemente da situação vacinal anterior.

A campanha abrange também os 585.913 profissionais de saúde que atuam na cidade. Além disso, os nascidos após 1960 também podem procurar as unidades de saúde da prefeitura onde são aplicadas vacinas caso nunca tenham se vacinado contra o sarampo. Esses dois públicos devem se vacinar se estiverem com a vacinação incompleta. Os postos atendem também quem está atrasado com o calendário vacinal de rotina para outras doenças.

O sarampo é causado por um vírus muito contagioso. Passa de pessoa para pessoa por meio da fala, de tosse ou espirro. Atinge qualquer idade. Os doentes apresentam febre e inflamação do sistema respiratório. Se não tratada, a doença pode matar.

A forma mais eficaz de prevenção é por meio da vacina, como a disponibilizada pela Prefeitura de São Paulo.

PÓLIO

Já contra a poliomielite, estão aptas a serem imunizadas todas as crianças menores de 5 anos, com vacinação em atraso ou sem histórico de vacinação. Viajantes, imigrantes e refugiados de países endêmicos também têm direito de receber o imunizante contra a pólio.

A poliomielite também é provocada por um vírus e pode afetar crianças e adultos não imunizados. O contágio se dá por contato direto com fezes ou secreções expelidas pela boca de pessoas contaminadas.

Em casos graves, provoca paralisia muscular permanente, principalmente nos membros inferiores.

A forma de se proteger é por meio da vacinação, disponível gratuitamente na rede pública municipal.

Na cidade de São Paulo, as vacinas contra o sarampo e a pólio estão disponíveis nas 470 Unidades Básicas de Saúde (UBSs), de segunda-feira a sexta-feira, das 7h às 19h, e nas Assistências Médicas Ambulatoriais (AMAs)/UBSs Integradas do município, também das 7h às 19h, inclusive aos sábados e feriados.

Para saber a unidade mais próxima para se vacinar, a população da cidade de São Paulo pode consultar a página buscasaude.prefeitura.sp.gov.br.

Pais e responsáveis devem prestar atenção, pois, para crianças entre 5 e 11 anos, a vacinação de sarampo e Covid-19 não deve ser feita simultaneamente. O intervalo recomendado é de 15 dias entre as doses.

Para a população em geral, acima de 12 anos, pode ser feita a imunização simultânea entre as vacinas de sarampo, gripe e Covid-19.

CASOS E COBERTURAS

O Brasil havia registrado os últimos casos de sarampo em 2015. No ano seguinte, o país recebeu a certificação de eliminação do vírus endêmico. Porém, em 2018, houve a reintrodução do vírus no país.

Em 2019, São Paulo registrou 9.347 casos confirmados, com cinco óbitos. Já em 2020, 451 casos e uma morte. No ano passado, foram sete casos e nenhum óbito.

Em 2019, a capital atingiu a meta na vacinação de sarampo e cobriu 98,65% do público-alvo. Já em 2020 e 2021, em razão da pandemia de Covid-19, a cobertura ficou abaixo do esperado, 85,42% e 83,24%, respectivamente.

Quanto à imunização contra a poliomielite, registrou cobertura de 95%. Em 2019, a cobertura ficou em 86,39%; em 2020, 81,95%; e, em 2021, 77,99%. Durante as visitas de rotina, os agentes comunitários de saúde deverão priorizar a busca ativa para essa imunização.

O registro do último caso confirmado de poliomielite no estado de São Paulo foi em 1988, no município de Teodoro Sampaio.

VEJA SE VOCÊ DEVE PROCURAR UM POSTO

Quem deve tomar

Contra o sarampo
- Crianças de seis meses a menores de 5 anos
- Pessoas nascidas a partir de 1960 que não estão imunizadas
- Trabalhadores da saúde

Contra a poliomielite
- Crianças menores de 5 anos sem histórico vacinal ou com esquema vacinal incompleto
- Viajantes, imigrantes e refugiados de países endêmicos

Onde se vacinar*

UBSs
- Nas 470 UBSs (Unidades Básicas de Saúde) do município

De segunda a sexta-feira, das 7h às 19h

AMAs
- Nas AMAs (Assistências Médicas Ambulatoriais)/UBSs Integradas do município

De segunda a sábado, das 7h às 19h, inclusive nos feriados

*Os endereços podem ser encontrados em buscasaude.prefeitura.sp.gov.br/

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Aponte a câmara do celular para o QR Code e saiba mais

CAPITAL MUNDIAL DA VACINA AMPLIA ESFORÇOS CONTRA COVID E INFLUENZA

Postos de vacinação da Prefeitura de São Paulo estão aplicando doses regulares e de reforço contra a Covid-19 e a imunização contra a gripe Influenza

São Paulo passou a ser conhecida internacionalmente como a capital mundial da vacina. O título foi dado pela mídia internacional em razão da campanha de vacinação contra a Covid-19.

Entre maiores de 18 anos e adolescentes de 12 a 17 anos, a imunização total (duas doses) atingiu 100%.

Mas a pandemia ainda não acabou. A Prefeitura de São Paulo segue na imunização contra a Covid-19, seja a primeira dose para crianças de 5 a 11 anos, dose adicional para maiores de 18 anos ou ainda a quarta dose para quem tem mais de 60 anos.

E a cidade amplia esforços para garantir a saúde da população, com a campanha de vacinação contra a gripe Influenza.

A campanha de imunização começou em 27 de março, atendendo idosos com 80 anos ou mais. Depois, em 29 de março, foi a vez das pessoas com mais de 70 anos. Desde 4 de abril, a cobertura foi estendida àqueles com mais de 60 anos e trabalhadores da saúde.

De acordo com o cronograma estabelecido pela administração municipal, a partir de 2 de maio será a vez de crianças acima de seis meses a menores de 5 anos, gestantes e puérperas. Em 9 de maio, começará a imunização dos povos indígenas, de profissionais da educação, de portadores de deficiência e pessoas com comorbidade.

A partir de 16 de maio, terão direito à vacinação contra a gripe integrantes das forças de segurança e salvamento, Forças Armadas, caminhoneiros, trabalhadores de transporte coletivo rodoviário de passageiros urbanos e de longo curso, trabalhadores portuários, funcionários do sistema prisional, população privada de liberdade e adolescentes e jovens de 12 a 21 anos de idade que estejam sob medidas socioeducativas.

Até a primeira quinzena de abril, haviam sido aplicadas 731.881 doses da vacina contra Influenza em pessoas com mais de 60 anos e trabalhadores da saúde.

COVID-19

A primeira dose da vacina contra a Covid-19 pode ser aplicada em crianças de 5 a 11 anos. Adultos, com mais de 18 anos, já devem tomar a dose adicional.

Pessoas com mais de 60 anos poderão receber a quarta dose contra a Covid-19, desde que tenham tomado a dose adicional há pelo menos quatro meses.

Também têm direito à imunização com quarta dose pessoas com alto grau de imunossupressão com mais de 18 anos e adolescentes com imunossupressão, de 12 a 17 anos.

O cronograma prevê ainda a dose adicional para quem tem mais de 18 anos e tomou a última dose do esquema vacinal (segunda dose) há pelo menos quatro meses.

Os imunizantes contra Covid e contra Influenza podem ser administrados simultaneamente naqueles com mais de 12 anos.

As vacinas estão sendo aplicadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs), das 7h às 19h, Assistências Médicas Ambulatoriais (AMAs)/UBSs Integradas, das 7h às 19h, e em megapostos e drive-thrus da capital, das 8h às 17h.

VEJA COMO E ONDE SE VACINAR

Município disponibiliza ampla rede de atendimento

Contra a Covid

1ª e 2ª doses
- Qualquer pessoa acima dos 5 anos que não tenha se vacinado ou só tenha tomado a primeira dose

1ª dose adicional
- Pessoas com mais de 18 anos que tomaram a última dose do esquema vacinal (segunda dose) há pelos menos 4 meses
- Pessoas com mais de 18 anos que tomaram Janssen há pelo menos 2 meses da primeira dose
- Pessoas com alto grau de imunossupressão com mais de 18 anos devem tomar a primeira dose adicional com pelo menos 28 dias após a última dose do esquema vacinal (segunda dose ou dose única)
- Adolescentes com imunossupressão com 12 a 17 anos com pelo menos 8 semanas (56 dias) após a última dose do esquema vacinal (segunda dose da Pfizer)

2ª dose adicional
- Pessoas a partir de 60 anos que tomaram a primeira dose adicional há pelo menos 4 meses
- Pessoas com alto grau de imunossupressão com mais de 18 anos
- Adolescentes com imunossupressão com 12 a 17 anos

Contra a Gripe

Grupos prioritários
- Pessoas com mais de 60 anos
- Trabalhadores da saúde

Outros grupos

A partir de 2 de maio
- Crianças acima de 6 meses e menores de 5 anos
- Gestantes e puérperas

A partir de 9 de maio
- Povos indígenas
- Profissionais da educação
- Portadores de deficiência
- Pessoas com comorbidade

A partir de 16 de maio
- Forças de segurança e salvamento, Forças Armadas
- Caminhoneiros, trabalhadores de transporte coletivo rodoviário de passageiros urbano e de longo curso
- Trabalhadores portuários
- Funcionários do sistema prisional
- População privada de liberdade, adolescentes e jovens de 12 a 21 anos sob medidas socioeducativas

Locais de vacinação

Drive-thrus
Adolescentes e adultos, das 8h às 17h

Megapostos
Adolescentes e adultos, das 8h às 17h

Unidades Básicas de Saúde
Crianças, adolescentes e adultos, das 7h às 19h

AMAs/UBSs Integradas
Crianças, adolescentes e adultos, das 7h às 19h

Endereços podem ser encontrados na página Vacina Sampa, no link deolhonafila.prefeitura.sp.gov.br

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Pesquisa mostra como TikTok fisga cérebro com vídeo curto

Aplicativo ativa áreas relacionadas à sensação de prazer, aponta estudo

Isabella Menon

SÃO PAULO Coreografias repetitivas, dublagens engraçadas e desafios em vídeos curtos são sucesso no TikTok, aplicativo desenvolvido pela startup chinesa Bytedance.

Assim como outras redes sociais, a plataforma possui algoritmos que entregam conteúdos capazes de impulsionar as interações do usuário com o aplicativo. Assim, a empresa afirma que chegou à soma de 1 bilhão de usuários ativos atualmente.

Um estudo publicado na revista científica NeuroImage e realizado por pesquisadores da Universidade Zhejiang, na China, detectou que o aplicativo ativa áreas do cérebro relacionadas à sensação de prazer e recompensa.

A pesquisa analisou 30 universitários, de 19 a 30 anos. Todos são usuários da plataforma, e 46% afirmaram assistir diariamente a mais de uma hora de vídeos curtos do TikTok. Quase todos (93%) preferem os vídeos personalizados aos genéricos.

Para o estudo, usuários foram expostos tanto a vídeos personalizados, aqueles filtrados pelo algoritmo da plataforma de acordo com os gostos da pessoa, quanto aos genéricos, que costumam aparecer logo que o app é baixado.

Os resultados indicam que os dois tipos de vídeos ativam a SN (substância negra), relacionada à região rica em neurônios dopaminérgicos, que tem papel importante em mecanismos de busca e recompensa.

Porém, apenas os vídeos personalizados ativam outras áreas, como ATV (Área Tegmentar Ventral), região que é a origem de algumas vias dopaminérgicas e tem papel no circuito de recompensa, e subregiões do RDM (Rede de Modo Padrão), área envolvida no processamento de diferentes funções cognitivas, como autoconsciência, lembranças de experiências passadas e interpretação das emoções de outros indivíduos.

Por isso, a pesquisa aponta que o algoritmo do TikTok é capaz de ativar essas áreas, o que intensifica a vontade de continuar na plataforma.

A dopamina, neurotransmissor ativado nas regiões do cérebro que são acionadas com os vídeos do aplicativo, está ligada ao sistema de recompensa, que influencia diretamente as emoções.

O neurotransmissor costuma estar ligado a situações em que o ser humano tem uma relação de prazer e intensidade emocional, como esporte, sexo e jogos.

Especialista em redes sociais e professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Raquel Recuero analisa que o foco no vídeo é o diferencial da plataforma. Apesar de outras redes sociais também usarem o recurso, ele não costuma ser o protagonista.

A interação é um dos pontos que atraem o usuário a permanecer nela. "São duetos, opções de contar parte de uma piada ou completar uma história. E a interação por vídeo atrai um público bem mais jovem à plataforma", afirma.

"Na minha geração, começamos a usar a internet com texto. A cultura do vídeo vem dessa garotada que cresceu assistindo a vídeos de Minecraft, no YouTube."

Apesar do excesso de uso do aplicativo não ser recomendado por especialistas, a frequente ativação do sistema de recompensa não necessariamente gera consequências aos usuários.

A pesquisa confirma que existe uma dependência com vídeos, explica Dartiu Xavier, psiquiatra e pesquisador da Unifesp, mas isso também acontece com outras redes.

"Não é, necessariamente, por causa dos vídeos que o usuário perdeu o controle de uso. O mais provável é que esta pessoa já tenha um sistema de dopamina alterado", diz ele.

Mauro Victor de Medeiros Filho, psiquiatra da infância e adolescência do Hospital das Clínicas, afirma que há casos em que o uso excessivo do aplicativo pode ser problemático, como quando o usuário depende desta atividade para obter prazer.

Pessoas que têm dificuldade ou estão deprimidas podem ser mais vulneráveis a desenvolver uma dependência. "Essas mídias podem alimentar o vício em só se obter prazer por meio de vídeos", explica. "O problema não é o TikTok em si, mas a relação do ser humano com o app, uma vez que existem pessoas vulneráveis para ter uma relação ruim ou tóxica."

Especificamente sobre o TikTok, o que preocupa é o fato de a plataforma ser um influenciador rápido em que o usuário consegue ver só vídeos que quer.

"Se você está depressivo, vai ver só conteúdo de tristeza. O algoritmo te restringe ao que você tem prazer, que não necessariamente é o que faz bem", alerta o psiquiatra.

Psicanalista e professora da PUC-SP, Paula Peron analisa que a plataforma trabalha com a captura de tempo muito curta com diferentes elementos prazerosos.

"Eles prendem esteticamente, têm uma música boa, uma estética bonita e um enredo rápido e fácil", diz ela, que classifica que o conteúdo não exige muito do pensamento e trabalha com uma espécie de "antipensamento", uma vez que o conteúdo já fornece todos os elementos.

Peron analisa ainda que é comum ver que crianças expostas, principalmente ao TikTok, construam um repertório repetitivo e empobrecido para descrever situações, desenvolvem pavio curto para os processos.

Em fevereiro, a empresa anunciou uma mudança em suas regras com o objetivo de promover "o bem-estar da nossa comunidade e a integridade da nossa plataforma".

Entre outras medidas, o texto lista uma série de razões que podem levar um vídeo a ser retirado do ar, incluindo se eles incentivem pessoas a se machucarem ou ao suicídio ou se estimulam distúrbios alimentares.

Estudo sobre TikTok

SN (substância negra)
Região rica em neurônios dopaminérgicos, com papel importante em mecanismos de busca-recompensa, aprendizado, planejamento motor e adição

ATV (área tegmental ventral)
Região relacionada à origem de algumas vias dopaminérgicas e tem papel no circuito de recompensa

RMP (rede de modo padrão)
Rede de conexões envolvida no processo de diferentes funções cognitivas. Estudos apontam que se trata de uma área importante para a autoconsciência, lembranças de experiências passadas e interpretação das emoções de outros indivíduos

Fontes: Pesquisa "Assistir a Vídeos Personalizados no TikTok Ativa a Rede de Modo Padrão e Área Tegmental Ventral", da Universidade Zhejiang, e neurologista Eduardo Uchôa e membro da ABN (Academia Brasileira de Neurologia)

Aquário do Pantanal, em Campo Grande, abre ao público nesta segunda

SÃO PAULO Os habitantes e visitantes de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, finalmente poderão mergulhar no universo aquático do Pantanal — e de outros locais do Brasil e do mundo. Com quase uma década de atraso, o Bioparque Pantanal (antes conhecido como Aquário do Pantanal) será aberto para o público geral nesta segunda-feira (2).

A inauguração aconteceu em 28 de março, mas, até agora, as visitas estavam limitadas a poucos grupos, como de escolas e universidades, para treinar equipes e preparar a estrutura para o funcionamento pleno.

O edifício foi desenhado por Ruy Ohtake, filho da artista Tomie Ohtake (1913-2015) e renomado idealizador de prédios da capital paulista. O arquiteto morreu em 2021.

A história do aquário até aqui foi marcada por um considerável atraso — a obra iniciada em 2011 deveria durar 900 dias, ou seja, cerca de dois anos e meio — e por acusações de irregularidades. Elas chegaram a atingir o ex-governador e agora pré-candidato ao governo do Mato Grosso do Sul André Puccinelli (MDB), que, inclusive, foi preso preventivamente.

O aquário estava orçado em R$ 84,7 milhões. Acabou custando R$ 200 milhões, com aditivos contratuais e inclusão de itens que, segundo o Ministério Público Federal, "não passaram por licitação".

Os problemas e acusações levaram à paralisação das obras por anos, só retomadas em 2019.

Em meio aos atrasos, milhares de animais, alguns ameaçados de extinção, que iriam habitar os novos tanques já haviam sido adquiridos e eram mantidos em aquários provisórios, aos cuidados de equipes de pesquisa que trabalhavam em busca de adaptação adequada para os bichos.

O tempo no lar provisório acabou usado para estudos de protocolos de manejo dos animais, com cuidados como alimentação, reprodução e comportamento.

No fim, os tanques provisórios se tornaram um local para o estudo de peixes, o laboratório de Ictiologia. Mesmo com a versão definitiva do aquário pronta, o espaço permanecerá em funcionamento com o auxílio do Imasul (Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul).

Agora finalizado, o Bioparque Pantanal já guarda surpresas: uma recém-descoberta — nos afluentes do rio Correntes, entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul — espécie de lambari, que ainda não foi descrita.

Com entrada gratuita até dezembro, o aquário funciona de segunda a sexta, das 7h30 às 11h30, e depois das 13h30 às 17h30, e aos sábados das 7h30 às 11h30. É necessário agendamento online.

Phillippe Watanabe, Glauco Lara, Pilker e Catarina Pignato

COLÔMBIA, RR, AP, AM, PA, MA, CE, RN, PB, PE, AL, SE, PI, AC, RO, Área ampliada, TO, BA, PERU, MT, DF, GO, MG, BOLÍVIA, MS, ES, SP, CHILE, PARAGUAI, PR, RJ, SC, ARGENTINA, RS, URUGUAI, oceano Atlântico

Os biomas

Em % do território brasileiro

Bioma	%
Amazônia	49,3
Cerrado	23,9
Mata Atlântica	13
Caatinga	9,9
Pampa	2,1
Pantanal	1,8

O Pantanal tem **150.355 km²**

Maior que PE, AL e SE juntos, em km²

PE	98.067
AL	27.830
SE	21.938
Total	147.835

Área do Pantanal e os rios mais importantes

Onde fica

Bioparque Pantanal, fica dentro do Parque das Nações Indígenas

10 minutos de carro (24 km) do aeroporto internacional de Campo Grande

SANTA FÉ, av. Mato Grosso, parque dos Poderes, av. do Poeta, r. Castelnuovo, av. Afonso Pena, av. Min. João Arinos, Rodoanel Rodoviário, CHÁCARA CACHOEIRA, 500 m

Fonte: IBGE

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Argentino fugiu da ditadura para empreender no Brasil

ADRIÁN ALBERTO VERDAGUER (1946-2022)

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A paixão pelo teatro e pela liberdade política conduziu a vida do argentino Adrián Alberto Verdaguer. Nascido em 17 de março de 1946 na periferia de Buenos Aires, desde jovem era dono de uma carreira promissora de ator.

E sempre guardou a carteirinha de integrante do Partido Comunista como lembrança dos tempos em que mesclava a militância na luta contra a ditadura com os palcos. Até que ao voltar de uma de suas peças com um outro ator, viram da rua a janela do apartamento do amigo acesa. Chegava a hora de, literalmente, sair de cena.

"Minha mãe foi comigo para a casa da minha avó e meu pai se escondeu em outro lugar", lembra a filha Maria Eugênia Verdaguer, 47.

Em 1981, a família seguiu para uma espécie de exílio no Brasil — em cima da mesa onde o casal marcou as digitais do passaporte havia uma pasta com fotos e dados de Verdaguer, para não deixar dúvidas de que era preciso partir.

Durante quase um quarto de século, o argentino teve uma vida intensa em Campinas, cidade a quase 100 km de São Paulo, onde comprou um posto de combustíveis com um casal de amigos ao chegar ao país.

Mas foi no restaurante San Marino que Verdaguer descobriu o dom da culinária ao demitir o cozinheiro que se recusava a trabalhar em um sábado à noite se não recebesse aumento.

Na sequência, abriu o restaurante La Bodeguita, inspirado no nome do homônimo famoso de Havana e especializado em paella. "Ele dizia para os clientes que seguia a receita da mãe espanhola, mas ela era italiana", brinca a filha Maria Eugênia.

O argentino transformou seu restaurante em uma espécie de teatro. Atores encenavam trechos de peças do dramaturgo espanhol Federico García Lorca entre as mesas.

Mas foi com o Café de La Recoleta, no Centro de Convivência, uma praça no boêmio bairro do Cambuí, que ele fez fama na cidade. O local funcionou entre 1994 e 2003. Virou reduto de intelectuais, palco de apresentações artísticas e ponto de encontro de jovens.

Verdaguer ainda montou uma padaria, mas batia a saudade de Buenos Aires, para onde retornou em 2005, a tempo de participar de manifestações nas ruas da capital, de subir aos palcos novamente e de ser convidado para atuar na série "FDP", da HBO, que precisava de um argentino que falasse português, diz a filha.

O argentino se casou com uma brasileira em 2018. Descobriu um câncer em março passado. Ele morreu em 12 de abril, aos 76 anos. Deixa a mulher Fátima, os filhos Maria Eugênia e Juan Pablo, e oito netos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

5 milhões de litros de água, dos quais, 3 milhões são dos tanques em exposição; é o maior aquário de água doce do mundo
Corte para mostrar a parte externa e interna
Passarela
Vista oeste
Jardim descoberto
Vista leste
Reservatório de água
Central de energia
Entrada
19 mil m² de área construída
220 espécies de peixes
Vidro laminado
Arcos revestidos com placa metálica
Estrutura parafusada
Fachada
Forro de madeira
86,50 m
Biblioteca multimídia
Tanque 5,70 m 8,75 m
Auditório, 250 lugares
Acrílico
Área técnica
Cabine de projeção
Forro de madeira
Sagão principal e exposições
20,23 m
Piso térreo
Escada
Entrada
Sagão inferior e circuito dos aquários
80% do concreto é auto-adensável
Elevador panorâmico
Salas
Museu da biodiversidade
5,2 m
Tábua de itaúba
Estrutura metálica
Passarela
A entrada da passarela fica no jardim interno e passa por baixo da estrutura
Telha cônica de alumínio
Revestimento em placa metálica
15,36 m
Entrada
Vista lateral oeste
Entrada
Circuito dos aquários
Somente funcionários
Vista frontal do pavimento interno
Estrutura metálica
Ar condicionado
Área técnica
Acrílico
3,87 m
Acrílico
Área técnica
4,70 m
Acrílico
2,35 m
Vista superior
Saída
Entrada
Tanques
As cenografias e pinturas foram feitas pelo artista Roberto Gallo. Cada uma faz a simulação do habitat natural das espécies que estão nos tanques
Foto: Edemir Rodrigues/Divulgação
Túnel
1,2 milhão de litros de água
Quase metade de uma piscina olímpica, que tem 2,5 milhões de litros
2
Nome (científico) Cascudo-viola (Loricaria coximensis)
Tamanho 9,6 cm
Natural rio Coxim, MS
Estado Ameaçado de extinção
Maria Fernanda Balestieri/Divulgação
Os 33 tanques e o jardim descoberto
23 internos, 8 externos, 1 de reuso e 1 abastecimento. Conheça algumas espécies e em qual tanque está
Pavimento interno
Tanques
1 - Veredas
2 - Ressurgências
3 - Riachos de cabeceira
4 - Rios de Bonito
5 - Rios do Pantanal
6 - Sucuri
7 - Planície inundada
8 e 9 - Galeria da biodiversidade do Pantanal e dos continentes
10 - Itinerante
11 - Aquasfera
Jardim descoberto
Tanques
1 e 2 - Terras alagadas
3 - Baía e cachoeira
4 - Margens de água doce
5 - Piranhas
6 - Jacarés
7 - Orquidário
8 - Baía
Nome (científico)
Tamanho
Natural
11 Pintado (Pseudoplatystoma corruscans) 1,80 m bacia do alto rio Paraguai
4 Oscar (Astronotus crassipinnis) 25 cm bacia do alto rio Paraguai
8 Pirambóia (Lepidosiren paradoxa) 1 m bacia do alto rio Paraguai e Paraná
7 Arraia (Potamotrygon falkneri) 90 cm bacia dos rios Paraguai e Paraná
5 Jaú (Zungaro jahu) 1,70 m bacia do alto rio Paraguai
5 Dourado (Salminus brasiliensis) 1 m bacia do alto rio Paraguai
8 Cascudo zebra king (Hypancistrus sp.) 13 cm endêmica do rio Xingu, Pará
9 Tetra cego das cavernas (Astyanax mexicanus) 12 cm México
Vista lateral do jardim descoberto
Tanque das piranhas
Paisagismo
Deck de madeira
Peitoril e divisor de vidro
Tanque dos jacarés
Baía e cachoeira
1,10 m
Tanque
Tanque
passarela
Mesa de consulta interativa
Banheiros
129,4 m
Entrada da passarela
Túnel
Terraço e jardim infantil
Museografia
Área técnica
Loja
Restaurante
Catracas
Elevador
Entrada
Vista superior oeste
Sagão inferior e circuito dos aquários
Vista superior leste
Comparação com um campo de futebol*
*Tamanho máximo permitido pela FIFA, 75 m x 110 m. Infografia Glauco Lara e Pilker. Ilustração Catarina Pignato. Fontes: Bioparque Pantanal, Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL) e Governo do estado de Mato Grosso do Sul
ORIENT AUDIO
APARELHOS AUDITIVOS
Atendimento também em Japonês
COMO ESTÁ SUA AUDIÇÃO?
NOVA UNIDADE OSASCO!
Aparelhos Auditivos a partir de 12 x R$ 167,00
Aproveite!
CAMPANHA RENOVA
Traga seu aparelho antigo e tenha até 50% de desconto nos aparelhos novos
Central de atendimento (11) 3340-9190 • (11) 97599-7028 • (11) 2361-0463
Liberdade - Rua Galvão Bueno, 412 cj 29
Santana - Rua Voluntários da Pátria, 3744 cj 13
Lapa - Rua Faustolo, 1656
Penha - Rua General Sócrates, 216 - cj 12
São Miguel - Rua Arlindo Colaço, 328 - Cj 34
Oscar Freire - Rua Oscar Freire, 1560
Osasco - R. Cônego Afonso, 53
/orient_audio www.orientaudio.com.br
Tradição e Confiança Japonesa.

ciência

Em 2025, brasileiro deve começar a receber transplante de órgãos de porcos

Governo do estado de São Paulo investe R$ 50 mi em programa para desenvolver pesquisas na área

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO Pesquisadores brasileiros estimam que em breve o país poderá ter seus primeiros pacientes submetidos a um transplante de órgão suíno. Previsões otimistas acreditam que isso já possa ocorrer a partir de 2025, dando esperanças para quem necessita de um novo órgão.

O governo de São Paulo anunciou em março um investimento de R$ 50 milhões para o desenvolvimento de pesquisas sobre xenotransplantes, em uma parceria entre o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) e a startup XenoBrasil.

Por meio desse investimento, será construída a estrutura do projeto, no campus da USP, em São Paulo. Será um espaço de 1.650 metros quadrados, divididos em três pavimentos. No térreo haverá uma pig facility, um biotério onde serão criados os porcos que vão fornecer os órgãos. A estimativa é que essa pig facility esteja pronta no final de 2023.

"Uma vez que esteja pronta a pig facility, acredito que em um ano talvez seja suficiente para fazer os primeiros transplantes", diz a geneticista Mayana Zatz, uma das coordenadoras do projeto.

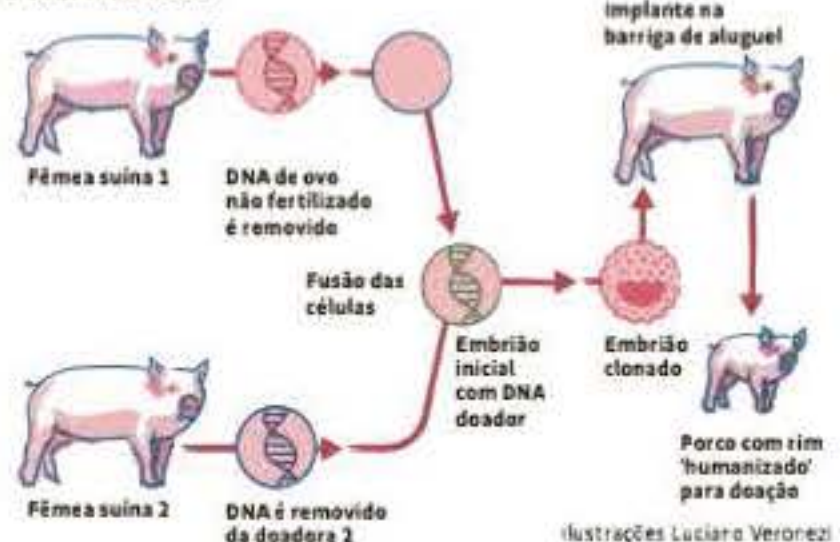
Segundo o professor Silvano Raia, coordenador do projeto, a USP aprovou a concessão dos recursos necessários para a construção de uma pig facility provisória por biomódulos com previsão de entrega em 180 dias. Nela serão realizadas as experiências pré-clínicas, permitindo que, daqui a dois anos, se inicie na pig facility definitiva a criação de suínos e sua aplicação clínica.

Raia realizou o primeiro transplante de fígado no Brasil e o primeiro transplante intervivos no mundo, ambos na década de 1980.

A estrutura também será usada futuramente para outros projetos envolvendo humanos e animais. "Essa linha de pesquisa de xenotransplante vai fazer parte da primeira linha de pesquisa de um núcleo de tecnologias avançadas de saúde que o IPT está implantando aqui no campus", diz Helena Araújo, coordenadora do instituto.

Os suínos foram escolhidos por terem órgão semelhantes ao do ser humano. Segundo Mayana Zatz, algumas novas tecnologias estão permitindo modificar os genes suínos, por isso eles podem ser doadores de órgãos.

"Se a gente transplanta o órgão de um suíno para um ser humano, ocorre uma rejeição aguda. Com a tecnologia, foi possível silenciar três genes principais dos suínos que são responsáveis por essa rejeição aguda. Esses genes foram silenciados, não existem mais nos embriões que criamos."

Assim, de acordo com os pesquisadores, pode-se dizer que os porcos que vão nascer a partir desses embriões com genes silenciados terão o órgão mais próximo do humano, podendo ser doador sem que haja rejeição aguda.

A outra vantagem dos suínos é que o período de gestação é curto, de quatro meses, e a ninhada tem de 12 a 14 filhotes de cada vez. Mas, para isso, é preciso investir em uma raça de porco diferente da que existe no Brasil. Os pesquisadores foram buscar células de porcos da Nova Zelândia, mais adaptáveis para o transplante de órgãos.

"Os nossos suínos chegam a 400 kg, são grandes. Um coração desse animal não caberia na cavidade torácica do ser humano. Os animais da Nova Zelândia não passam de 130 kg, têm um tamanho mais compatível comparado com o corpo humano", explica Mayana.

De acordo com Raia, o xenotransplante visa reduzir ou mesmo evitar as listas de espera nas quais muitos inscritos morrem antes de serem transplantados.

"Em 2019, segundo a ABTO [Associação Brasileira de Transplante de Órgãos], no Brasil, 1.780 morreram aguardando por um transplante", diz o médico. "Apenas para a manutenção em hemodiálise dos inscritos para transplante de rim, o SUS gasta cerca de R$ 2 bilhões por ano."

O médico também diz que as listas de espera por transplante de órgãos serão respeitadas. "Não é aquele que paga mais que é transplantado. As listas únicas para transplantes são sérias no Brasil. Quando tivermos os órgãos adicionais, esses também serão distribuídos segundo a lista única. Por isso que se justifica o investimento estatal."

Para Paulo Pêgo Fernandes, membro da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, o xenotransplante deverá abrir "uma grande perspectiva para as pessoas que precisam de um órgão". Ele também destaca a participação do SUS no programa de transplante de órgãos. "Cerca de 95% dos transplantes no Brasil são feitos pelo SUS. Isso é uma riqueza, pois permite uma equidade social que você não vê em outros países."

O Brasil vai começar o processo de transplantes de órgãos suínos com o rim. Segundo a geneticista Mayana Zatz, não será necessário a retirada do rim humano. Assim, caso haja alguma intercorrência, o rim pode ser "religado" e o paciente voltar à hemodiálise.

Depois dos rins, outros órgãos de suínos deverão entrar aos poucos na lista de transplantes, como coração e fígado, conforme o andamento dos estudos dos imunossupressores, os medicamentos que evitam a rejeição.

"Os imunossupressores andam em paralelo com o xenotransplante. Sempre vai haver uma rejeição do órgão, pois não existe um órgão 100% compatível", diz Fernandes.

Alemanha e EUA já trabalham com o uso de órgãos de suínos para transplante. No dia 7 de janeiro, o norte-americano David Bennett, 57, recebeu um coração de porco. Segundo a Universidade de Maryland, que realizou o procedimento, o novo coração funcionou bem nas semanas seguintes, sem rejeição. Porém, Bennett morreu no dia 8 de março, dois meses após o transplante.

"Ele estava em um estado lamentável quando foi feito o transplante, estava havia dois meses ligado a um aparelho. Para ter paralelo, o primeiro paciente que recebeu um transplante de coração humano na África do Sul, em 1967, viveu só 18 dias", diz Mayana.

Pesquisadora trabalha no laboratório do IPT, que participa do programa de xenotransplantes no Brasil Karime Xavier/Folhapress

Passo a passo do processo para o xenotransplante

Genes são modificados para evitar rejeição

Pesquisadores brasileiros manipularam, no Centro do Genoma da USP, células de suínos para silenciar três genes responsáveis pela rejeição aguda do órgão do animal pelo corpo humano

O próximo passo será manipular esses genes em células provenientes de suínos da Nova Zelândia. A partir dessas células geneticamente manipuladas são criados embriões dos suínos, que serão colocados em uma barriga de aluguel

A raça de **suínos da Nova Zelândia é menor que a existente no Brasil**. Aqui, os porcos podem chegar a **400 kg**, o que seria inviável para a utilização de coração. Já a neozelandesa atinge no máximo **130 kg**

400 kg

130 kg

Os primeiros suínos geneticamente modificados serão criados em uma pig facility menor, no campus da USP, e depois transferidos para uma pig facility maior, no IPT, até que estejam prontos para fornecer o órgão compatível ao corpo humano

Transferência nuclear

O núcleo da célula suína geneticamente alterada é transferida para um óvulo sem núcleo. É o mesmo processo usado para clonar mamíferos

Ilustrações Luciano Veronezi

Cidades de Darwin

Evolução paralela de plantas urbanas mostra como cidades estão moldando a biodiversidade

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

É fácil esquecer o fato de que estamos conduzindo um gigantesco experimento planetário. Nenhuma espécie antes da nossa jamais conseguiu tomar para si fatias tão desproporcionais dos recursos que fazem da Terra um planeta vivo, da biomassa às terras férteis, do fluxo de carbono e nitrogênio à água doce.

Somos engenheiros de ecossistemas numa escala megalomaníaca, o que significa que um elemento essencial do ambiente das demais espécies, ao qual elas têm rebolado para se adaptar, é a própria presença humana, em especial nos esquisitíssimos aglomerados de concreto, asfalto e gente que chamamos de cidades. E a regra é clara: em circunstâncias como essas, Darwin entra em campo e a seleção natural se põe a trabalhar.

Considere, por exemplo, o singelo trevo-branco (Trifolium repens), uma plantinha herbácea, nativa da Eurásia e membro da família dos feijões, favas e ervilhas. Tal como aconteceu com tantas outras plantas do Velho Mundo, o trevo-branco pegou carona em caravelas e navios a vapor e colonizou o resto do mundo, inclusive o Brasil. Esse experimento inconsciente de menor escala, que faz parte do nosso imenso experimento planetário, permitiu que os cientistas analisassem como a vida em ambientes urbanos é capaz de moldar a evolução de uma espécie vegetal.

Os resultados saíram recentemente na revista especializada Science, uma das mais importantes do mundo. Pesquisadores de 26 países, entre os quais se encontram professores de três universidades brasileiras, mapearam as diferenças entre trevos da cidade e da zona rural e descobriram que, mundo afora, um intrigante processo evolutivo em paralelo está afetando muitas das plantas que acabaram se tornando urbanoides.

Acontece que, assim como muitos outros vegetais, os trevos costumam produzir substâncias tóxicas, método criado para impedir que animais herbívoros continuem a mastigá-los. Nessa espécie, dois trechos separados do DNA servem de receita para a produção de HCN (cianeto de hidrogênio), veneno que também é fabricado pelos seres humanos.

"A capacidade de produzir HCN aumenta ainda a tolerância das plantas ao estresse hídrico [falta d'água]", diz Fabio Angeoletto, professor da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) e coautor da pesquisa.

Angeoletto participou do estudo ao lado de colegas da Unesp e da Universidade Federal de Santa Maria (RS) —a cidade gaúcha, aliás, foi um dos lugares onde as plantas foram coletadas no Brasil, junto com Curitiba. Em quase metade dos lugares mundo afora, porém, os pesquisadores descobriram que os trevos-brancos das áreas urbanas carregam mutações que desativam os genes ligados à produção de HCN. Nas áreas rurais, por outro lado, é bem mais comum a presença de plantas nas quais esses genes ainda são funcionais.

A explicação é que, com pouca vegetação, as cidades têm bem menos herbívoros. Com isso, o organismo dos trevos não precisa gastar energia produzindo o veneno —exceto nos lugares muito secos, onde a outra função do HCN continua justificando o investimento.

O mais interessante é que tudo isso parece ter acontecido em paralelo, nos mais diferentes lugares. "O centro de Tóquio, nesse aspecto, é mais parecido com o centro de Toronto, no Canadá, do que com a zona rural japonesa ali do lado", diz o pesquisador brasileiro.

Repare que esse é só um aspecto bioquímico de uma única espécie. Milhares de outros fenômenos semelhantes devem estar acontecendo neste exato momento em cidades do mundo todo, nos jardins de Darwin que nos cercam.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA. Atila Iamarino**, Esper Kallás

esporte

Dirigentes brancos jamais vão se sensibilizar com racismo, diz Grafite

Para ex-jogador, falta de representatividade em cargos de direção amplia o problema no futebol

Alex Sabino e Luciano Trindade

SÃO PAULO Grafite, 43, costuma sentir um incômodo quando visita os restaurantes de alto padrão na Barra da Tijuca, onde mora no Rio de Janeiro.

A sensação que ele tem é a de que sua presença nesses lugares não é bem-vinda. Somente é aceita porque ele é um ex-jogador de futebol famoso, atacante da seleção brasileira na Copa de 2010, campeão mundial pelo São Paulo em 2005 e, atualmente, comentarista do SporTV.

"Eu vejo [o preconceito] pelos olhares, pela linguagem corporal das pessoas quando elas veem um homem negro, de 1,90 m, entrar no restaurante", diz o ex-atleta à **Folha**. "Aí, elas percebem que eu sou o Grafite. Por ser uma pessoa conhecida, isso me deixa um pouco fora disso."

Mas nem sempre foi assim. Nem mesmo enquanto era jogador. Em 2005, ele foi vítima de racismo durante uma partida pelo São Paulo contra o Quilmes (ARG), no estádio do Morumbi, pela Copa Libertadores.

Grafite se recorda de ter sido chamado de "negro de merda" pelo argentino Leandro Desábato. Terminado o jogo, o delegado Osvaldo Nico Gonçalves entrou em campo e deu voz de prisão ao defensor por racismo. Depois de ter passado dois dias preso, Desábato pagou fiança de R$ 10 mil e foi liberado para voltar ao seu país.

Grafite hoje se sente menos incomodado em falar sobre o racismo Ana Branco - 29.abr.22/Ag. O Globo

Passados 17 anos, o ex-atacante ainda lamenta não ter levado o caso adiante para ver as consequências. A frustração dele é ainda maior diante dos recentes casos de racismo no futebol, sobretudo envolvendo os clubes brasileiros na Libertadores —torcedores do Boca Juniors (ARG) e da Universidad Católica (CHI) fizeram gestos imitando macacos durante jogos contra o Corinthians e o Flamengo, respectivamente.

Na opinião dele, em parte, o problema reflete a falta de representatividade nos cargos de direção no futebol.

"Entre os dirigentes, a grande maioria é branca. Jamais vão se sensibilizar por uma situação que não sentiram na pele. Não tem técnico negro, não tem dirigente negro", disse. "A gente fica de mãos atadas. A gente fica à mercê de essas pessoas se sensibilizarem."

*

Como você reagiu diante dos recentes casos de racismo no futebol, como as situações envolvendo times brasileiros na Libertadores? Minha reação é sempre a mesma de quando começamos a ter noção disso. O meu caso é de 2005, mas hoje está ficando mais explícito. Fico perplexo. Não tem punição, não tem pena. A pessoa paga uma multa e sai.

Existe uma visão de que problemas como o racismo são coisas que fazem parte do folclore do futebol? O estádio, o futebol brasileiro, sempre foi um lugar de desafogo na sociedade. Às vezes, um cara está sem emprego, com problemas com a mulher, problemas financeiros, e ele vai ao estádio para ter duas horas em que ele esquece tudo. O estádio, também, sempre foi visto como um lugar onde se pode tudo: chamar juiz de veado, o adversário de macaco... Só que a sociedade evoluiu e essas coisas viraram crime. Parece que o torcedor ainda tem esse sentimento de que pode tudo. A gente não pode ser assim.

O que precisa ser feito para essa mentalidade mudar e para combatermos o racismo? A solução é de todos. Temos que dar conhecimento aos torcedores porque alguns não têm conhecimento das leis. Isso tem de partir dos clubes, dos dirigentes e dos próprios jogadores. Não adianta ter só punição. Dá a impressão de que, para o negócio futebol, atitudes mais radicais sobre isso não são bem-vistas. É muito complexo. Faltam atitudes mais energéticas.

Qual o papel de entidades como CBF, Conmebol e Fifa no combate ao racismo no futebol? A Fifa e a Uefa têm ações mais contundentes onde os casos [de racismo] ocorrem, mas não com tanta frequência. Tem casos de que a gente nem tem conhecimento. Além disso, entre os dirigentes, a grande maioria é branca. Jamais vão se sensibilizar por uma situação que não sentiram na pele. Não tem técnico negro, não tem dirigente negro. A gente fica de mãos atadas. A gente fica à mercê de essas pessoas se sensibilizarem.

Em recente entrevista, o técnico Roger Machado, do Grêmio, afirmou que os discursos do presidente Jair Bolsonaro dão autorização para o racismo. Você também vê dessa maneira? Sou muito restrito na minha vida pessoal para falar de política porque há muito extremismo. Não existe meio-termo. Mas é uma das causas também. As redes sociais ajudam bastante na disseminação de notícias falsas também. A gente fala que é mundo virtual, mas a violência vem à tona no mundo real. A gente vê torcedores marcando brigas pela internet, gente ligada ao nazismo, ao extremismo, gente que odeia gays. Não atribuo apenas ao governo [Bolsonaro], mas tem sua parcela.

Como comentarista de uma grande rede, você sente que tem uma plataforma e uma importância para falar sobre racismo? Eu me sinto incomodado de falar sobre isso porque não deveríamos estar falando sobre isso em 2022. Eu me sinto incomodado, mas tenho o dever de falar, pelo palanque que eu tenho para falar. Eu me sinto obrigado e ser a voz daquelas pessoas que não têm conhecimento das coisas e sofrem com o racismo.

Ainda se incomoda de falar do caso de racismo que sofreu em 2005? Teve um certo tempo em que me incomodava. Mas hoje em dia é tranquilo. Eu não me sinto à vontade. Não é que eu goste de falar, mas eu discuto, eu falo. Tenho o arrependimento de não ter levado o caso adiante. Se eu tivesse levado, talvez não desse em nada, como acontece com frequência. A gente acaba se adaptando e achando normal. Eu não acho normal. E, hoje, gosto de falar sempre do Observatório Racial do Esporte. O trabalho deles, mapeando os casos, é muito importante.

A vida dá muitas voltas

Volantes voltaram a jogar com talento e habilidade, como no passado

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Na coluna anterior, falei das tristezas e das coisas ruins que acontecem no país e no futebol brasileiro. Há também muitas coisas boas, como a transparência e a segurança das urnas eletrônicas. Fora os antigos e graves problemas políticos, econômicos, sociais e de comportamento que assolam o país, como o racismo (um crime), presente dentro e fora dos estádios, vimos, na pandemia, a solidariedade, a generosidade e a responsabilidade profissional da maioria dos cidadãos brasileiros.

Os dois anos de pandemia, com estádios vazios, e a volta recente do público às partidas confirmaram que as equipes que atuam em casa, na média, no Brasil e em todo o mundo, levam grande vantagem.

Em casa, apoiados pela torcida, os jogadores costumam ser mais vibrantes, ousados, desde que a pressão para vencer e a tensão emocional não ultrapassem certos limites. Os atletas não podem perder a lucidez para tomar as decisões corretas. Já os visitantes, com frequência, ficam inibidos e tendem a atuar com mais cautela. Há exceções, dos dois lados.

A estratégia atual de pressionar e de tentar recuperar a bola mais perto do outro gol favorece as equipes que jogam em casa. Há também riscos. Se o meio-campo avança e os zagueiros ficam atrás, abrem-se grandes espaços entre os dois setores. Na vitória por 3 a 2 do Flamengo sobre a Universidad Católica, pela Libertadores, os dois times tiveram enormes facilidades para trocar passes e chegar até o gol.

Se o meio-campo e os zagueiros se adiantam, aumentam os espaços entre a defesa e o goleiro. Para amenizar o problema, as equipes precisam ter goleiros que saibam jogar fora do gol e zagueiros rápidos e inteligentes. O veterano Thiago Silva, antes de a bola ser lançada, percebe todos os movimentos dos companheiros e dos adversários, antecipa-se e ainda inicia os contra-ataques com um bom passe.

Na vitória do Manchester City sobre o Real Madrid, por 4 a 3, Vinicius Junior deu um drible espetacular em Fernandinho, na linha de meio-campo, pela lateral, e teve um enorme espaço livre até o gol, já que toda a defesa do City estava adiantada. Muitos se lembraram do gol da Bélgica sobre o Brasil, na Copa de 2018, quando Fernandinho foi também driblado. Acham que, se houvesse, no lugar de Fernandinho, um jogador como Casemiro, ele faria a falta, e não haveria o gol. Tenho dúvidas se algum marcador conseguiria parar Vinicius Junior.

Casemiro e Fabinho, titular e reserva da seleção, evoluíram bastante. Os dois, além de pressionar o adversário e desarmar com facilidade, aprenderam, com talento, a continuar as jogadas de ataque. Isso ocorre também com os melhores volantes atuais do mundo. No Brasil, temos também volantes com essas características, como Danilo, do Palmeiras, Allan, do Atlético, e Queiroz, do Corinthians. Não há mais lugar para volantes que só marcam nem para os que são lentos e sem intensidade.

Nos anos 1950 e 1960, o jogador de meio-campo mais recuado, centralizado, chamado de centromédio, era o que tinha o melhor passe para iniciar as jogadas ofensivas. Com o tempo, foram substituídos pelos brucutus, pesados, protetores da zaga que só davam passes curtos e para o lado. Hoje, os volantes voltaram a jogar com talento e habilidade, como no passado.

A vida dá muitas voltas. Para evoluir, é necessário olhar para trás e pensar na frente. Passado, presente e futuro se interligam. O destino é uma mistura de planejamento, de sonhos e de acasos.

É o Brasil na Libertadores!

Sabemos que é cada um por si contra estrangeiros e secadores. Mas, como vamos?

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Acabou o primeiro turno da fase de grupos da Libertadores.

Dos três favoritos brasileiros, dois cumpremseus papéis, e um, nem tanto. Por ordem alfabética, tratemos do trio.

O Atlético Mineiro é o que nem tanto, embora invicto há 16 jogos no torneio continental, uma marca e tanto.

Empatou com as campanhas do Corinthians em 2012/13 e está a um jogo de se igualar aos recordes do Flamengo (2020/21) e do peruano Sporting Cristal (1962/1969).

Como os três próximos jogos do Galo serão em Belo Horizonte, tudo indica que chegará aos 19 jogos sem derrotas, mas precisa jogar com menos autossuficiência, respeitar mais os adversários, não se achar tão superior para não ser surpreendido como tem sido ao sair na frente e tomar o empate.

O problema do Flamengo 100% é a defesa porque o ataque está novamente afinado com o trio Dom Arrascaeta, Gabigol e Bruno Henrique, além de ter de resolver ou a viuvez de Jorge Jesus ou a má vontade com Paulo Souza.

Ainda assim, deve se classificar com os pés nas costas.

Tranquilo também está o Palmeiras porque o dinheiro atrai a sorte até no Carnaval.

O bicampeão da Libertadores pegou um grupo que é uma sopa e tem tratado os adversários como deve: goleando. Quatro num, oito noutro, mais três no terceiro, 15 gols em três jogos, sem precisar usar força máxima, poupa um, poupa outro e ainda pega o Juazeirense na Copa do Brasil, segundo jogo em Londrina, porque assim permite a CBF.

Casa Bandida do Futebol que faz nova e elogiável limpeza no entulho velho para renová-lo com mais do mesmo, os mesmos métodos, para gozo de novos apaniguados, parentes do presidente, inclusive.

Já no Carnaval, a Mancha Verde, turbinada com o dinheiro fácil da agiotagem, é também bicampeã paulista, até com atraso e carro alegórico quebrado. Haja fortuna!

Voltemos à Libertadores.

Do pelotão intermediário, com quatro times brasileiros, o Corinthians é o que tem mais pontos, seis, um a mais até que o Galo, embora a vida do quarteto esteja difícil.

Tudo muito embolado nos respectivos grupos, com o Bragantino vivo, o Athletico Paranaense idem e Fortaleza e América na dependência de milagres improváveis.

Inegável que a vitória corintiana sobre um dos piores Boca Juniors dos últimos tempos trouxe alento na luta pela classificação, mas o fato de o Deportivo Cali ter obtido ponto em La Paz quase obriga o alvinegro a vencer fora de casa, ou na Colômbia ou na Bombonera, para garantir a vaga em Itaquera contra os bolivianos do Always Ready.

Vida dura e fortes emoções porque, convenhamos, até agora o futebol apresentado está longe de convencer.

Enfim, dos sete times nacionais, é possível cravar a classificação de três, quase certamente de quatro, cinco são bem possíveis, e até mesmo seis podem conseguir.

Que cada um supere os desafios impostos pelos que falam espanhol na América Sul e os desejos dos secadores em português.

Champions ligue-se

Na terça-feira (3), na Espanha, o Liverpool, melhor time do mundo no último mês, deve passar pelo valente Villarreal que já fez história ao eliminar o fabuloso Bayern Munique.

E no dia seguinte mais um jogo para ver ajoelhado, também na Espanha, entre Real Madrid e Manchester City, o segundo melhor time do mundo.

O time de Pep Guardiola é melhor que o de Benzema, mas o clube madridista é muito maior que o inglês.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Silvio, Antonia, Proust e Exu

Silvio chegou à portaria do edifício e disse que iria ao 64. "Vim dar aula de computação para dona Antonia." A expressão do porteiro irritou Silvio. Aula para uma velha? De computador? Um negro franzino que nem 15 anos tem? Silvio imaginou que o porteiro estava com essas ideias. O porteiro interfonou. Dona Antonia mandou que o rapaz subisse.

Silvio havia sido indicado por uma amiga de Antonia para que ela, deficiente visual, pudesse aprender a baixar livros eletrônicos. O garoto era filho da empregada doméstica dessa amiga e poderia auxiliar Antonia quando saísse da escola. Antonia não ia mais à rua e contava com a ajuda de um grupo de colegas da Igreja que se revezavam levando comida. Silvio nunca tinha conhecido alguém que não enxergasse e, sem saber como cumprimentar aquela senhora à sua frente, resolveu que a melhor coisa a fazer seria abraçá-la. Antonia estranhou, mas abraçou o menino de volta. Ela era uma mulher alta, Silvio ainda não tinha alcançado seu verdadeiro tamanho, então ela se curvou para poder acolhê-lo.

Foram para um quarto que parecia uma biblioteca de tantos livros que reunia. A ideia era que Silvio ajudaria Antonia a baixar textos eletrônicos para que ela pudesse escutar. Antonia era arquiteta aposentada, havia perdido quase completamente a visão aos 70 anos, não tinha filhos e passava o dia com a TV ligada nos canais de notícia. "Está me fazendo mal escutar essas coisas, preciso voltar a ler", ela disse a Silvio. Ele então perguntou se ela gostaria que ele lesse aqueles livros para ela. Disse que poderia baixar alguns, mostrar a ela qual teclas clicar para escutar, mas que poderia também ler para ela. Antonia achou a ideia boa e Silvio quis saber o que ela gostaria de ler naquela tarde. Ela pediu que ele achasse "Cartas a um Jovem Poeta", de Rilke. Os dois ficaram o resto do dia lendo no sofá da sala.

As visitas semanais passaram a ser bissemanais e, depois, diárias. Silvio saía da aula e ia direto almoçar com Antonia. Nos finais de semana, chegava mais cedo. Aos domingos, viam jogos do Corinthians. Antonia não gostava de futebol, mas adorava escutar as reações de Silvio a cada lance. Um dia, depois de o Corinthians virar o placar no último minuto, Antonia disse, "que sorte!" e ele respondeu: "Nunca foi sorte, dona Antonia, sempre foi Exu". Antonia achou aquilo estranho e pediu que ele deixasse Exu fora daquela casa. Silvio explicou a ela o que tinha aprendido com sua mãe sobre Exu, tentando mostrar que ele não era o diabo como ela imaginava. "Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje", ele disse a ela antes de contar o que era um Oriki e o que aquele especificamente queria dizer. Antonia foi arrebatada pela explicação e pediu que Silvio fosse na estante pegar o primeiro volume de "Em Busca do Tempo Perdido", de Proust. "Se você acredita que o tempo não é linear, se acha que podemos modificar o passado, esse é o nosso livro."

Durante meses, leram Proust. Depois, releram. Os anos se passaram, Silvio entrou na Faculdade de Direito e depois foi fazer mestrado em filosofia. Nunca deixou de ir à casa de Antonia até o dia em que ela morreu, aos 91 anos. No testamento, destinou seus livros a ele com um pedido em bilhete. "Não deixe de fazer seu doutorado. E, se pode aceitar uma sugestão de pesquisa, eu pediria que achasse Exu em Proust. Na hora que fizer isso, o tempo vai se comprimir num presente de infinitas camadas e nossos mundos vão, outra vez, se encontrar. Voa, meu filho."

Gabriela Biló/Folhapress

IMAGEM DA SEMANA

O presidente Jair Bolsonaro (PL) participa de Cerimônia do Dia do Exército, com a Imposição da Ordem do Mérito Militar e da Medalha Exército Brasileiro; na sexta (29) ele comentou novamente o indulto concedido ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), condenado pelo STF, e tentou colocar panos quentes no cabo de guerra de poder. "Eu não quero peitar o Supremo ou dizer que sou mais importante ou tenho mais coragem, longe disso", disse.

FRASES DA SEMANA

BALA PERDIDA
Helio De la Peña
Humoristas do Casseta & Planeta comentam aniversário de 30 anos da estreia do programa, que seria celebrado neste ano

"A gente era uma metralhadora giratória de piadas. Não poupávamos ninguém, independentemente das nossas opiniões pessoais"

CONSELHO DIVINO
Papa Francisco
Conhecido por discursos que pregam respeito mútuo entre familiares, o papa Francisco fez nesta quarta (27) uma defesa das sogras durante audiência semanal na praça São Pedro, no Vaticano, mas pediu que elas tenham cuidado

"A vós, sogras, digo-vos: cuidado com a língua, porque a língua é um dos pecados mais terríveis das sogras"

PAGANDO BEM, QUE MAL TEM
Rita Cadillac
A ex-chacrete comemora o sucesso da conta na plataforma OnlyFans, onde fotos e vídeos eróticos podem ser compartilhados mediante pagamento

"Está ótimo, o OnlyFans, está pagando as contas. Graças a Deus, que continue assim"

REGRA DO JOGO
Edson Fachin
O presidente do TSE foi questionado sobre o papel papel das Forças Armadas no processo eleitoral e deixou claro que não existe espaço para interferir no resultado das urnas

"Não há poder moderador para intervir na Justiça Eleitoral"

TUDO TEM LIMITE
Luís Roberto Barroso
O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) afirmou nesta sexta-feira (29) que a democracia tem lugar para conservadores, liberais e progressistas

"Só não tem lugar para quem quer destruí-la"

CAMARADA GERALDO
Geraldo Alckmin
Nesta quinta, candido a vice ouviu, ao lado de Lula, o hino da internacional Socialista, coligação de partidos socialistas e social-democratas existente desde 1951, associada à esquerda. Ao final do evento, foi questionado se havia ficado à vontade de ouvir o hino ligado a governos socialistas e comunistas

"A social-democracia também teve origem na luta social, trabalhista"

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Imprimir uma marca com certa peça usada para autenticação de documentos, identificação etc. **2.** Livrinho de lembranças / Oscar Niemeyer (1907-2012), arquiteto **3.** (Anat.) A parte anterior do osso ilíaco / (Ingl.) Fabricado (escreve-se nos produtos para indicar seu país de origem) **4.** Emirados Árabes Unidos / A atriz Cláudia **5.** Estabelecer outra vez **6.** Símbolo da unidade física rutherford / Famosa iha da laguna de Veneza, muito visitada por sua vidraria artística **7.** Repercutir bem / Tiro de Guerra **8.** Suscetível de ajustar-se, de adequar-se **9.** Cinto do qual pendem cartucheiras de pólvora **10.** O político Bernardes (1875-1955), ex-presidente da República de 1922 a 1926 / Recibo de Pagamento a Autônomo **11.** Levantar com cordas / O pintor francês Cèzanne (1839-1906), um dos mestres do impressionismo **12.** Interjeição para espantar galinhas / Ambiciosa **13.** O Peck ator norte-americano de "Os Canhões de Navarone".

VERTICAIS
1. Disfarçar, ocultar / O contrário de acima **2.** Um grande sucesso da MPB **3.** Enigma desenhado com figuras e letras / Total de despesas **4.** Instituto Nacional de Estatística / Contornar com frisos laterais **5.** Mendelévio, elemento químico / Regador / V **6.** Terreno de solo alagadiço, com vegetação pobre, emaranhada, pouco aproveitado para a pecuária ou outros fins / Porco, no Texas **7.** Sufixo aumentativo feminino / Furado de lado a lado **8.** Que contorna / Gritar, berrar **9.** Relativo à estrutura de sustentação do tecido nervoso.

HORIZONTAIS: **1.** Carimbar, **2.** Agenda, ON, **3.** Pube, Made, **4.** EAU, Abreu, **5.** Assegurar, **6.** Rd, Murano, **7.** Ecoar, TG, **8.** Amoldável, **9.** Bandola, **10.** Artur, RPA, **11.** Içar, Paul, **12.** Xô, Ávida, **13.** Gregory. **VERTICAIS:** **1.** Capear, Abaixo, **2.** Águas de Março, **3.** Rébus, Conta, **4.** Ine, Emoldurar, **5.** Md, Aguador, Vê, **6.** Bamburral, Pig, **7.** Arra, Varado, **8.** Rodeante, Puar, **9.** Neuroglial.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

		1						
4				2			8	
6	3		4					
	9	3	1			6		
	7		2		9		3	
		8			5	4	9	
					7		5	3
	8			3				2
						7		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **1º.mai.1972**

Perón é lançado para disputar a eleição presidencial da Argentina

O ex-presidente argentino Juan Domingo Perón (que governou o país de 1946 a 1955, quando foi derrubado) teve o seu nome proclamado como candidato do Movimento Nacional Justicialista para a próxima eleição presidencial.

A decisão foi anunciada neste domingo (30) em reunião que contou com a participação dos principais dirigentes peronistas, como José Rucci, secretário-geral da poderosa Confederação Geral do Trabalho, e Juana Larrauri, do setor feminino da organização.

A eleição foi marcada pelo atual presidente da Argentina, Alejandro Lanusse, para março de 1973.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Vietnã: chega a hora da decisão

ilustríssima
Ilustrada

Otto, pura ficção

No centenário do escritor mineiro Otto Lara Resende, textos reavaliam a relevância de sua obra e de suas cartas C4 a C6

O escritor Otto Lara Resende em Paris Divulgação

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Daniela Mercury

Voltar ao palco é como nascer de novo

[RESUMO] No ano em que celebra três décadas de lançamento do álbum "O Canto da Cidade", que deu a ela projeção nacional, cantora fala sobre o reencontro com a folia, comemora show de estreia na Marquês de Sapucaí e relembra sua trajetória nos trios elétricos do Carnaval de Salvador

Por **_Mônica Bergamo e Bianka Vieira_**

Daniela Mercury está há dois anos vivendo uma espécie de Quarta-Feira de Cinzas. Ao menos é assim que descreve a sensação de estar distante do Carnaval depois de passar quase 40 dos seus 56 anos de idade emprestando a voz à folia.

Ela foi convidada a quebrar o jejum da festa mais popular do país com um show na Sapucaí, no Rio, neste sábado (30), em celebração ao desfile das campeãs. A participação marca a primeira vez em que a Rainha do Axé é chamada a se apresentar em solo carioca durante o Carnaval, além de sua primeira grande performance para o público desde 2020.

"Realmente nem tinha noção do quanto eu estava dependente desse espaço para me expressar", conta à coluna. "Voltar ao palco, para mim, é como nascer de novo. Esses dois anos foram dificílimos. Achei que fazer as lives iria amenizar essa distância, que me expressar através da internet ia acalmar o meu coração, mas não acalmou muito, não."

Seu retorno ao Carnaval após o resguardo imposto pela Covid-19 estava previsto para fevereiro deste ano, mas acabou adiado por causa do surto da variante ômicron do coronavírus. Naquele mês, apesar do cancelamento dos festejos por diversas capitais, alguns blocos foram às ruas e promoveram grandes festas. Mas, sem a possibilidade de ocupar as vias públicas, Daniela nem sequer cogitou seguir o mesmo caminho. "Abri mão para não fazer um Carnaval privado", conta.

Prestes a completar nove anos de casada, Daniela atravessou recentemente um momento delicado ao lado da esposa, a empresária Malu Verçosa. No início deste mês, Malu descobriu um nódulo em seu pulmão. Após o susto inicial, ele desapareceu. "Maluzita, te amo, sua peste. Nem invente outra dessas", publicou a cantora, aliviada, ao receber a boa notícia.

No ano em que prepara uma turnê em Portugal e celebra 30 anos de lançamento de "O Canto da Cidade", álbum que deu a ela projeção nacional, Daniela Mercury fala à coluna sobre o reencontro com a folia, relembra sua trajetória como precursora do Carnaval pipoca em Salvador, compartilha as angústias vividas na pandemia e comenta o processo movido contra o filho do presidente da República e deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP).

*

MINHA ALA

Eu estou cantando na Sapucaí, dentro do Carnaval, pela primeira vez, mas fiz o show de "O Canto da Cidade" há 30 anos atrás na Apoteose [praça na Marquês de Sapucaí].

O Rio é o grande centro das artes do Brasil. Apesar de São Paulo ser muito importante também, o Rio de Janeiro tem essa característica de abençoar as pessoas, os artistas.

Eu desfilei em 1995 com [a intérprete] Bidu Sayão no desfile das campeãs da Beija-Flor. Foi a primeira vez que estive na Sapucaí assistindo a um espetáculo. "Assistindo um espetáculo"... [fala como se estivesse se corrigindo, já que se referia a escolas de samba]. É um espetáculo mesmo.

A primeira vez que eu desfilei durante a competição foi em 2012, quando o Salgueiro homenageou a Bahia e o nome de um dos carros do desfile se chamava "O Canto da Cidade". Fui a artista principal no topo do carro, foi emocionante. Estive lá no ensaio do Salgueiro e parecia que eu estava na saída do [bloco afro da Bahia] Ilê Aiyê. Ali eu vi realmente como somos a mesma nação. A gente separa por estados, mas temos muito em comum, o Rio de Janeiro e a Bahia. E a cultura é o que importa, a cultura é o que somos, é o que produzimos humanamente nos nossos lugares.

A gente cria um vínculo muito forte, muito emocionante [com o Carnaval]. Eu estou falando com você e estou emocionada, porque voltar ao palco, para mim, é como nascer de novo. Esses dois anos foram dificílimos. Achei que fazer as lives iria amenizar essa distância, que me expressar através da internet ia acalmar o meu coração, mas não acalmou muito, não. Estou com uma sensação de que estou numa eterna Quarta-Feira de Cinzas. Espero que essa ida para a Sapucaí acabe com essa Quarta-Feira de Cinzas [risos].

São 40 anos cantando em Carnaval. Mas eu acho que, por ser baiana, o Carnaval sempre esteve no meu imaginário desde criança. Faz parte do ritual de vida da gente. Como festa ele é tão importante quanto o Natal, quanto o São João também, que para nós é uma festa muito, muito simbólica, muito afetiva. Mas o Carnaval realmente me tomou. Eu sou o Carnaval.

Agora eu desci do trio elétrico, estou lá na Sapucaí, mas o samba continua comigo.

O Carnaval é um retrato do que somos, sem dúvida. A gente só se vê através da cultura, não adianta. Sem o teatro, sem a dança e no Brasil, especialmente, sem o Carnaval de rua a gente não enxerga quem a gente é. É o nosso espelho.

*

PANDEMIA

Eu escrevi muito neste período. Talvez poeticamente eu consiga traduzir [esse momento vivido]. Estava aqui tentando ver se faria um álbum um pouco mais introspectivo e até triste, diante de tantas canções. Eu escrevi canções clamando para que as pessoas que eu amo não fossem embora.

Perdi um tio [para a Covid-19]. Um outro tio meu, irmão da minha mãe, ficou hospitalizado por muito tempo. Meu irmão foi hospitalizado. Tive amigos próximos que faleceram, pessoas que a gente ficou acompanhando no hospital. Foi muito aflitivo, porque meu pai tem 93 anos e minha mãe, 83. A mãe de Malu [Verçosa, sua mulher] também está em torno dos 80. Ficamos tomando conta deles. E as crianças em casa, os adolescentes, muito aflitos [Daniela tem dois filhos do primeiro casamento, já adultos, e três com Malu]. A pequenininha [Bela, de 12 anos] ficou muito sozinha, sem conviver com os coleguinhas. A gente levou muito a sério o isolamento, então foi muito sacrificante.

Compus bastante, fiquei com as crianças, dei atenção ao meu pai e à minha mãe, que ficaram conosco também algum tempo — o que é raro de acontecer com uma pessoa que está sempre viajando [como ela]. Acho que foram os dois anos em que eu mais fiquei quieta em casa, que eu me lembre, nos últimos 40 anos.

Foi um período de muita tensão, de muita angústia, muita preocupação com o país, com o povo, com a humanidade. Foi bastante difícil. Eu que sou muito intensa, preocupada, comprometida com as questões do país e do planeta, fiquei pensando em como agir. Malu até brincou comigo: "Você não pensa mais a sua arte". Eu digo: "Não, eu sou a própria arte".

Esse silêncio imposto para nós, artistas, é bastante duro. A gente já vê o país com as questões de censura, vendo por conta da pandemia e por conta das ações do governo e as omissões. E a intenção também de calar a arte, tudo junto, foi bastante aflitivo. Mas eu digo assim: não adianta ficar preocupado, é preciso se ocupar.

*

Daniela Mercury e Malu com suas filhas, Márcia, Bela e Alice

Arquivo pessoal

"Esse silêncio imposto para nós, artistas, é bastante duro. A gente já vê o país com as questões de censura, vendo por conta da pandemia e por conta das ações do governo e as omissões. E a intenção também de calar a arte, tudo junto, foi bastante aflitivo

"O Carnaval sempre esteve no meu imaginário, desde criança. Faz parte do ritual de vida da gente [...] Eu sou o Carnaval

SUSTOS

[Daniela e sua esposa tiveram Covid-19 em janeiro de 2022. No início de abril, Malu Verçosa descobriu um nódulo em seu pulmão.] Esse nódulo a gente suspeita que possa ser uma sequela da Covid. Fazemos check-up anualmente e não tinha aparecido nada [antes da infecção pelo coronavírus], então não sabemos de onde surgiu. Foi algo que suspeitamos, todos os médicos suspeitaram. E a Covid dá sequelas completamente diferentes em cada pessoa. Eu fiquei com dores de articulação. Eu e Malu ficamos um mês bastante baqueadas.

A gente pegou Covid já tem alguns meses, e eu ainda estou voltando à atividade física. E eu já estava com três vacinas.

Fiquei apavorada. Como sou uma mulher de fé, acredito que sou mais "relax" que Malu. Malu ficou mais desesperada do que eu. Eu disse: "Vai ser o que tiver que ser, pelo menos já estamos vacinadas".

*

O RETORNO

Quando a gente fica muito isolado, muito cuidadoso, é mais difícil sair, emocionalmente [falando]. Fiquei muito medrosa. A gente ainda está saindo com muita, muita dificuldade. Quando a gente encontra muita gente, a gente fica apavorada. E eu estou acostumada a ver a multidão de longe. Nos Carnavais eu acabo me metendo no meio da multidão, passando no meio das pessoas, passando no meio do povo. A gente está muito reticente.

Estou voltando a pegar o pique. Agora, com o palco, emocionalmente também tudo vai ajudar. A gente já é um ser da emoção, muito mais do que da racionalidade. Acho que, curando esse medo da doença e tudo, a gente vai seguir adiante.

Fora que a gente teve que revisitar a nossa vida inteira, né?

Eu digo que foi uma vigília. No candomblé a gente diz que é como se fosse uma obrigação para a humanidade refletir sobre suas questões, pensar sobre a nossa vida individualmente. Visitei um pouco o passado e quero seguir, porque eu sou uma mulher do presente e do futuro, não gosto de ficar quieta, não. É muito difícil pensar Daniela Mercury quieta, tudo me associa a energia, alegria [risos].

Fiz muito exercício [na quarentena], andei muito de bicicleta, compus andando de bicicleta porque eu não podia ficar quieta. Fiquei dando aula de balé para minha filha de 12 anos, porque eu sou professora de dança. Foi o meu jeito de vivenciar a minha arte dentro de casa com elas, com a minha neta pequenininha que veio ficar conosco, com minha filha, e fazendo os clipes.

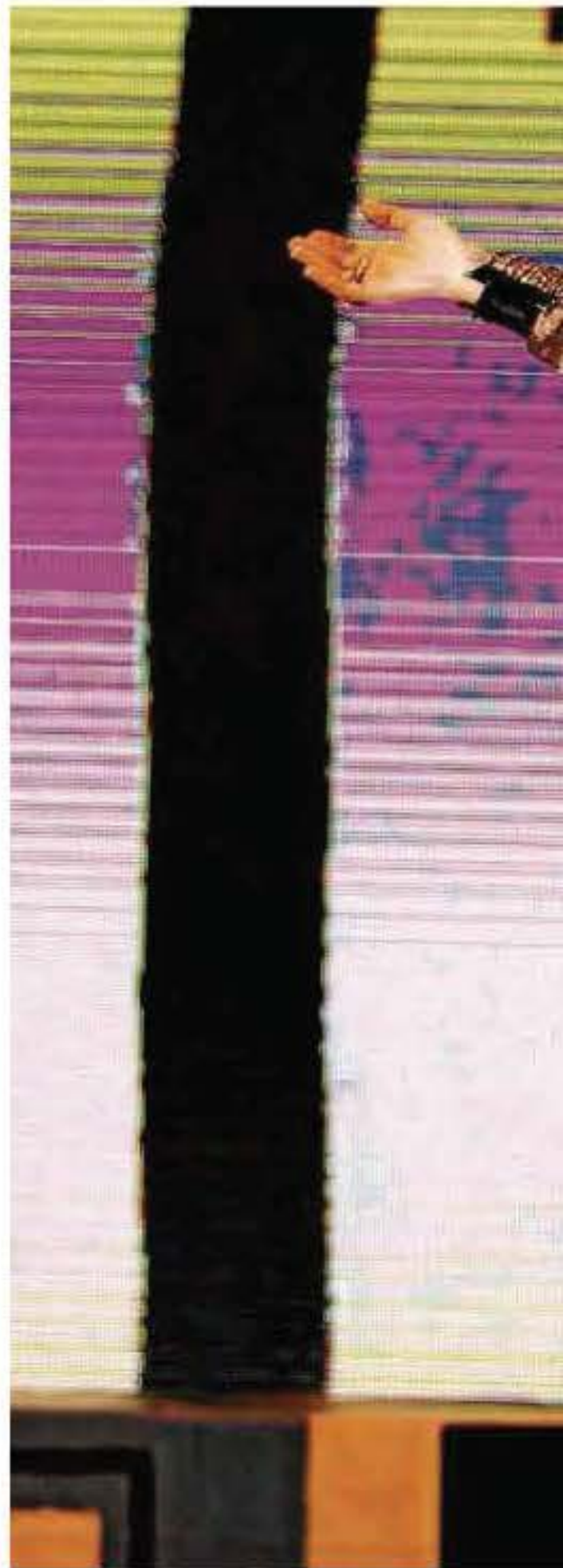
Como eu dirijo, faço todo o conceito do meu trabalho musical, componho, produzo e coreografo o meu Carnaval, fiquei muito cheia de energia, cheia de ideias. Acho que agora vou ter que montar vários shows para compensar esses dois anos sem Carnaval [risos]. Vou comemorar no final do ano, espero que em cima do trio elétrico, os 30 anos do [álbum] "O Canto da Cidade". Tem que ser na rua.

E eu acho que vai ser simbólico estar na Sapucaí, no berço do samba, juntando a Bahia e o Rio de Janeiro. Eu vou fazer essa homenagem ao samba. Vamos unir os sambas.

Somos fênix, né? Todos que sobreviveram a essa pandemia. Acho que estamos todos ressuscitando de alguma forma.

*

MAGA

[Em entrevista ao jornal O Globo, a cantora Margareth Menezes citou o racismo estrutural como um dos fatores para que sua carreira não tenha tido a mesma projeção que a de Daniela e de Ivete Sangalo.] A gente sabe o que é que significa o racismo es-

A cantora Daniela Mercury no palco, durante um show em Salvador Célia Santos/ Divulgação

trutural. O racismo estrutural atrapalha imensamente. Essa é uma doença social gravíssima. Eu acho que é muito importante que ela [Margareth] tenha esse espaço de falar, de se manifestar, de expressar o que ela sente, como ela percebeu isso na vida dela.

Nós somos grandes amigas. Eu sou muito fã de Maga, a gente tem muita afinidade artística desde o começo da carreira. Somos de MPB e também ocupamos esse lugar de porta-vozes da música de Salvador por nos comprometermos com as mesmas questões, por amarmos a música, o samba-reggae.

Acho que é o momento de cada um falar o que sente e o que tem sofrido e como vê que o racismo impactou na vida. Eu estou do lado dela sempre e reconheço isso como baiana, como brasileira, como uma pessoa do mundo.

Eu brinco com ela dizendo que a gente é meio Caetano e Gil, sabe? De vez em quando confundem a gente, porque as duas cantam o mesmo repertório. Já me pediram autógrafo pensando que eu era ela, e a ela por mim. Me sinto muito orgulhosa de ser confundida com ela. E ela disse que já riu muito de ser confundida comigo. Eu fico muito feliz com isso porque a gente tem exatamente essa similaridade cultural, de visão de mundo.

*

EDUARDO BOLSONARO

[Recentemente, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) postou um vídeo em que falas de Daniela que foram editadas como se ela dissesse que Jesus Cristo era "gay, muito gay, muito bicha, muito viado, sim".] Fiquei indignada. É inesperado que um deputado federal poste um vídeo adulterado, uma fake news, uma montagem. Eu não sei quem fez, mas ele postou.

Sabia que esse ano ia ser um ano difícil, mas como eu já havia sofrido coisas parecidas, ataques nas eleições [presidenciais] passadas, já tinha processado, consegui tirar da rede a maioria dos vídeos, achei que nós tínhamos vencido essa etapa. [Em 2018] estavam tentando atacar a minha honra, a minha reputação e a minha credibilidade, me atacar como artista, como pessoa e como LGBTQIA+.

[A postagem] foi muito chocante para mim porque isso é algo inaceitável, que fere a ética pública, que impede o diálogo necessário dentro da democracia, o respeito mútuo. E me causa prejuízos diretos, né? Porque as pessoas ficam achando que eu estou agredindo uma religião da qual eu faço parte. Eu sou de família cristã, sou uma mulher de fé, então me toca pessoalmente.

*

GOVERNO JAIR BOLSONARO

Todas as políticas culturais foram paralisadas nesse governo. Então não dá nem para falar o que aconteceu. A gente pode falar que nada relacionado à cultura aconteceu. Isso mostra que o país está vivendo um momento de crescente autoritarismo, que a democracia está ameaçada, que houve um silenciamento proposital das artes, e isso é bastante sério.

"Abre a porta desse armário / Que não tem censura pra me segurar" [cantarola os versos da música "Proibido o Carnaval", lançada por ela em 2019]. Parece que de alguma forma eu percebi lá no começo que íamos estar sob censura. E isso é gravíssimo. Por isso é muito importante que a gente tire o governo que está aí. Isso é fundamental para a democracia brasileira. Fundamental.

Crônica de um segredo

[RESUMO] Por décadas, a personalidade hipnótica de Otto Lara Resende, seu talento sem igual para a conversa e a repercussão discreta de seus poucos livros deixaram seu lado ficcionista à margem, eclipsado pela radiante figura pública. No centenário de nascimento do escritor, celebrado neste domingo (1º), sua obra se firma como um dos tesouros secretos da literatura brasileira

Por ***Augusto Massi***
Poeta e professor de literatura brasileira na USP. Organizou e prefaciou os livros 'Retratos Parisienses' e 'Os Sabiás da Crônica'

Eu não tinha a intenção de dizer logo assim de saída. Mas já que a Ilustríssima das gentes me convidou para comemorar outro centenário (não bastavam a Independência do Brasil e a Semana de Arte Moderna?), decidi radicalizar: Otto se foi para ficar.

*

No finalzinho da vida, Otto Lara Resende (1922-1992) conseguiu conciliar jornalismo e literatura. O exercício da crônica, no seu formato mais clássico —coluna diária na imprensa— só vingou quando a **Folha**, em 1991, o convidou para fixar residência no andar térreo da página dois. Graças às características do gênero, pôde desfrutar daquele raro encontro com os leitores, prazer que nunca havia experimentado antes. Otto era quase um setentão.

Apesar de ter flertado com formas vizinhas à crônica (perfis, necrológicos, crítica de cinema etc.), nada se assemelha à frequência e constância deste período, de 1º de maio de 1991 a 21 de dezembro de 1992, quando escreveu um total de 508 crônicas.

A brevidade do espaço, mescla de trincheira e quitinete, não permitia que ultrapassasse 34 linhas de 60 toques. Otto soube tirar proveito desse limite. Dedicou-se à crônica com o rigor de um exímio sonetista. A comparação não é floreio de linguagem, ilumina um pormenor formal assombroso e fascinante: todas as crônicas estão divididas em cinco parágrafos.

Antes de alardear esse traço como exclusivo do escritor, confrontei com os textos dos atuais articulistas, emparedados na página dois, em cubículos semelhantes. A maioria oscila entre quatro e sete parágrafos. Porém, o argumento definitivo veio do jornalista Edney Felice Dias, que, na época, era o redator que cuidava das colunas: "Eu respeitava religiosamente os parágrafos de Otto" [1].

A frase lapidar não deixa de prestar uma bela homenagem ao escritor. De certo modo, comprova que Otto dotou a crônica da mesma disciplina apregoada por João Cabral de Melo Neto sem perder a cadência da conversa que perpassa a poesia de Vinicius de Moraes.

Qual seria a marca de fábrica da crônica de Otto? A construção da sua prosa mimetiza a desenvoltura de quem caminha pela cidade misturando dois tipos de registro; passa do observador culto, silencioso e obsessivo às ondulações e devaneios de um distraído. Entre o hábito de ouvir e o dom de se confessar, ensaia uma poética capaz de apreender "esse código sereno": "Embalo de onda que vai e que vem, e se esvai".

Comentar os dois volumes de crônicas do autor exige cautela. "Bom Dia para Nascer" (1993), com seleção de Matinas Suzuki Jr. [2], e "O Príncipe e o Sabiá" (1994), organizado por Ana Miranda, só vieram ao mundo quando o cronista já não estava entre nós. Mesmo reconhecendo os méritos e a fidelidade das antologias —os dois títulos foram desentranhados de crônicas do autor—, é preciso frisar que nenhum deles foi batizado, organizado e nem sequer passou pela revisão endiabrada de Otto. No entanto, paradoxalmente, como não atinar que foram essas duas obras póstumas que abriram caminho para que a ficção de Otto fosse finalmente revisitada e alcançasse repercussão crítica?

A crônica de abertura, "Bom Dia para Nascer", é um marco zero. Otto tinha consciência de que estava diante de um recomeço. Mais do que uma piscadela simpática ao leitor —que reverbera a saudação das crônicas machadianas de "Bons Dias!"—, Otto confere à primeira crônica um teor emblemático, certidão de nascimento e declaração de princípios.

A mobilidade de sua prosa é fascinante. Alinha matéria autobiográfica à matéria literária. Costura distintos tempos históricos sob o signo de cronos: a carta de Pero Vaz de Caminha de 1º de maio de 1500, recorda a invenção do Dia do Trabalho, enreda e convoca Camões e Drummond. Quantas coisas cabem dentro dessa croniqueta!

Por vezes, as crônicas parecem uma versão pública dos seus famosos bilhetinhos. Pequenas doses de ansiolíticos são administradas diariamente ao leitor. Otto passa régua e bisturi em tudo que não seja essencial para o bom andamento do texto: apêndices, amígdalas, vesícula etc. Em contrapartida, costuma trabalhar com fiapos de reminiscência.

A imagem empregada por ele mais de uma vez vai abrindo um leque de variações: poço de reminiscências, caprichos da memória, resquícios de uma velha evocação. Por vezes, os fiapos irrompem, flutuam, tomam de assalto o núcleo central da crônica:

"Manuel Bandeira ficou encantado com João Gilberto. Pois claro: o João estava lá e mostrou a sua recente batida, que ia fazer bater o coração do mundo. Era na rua Bolívar. Ano? 1960, creio. Rindo à toa, Manuel pôs para fora o piano da sua dentuça. E também tocou violão.

Doente profissional, tuberculoso, dormia cedo, pontual. Pois João Gilberto o hipnotizou até as duas da manhã. Só então fui levá-lo ao edifício São Miguel, avenida Beira-Mar. Estava comigo o Armando Nogueira. O assunto obsessivo era o violão de João Gilberto. O Manuel impressionadíssimo com aquele rapaz. Não era um joão-ninguém. Era alguém. Um gênio, de ouvido absoluto. Um fio de voz que até os anjos ouvem em silêncio" [3].

Em outros momentos, vislumbramos passagens subterrâneas que nos permitem palmilhar o território de sua ficção: "Entre o fato e a versão, há um vácuo, no vácuo se aninha o boato" ("Boatólogos e Boateiros"). E o que dizer do seu interesse pela origem de nomes e sobrenomes que grassam por toda sua obra? Ou da sua paixão sempre acesa pela etimologia? "A etimologia ilumina a palavra. Vejam secretária, por exemplo. Fica transparente, uma vez ligada à sua fonte latina. É a mesma de segredo. A que guarda segredos" ("A Graça de Aninha").

"O Príncipe e o Sabiá" caminha no sentido contrário. O volume reúne 60 perfis de personalidades da vida literária, política e jornalística.

Continua na pág. C5

O jornalista e escritor Otto Lara Resende
Divulgação

Continuação da pág. C4

Os textos são mais longos, nem sempre foram reproduzidos na íntegra e não possuem a forte unidade de estilo que caracteriza "Bom Dia para Nascer". À exceção dos quatros textos de abertura — a maioria deles dedicados a poetas—, datados entre os anos 1940 e 1960, todos os demais cobrem um arco temporal que vai de janeiro de 1976 até 1990, a imensa maioria publicada no jornal O Globo.

Esse tipo de texto foi largamente praticado ao longo da década de 1970, principalmente por alguns sabiás da crônica: Vinicius de Moraes no Pasquim, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos na Manchete. Cada um à sua maneira, celebra a convivência prosaica, cotidiana e íntima com os amigos, reforça as formas de sociabilidade. Escrita de amigos.

No caso de Otto, o perfil muitas vezes se confunde com o necrológio. É com as tintas ainda frescas da morte que desenha os percursos de uma vida. A morte o interpela, interroga e desafia: o que morre com os amigos prescritos? O memorialista está presente de corpo inteiro.

*

Antes de estrear em livro, Otto já havia espalhado infinidade de contos por jornais e revistas, sem falar dos projetos abortados e que optou por manter inéditos. "O Lado Humano" (1952), seu primeiro título, afora dois ótimos comentários de Rachel de Queiroz e Vinicius de Moraes, teve recepção crítica discreta. No depurado posfácio que escreveu para a reedição de 2019, Clara de Andrade Alvim, ao mesmo tempo que reconhece certa ingenuidade presente nas histórias, não deixa de nos revelar temas e traços estilísticos que serão retomados na obra futura.

Penso que vale a pena destacar três aspectos que compõem a fisionomia desse rebento magro, asmático, desencantado e que, talvez, permitam compreender melhor a trajetória do escritor. Primeiro, à exceção de "Velhos", os oito contos restantes são todos ambientados no Rio.

Porém, a então capital do país é vista pela ótica miúda de seus personagens, ora sob a lábia mesquinha de predadores, ora sob o tênue disfarce da prostituição, figuras quase invisíveis que vivem nas franjas do subúrbio, trabalham sob as garras da repartição ou sob o assédio nos balcões das lojas.

A câmara lenta do narrador capta as tensas e escorregadias negociações desses coadjuvantes que procuram desesperadamente preservar o lado humano, antes que o fluxo da vida os dissolva no desconforto da derrota. O jovem Otto escava com pudor e ironia a mesma paisagem social que Nelson Rodrigues começou a dinamitar na coluna "A Vida como Ela É..." (1951-1961).

Segundo, ao fazer uso do contraplano, tal perspectiva é radicalizada em dois contos: "A Pedrada" e "Terêncio e o Mar". Os personagens ficam expostos a um registro mais agressivo, oprimidos a céu aberto, nos espaços públicos da rua e da praia. A matéria literária é pontuada pela notação de fundo social e sexual, liberando, em sucessivas descargas narrativas, uma violência coletiva que deixa o indivíduo solitário e acuado, à beira do linchamento.

Por fim, em sintonia com sua própria natureza, esse sabiá da crônica sempre disponível e propenso à conversa revela enorme maestria em arrastar seus leitores para dentro do texto. Desde a primeira linha, os relatos de "O Lado Humano" e "Boca do Inferno" (1957) recorrem ao recurso do diálogo, laçando a curiosidade infernal do leitor.

No entanto, o escritor imprime uma reviravolta estrutural: na contramão de uma ficção marcadamente urbana praticada por seus contemporâneos, passa a ambientar suas narrativas, inclusive o romance "O Braço Direito" (1963), em pequenas cidades do interior. Esse deslocamento espacial vem acompanhado de recuo semelhante na faixa de idade dos seus personagens.

A redução de escala, espacial e temporal, permite a Otto moldar a matéria do mundo, internalizando o vasto nas margens do diminuto. A capital cosmopolita e moderna cede espaço à barroca e triste São João del-Rei, que, por sua vez, será devorada pela imaginária cidade de Lagedo.

Como vimos, a literatura de Otto opera segundo um sistema de vasos comunicantes. A partir dos fiapos de reminiscências podemos construir um amplo mosaico cultural e político brasileiro. Mesmo nas suas manifestações mais efêmeras, encontramos rastros biográficos que não se apagam, adquirem lastro histórico e se abrem ao registro memorialístico.

Por isso, à medida que revisitamos seus quatro livros de contos — "O Lado Humano" (1952), "Boca do Inferno" (1957), "Retrato na Gaveta" (1962) e "As Pompas do Mundo" (1975)—, podemos vislumbrar as entranhas, o subsolo, as trágicas galerias de uma imaginação romanesca.

Hoje, ninguém mais discute. "Boca do Inferno", seu segundo livro de contos, é uma obra-prima. Depois da recepção polêmica e traumática, o escritor decidiu nunca mais relançar o livro. Após décadas de silêncio, desde sua reedição em 1998, vem acumulando uma fortuna crítica que inclui, entre outros, um belo estudo de Juarez Donizete Ambires, dois ótimos posfácios de Cristovão Tezza e excelentes artigos de Vilma Arêas, Bruno Tolentino, Cadão Volpato.

Já tendo dedicado longo estudo aos contos de "Boca do Inferno", presente na reedição de 2014 da obra pela Companhia das Letras, pretendo me deter aqui, ainda que de forma breve, em uma novelinha que penso não ter recebido o devido destaque.

Publicada em 1962, com o infeliz título de "O Carneirinho Azul", fechava o terceiro livro de contos do autor, "Retrato na Gaveta" [4]. Na segunda edição (1963), o escritor optou por inverter completamente o campo de forças do volume, e a novelinha passou à porta de entrada do livro. Assim permaneceu na terceira (1971) e na quarta edições (1975).

Passados 20 anos, dentro do projeto de reedição da prosa ficcional de Otto, veio à luz a quinta edição, agora, sob novo título: "A Testemunha Silenciosa". As surpresas não terminam no nome. Desgarrada do volume original, a novelinha surge em companhia de "A Cilada" [5], extraída de "As Pompas do Mundo". Ambas acabaram compondo um livro inteiramente novo. Como no volume, publicado pela Companhia das Letras em 2012, não consta nenhuma nota editorial, desconhecemos se a ideia expressa um último desejo do próprio Otto.

Independentemente disso, a mudança do título me pareceu um grande acerto, pois, além de potencializar as qualidades literárias do texto, retira uma carga excessivamente lírica e infantil, quase piegas, para recolocar no centro do relato a voz cindida do narrador, Juca, filho do boticário João Sacramento Júnior e de Sá Carmela, parteira de toda a região.

Na primeira edição, a novelinha começava com esta frase: "Devo ter sido o primeiro brasileiro a colher os frutos da Revolução de 1930". No processo de reescrita, Otto deslocou a moldura histórica para o âmbito de uma micro-história das relações aparentemente familiares que, impactadas pelo grande acontecimento político, assistem à mudança progressiva das relações de força na cidade.

A montagem dos capítulos demonstra que Otto estava realmente armando um romance. E dentro do romanção imaginário que abarcaria toda sua obra futura, essa novelinha ocupa um lugar privilegiado. Aberta a toda sorte de encruzilhadas, bifurcações, conexões, ela sugere a existência de um núcleo comum às demais obras e cifrado na divisa: "A vida é segredo". Ela atravessa e entrelaça "Boca do Inferno", "A Testemunha Silenciosa" e "O Braço Direito".

Em sintonia com sua própria natureza, esse sabiá da crônica sempre disponível e propenso à conversa revela enorme maestria em arrastar seus leitores para dentro do texto. Desde a primeira linha, os relatos de 'O Lado Humano' e 'Boca do Inferno' recorrem ao recurso do diálogo, laçando a curiosidade infernal do leitor

A presença de Machado de Assis se faz sentir nas entrelinhas. Por exemplo, quando Otto tangencia "O Alienista", em especial nas alusões à Revolução Francesa e à palavra guilhotina: "Parei para ver o homem do dedo guilhotinado. Um homem sem dedo, o dedo quem sabe no chão, ainda sangrando. Um dedo é mais do que um dente de leite. Devia ser o dedo indicador. O dedo que acusa e aponta. O líder da mão. Dedo másculo, que verga mas não quebra. O dedo dado de graça à guilhotina".

Outra referência literária curiosa: Sanico da fazenda Segredinho, sineiro manco, é uma versão lírica e mineira do corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo. Ele alimenta a imaginação do menino adiando sempre o sonho do carneirinho azul "feito de palavras e promessa — nosso segredo comum". Sanico circula livremente por todos os espaços. É íntimo e distante. Comunica-se com a cidade através da voz dos sinos: badalo de festa e dobres de finado.

No capítulo 15, em uma das passagens mais belas do livro, verdadeiro rito de iniciação, Sanico pastoreia Juca na escalada em espiral até o ponto mais alto da igreja, dentro da torre, pairando entre anjos e sinos: "Via Lagedo do alto e inteira pela primeira vez. Como alguém do meu tamanho. Tímida corça lançada entre as montanhas, o branco de suas casas ingênuas sob os telhados escuros — toda a cidade estava diante de mim. [...] A cidade desobrigada de seus habitantes. Como um presépio, Lagedo cabia nos meus olhos".

No capítulo 21, outro ser livre entra em cena: Rita Maria. Vem de fora, do Rio de Janeiro, na plenitude dos seus 18 anos. É uma lufada de vento revirando páginas da história, sem bater portas ou janelas: "Rita Maria veio se movendo, se melomovendo, e parou juntinho de mim, monumental. Ergueu os braços como se eu não existisse. Ajeitou os cabelos e conversava com Dulce, a poucos passos dela. Tinha as pernas altas e os joelhos redondos eram mesmo redondos. Os braços leves, as mãos tão finas, os ombros tímidos e perfeitos, as costas onduladas. Tinha os sovacos raspados. Tinha pescoço e cintura. Tinha o ventre, as ancas, as coxas e os seios. Tinha os seios prometedores debaixo do claro maiô esticado, prestes a arrebentar e a libertar sua nudez".

A descrição envolve o leitor em um efeito cascata, deixando entrever o que se oculta atrás do fluxo das palavras, atrás da fina cortina da linguagem, feito um marulho da água que desliza por entre o limo das pedras arredondadas e nos arrasta até regiões secretas do ser.

Rita Maria simboliza outra revolução. Desejo prestes a arrebentar, libertar o menino. Os sentimentos migram de um extremo ao outro. Na despedida, na plataforma do trem que a levará de volta ao Rio de Janeiro, "ignorando o burburinho à sua volta, ela me segurou pelo queixo, e enfiou nos meus olhos os seus olhos cor de cinza e mel. Puxou o meu rosto para junto do seu rosto —e ficamos sozinhos um e outro, ela comigo, eu com ela, à vista de todo mundo". Se Lagedo cabia nos olhos do menino, Rita Maria também podia caber?

No retornar da estação, o menino passa da plenitude do encontro à experiência da solidão: "Existir, ser sozinho consigo mesmo, estar entregue a si mesmo, livre para ser sua presa —este era o perigo que trazia dentro dele, como um verme dentro de um fruto". Da plenitude do encontro à experiência da solidão. Dez capítulos depois, ele se torna, pela terceira vez, uma testemunha silenciosa.

Na primeira, desvelou a beleza da cidade silenciosa, vista do alto. Na segunda, testemunhou a própria paixão refletida no mel e nas cinzas dos olhos de Rita Maria. Na terceira, reteve fiapos de reminiscência de um crime parido no ventre da família. Vida é segredo.

*

Para quem não teve o privilégio de conhecer pessoalmente Otto Lara Resende, talvez seja mais fácil se desvencilhar do feitiço hipnótico da sua personalidade e mergulhar de cabeça na sua ficção. Na quarta capa de "Bom Dia para Nascer", o historiador e amigo Francisco Iglésias assim o definiu: "Advogado, com certo exercício no serviço público, escritor, ele foi sobretudo jornalista". Otto soube guardar segrego: era sobretudo escritor. ←

NOTAS

[1] Devo a informação à medição ovalleana do jornalista, cronista e biógrafo Humberto Werneck

[2] Em 2011, a Companhia das Letras publicou uma edição ampliada, 74 crônicas inéditas em livro, com ótima seleção e posfácio esclarecedor de Humberto Werneck

[3] Ver: 'O Galo, o João e o Manuel' in: 'Bom Dia para Nascer', pág. 279

[4] A gestação da novelinha foi longa. Em 17 de setembro de 1957, na troca de correspondência com Murilo Rubião, Otto comenta: 'Disse-lhe, da outra vez, que escrevi um romance? Pois escrevi. Chama-se, veja a coincidência dos bichos, 'O Carneirinho Azul'. Depois de um monstruoso trabalho, caí em depressão, tive um crise profunda. Mas, já passei adiante. Não voltei ao romance porque ainda não tive ânimo. Mas espero, ainda este ano, reescrevê-lo'. Ver: 'Mares Interiores: Correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende'. Organização, prefácio e notas de Cleber Araújo Cabral (Autêntica/UFMG, 2016, pág. 119)

[5] Publicada originalmente em 'Os Sete Pecados Capitais' (Civilização Brasileira, 1967), livro coletivo assinado por Guimarães Rosa (soberba), Otto Lara Resende (avareza), Carlos Heitor Cony (luxúria), Lygia Fagundes Telles (preguiça), José Condé (inveja), Guilherme Figueiredo (gula) e Mário Donato (ira). Posteriormente, foi incorporada ao livro de contos 'As Pompas do Mundo' (1975)

O compositor e poeta Jamie Ovalle (à esq.) com Otto Lara Resende e Vinicius de Moraes, em 1953 Divulgação

De Otto, com amor

[RESUMO] Autor de um romance e poucos livros de contos, Otto Lara Resende foi, em volume de produção, sobretudo um escritor de cartas, atividade compulsiva a que dedicou boa parte de seus 70 anos de vida. Os mais de 7.000 itens de sua correspondência revelam suas várias facetas: o amigo devotado, o frasista que encantava as rodas de conversa e o escritor amargurado diante da criação literária

Por ***Elvia Bezerra***

Pesquisadora de literatura brasileira e colaboradora no Instituto Moreira Salles, prepara edição de livro com cartas de Otto

Foi por justa razão que, em 1994, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu um selo com a efígie de Otto Lara Resende, desenhada pelo artista plástico Fernando Lopes. A homenagem veio dois anos depois da morte do jornalista e escritor, que reservou boa parte de seus 70 anos de vida para escrever cartas.

"Acho que ela teve pena de mim", brincou ele certa vez com Dalton Trevisan, a respeito do olhar da funcionária dos Correios quando reconheceu nele o OLR da correspondência. São mais de 7.000 itens do gênero conservados em seu arquivo, hoje sob a guarda do IMS (Instituto Moreira Salles).

Considerando-se que os diálogos epistolares nem sempre são equilibrados e que, por isso, ele ficou sem resposta de alguns interlocutores, é fácil entender por que Otto terá enviado mais cartas do que recebeu.

Nascido há cem anos (1º de maio de 1922), Otto chegou ao Rio, para ficar, em 1946. Desde então, trabalhando muito e nos melhores jornais da cidade, nunca deixou de ter tempo para buscar "aquele estadinho apropriado a cartas", dizia, quando se sentava disposto não só a contar fatos do cotidiano, os mais comezinhos, como também a refletir sobre questões existenciais ou literárias.

De um modo ou de outro, não lhe faltavam graça e gravidade a um só tempo. Era capaz de rir das próprias aflições, assim como podia sofrer profunda e longamente as mais implacáveis angústias. Afinal de contas, dizia de si mesmo, certeiro: "Um poço de contradições".

Há quem considere que o Otto conversador, com sua vivacidade, suas frases antológicas, ofuscou o contista e romancista que ele foi. Felizmente estudos e reedições recentes derrubam essa crença e asseguram o valor de sua obra.

A leitura de sua correspondência, por outro lado, permite a compreensão do abismo entre o homem que encantava as rodas de conversa e o missivista amargurado diante da folha de papel em branco, a expor questionamentos de naturezas diversas. Precisava de amigos para dar notícias de projetos literários, compartilhar ideias e desenvolvimento de personagens, enredos, soluções e frustrações.

No missivista surgem várias personas, a depender do destinatário: escritor acima de tudo com Dalton Trevisan, com quem discute estilo, gostos literários e dores da criação; cronista com Fernando Sabino, que involuntariamente o instiga a produzir crônicas da melhor estirpe; sóbrio com o amigo e historiador Francisco Iglésias, depositário de suas preocupações mineiras; torrencial com Hélio Pellegrino, receptor das manifestações mais arrojadas de seus oscilantes estados de espírito e de sua fraternidade mais amorosa; íntimo com Rubem Braga, a quem admira, ama e protege.

Duas marcas, pelo menos, estão presentes na relação com todos eles: a do firme crítico dos textos que lhe eram submetidos e a do amigo devotado, que muito dá e tudo exige. Nas duas situações, o combustível que o impulsiona é o amor. Não pode ser outro o sentimento que o faz se dedicar com tanto empenho a essa tarefa arriscada.

Tudo se concentra no remetente necessitado de interlocutor para a experiência literária, sua e do outro, assim como no amigo ávido de compartilhar suas perplexidades, seu encantamento com descobertas, inclusive a da paternidade.

Feroz conhecedor da língua portuguesa e rigorosíssimo, antes de tudo, com a própria produção, não reteve para si o saber que adquiriu no Instituto Padre Machado, em Belo Horizonte, fundado por seu pai e onde foi professor de português, francês, história geral e do Brasil.

Esteve a serviço dos amigos. Minucioso, em certa ocasião chegou a escrever quase 20 páginas a Rubem Braga, que lhe confiara a preparação de um livro.

Está claro que Otto não precisava de motivo para escrever cartas, mas por duas vezes teve oportunidade de justificar os excessos do hábito: quando foi adido cultural junto à embaixada do Brasil em Bruxelas, de 1957 a 1959, e em Lisboa, de 1967 a 1969.

Ao final da temporada belga, reclamava com Dalton Trevisan: "Se empregasse numa outra atividade o tempo e o esforço que passei, nestes dois anos, a escrever cartas, já teria construído a pirâmide de Quéops".

Pela mesma época, confidenciava ainda a Trevisan: "Talvez então minhas cartas contenham um elemento, quem sabe de desordem, ou de espontaneidade, que minha literatura não tem, pois que a sei mais seca do que precisaria, meio árida, angulosa, dura [...]".

Otto não tinha a menor complacência com sua obra, mas, desprezando-se a segunda parte da afirmação acima, pode-se concluir que, mais que desabafos de um temperamento fluvial, suas cartas pretendem uma experiência estilística.

Isso fica claro no livro "O Rio É Tão Longe", reunião da correspondência a Fernando Sabino. O leitor encontra aí o Otto saborosamente cronista, por exemplo, ao contar as peripécias em um show feito pelo dançarino e também seu cozinheiro, Benedito Macedo, para citar apenas uma. Em momentos como esses, talvez encontrasse o que buscava, do ponto de vista literário.

Além disso, em carta a Hélio Pellegrino, de 1950, depois de ler a correspondência de Jacques Rivière com Paul Claudel, grifou: "Pode ser que tenha sido essa correspondência (Rivière tinha 20 anos ao tempo da primeira explosão, digo, carta) que me tenha posto assim —porque encontro a formulação de algumas coisas importantes, e me encontro a mim, por esse caminho de ficção [destaque do autor]."

Uma seleção de cem cartas suas —endereçadas a Dalton Trevisan, Fernando Sabino, Francisco Iglésias, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga— vai ser publicada em 2023 em coedição do Instituto Moreira Salles e da Companhia das Letras. Será uma oportunidade de se conhecer o escritor que sofreu com as críticas ao livro de contos "Boca do Inferno", de 1957, o segundo título que publicou.

Na correspondência, evidencia-se também o penoso processo de construção de seu único romance, "O Braço Direito", lançado no final de 1963, livro de sua angústia permanente, que reescreveu até a morte, em 28 de dezembro de 1992, sem dar a tarefa por concluída. Naquela mesmo ano, desabafara a Iglésias: "Cartas, tenho escrito aos montes. Tenho até vergonha de contar".

Talvez o leitor se surpreenda ao saber de sua antipatia pela expressão "quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse", criada por ele mesmo para se referir à amizade com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino. "Tenho horror a essa história dos '4', mosqueteiros então! Burrice. [...] Mas não adianta. O clichê pegou", confidenciou a Iglésias.

"Estar só é, efetivamente, a fatalidade do homem, e aceitar essa fatalidade, virilmente, aí, nisso, deve residir a sua mais poderosa dignidade." De frases como essa, em carta a Pellegrino em 1951, há centenas, e farão a delícia de quem quiser ampliar o repertório já consagrado do frasista centenário.

Ao mundo epistolar de Otto Lara Resende se aplica a frase de Carlos Drummond de Andrade, quando, a respeito da poesia, afirmou em carta a Zuleika Moreira: "Uma verdade particular, legítima, pode se transformar em verdade universal". Aí está o valor da correspondência de Otto. ←

TRECHO

Você — verdade sabida e repetida — bem merece os coices. Sou, porém, burro sentimental. Bato e assopro. Mesmo sabendo que em nada lhe feriram os golpes daqui vibrados, com ar de quem não quer nada. Você anda insensível a golpes. Você os classifica, rotula os golpes de pequeno-burgueses. Ou os encarcera no círculo hermeticamente fechado de algum dado psicanalítico. Você anda terrível, Hélio velho. Só lhe escrevo ainda, num momento deste, porque você me causa raiva. O que é prova de que você não morreu

Carta de Otto a Hélio Pellegrino, de 1º de junho de 1951

Pantanal, ontem e hoje

[RESUMO] Embora disponha de mais recursos de produção e tecnologia, a novela 'Pantanal', da Globo, parece demonstrar uma involução da linguagem da teledramaturgia quando comparada com a primeira versão, de 1990, da Manchete

Por ***Luiz Joaquim***
Jornalista, editor do cinemaescrito.com e professor de cinema no Recife

A atriz Alanis Guillen, que interpreta a personagem Juma, em cena do remake da novela 'Pantanal' João Miguel Jr./Divulgação

Em 1961, no Jornal do Brasil, Glauber Rocha escreveu: "De 'Ganga Bruta' [de Humberto Mauro] a 'A Primeira Missa' [de Lima Barreto], o cinema brasileiro involuiu violentamente [...]. Armando-se uma ponte ao contrário do novo Humberto Mauro ao velho Lima Barreto, é possível traçar a involução da linguagem cinematográfica brasileira".

Esta colocação vem à cabeça quando nos deparamos com a nova versão de "Pantanal" (2022), da Globo, em contraste com a novela original, de 1990, produzida pela TV Manchete.

Não é o caso de ser peremptório nas palavras como foi Glauber, mas, passadas as semanas iniciais da versão atual, é possível dizer que, a despeito de toda a tecnologia que envolve a produção da Globo, a novela encolheu em sua capacidade de encantamento.

Alguém pode gritar que o aspecto do ineditismo do tema em 1990 era um trunfo da Manchete. Sim, mas um trunfo muito bem-aproveitado.

"Pantanal" trazia atores não famosos assumindo o protagonismo romântico, contextualizava as relações entre os personagens por meio de diálogos extensos, que valorizavam seu conteúdo, e nos apresentava tudo isso em um ritmo muito lento, fazendo absoluto sentido com aquele tempo parado da região.

A própria natureza era respeitada em sua beleza sonora. Não era raro termos os silêncios (ou o som da natureza) servindo de background para as conversas de seus personagens, o que emprestava mais autenticidade à representação.

O deserto sonoro das locações pantaneiras também permitia que o elenco atuasse quase que sussurrando, o que convinha para as situações românticas.

A equipe da primeira versão de "Pantanal" passou os primeiros cinco meses no local. Impossível não acreditar que tal imersão não tenha sido definidora para a criação de seus atores.

Passadas três décadas, está nítido que o comportamento social mudou e não é raro encontrar algo que poderia ser aceitável em 1990, mas não passaria em 2022. Deixar de promover uma atualização no comportamento dos personagens seria inaceitável, sob pena de soarem anacrônicos. Pior, de soarem ofensivos.

A questão é: a antiga "Pantanal" já era moderna o suficiente para apresentar homens sensíveis, ainda que truculentos (como Zé Leôncio), e mulheres que não temem e não se curvam (Maria e Juma Marruá). Não demandava muito esforço recriar, no contemporâneo, esses tipos.

Mesmo assim, o risco de refazer a novela era alto. Do ponto de vista estético, entre deslizes e acertos, há, na nova versão, um excesso de tomadas aéreas, transbordando de seus drones, cujo sentido narrativo esvaziou-se.

Tomadas áreas hoje são, na maioria, muletas visuais. Há 30 anos, elas revelavam para mais da metade dos brasileiros uma paisagem pantaneira virgem e indicava o grau de isolamento da turma de Zé Leôncio.

Enquanto a eloquência de "Pantanal" da Manchete residia, sem firulas, nos planos estáticos e no som ambiente dando conta daquela beleza natural, a pretensa eloquência da versão platinada se vale das câmeras em movimento, indo em direção aos atores.

E a atual trilha sonora... quanta insistência. Ouvir mais a natureza em uma novela sobre a natureza seria bom. Não que a versão anterior não exaltasse a magistral suíte sinfônica composta por Marcus Viana, mas esse trabalho, igualmente inovador, agarrou-se rapidamente à novela e tornou-se um órgão indissociável do corpo dramático do todo.

Pelo aspecto dramatúrgico, os diálogos com os quais íamos conhecendo a história eram densos, mas econômicos, e por eles pouco se duvidava do que nos era apresentado.

Na atual versão, o contrário disso pode ser percebido no núcleo dos avós maternos do personagem de Jesuíta Barbosa (Jove), interpretados por Selma Egrei (Mariana) e Leopoldo Pacheco (Antero).

Egrei foi aqui condenada a uma personagem monocromática na primeira fase —o da constantemente irritada e autoritária matriarca. Já Pacheco assumiu o oposto a isso, soando quase bobo.

Em 1990, para os mesmos personagens, tínhamos uma afinação assombrosa entre o altivo Antero (Sérgio Britto) e a elegante Mariana (Nathalia Timberg). Ambos formavam um retrato bem-desenhado de uma burguesia decadente, cética e consciente disso.

Outro exemplo de desacerto, um dos mais eloquentes na síntese do que diferencia a velha da nova versão, está na sequência em que Irma (antes Carolina Ferraz, agora Malu Rodrigues) se insinua para Zé Leôncio (Paulo Gorgulho/Renato Góes) na beira de um rio.

A versão de 1990 trazia uma carga romântica difícil de superar. A versão atual, com diálogos e mise-en-scène reduzidos, comprometeu o que poderíamos entender sobre a intensidade do amor de Irma por Leôncio, com os novos atores dando vida a dois jovens excitados, e não a dois adultos encantados entre si.

Já na segunda fase, não é difícil perceber que falas escritas para Guta (Julia Dalavia) soam professorais quando o assunto entra em questões de gênero e identidade sexual; assim como as do Velho do Rio de Osmar Prado ao explicar sua postura ecológica.

Trinta e dois anos antes, a defesa já existia nas falas dos personagens —não em tom ativista, mas como uma reflexão incontestável.

Quanto ao Velho do Rio de 1990, era interpretado por Cláudio Marzo em tom austero, mas acolhedor. Marzo fez ainda dois outros papéis na novela da Manchete: o protagonista José Leôncio (na segunda fase da trama) e o pai dele, Joventino (na primeira fase).

O novo Jove (Marcos Winter, agora Jesuíta Barbosa), filho do protagonista, também não tem mais o tom leve de antes. Agora é melancólico e constantemente insatisfeito, o que, em termos, parece coerente com a atual geração, diferente dos jovens que acompanharam a versão de 1990, herdeiros do espírito new wave.

Enfim, o que parece haver hoje é um maior interesse da produção em tornar tudo ainda mais intensamente dramático, quando o próprio enredo e as falas originais já entregavam essa densidade de maneira tocante em sua objetividade.

Falas do novo Jove foram devidamente ajustadas, mas apenas para que a imagem do herói passe politicamente imaculada. Se, no passado, após o personagem deitar-se com Guta na beira do rio (por iniciativa dele) e ter as roupas roubadas, ele atribuía o ato aos índios, no presente, na mesma situação, mas agora por iniciativa de Guta, imagina que o sumiço das roupas pode ter sido obra de algum bicho.

Ao mesmo tempo, pequenos tesouros da escrita de Benedito Ruy Barbosa foram limados na atual versão. É o caso quando Zé Leôncio responde à pergunta de Filó sobre como ele imagina que seu pai tenha morrido.

A despeito de toda a tecnologia da produção da Globo, a novela encolheu em sua capacidade de encantamento

Enquanto ouvíamos Cláudio Marzo descrever com comoção e riqueza de detalhes os acontecimentos do acidente que só existiam na sua imaginação, na versão de 2022 Marcos Palmeira responde à mesma pergunta com um "sei lá".

Na pele do atual Zé Leôncio, Palmeira ainda não teve tempo suficiente para tornar seu personagem tão marcante quanto o de Cláudio Marzo.

O mesmo pode ser dito de Alanis Guillen com sua Juma. Na sequência que seria sua primeira prova de fogo na novela —encontrar sua mãe morta—, a atriz nos ofereceu um sofrimento protocolar.

Os acertos da nova versão também merecem ser exaltados: na primeira fase, Irandhir Santos, Juliana Paes e Enrique Diaz. O trio recriou enriquecidas personas para o velho Joventino, para Maria Marruá e seu marido Gil.

Na fase dois, o Alcides de Juliano Cazarré é um personagem bem-redesenhado. O ator compõe seu peão como um brucutu, fazendo dele alguém insuportável; mas, ao mesmo tempo, empregando um bem-vindo humor que nunca esteve presente no Alcides de Ângelo Antônio.

Elogios também para Murilo Benício, que dá destaque a um Tenório mais assustador e menos deslocado. Vale ainda o registro da encenação com Jesuíta Barbosa sendo picado por uma cobra. É uma autêntica peça de beleza audiovisual sem o uso da palavra.

Essa sequência é um exemplo de que a resolução 4K e drones piruetando não são suficientes para recriar um clássico. ←

Um resquício feudal

[RESUMO] Perdão de pena concedido por Bolsonaro ao deputado Daniel Silveira deve ser repudiado por seu caráter arbitrário e de enfrentamento ao STF, argumentam advogados, para quem o indulto é instituto incompatível com princípios do Estado de Direito e deveria ser abolido da Constituição

Por ***Dimitri Dimoulis e Theo Dias***

Dimoulis é professor da Escola de Direito de São Paulo da FGV; Dias é advogado criminal

Quatro de junho de 1791. A Assembleia Constituinte da França revolucionária decidiu abolir todas as formas de indulto concedidas pelo rei. Em setembro do mesmo ano, foi estabelecida na primeira Constituição francesa a proibição de o rei exercer competências judiciais, incluindo o perdão de condenados.

Com essas decisões, os idealizadores do Estado constitucional na Europa afastaram o indulto do ordenamento constitucional por esse ser expressão da arbitrariedade e dos "odiosos" privilégios feudais. A lei deve ser a mesma para todos, diziam os revolucionários.

É o que repete o artigo 5º da nossa Constituição. Napoleão Bonaparte reestabeleceu o indulto em 1802, no contexto de sua visão imperial. Não parece ser ele bom conselheiro para o Estado de Direito.

O decreto de graça, um indulto individual, concedido pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) gerou discussões sobre sua legalidade e oportunidade. É relevante a análise sobre aspectos jurídicos e políticos do ato, mas o debate deve ir além para incluir as consequências da preservação dessa relíquia institucional em um Estado que pretende ser democrático.

Os filósofos iluministas foram impiedosos críticos do indulto. Kant escreveu que o perdão penal é "a maior injustiça" para as vítimas do crime e uma violação do dever de aplicar as leis sem distinção de pessoas.

Lendo as obras dos fundadores do direito penal liberal —Beccaria, Filangieri, Feuerbach e Bentham—, veremos que todos condenam, sem apelo, o indulto, por ser irracional e por destruir a função preventiva da lei penal. Se o juiz condena hoje, e o presidente da República aniquila amanhã essa decisão, o sistema penal perde credibilidade.

Essa visão parece ingênua. Quem pode garantir que a norma penal será adequada e que os julgadores a aplicarão de maneira correta e isenta? Por isso, os adeptos do perdão de pena o justificam como uma espécie de "válvula de segurança". Beccaria e Bentham rebateram essa ideia em páginas que deveriam ter sido lidas pelos constituintes de 1988 antes de incluírem o indulto entre as competências do presidente da República.

Para os filósofos, os esforços devem se concentrar na confecção de boas leis e na configuração de um sistema penal que leve os juízes a aplicá-las sem parcialidades e segundas intenções. Esse é um trabalho incessante de crítica e de correção. A lei iníqua ou ultrapassada deve ser abolida. O magistrado que não atuar corretamente deve ser responsabilizado.

O indulto pode causar mal maior que a condenação injustificada. Não enfrenta a disfunção do sistema penal e gera novo problema. Permite que pessoa estranha à função de julgar, sem participação no processo penal, apareça de repente na função de vingador, como reencarnação dos "reis taumaturgos" da Idade Média, que curavam doenças tocando a testa das pessoas. Por essa razão, Bentham chegou a dizer que o indulto é cruel — cruel como forma de destruir a autoridade da lei.

Cesare Beccaria, em "Dos Delitos e das Penas", obra mais conhecida do direito penal iluminista, pensava da mesma forma: "[a] clemência é a virtude do legislador e não do executor das leis; ela deve resplandecer no código e não nos julgamentos particulares; mostrar aos homens que os delitos podem ser perdoados e que a pena não é sua inevitável consequência é fomentar a ilusão da impunidade".

Contrapondo-se aos desmandos do sistema penal absolutista, Beccaria propõe um direito penal fundado na moderação e na certeza da punição: "A certeza de um castigo, mesmo moderado, causará sempre a impressão mais intensa que o temor de outro mais severo, aliado à esperança da impunidade".

No final do século 19, o debate penal mudou radicalmente. As discussões sobre as finalidades da pena e sobre a reforma da legislação foram dominadas pela escola positiva, em especial a italiana de Lombroso e Ferri, que rejeitava os pressupostos teóricos da visão liberal, passando a explicar o crime não como produto do livre-arbítrio, mas como ato determinado por fatores biológicos, sociais, ambientais. O "delinquente" é visto como alguém dotado de especificidades próprias, e a pena deve buscar tratamento e reeducação.

Surpreendente é que a escola positiva, que teve muita influência no pensamento criminológico e penal brasileiro, concordava com a escola liberal clássica sobre a necessidade de abolir o indulto. Para os positivistas penais, o chefe de Estado não tem capacidade de decidir quando uma sentença deve ser interrompida.

Essa decisão deve ter como critérios a periculosidade e a reabilitação do condenado, sendo de competência dos juízes, com orientação de peritos criminais. O indulto foi visto como arbitrariedade que flexibiliza as leis com base em decisão não motivada. As premissas teóricas das duas escolas penais são diferentes, mas seus autores convergem nessa avaliação negativa.

O Brasil se depara com a situação de um presidente que decide perdoar um aliado político porque isso é de seu agrado. O ato enseja especial repúdio, pelo caráter arbitrário e pelo sentido político de enfrentamento ao STF.

Mostra também desprezo pelo princípio da igualdade, tal como fizeram os decretos de indulto natalino de 2019, 2020 e 2021, perdoando penas de agentes de segurança pública e de integrantes das Forças Armadas, como se os delitos por eles cometidos merecessem tratamento mais brando que os cometidos por outras pessoas. São práticas que destoam de uma tradição de décadas, com indultos baseados em critérios impessoais, como tipo de crime e tempo de pena, propostos pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

Nos Estados Unidos, o instituto do "perdão presidencial" resiste fortemente aos tempos, embora polêmico. No apagar das luzes de seu mandato, Donald Trump concedeu perdão a diversos aliados, entre eles o ex-assessor Steve Bannon, guru da extrema direita, acusado de fraude.

Também notório foi o perdão preventivo, antes de qualquer denúncia criminal, de Gerald Ford a Richard Nixon no caso Watergate. Jimmy Carter, no primeiro dia de mandato, cumpriu promessa de campanha e concedeu, mediante condições, perdão a milhares de civis americanos que fugiram ao alistamento militar durante a Guerra do Vietnã.

Bill Clinton concedeu 150 perdões no último dia de mandato, beneficiando o financiador do Partido Democrata Marc Rich, o "pardongate". Muitos perguntaram na época se o indulto podia ser comprado.

A resposta é simples. Se tudo depende da vontade de uma pessoa, não há regra nem limite. Na engenharia institucional do Estado de Direito, o nexo entre direito e democracia, entre legalidade e legitimidade se concretiza mediante a divisão institucional e temporal das instâncias de produção e reprodução legislativas, de forma que ninguém detenha poder exclusivo de decisão sobre o direito.

Essa engenharia tem por finalidade trazer racionalidade, previsibilidade e segurança às relações entre Estado e sociedade civil. A lei se converte no epicentro de um sistema de poder e contrapoder, no qual não há instância ou sujeito com autonomia absoluta para impor sua vontade.

As críticas ao indulto foram retomadas nas últimas décadas pelos constitucionalistas. Muitos estudiosos insistem na incompatibilidade do perdão presidencial com os princípios do Estado de Direito, em particular com a segurança jurídica e a força executiva das decisões judiciais. As contestações levaram a revisões constitucionais que limitaram fortemente os poderes do presidente da República na Itália, em 1992, e na França, em 2008.

Por mais que se busque uma justificativa do indulto como forma de "balancear" os Poderes, não há nenhuma evidência nesse sentido. O presidente da República tem poder de veto em relação às leis e protagoniza a indicação da cúpula do Judiciário. Não seria plausível reconhecer mais um veto contra decisões judiciais.

Se essas últimas sofrerem questionamentos, há sempre possibilidade de recursos, inclusive perante tribunais internacionais. Há também múltiplas formas de revisão e perdão da pena decididas pelo próprio Judiciário com procedimentos formalizados.

Em um sistema prisional como o brasileiro, que se encontra em permanente "estado de coisas inconstitucional", conforme o próprio STF, sempre haverá necessidade de libertar presos por razões humanitárias e de política criminal.

A ampliação de possibilidades de revisão das penas deve decorrer de processos formalizados e por motivos previstos em lei, não do uso da famigerada "caneta" de uma pessoa.

Por fim, o Legislativo pode avaliar a concessão de anistia quando as decisões judiciais se encontrem em claro descompasso com os rumos da política e da sociedade. A anistia decorre de amplo debate e de votações públicas acompanhadas pela imprensa e pela opinião pública —não se decide com uma assinatura, como acontece com o indulto.

O presidente da República não é reencarnação dos reis medievais, que o imaginário da época apresentava como sábios, benévolos e de origem divina, nem sucessor do imperador brasileiro com seus poderes "moderadores".

O indulto sobreviveu institucionalmente ao fogo cruzado de críticas racionais e bem-fundamentadas. Isso não se deve às suas virtudes como instituto do Estado de Direito; deve-se apenas à sua conveniência para o grupo que controla o Executivo.

A atual crise que gerou tantos questionamentos ao indulto poderia dar ensejo a proposta de emenda constitucional para abolir esse resquício de instituições feudais. ←

O deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) na Câmara Gabriela Biló - 20.abr.22/Folhapress

A princesa nada dócil do TikTok

[RESUMO] A canadense Rayne Fisher-Quann, 20, virou celebridade com seus posts sobre feminismo, geração Z e capitalismo. Ativa na internet desde os 13, ela avalia que as redes sociais podem ser perigosas para adolescentes e diz ser ridícula a ideia de que as plataformas sejam meios revolucionários

Por ***Teté Ribeiro***

Jornalista, é autora de 'Minhas Duas Meninas', 'Divas Abandonadas' e dois guias de Nova York baseados na série 'Sex and the City'. Morou em Nova York, Califórnia e Washington entre 2000 e 2010

A tiktoker Rayne Fisher-Quann
Acervo pessoal

Faz cerca de um ano que o nome de Rayne Fisher-Quann começou a pulular por todos os lados. Todos os lados, não, isso é um exagero. É na verdade um lado bem específico: o de um número cada vez maior de pessoas, sobretudo na faixa de 15 a 23 anos, que passaram a se apoiar nas opiniões e nos pensamentos dessa garota de 20 anos, que assina como @raynecorp ou "internet princess" (princesa da internet), seus dois codinomes mais populares.

Toda vez que algum conflito, alguma controvérsia ou só mesmo uma notícia aparece envolvendo uma intersecção dos temas feminismo, geração Z, internet e capitalismo, é a voz de Rayne que esses seguidores —cerca de 200 mil pessoas que se denominam seus "funcionários"— esperam ouvir.

Em grande parte das vezes, seus comentários acabam viralizando, especialmente os monólogos no TikTok, filmados por ela mesma com a câmera de seu iPhone. Foi na rede social chinesa que Rayne cimentou seu lugar como uma voz feminista e jovem a que se deve prestar atenção.

"Dei muita sorte porque o TikTok não era uma plataforma que tinha muita gente fazendo o tipo de crítica profunda que eu faço, especialmente da minha idade, então preenchi um gap nesse mercado, acho", disse à **Folha**, em uma conversa por Zoom.

Era a segunda vez que a **Folha** marcava uma entrevista com Rayne, que respondeu rapidamente ao email com o pedido de conversa, mas nunca deu sinal de que leu a DM (direct message), a mensagem direta pelo Instagram.

A primeira entrevista foi marcada por ela para o meio-dia de uma quinta-feira, pelo horário conhecido como PST, o fuso horário do Pacífico, que está quatro horas atrás do horário de Brasília. Nascida em Toronto, Rayne mora em Vancouver, cidade portuária na costa oeste do Canadá.

No dia e na hora marcados, uma reunião por Zoom foi criada, mas ela não apareceu. Duas horas mais tarde, mandou um email gentil pedindo milhões de desculpas e explicando que havia perdido a hora, apesar de ter botado o despertador para as 11h. Insistiu que a entrevista fosse remarcada, porque ela, como uma "colega jornalista", entendia como isso era frustrante. Rayne trabalha como repórter de música para um jornal local.

Na segunda data marcada, no horário exato, Rayne apareceu na tela do computador. Pediu desculpas mais uma vez pelo furo. Com uma mecha na frente do cabelo descolorida, sem maquiagem, com uma camiseta cinza larga e cara de quem acabou de acordar, falou que estava animada com a oportunidade de ser apresentada aos leitores de um jornal brasileiro. "Sou uma grande apoiadora do jornalismo profissional."

Mas seu veículo de escolha são as redes sociais, pelo menos até agora. Tudo começou no Instagram, em que, aos 13 anos, seus pais permitiram que ela criasse um perfil para seu hamster de estimação, que chegou a ter cem seguidores.

No ano seguinte, teve autorização para criar uma conta pessoal. Dois anos depois, aos 16, entrou no Twitter com a intenção de despertar outros jovens para causas que ela considerava relevantes na política local. O ativismo foi a porta de entrada para o que Rayne chama de sua "persona digital".

'A experiência da fama é muito parecida com a de ser mulher. Nas duas situações, a pessoa se preocupa excessivamente com o jeito como as outras a veem', afirma

"Consegui abrir os olhos de muita gente para os assuntos que eu discutia, tive muito sucesso mesmo, as pessoas ficavam conectadas a tudo que eu escrevia", disse. Então, de uma hora para outra, foi tomada por uma vontade incontrolável de falar de relacionamentos, sexo e relatar a experiência de ter a vida transformada por aquilo tudo que acontece com as meninas quando viram o centro das atenções.

"E aí não adianta só você ter muitas coisas a dizer, você tem que ser magra, ter um tipo físico específico e, fui descobrindo aos poucos, estar maquiada para ser levada a sério", afirmou Rayne. Ela conta que fez um post satírico sobre isso, em que se maquiava enquanto discorria sobre o fato de que os posts que fazia com o rosto maquiado eram muito mais lidos e tinham muito mais interações.

A pressão de manter os dois perfis ativos ao mesmo tempo em que a vida offline ficava mais turbulenta tornou-se grande demais, e Rayne, que apresenta sintomas de transtorno obsessivo compulsivo e de depressão desde a infância, começou a sofrer uma ansiedade que parecia não passar.

"Acho que a experiência da fama é muito parecida com a de ser mulher, elas têm muita coisa em comum. Nas duas situações, a pessoa se preocupa excessivamente com o jeito como as outras a veem e se sente meio na obrigação de representar o tempo todo, além de estar constantemente atenta à aparência. É como se a fama fosse uma exacerbação da feminilidade."

A solução da menina canadense para lidar com o estresse que se acumulava foi... entrar no TikTok. Em janeiro de 2020, em busca de "uma plataforma em que eu pudesse ser eu mesma, sem seguidores, sem consequências", como disse, criou a @raynecorp, cujo nome tem embutida a crítica que ela faz ao fato de que, nas redes sociais, as pessoas agem como se fossem uma empresa, uma corporação.

Foi no TikTok que Rayne explodiu. Vídeos sérios e críticos, analíticos, são entremeados por outros de pura diversão inconsequente, como vários em que dubla músicas pop fazendo carão. Rayne não tem milhões de seguidores, mas seu público é fiel. Eles reagiram à altura à provocação dela de nomear seu perfil de raynecorp e passaram a se identificar como "employees" dela (funcionários, em inglês).

"Tudo começou como uma sátira, mas foi ficando bem literal muito rapidamente. Estou fazendo meu imposto de renda neste ano pela primeira vez, e meu contador me disse, 'Você já considerou a ideia de se transformar em uma empresa?'. Foi surreal", contou.

"Acho que isso tudo é muito negativo, especialmente na vida de uma menina jovem. As garotas estão começando cada vez mais cedo a agir nas redes como se fossem tanto um produto como a equipe de marketing dele."

"As redes sociais são a resposta do mercado para o que foi interpretado como uma vontade global de todo o mundo ser famoso, que parecia muito presente no começo dos anos 2000, quando os reality shows apareceram", diz. "Elas dão essa oportunidade de as pessoas terem uma microdose de fama, como as celebridades de verdade. Acho bem amedrontador e perigoso."

O mundo dos negócios, no entanto, não tem tempo a perder, e o tipo de engajamento que Rayne desperta em seu público também desperta todas as células dos caçadores de influencers que existem por aí, loucos por uma semicelebridade que aceite endossar uma grife nas redes sociais.

Rayne virou alvo de diversas empresas. Ela, contudo, optou por manter seu nome "ad-free", como ela chama. Diz que nunca vai aceitar proposta de publipost, aqueles posts em que os tais influenciadores elogiam um produto qualquer.

Mas precisa, como quase todo o mundo, pagar o aluguel. Como repórter, não dava conta. Optou, então, por cobrar pela leitura de seu conteúdo.

No segundo semestre do ano passado, Rayne criou uma newsletter, a Internet Princess, que, a partir de janeiro, adotou um modelo poroso de negócio. Ela é grátis para quem assina, mas seus apoiadores mais fervorosos podem pagar US$ 5 ou US$ 10 por mês e ter acesso à uma coluna de conselhos, que podem ser tanto de relacionamento quanto de política, de questões de feminismo ou de qualquer assunto aleatório em que ela se sinta capaz de opinar.

Os textos da newsletter são bem mais longos e detalhados que os vídeos de três minutos de Rayne no TikTok. Aliás, ela escreveu em uma das edições que acredita que o TikTok não terá vida longa. "Tenho visto muita gente, inclusive muitas adolescentes que cresceram no TikTok, tentando trazer sua audiência para os blogs. Os ensaios em vídeo com duração de três horas estão cada vez mais populares", disse ela.

Além disso, Rayne acredita que pessoas bem mais velhas que ela, essa tribo que mal conhece e com quem não se identifica, especialmente "do mundo da mídia", tentam empurrar a ideia de que as redes sociais são ferramentas de organização revolucionárias, o que ela considera completamente ridículo. "Ninguém faz uma revolução trabalhando de graça para uma empresa criada ou comprada pelo Mark Zuckerberg, pelo Jeff Bezos ou pelo Elon Musk. Eles não estão do nosso lado." ←

Twitteririca

Parece que há muita desinformação e ódio: pior do que está não fica

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Temo que a aquisição do Twitter por Elon Musk possa trazer uma mudança drástica ao mundo.

Parece que Musk pretende reduzir a moderação naquela rede social, por isso receio que em breve possamos ter acrimônia, difamação e até rancor na internet. Não sei se aguento.

O Twitter, outrora berço de cordialidade e sensatez, pode transformar-se num antro de agressividade e violência verbal. É uma pena.

Já na semana passada, Barack Obama, discursando na Universidade Stanford, tinha dito que as redes sociais acicatavam os piores instintos da humanidade.

Parece que há para lá muita desinformação e ódio. Não sei se sabiam disto. Eu fiquei chocadíssimo.

Poucos dias depois, Elon Musk comprou o Twitter e agora as opiniões dividem-se: um grupo de pessoas preferia os bilionários bonzinhos que possuíam a rede social anteriormente, e abominam este bilionário mau.

Mas outros usuários acreditam que este bilionário é que é benigno, e que os bilionários anteriores queriam impedi-lo de falar.

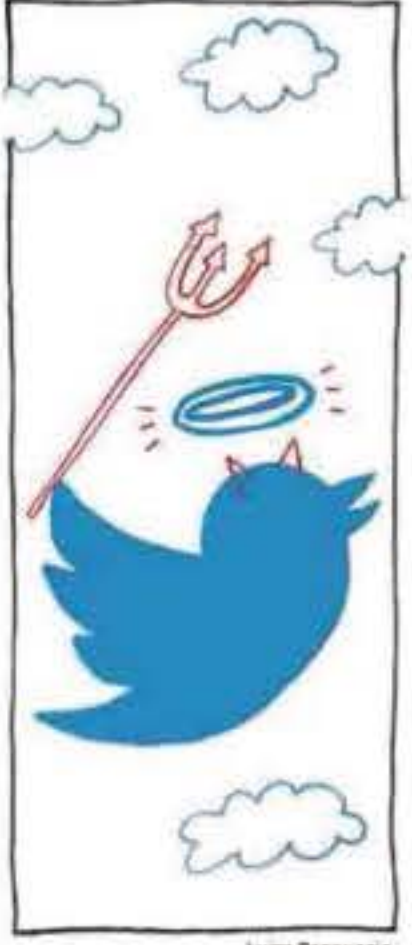
Nenhum dos grupos parece ter aprendido uma lição que parece óbvia: talvez não seja boa ideia deixar que o poder de decidir o que pode e não pode ser dito seja entregue a bilionários não eleitos.

Estamos, na verdade, perante duas torcidas de bilionários diferentes. É o Fla-Flu das oligarquias.

Quem ouve falar os queixosos pensa que o Twitter vai passar a ser uma empresa monopolista sem concorrência.

Eu estava sinceramente convencido de que já era, mas não. Parece que, até aqui, era uma cooperativa. Que agora vai ser transformada numa gigantesca e pérfida plataforma dirigida por Musk, um desses privilegiados que têm centenas de bilhões — bem diferente dos antigos proprietários, gente humilde que tinha apenas dezenas de bilhões.

Os bilionários anteriores ficaram conhecidos por banir a conta de Donald Trump, embora tenham banido também várias contas de socialistas e anarquistas americanos. Ficaram igualmente conhecidos por não banirem a conta do aiatolá que governa o Irã, por exemplo.

Só espero que, para bem de todos nós, o próximo dono da plataforma não comece a exercer o poder de uma forma arbitrária. À cautela, vou continuar fora do Twitter.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Competição musical entre crianças chega à 7ª temporada

The Voice Kids
Globo, 14h20, livre
A dupla Maiara e Maraisa se junta a Carlinhos Brown e Michel Teló nas cadeiras dos técnicos do programa, que segue com Márcio Garcia no comando e Thalita Rebouças nos bastidores. A sétima temporada deslancha com 63 crianças no páreo. A vencedora ganhará um prêmio de R$ 250 mil e um contrato com a gravadora Universal Music.

9º Prêmios Platino
Canal Brasil, 16h45, livre
A maior premiação do cinema ibero-americano é transmitida ao vivo de Madri. Entre os brasileiros indicados está Rodrigo Santoro, que concorre a melhor ator por "7 Prisioneiros". A espanhola Carmen Maura recebe o prêmio de honra por sua carreira.

Benedetta
Telecine Cult, 22h, 18 anos
Já disponível no serviço sob demanda, chega à TV paga o filme de Paul Verhoeven que deu a Virginie Effira uma indicação ao prêmio César de melhor atriz. Ela faz uma freira italiana que, por métodos discutíveis, chega a madre superiora de um convento, enquanto mantém um caso com outra religiosa.

Terra dos Cânions: Uma Aventura Motorhome
Travel Box Brazil, 22h, livre
Neste documentário inédito, o casal Camila e Lucas Jasper percorre os cânions espetaculares na divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Troca de Rainhas
Cultura, 22h30, 12 anos
A emissora inaugura a faixa Cine Cult, só com filmes europeus inéditos na TV aberta, com este drama histórico do francês Marc Dugain, ambientado no século 18.

Maale: Desejo de Paz
GloboNews, 23h, livre
Recém-premiado com a prata no New York Festivals TV & Film Awards, o documentário de Mário Cajé e Marita Graça investiga a guerra civil que consome o Sudão do Sul, o mais jovem país do mundo.

Canal Livre
Band, 1h30, livre
Paulo Hartung, ex-governador do Espírito Santo, fala sobre o atual momento político e os desafios econômicos do Brasil.

QUADRÃO | Laerte

| **DOM. Jan Limpens**, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Ciclo 7 Leituras retorna aos palcos com peça 'Ubu Rei'

SÃO PAULO O ciclo 7 Leituras retorna às apresentações presenciais, após dois anos de eventos virtuais, com a peça "Ubu Rei", de Alfred Jarry, a partir da nova tradução feita pelos irmãos Bárbara e Gregorio Duvivier.

Dirigida por Nelson Baskerville, a leitura dramática traz nomes como Débora Duboc, Fernando Paz e Níveo Diegues no elenco e parte de uma obra precursora do teatro moderno. Nela, o Pai Ubu é um bufão tirano que toma o poder e inicia uma perseguição contra todos os seus inimigos.

A estupidez e a ganância desse personagem icônico são alguns dos elementos que nos ajudam a refletir sobre a realidade na contemporaneidade. Este será, aliás, o tema deste 16º do ciclo —"Verdade?".

A proposta é abordar outras peças que tratem das fronteiras tênues entre realidade e ilusão, falsos propósitos e honestidade — enfim, saber o que é "fake".

"Ubu Rei" será apresentada na próxima terça (3) no Sesc 24 de Maio, na República, região central de São Paulo, às 20h. O ciclo manterá apresentações mensais até dezembro.

Obra de Fernanda Young inspira solo com Maria Ribeiro

SÃO PAULO A atriz Maria Ribeiro volta aos palcos com uma nova temporada da peça "Pós-F", inspirada no livro de não ficção de mesmo nome de Fernanda Young, vencedor do Prêmio Jabuti em 2019.

As apresentações ocorrerão no Teatro Porto Seguro, no bairro de Campos Elíseos, na região central de São Paulo, até 26 de junho — sextas e sábados, às 20h, e domingos, às 19h.

A peça é dirigida por Mika Lins e estreou ainda em 2020, inaugurando a programação digital do teatro. Agora, o espetáculo concebido para ser encenado de forma virtual é adaptado para o palco presencial.

Como explica o subtítulo do livro original, "Para Além do Masculino e do Feminino", a peça trabalha com textos autobiográficos de Fernanda Young que propõem o debate sobre o que significa ser um homem e uma mulher atualmente.

Daí brota ainda um esforço para falar sobre uma vida livre de estigmas, calcada na sobrevivência do chamado amor, no respeito ao outro e no respeito aos próprios impulsos e desejos.

A tragédia do governo Bolsonaro

Para uns, o céu engarrafado de jatinhos; para a maioria, restará pedra sobre pedra

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

A tragédia do governo Bolsonaro é percebida de maneira distinta por nossa sociedade, profundamente desigual.

Para milionários e bilionários, corre tudo bem. No momento, o único problema são as filas para a compra de jatinhos. O Brasil é o segundo país com a maior frota de aeronaves particulares do mundo, atrás apenas dos EUA. A espera por esse tipo de veículo pode adentrar o ano de 2025. Entre o início de 2021 e o início de 2022, a frota teve 8,5% de aumento.

Certamente, essa elite econômica que continua a apoiar o atual governo concorda com o ministro Paulo Guedes com a ideia de que, agora sim, o país está no eixo. Antes era "empregada doméstica viajando para a Disney" e filho de porteiro querendo estudar na universidade.

No país que não é o da fantasia do senhor ministro, há um grande contingente de desempregados, pessoas vivendo em situação de insegurança alimentar, sem direito à terra e à moradia digna.

Durante os mais de três anos do atual governo, o desmonte das políticas sociais foi permanente e efetivo. Programas de habitação popular, políticas de demarcação de terras indígenas, criação de assentamentos e regularização de territórios quilombolas foram praticamente abandonados ou reduzidos a quase nada.

Basta pesquisar por informações nos órgãos responsáveis pelas políticas públicas. Segundo o Relatório de Conflitos no Campo, divulgado pela Comissão Pastoral da Terra, o ano de 2021 foi marcado pelo aumento do já alarmante índice de violência no campo: foram 109 mortes decorrentes de conflitos fundiários, alta de mais de 1.000%.

Das 109 mortes, 101 foram no Território Yanomami, graças às ações de garimpeiros que contam com incentivo do governo para explorar em áreas antes proibidas. Os yanomamis pedem socorro. E nós, o que temos feito?

Sem contar a catástrofe ambiental e as denúncias de corrupção envolvendo a pasta da Educação e da Saúde. O ex-ministro da Educação, o pastor Milton Ribeiro, parece nem sequer saber manusear uma arma.

Aliás, facilitar o acesso da população às armas foi política de primeira ordem do atual governo. Glorificar a violência foi uma das motivações do cristianismo ao longo da história, e o ex-ministro parece não ter acompanhado nenhum dos avanços civilizatórios dos últimos séculos, incluindo o da educação, mas este é um assunto para outro momento.

E como não recordar os mais de dois anos de pandemia e todo o ultraje com que o presidente e sua claque trataram o mais grave evento sanitário em um século? A permanente sabotagem às medidas sanitárias e o imperdoável atraso na vacinação da população nos deixou o saldo de mais de mais de 660 mil mortos. Fez do Brasil um dos países com a mais alta taxa de letalidade.

> [...]
> A insatisfação de grande parte da população não foi levada a sério por liberais e progressistas, e a extrema direita ganhou relevância ao 'apontar' supostos culpados pelos dramas sociais urgentes, ainda que não tenha a capacidade de oferecer respostas

A vacinação, ainda que tardia, e a própria evolução do vírus, aparentemente menos letal, foram capazes de nos dar novas perspectivas, mas a devastação da pandemia é muito recente e os cemitérios continuam apinhados de corpos que eram mais que corpos, eram pessoas. Essas pessoas eram mais que números, para as evidências da má gestão caírem no mais absoluto esquecimento.

Muitos estão fatigados com tudo o que aconteceu, do luto à crise econômica, passando pelos ataques à democracia. É natural que não queiram mais ler ou falar sobre o tema. Esse esquecimento se deve em grande medida ao procurador-geral da República e sua inércia em nos dar respostas sobre os indícios levantados pela CPI da Covid.

Tudo isso reverbera na impressionante recuperação dos índices de aprovação do governo. Assusta imaginar que o presidente da República não está sozinho: cerca de 25% da população, segundo as últimas pesquisas, apoiam suas decisões durante o mandato.

Independentemente da continuidade do atual governo ou não, teremos que conviver com a indiferença dos que apoiam esse projeto político de segregação e violência. As eleições na França, nos EUA e em várias partes do mundo demonstram claramente que a direita liberal foi substituída por um projeto extremista.

A insatisfação de grande parte da população não foi levada a sério por liberais e progressistas, e a extrema direita ganhou relevância ao "apontar" supostos culpados pelos dramas sociais urgentes, ainda que não tenha a capacidade de oferecer respostas.

É preciso refletir sobre as necessidades do mundo contemporâneo e propor soluções para os desafios de nosso tempo, que não são os mesmos de duas décadas atrás. Mas, antes, é necessário compreender as engrenagens que nos levaram a este estado trágico. Para uns, o céu engarrafado de jatinhos; para a maioria, restará pedra sobre pedra.

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Wilson Gomes

SUSTENTABILIDADE

Compromisso decisivo com o futuro

Para uma transição sustentável, Brasil precisa de mais urgência e austeridade nas questões ambientais, sociais e econômicas

Com os empresários e acionistas cada vez mais atentos às demandas da sociedade, assumir compromissos para além do cuidado ambiental tornou-se imprescindível nos negócios. "Já não existe qualquer outra possibilidade de crescimento que não seja ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável", afirma Ricardo Mastroti, diretor executivo do **Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS).**

E, se depender das grandesa corporações, o desafio está aceito. "Hoje, temos cerca de 90 associadas, cujos faturamentos somam o equivalente a aproximadamente 50% do PIB nacional, e números como esses já mostram o comprometimento do setor", diz Mastroti.

Muito além de uma tendência, a sustentabilidade já virou critério de escolha também entre os compradores. Estudos em escala mundial já apontam a preferência das pessoas em adquirir produtos e contratar serviços de empresas *eco e social friendly*. No levantamento *Consumers want it all*, **da IBM** em parceria com a **National Retail Federation (NFR)**, há dois anos, 57% do público dizia estar disposto a mudar hábitos de compra como forma de reduzir impactos ambientais. Em 2022, o número subiu para 62%. Além disso, até 70% afirmam não se importar em pagar a mais por produtos que sejam mais sustentáveis. E, segundo análises do **CEBDS**, alguns países já preveem não comprar produtos vindos de atividades de desmatamento, confirmando que as ações no sentido contrário à sustentabilidade certamente só trarão prejuízos.

COP26 E A COBRANÇA DO SETOR PRIVADO

O Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo e sempre esteve no centro das discussões climáticas, sendo bem relevante nos acordos de redução de carbono e preservação ambiental. Mas especialistas acreditam que ainda falta muito para alcançar nações mais desenvolvidas no tema, rumo a uma economia sustentável.

A partir desse contexto, e de olho no potencial protagonismo brasileiro em uma economia mais verde para dela se beneficiar, o CEBDS e suas empresas associadas mobilizaram o setor privado para pressionar a postura do atual governo na COP26, a Conferência do Clima da ONU, em Glasgow, ano passado.

Para Mastroti, entre os resultados positivos da iniciativa, que contou também com a participação ativa da sociedade civil, pesquisadores, ambientalistas e representantes de povos indígenas, são destaque "a decisão de assinar acordos importantes e contribuir para as negociações sobre a regulamentação do mercado global de carbono", explica.

Assessorando candidatos na construção de agendas políticas desde 2014, o **CEBDS** segue influenciando positivamente as agendas de Estado para que o Brasil se torne a potência que pode ser. "Nossa certeza é de que o próximo governo será lembrado por ter ou não compreendido as oportunidades que a nova agenda global traz", acrescenta.

Numa outra ponta, o **Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC)** também vem colaborando para a agenda sustentável no país, na medida em que apoia as empresas no seu desenvolvimento, principalmente as de mercado de capital. "É a governança que ajuda a ver toda a estrutura: a enxergar a cadeia produtiva, como tratar os seus fornecedores, como estar próximo do seu cliente e ser transparente com ele. Além disso, os relatórios de sustentabilidade servem para verificar isso, traçar metas, métricas e acompanhar a evolução da empresa ao longo do tempo", explica Valéria Café, diretora de Vocalização e Influência do **IBGC**.

COOPERAÇÃO MUNDIAL

Para engajar empresas, governos, instituições e toda a sociedade civil pela erradicação da pobreza, a proteção do meio ambiente, do clima e o combate às desigualdades, a **Organização das Nações Unidas (ONU)** criou, em 2015, a Agenda 2030, composta pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, chamados ODS.

Cada um deles contém uma sequência de metas específicas para nortear ações dos indicadores, e os países têm até 2030 para aplicá-los. Nesse rumo, o setor empresarial tem a oportunidade de assumir um papel fundamental, com capacidade de gerar emprego, inovações, tecnologias e influenciar seus públicos internos e externos. A pergunta que se faz hoje é: se todos os ODS serão colocados em prática, faltando apenas oito anos para o fim do prazo estabelecido.

De acordo com o Sustainable Development Report, da **Fundação Bertelsmann**, sediada na Alemanha, o Brasil ocupa a 53ª posição do ranking dos 193 países-membros da ONU que mais implementaram as ODS até 2020. Com os objetivos em mãos, ajudando a desenhar um futuro mais justo e próspero para toda a sociedade, resta agora um trabalho coletivo para o maior país da América Latina avançar.

O ESG veio para ficar

Não se fala em outro assunto no mercado financeiro: os investimentos em empresas ESG (*Environmental, Social and Governance*, ou ASG - Ambiental, Social e Governança). Mas esse não é um critério novo. Lá nos anos 1970, a ideia de Investimento Sustentável e Responsável (SRI) já ganhava força quando os fundos passaram a considerar índices sociais na hora de fazer empréstimos e investimentos. Na década de 1980, surgiram as demandas de análise aos impactos ambientais, muito puxados após desastres naturais, mas foi nos anos 2000, especificamente em 2004, após uma publicação organizada pelo **Banco Mundial**, que o ESG surgiu para indicar esse novo caminho ao mundo dos negócios. É um método que amplia a discussão sobre a sustentabilidade, ajudando as organizações a medir os impactos de suas ações em cada uma dessas áreas.

De acordo com a agenda ESG, as empresas precisam garantir a proteção do meio ambiente e incentivar a preservação dos recursos naturais (E), pôr em prática ações de responsabilidade social e redução de desigualdades, por exemplo (S), além de cuidar dos processos de gestão que impeçam a discriminação de raça e gênero (G).

Grandes empresas associadas ao **CEBDS** têm cases de sucesso e são consideradas referências brasileiras em ESG, figurando, inclusive, entre as poucas companhias do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da **B3, a bolsa brasileira**, que ajuda a medir a performance de mercado de companhias que seguem a agenda.

Esse movimento, no entanto, não é por acaso. É fundamental para o futuro investir em negócios que vão além dos lucros. E, como aponta um relatório da **PWC**, já tem muita gente se movimentando para isso: até 2025, 57% dos ativos europeus estarão alocados em fundos que têm o ESG como critério.

VERSÃO ON-LINE: pointcm.com.br/online/sustentabilidade/
Projeto e comercialização: Point Comunicação e Marketing Tel.: (11) 31670821 – point@pointcm.com.br | Edição: Acerta Comunicação
Redação: Claudeci Martins, Guilherme Zacarias, Leonardo Pessoa | Layout e editoração eletrônica: Manolo Pacheco e Sergio Honorio

AMBIENTAL

Proteção ambiental 'no centro do negócio'

Unir estratégia e tecnologia com parcerias locais é caminho para alavancar agenda sustentável nas empresas

A tripla crise planetária de mudança climática, perda de natureza e biodiversidade e poluição e resíduos pode ser considerada a nossa ameaça existencial número um, segundo a **Organização das Nações Unidas (ONU)**. Com esse cenário, aumenta a relevância das ações e dos projetos adotados por grandes indústrias empenhadas em proteger o planeta.

Há pouco menos de um ano, a **PepsiCo Brasil Alimentos** lançou a plataforma PepsiCo Positive (pep+), uma agenda de sustentabilidade global que traduz sua estratégia para minimizar os impactos ao meio ambiente. E, segundo o presidente da companhia, Alexandre Carreteiro, as primeiras impressões são positivas. "Estamos gerando uma transformação sustentável de ponta a ponta na nossa cadeia. Os clientes e parceiros já vêm sendo impactados e estimulados a fazer parte do processo ao longo de toda essa jornada, o que fez com que a receptividade da pep+ fosse incrível", destaca.

Entre as metas dessa jornada, a **PepsiCo** quer atingir 100% das matérias-primas produzidas de forma sustentável até 2030, ampliar as práticas de agricultura regenerativa globalmente e manter a gestão sustentável de recursos hídricos como um pilar estratégico.

Por exemplo, atualmente, 100% das batatas usadas nos *snacks* salgados Lay's® e Ruffles® são de origem sustentável. Conquista alinhada com a agenda pep+, que conta com a parceria de 110 produtores locais. Segundo Carreteiro, 90% da produção da água de coco verde Kero Coco® também é sustentável.

Em sua fábrica de Itu, no interior de São Paulo, a empresa implantou um dos sistemas de reúso de água mais modernos do mundo, o MBR. Com a tecnologia, 0,94 litro de água é gasto para produzir um quilo de alimento, quantidade muito abaixo da média de 4,6 litros por quilo utilizados há cinco anos. Entre 2015 e 2020, a economia superou os 599 milhões de litros de água.

Rumo ao futuro, a empresa diz que seguirá investindo em iniciativas como a expansão da frota sustentável com veículos elétricos e movidos a gás natural, e a previsão de implantar uma usina termossolar para melhorar a gestão energética na planta de Sete Lagoas (MG).

Yaruta

UM NOVO TEMPO NA VIVEO

A divulgação do primeiro Relatório de Sustentabilidade da **Viveo** em 2021 marca uma fase crucial na distribuidora e fabricante de insumos hospitalares. "Ampliamos o nosso ecossistema e sentimos a necessidade de construir uma estratégia, fazer uma melhor gestão para que o tema fosse potencializado internamente e por meio dos nossos parceiros", diz Cíntia Drehmer, *head* de Recursos Humanos e Sustentabilidade.

Uma das ações tomadas foi a transição para uma frota de veículos verdes, iniciada no ano passado. A expectativa é substituir toda a frota que atende a Região Metropolitana de São Paulo em até três anos. Fora isso, por meio de uma parceria com a **Movida**, os 220 veículos da área comercial vão neutralizar as emissões de GEE geradas nos contratos de locação por meio do plantio de árvores nativas no corredor de biodiversidade do Rio Araguaia.

A Viveo decidiu dar um passo importante também para reduzir a geração de resíduos na operação logística: substituir as embalagens EPS (em isopor) e ER (elemento refrigerante) no modal rodoviário, que são utilizadas para o transporte de medicamentos e vacinas. As embalagens são trocadas por versões retornáveis com a tecnologia PCM (Phase Change Material), reduzindo ainda o consumo de energia no processo de refrigeração. A estimativa é uma redução anual superior a 450 toneladas de resíduos sólidos.

Por fim, também investiu em uma caldeira movida a biomassa na sua maior planta industrial, em Blumenau (SC). Nela, o combustível fóssil da caldeira foi substituído por biomassa, proveniente de madeira de reflorestamento.

"Investimos mais de R$ 20 milhões em iniciativas para ter uma matriz energética mais limpa e em ações que contribuam com o meio ambiente e com toda a sociedade. Seguindo nosso plano, vamos direcionar mais R$ 15 milhões anuais nos próximos três anos", finaliza Cíntia.

BUNGE: INOVAÇÃO 'MADE IN BRAZIL'

Totalmente novo, o Programa Parceria Sustentável Bunge foi lançado e implantado em março de 2021, e já vem promovendo avanços significativos no monitoramento da cadeia indireta da soja da **Bunge** em regiões com risco de desmatamento no Cerrado. De acordo com Pamela Moreira, gerente de Sustentabilidade e Planejamento Comercial, a iniciativa apoia revendas de grãos e cerealistas em sua adequação às demandas de mercado.

Na prática, a companhia compartilha a sua experiência, metodologias e ferramentas para auxiliar os parceiros a implantarem sistemas de avaliação socioambiental de fornecedores, incluindo o monitoramento com imagens de satélite, em escala de fazenda. "As revendas participantes podem adotar serviços de imagem geoespacial independentes ou utilizar a estrutura da Bunge, sem custos. Ao auxiliá-las a implantarem sistemas de rastreabilidade e monitoramento, a Bunge contribui com todo o setor", diz.

A empresa explica que o Parceria Sustentável Bunge está aberto à participação de todas as revendas interessadas. "Neste momento, nos dedicamos a engajar aquelas com as quais transacionamos os maiores volumes nas últimas três safras, mas o foco é ter 100% de nossas compras indiretas monitoradas até 2025 e estamos confiantes de que alcançaremos o objetivo", conta Pamela.

Com a ambição de continuar liderando os avanços da indústria nesta direção, a **Bunge** se apoia em ações abrangentes. "Acreditamos que soluções em escala e com impactos permanentes só são possíveis com o engajamento de todos os parceiros da cadeia de valor, de produtores a clientes", explica Pamela.

Outro programa sustentável bem-sucedido da **Bunge** é o Soya Recicla, que conscientiza a população brasileira sobre a importância da reciclagem do óleo de cozinha usado, evitando seu despejo na rede de água ou esgoto, e convertendo os resíduos em sabão 95% biodegradável ou biodiesel. Está presente em 81 cidades, de seis Estados, nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. São mais de mil postos de coleta e, ao todo, já foram coletados mais de 7 milhões de litros.

Brasil precisa melhorar, mas grandes empresas têm 'nível avançado'

Para Ricardo Voltollini, fundador da **Ideia Sustentável**, muitas organizações têm buscado investir mais em ações de economia circular e energias renováveis nesse momento. "Se a gente comparar as principais empresas brasileiras, de diversos setores, com as principais companhias europeias, o Brasil está em um nível muito avançado", diz referindo-se à postura sustentável.

O interesse crescente pela pauta, conforme o consultor, pode ser explicado por uma série de circunstâncias, mas "é muito puxado pelo aumento da divulgação de pesquisas do clima, com ênfase em dados que indicam a necessidade das nações alterarem o jeito de produzir e consumir".

Publieditorial

Como alcançar a sustentabilidade de ponta a ponta na indústria de alimentos?

Grande desafio da indústria é promover ações mais sustentáveis ao mesmo tempo em que aumenta a capacidade produtiva e engaja seus fornecedores, parceiros e a comunidade nessa jornada

O avanço das mudanças climáticas, o aumento da insegurança alimentar e o engajamento da população a respeito desses impactos moveram o tema da sustentabilidade ao mais alto patamar de preocupação das empresas e governos de todo o mundo. Segundo projeção da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), será necessário ampliar a produção mundial de alimentos em quase 70% até 2050 para dar conta do crescimento populacional, o que consequentemente, também poderá aumentar a captação de água, energia, degradação de solos e acarretar em outros impactos ao planeta. Atender a essa enorme demanda dentro de um sistema alimentar sustentável é o grande desafio atual e futuro dos produtores de alimentos.

O setor industrial de alimentos e bebidas, responsável por cerca de 10,6% do PIB brasileiro – de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA) –, tem colocado a pauta de iniciativas ESG como prioritária para seus negócios. As empresas vêm realizando uma série de investimentos estratégicos para ter uma cadeia de valor sustentável de ponta a ponta. Em 2021, segundo a ABIA, os investimentos em ESG tiveram um incremento de 20% no volume investido em 2020 (R$ 7,2 bilhões), o que representou cerca de 0,78% do faturamento do setor (R$ 923 bilhões) e 30% dos investimentos totais (R$ 24,8 bilhões). Para 2022, apesar de um cenário econômico desafiador, há expectativa de que o PIB do setor cresça de 0,5% a 1% e que as vendas avancem em 2%, o que deve acelerar ainda mais a tendência de aumento dos investimentos em ESG.

Colocando a sustentabilidade em prática

Uma cadeia produtiva positiva de ponta a ponta é aquela na qual uma indústria tem ações capilares e perenes de boas práticas em ESG de modo que todo o seu entorno seja engajado a formar um ecossistema pautado pela sustentabilidade. Não é uma área de sustentabilidade dentro da empresa, é uma forma de operar que abrange toda a companhia e também fornecedores(as), clientes, consumidores(as) e sociedade. É uma conscientização de que não há outro caminho possível, e que a mudança é urgente e de responsabilidade compartilhada. Mas na prática, como isso pode ser feito?

A multinacional americana PepsiCo, dona de um portfólio de alimentos e bebidas conhecidos mundialmente com marcas como DORITOS®, LAY'S®, KERO COCO®, GATORADE®, QUAKER® e tantas outras, vem desenvolvendo uma estratégia de sustentabilidade nesses moldes, intitulada PepsiCo Positive (pep+) e que atua em três pilares principais: Agricultura Positiva, Cadeia de Valor Positiva e Escolhas Positivas. Por meio dessa nova forma de operar, a empresa coloca a sustentabilidade no centro de como faz negócios, começando em suas relações com agricultores(as) e passando por investimentos em toda a cadeia produtiva, como a troca de caminhões convencionais por elétricos e movidos a GNV, novas fontes de energia renovável, gestão eficiente de recursos hídricos, economia circular de suas embalagens, desenvolvimento de pessoas e apoio às comunidades mais vulneráveis.

"Por meio dessa agenda sustentável mantemos investimentos e ações para promover uma mudança de ponta a ponta da cadeia, onde buscamos iniciativas e rígidos códigos de ética e conduta para influenciar parceiros(as), fornecedores(as) e, também, consumidores(as) a fazerem parte da jornada de transformação com a gente, porque acreditamos que unindo forças vamos mais longe", destaca Alexandre Carreteiro, Presidente da PepsiCo no Brasil.

Um bom exemplo de como funciona essa mudança end-to-end está na operação agrícola da empresa no Brasil, onde quase 100% dos insumos são comprados no país, por meio de parcerias firmadas com mais de 110 produtores(as) rurais brasileiros(as). Para integrar essa base de fornecedores(as), os(as) produtores(as) precisam atender a mais de 150 requisitos, dentro dos pilares econômico, social e ambiental, que incluem o atendimento às legislações locais, sanitárias, e trabalhistas, além de auditorias externas, estipulados pelo que eles chamam de **Programa de Agricultura Sustentável.**

No Brasil, por meio do programa, 100% das batatas e quase 90% do coco verde são de origem sustentável, matérias-primas usadas em produtos como LAY'S®, RUFFLES® e KERO COCO®. Em campanha recente, intitulada "Do Campo ao Pacote em até 48 horas", os(as) produtores(as) de batata parceiros(as) da PepsiCo foram estampados(as) nas embalagens de LAY'S® Clássica, valorizando esses que cuidam com tanto carinho desse insumo, do momento da plantação até a chegada do snack nos principais pontos de vendas do país.

Essas iniciativas demonstram responsabilidade social e ambiental por trás das marcas e incentivam que consumidores e consumidoras façam escolhas conscientes e positivas. Nesse sentido, a empresa também trabalha por um portfólio mais equilibrado, com reduções expressivas de sódio, açúcar e gordura em seus produtos, sem perder o sabor que os(as) consumidores(as) amam.

COMO ENGAJAR OUTROS AGENTES TRANSFORMADORES?

Iniciativas que promovem a educação e o engajamento da sociedade em temas urgentes podem ser um caminho: a PepsiCo, por exemplo, integra a plataforma Molécoola, uma iniciativa que promove a reciclagem com um programa de fidelidade ambiental. Por meio da parceria, os(as) consumidores(as) são incentivados a levar suas embalagens vazias de snacks para reciclagem e trocá-las por pontos na plataforma, que podem ser acumulados e trocados por benefícios. A Molécoola também oferece conteúdo educativo que desperta consciência ambiental e incentiva a economia circular.

Convide a sociedade para cocriar soluções: Grandes desafios não podem ser solucionados de forma individual e foi pensando nisso que a Young Americas Business Trust (YABT), a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a PepsiCo se uniram para promover o Eco-Desafio, que ocorre há 12 anos. O programa apoia propostas inovadoras de empreendedores(as) da América Latina e Caribe que tenham o intuito de reduzir, reciclar ou reinventar o uso de plástico.

SOCIEDADE - DIVERSIDADE

Consumidor quer ver sustentabilidade na prática

Sociedade cobra mais, exigindo postura empresarial séria e coerente

A relevância da sustentabilidade pode ser observada no comportamento do consumidor moderno. Além de exigente, ele presta atenção em como as empresas lidam com questões ambientais, sociais e de governança. E, ainda, está sensível à reputação das marcas e ao posicionamento delas diante das questões que estão em voga. Pesquisa conduzida pela consultoria **McKinsey**, no ano passado, mostra que 85% dos brasileiros dizem se sentir melhor comprando produtos sustentáveis. Na hora da compra, o consumidor escolhe, cada vez mais, marcas e empresas que tenham qualificações fortes em ESG. E faz a escolha sustentável mesmo tendo de pagar um pouco mais pelo produto ou serviço.

Meio ambiente, diversidade e inclusão são temas preciosos às novas gerações do mundo todo. Com atitudes e formas de agir diferenciadas ao se relacionarem com as marcas, esse consumidor "quando não quer um produto, pode deletar a empresa nas redes sociais", pontua Valéria Café, diretora de Vocalização e Influência do **IBGC**, referência nacional e internacional em governança corporativa. Ele ainda está de olho no posicionamento da empresa. "Não se posicionar, também, é um posicionamento. É importante a empresa manter um canal direto com seu público e ser transparente na comunicação. Esse canal é útil para lidar com as fake news", orienta Valéria.

mavoimages

85%
DOS BRASILEIROS SE SENTEM MELHORES AO COMPRAR PRODUTOS SUSTENTÁVEIS

TRANSPARÊNCIA EM FOCO

A sociedade atual exige transparência da empresa em todo o processo produtivo, frisa Valéria. "Não basta ter um produto bom. As pessoas querem saber se a empresa trata bem os funcionários, como o produto foi feito, qual é a procedência da matéria-prima, a cadeia produtiva." Então, para que uma organização possa exercer as melhores práticas de governança, ela precisa lidar com uma série de requisitos. "Ser o mais transparente possível, se posicionar sobre o que acredita, mostrar o que faz de melhor, ser proativa. É isso que a sociedade, consumidores, funcionários e investidores esperam da empresa."

Outra tarefa é apresentar a prestação de contas. "Isso ajuda a sociedade a entender que essa empresa busca o aprimoramento", explica.

Na pesquisa sobre governança, feita pelo **IBGC** em novembro de 2021, questionando se a diversidade e a inclusão eram importantes, 80,2% das empresas responderam afirmativamente; 50% têm programas de diversidade e inclusão; 54% dispõem de profissional dessas áreas; e 41% têm indicadores sociais. "As empresas buscam contribuir com a melhoria da sociedade. Mas elas ainda não sabem como fazer isso", comenta Valéria.

"As empresas têm muitas razões para enfocar em questões ambientais, sociais e de governança. Elas podem optar por satisfazer seu consumidor, que está escolhendo cada vez mais marcas com fortes qualificações em ESG, mesmo que os preços sejam maiores", destaca o artigo "Aderindo a uma cadeia de valor mais sustentável", da **McKinsey**.

DIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE: MÃO DUPLA

Falar de negócios sustentáveis é, obrigatoriamente, falar em política de diversidade e inclusão. O assunto é frequente no mundo empresarial, contemplado nos planejamentos de ESG e até nos IPOs (abertura de capital para o mercado financeiro).

Buscando uma cultura mais inclusiva, a **Viveo** conta que criou um comitê focado no tema, composto por quatro grupos de afinidades formados por mais de 120 colaboradores voluntários. Em 2021, houve diversas ações de conscientização, incluindo uma semana completa de ações que envolveram o nível de conselho da empresa, e ainda uma formação junto à instituição externa de Pessoas com Deficiência, para ampliar o escopo de candidatos. "Estamos amadurecendo os nossos mecanismos de gestão de pessoas com foco em uma cultura cada vez mais inclusiva e diversa, que permita igualdade de oportunidades, independentemente de gênero, faixa etária, etnia, orientação sexual ou crenças", afirma Cíntia Drehmer, *head* de Recursos Humanos e Sustentabilidade.

No **Assaí Atacadista**, a inclusão feminina, a equidade de gênero e o combate à violência contra mulheres estão entre as iniciativas ligadas à diversidade. Há ações afirmativas e canais de proteção para receber denúncias (dentro do aplicativo Assaí Clientes). "Dedicamos especial atenção desde 2020, quando estudos apontaram o aumento da violência contra mulheres", frisa Sandra Vicari, diretora de Gestão de Gente e Sustentabilidade.

Segundo ela, o **Assaí** conta com 26% de colaboradoras em cargos de liderança, e, em março de 2021, aderiu aos 7 Princípios de Empoderamento das Mulheres (WEPs – sigla em inglês), da Organização das Nações Unidas – ONU Mulheres. Em relação a outros perfis, a empresa afirma que 65% dos colaboradores se autodeclaram negros e que emprega 3,2 mil de pessoas com deficiência, número superior exigido pela Lei de Cotas para PCDs.

Já na **PepsiCo**, o programa Mulheres com Propósito, iniciado em 2018, foi criado para empoderar as mulheres, aumentar a igualdade de gênero e promover a sua liderança. Engloba atividades de mentoria, plano de carreira sólido e transparência na linha sucessória.

Com a meta interna de chegar a 50% de mulheres em cargos de gestão até 2025, a estratégia de equidade de gênero foi apoiada no tripé: aquisição de talentos, desenvolvimento e retenção. "Estamos orgulhosos dos resultados. No Brasil, alcançamos 47,5% da representação feminina em nossos cargos de liderança e 60% dos cargos do nosso comitê executivo são ocupados por mulheres. A flexibilidade da jornada de trabalho é uma realidade na PepsiCo que traz impactos positivos", destaca Regina Teixeira, diretora de Assuntos Corporativos.

Olhando também para fora, a **PepsiCo** em parceria com a Fundes América Latina desenvolveu um projeto para certificar 470 mulheres este ano. Durante o curso, "elas adquirem novas habilidades, conhecimentos e criam uma rede de apoio e relacionamento riquíssima. Com a mentoria de executivas PepsiCo, verificamos média de aumento de 75% nas vendas das empreendedoras", comemora.

CONSUMO CONSCIENTE

Consumo consciente não é deixar de consumir

Entenda como comportamentos no dia a dia podem contribuir para um futuro mais sustentável

Quando o assunto é consumo consciente, tem gente que lembra automaticamente de ações como apagar as luzes de cômodos vazios, tomar banhos mais curtos ou fechar bem as torneiras de casa, por exemplo. Mas, apesar de serem atitudes necessárias para um mundo mais sustentável, consumir com consciência não para por aí.

De acordo com Bruno Duarte Yamanaka, especialista de Conteúdos e Metodologias do **Instituto Akatu**, é preciso entender que cada compra gera consequências positivas ou negativas no meio ambiente, na sociedade e na economia, indo além dos impactos no orçamento causados pelo aumento das contas de água e luz.

Para ele, o caminho é evitar excessos. "Não existe vida sem consumo, nem consumo sem impacto. O consumo consciente, portanto, não significa deixar de consumir, mas fazê-lo melhor e diferente, evitando excessos, de modo a garantir que haja o suficiente para todos, para sempre", prossegue.

Ou seja, consumir de maneira consciente é consumir melhor. E entender que, para um item chegar à prateleira do supermercado ou à vitrine de uma loja, ele passa primeiro pela retirada de insumos em fontes de recursos naturais, pelo uso de energia elétrica e de água na fabricação, além dos impactos do transporte. Quanto maior é a demanda de produção, maiores podem ser os impactos socioambientais.

Um estudo da **GlobeScan** em 2020, sobre vida saudável e sustentável, apontou que 70% dos brasileiros veem como responsabilidade das empresas reduzir os seus impactos sobre as mudanças climáticas e 65%, estabelecer metas para tornar o mundo melhor. Mas não veja esse dado como uma transferência de responsabilidade do consumidor para a indústria.

Na edição seguinte da pesquisa, em 2021, esse cenário sofreu uma leve mudança: os consumidores apresentaram um desejo de melhorar seus impactos de consumo e acreditam que as empresas podem ajudá-los. E 86% dos brasileiros declaram desejar reduzir seu impacto individual sobre o meio ambiente e a natureza. Um avanço importante.

Como ser um consumidor sustentável

Yamanaka defende que quanto mais ampla for a visão das pessoas sobre o que é o consumo consciente maiores são as possibilidades de adotar comportamentos sustentáveis no dia a dia. Confira alguns comportamentos sugeridos pelo Instituto Akatu:

- **Planeje suas compras e consuma apenas o necessário:** *não seja impulsivo nas compras, planeje antecipadamente e reflita sobre as suas reais necessidades.*
- **Avalie os impactos de seu consumo:** *reflita sobre os seus valores e hábitos de consumo, leve em consideração o meio ambiente e a sociedade em suas escolhas.*
- **Reutilize produtos e embalagens, recicle:** *não compre outra vez o que você pode consertar, transformar e reutilizar. E não esqueça de incentivar a reciclagem, isso reduz a degradação ambiental e gera empregos.*
- **Conheça e valorize as práticas de responsabilidade social das empresas:** *em suas escolhas de consumo, não olhe apenas preço e qualidade do produto. Valorize as empresas em função de sua responsabilidade para com os funcionários, a sociedade e o meio ambiente.*
- **Adote uma postura ativa:** *exija de partidos, candidatos e governos propostas de sustentabilidade e envie às empresas sugestões e críticas sobre seus produtos e serviços.*
- **Divulgue o consumo consciente:** *seja um militante da causa - sensibilize outros consumidores e dissemine informações, valores e práticas de consumo consciente. Monte grupos para mobilizar seus familiares, amigos e pessoas mais próximas.*

BENEFÍCIOS SOCIAIS

Sustentabilidade social é quando todos ganham

fundodeposit

Iniciativas corporativas e boas práticas de governança garantem benefícios à sociedade

Por ter base mais científica, a questão ambiental tem mais visibilidade que a social – que carece de dados objetivos consolidados, salienta Lina Pimentel, cocoordenadora do **Chapter Zero Brazil**, uma rede global de organizações independentes que mobilizam membros do corpo empresarial e conselheiros para abordar o desafio da mudança climática em conselhos de administração. "Há critérios de cobertura de saneamento básico, de IDH, de educação, mas são parâmetros menos objetivos."

Por isso, Lina defende que as empresas maiores "definam políticas sociais mais robustas e de interesse coletivo" e participem no Chapter Zero Brazil ou em iniciativa semelhante, que tenha, institucionalmente, poder de influência no meio empresarial e em políticas públicas. "As empresas só serão prósperas se elas trabalharem no interesse coletivo", reforça.

Quem também acredita no poder empresarial para acelerar uma mudança social mais abrangente é Valéria Café, diretora de Vocalização e Influência do **IBGC**. "Cada vez mais, o primeiro, segundo e terceiro setores têm de trabalhar de forma integrada. Isso era necessário há 20 anos e continua ainda hoje. A realidade atual mostra que os recursos estão nas empresas e não nos países. Daí, a necessidade da empresa de ter um olhar sobre o ambiente no qual atua", diz.

DA FILANTROPIA À SUSTENTABILIDADE SOCIAL

Com estrutura, vigor e um posicionamento claro, grandes empresas vêm conseguindo transformar realidades. Esse é o caso da Fundação Bunge, que é o braço social da **Bunge no Brasil**, atuando há 66 anos. De início, eram ações de filantropia. Hoje, atua na sustentabilidade social inserida no conceito de ESG, com práticas ambientais, sociais e de governança. "Acompanhamos todas essas mudanças: da filantropia até o ESG", realça Claudia Buzzette de Calais, diretora executiva da Fundação Bunge.

Entre os projetos, a empresa destaca os programas Redes e Economia da Gente. O primeiro trata da formação e inclusão de Pessoas com Deficiência e de Jovens Aprendizes no mercado de trabalho, iniciado em 2019, em Rondonópolis (MT), e que integra o município e 77 empresas e entidades. "Aproximamos esses dois públicos para que conheçam o universo de cada um e trabalhem juntos. Quanto maior a vulnerabilidade, maior o desafio", enfatiza Claudia. Entre os desafios, estão o estereótipo e as adaptações. Este ano, 22 participantes do Rede foram contratados até abril.

O projeto Economia da Gente, que foi lançado junto com a pandemia para ajudar o empreendedor a fazer negócio no mundo digital, foca no fortalecimento de pequenos empreendedores onde a empresa atua. Opera em três frentes: Comprando da Vizinhança, Formação de Negócios e Novos Empreendedores. Foram 1.600 pessoas atendidas em nove Estados.

O Comprando da Vizinhança começou junto com a pandemia para ajudar o empreendedor a fazer negócio no mundo digital, a maioria mulheres informais, esclarece Claudia. Atendeu 1.600 empreendedores em quatro Estados. Em 2022, entrarão os municípios Nova Mutum (MT), Ipojuca (PE), Luziana (GO), Luis Eduardo Magalhães (BA), Ponta Grossa (PR) e Rio Grande (RS).

Já na Formação de Negócios, a Fundação Bunge atende os empreendedores legalizados e inclui: ciclo de ESG, fortalecimento do negócio e oficinas. No final, o participante integrará o Catálogo de Negócios B2B.

Novos empreendedores serão ajudados para atender às demandas regionais. "O intuito é que a riqueza gerada pela indústria fique no território em que está inserida e gere benefícios para a comunidade local", reforça a diretora executiva.

TRANSFORMAÇÃO EM CURSO

A responsabilidade social do **Assaí Atacadista** foi reforçada com a criação do Instituto Assaí, este ano, para liderar as iniciativas focadas no empreendedorismo, alimentação e esporte.

Segundo a empresa, a contribuição no combate à fome no Brasil faz parte do seu papel social de reduzir a insegurança alimentar da população em situação de vulnerabilidade, informa Sandra Vicari, diretora de Gestão de Gente e Sustentabilidade. "O Assaí atua como um agente transformador, aperfeiçoando e inovando o jeito de fazer negócio para a construção de uma sociedade mais responsável, sustentável e inclusiva."

Nos últimos dois anos, principalmente, devido aos impactos da pandemia de Covid-19 e do momento socioeconômico atual, esse trabalho ganhou mais força. Em 2021, o Assaí doou 1.300 toneladas de alimentos em 23 Estados do país (regiões onde tem lojas).

As doações – entregues pelas 100 instituições parceiras – representam 2,6 milhões de pratos de comida distribuídos às comunidades. Somadas às doações de clientes (700 mil), chegou a 2 mil toneladas de mantimentos, beneficiando 210 mil famílias brasileiras. Destina frutas, legumes e verduras não esteticamente atraentes para venda, mas adequadas para o consumo, para instituições sociais de banco de alimentos. A iniciativa evita o desperdício, diminui o impacto ambiental e contribui com a nutrição da comunidade.

ESTÍMULO ESSENCIAL

Além disso, desde 2018, a Academia Assaí Bons Negócios oferece assessoria individualizada em gestão de negócios e apoio financeiro ao pequeno negócio periférico. Está na quinta edição, e este ano destinará R$ 800 mil para capacitar e apoiar 1.500 comerciantes, ambulantes ou micros e pequenos empreendedores do setor alimentício. A premiação chega a R$ 14 mil para cada um dos três finalistas.

"Os pequenos negócios são fundamentais para a economia e para a história do Assaí. A premiação mostra quanto eles podem prosperar e contribuir ainda mais com o desenvolvimento do país. Neste momento de reabertura econômica, a ajuda é essencial e nem sempre eles têm o apoio necessário", esclarece Sandra.

PROSPERIDADE ECONÔMICA

A **PepsiCo** diz construir, há mais de duas décadas, base sólida de ações para tornar a sociedade brasileira mais igualitária. A companhia investiu R$ 16,5 milhões para a geração de prosperidade econômica, acesso à água e segurança alimentar no país, além da doação de 486 toneladas de alimentos durante a pandemia do coronavírus. Além disso, foca em diversas outras frentes como o programa Vencendo pela Educação, que está preparando 100 jovens em situação de vulnerabilidade social para conseguirem o primeiro emprego. Com apoio da Prefeitura de Itu (SP), os cursos são ministrados por voluntários da **PepsiCo**. "Esperamos que esses jovens tenham nova perspectiva de vida e de futuro, com educação e trabalho digno e que nossos voluntários saiam com engrandecimento humano relevante e inesquecível", ressalta Regina Teixeira, diretora de Assuntos Corporativos.

PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA

É hora de impulsionar a agricultura do futuro

Mercado precisa investir em mais soluções que respondam à sustentabilidade da produção agrícola

Apesar da publicação preliminar "Indicadores de Produtividade e Sustentabilidade do Setor Agropecuário Brasileiro", divulgada pelo **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, em abril, informar que "o Brasil é exemplo a se destacar no contexto internacional em termos da produção agropecuária com sustentabilidade produtiva", o país ainda carece de uma maior transformação em sua produção agrícola, para ser realmente sustentável, mais competitivo e econômico.

De acordo com Nina Von Lachmann, coordenadora das Câmaras Técnicas de Água e Agricultura no **CEBDS**, o Brasil precisa e pode aumentar sua produtividade agrícola em um modelo mais inteligente e sustentável. "Mas a única forma de fazer isso é pela colaboração perante toda a cadeia produtiva de alimentos", diz.

De olho nas necessidades do mundo por mais alimentos, e com a capacidade de produzir uma agricultura natural em larga escala, o Brasil vê a urgência de ampliar os recursos nas pesquisas científicas e em tecnologia, para alcançarmos sistemas alimentares sustentáveis, que não comprometam os recursos das gerações futuras.

GRUPO MULTISSETORIAL

No **CEBDS**, 26 empresas associadas já abrigam grandes projetos de transformação no agro. "Nosso Grupo de Trabalho Sistemas Alimentares tem diversos elos da cadeia de alimentos. Somos pioneiros, juntando atores tanto do agro quanto de outras pontas da cadeia, como indústria, logística e varejo", complementa Nina.

Exemplo de como o mercado brasileiro inova rumo a um modelo agroecológico pode ser visto na empresa **FS**, no Centro-Oeste, na produção de etanol de milho, que fortalece a matriz energética sustentável do país. Em 2020, foi a primeira usina desse combustível a obter certificação para fazer parte do RenovaBio e emitir créditos de descarbonização (CBIOs), mantendo-se nas primeiras posições do ranking das top 10 de etanol anidro.

Outra empresa que segue mapeando estratégias e ações para uma agricultura mais sustentável é a **Viveo**. A companhia se tornou signatária da Better Cotton Initiative (BCI), um grupo de governança multissetorial que promove melhorias nos padrões da agricultura e nas práticas de cultivo de algodão pluma. E, por ter forte atuação em questões sociais da cadeia produtiva que envolvem direitos trabalhistas, igualdade de gênero e a prevenção de trabalho escravo e infantil, a Viveo tem 100% da compra de algodão pluma com fazendas certificadas BCI, trazendo maior transparência em toda a cadeia produtiva e reafirmando o cuidado e zelo por todo o ecossistema. "Conquistamos também o selo I-REC, mundialmente reconhecido e que certifica que 100% da energia consumida pela empresa em 2020 foi proveniente de fontes renováveis", diz Cíntia Drehmer, *head* de Recursos Humanos e Sustentabilidade.

Grandes empresas, grandes projetos em agricultura moderna

Tecnologia, metas ousadas e envolvimento com a comunidade aceleram a produtividade agrícola

■ Com a urgência de mudar a produção agrícola e gerar menos impacto, mitigar problemas ambientais e inovar para abrir novos mercados, companhias do agro, da indústria, logística e varejo – que compõem o grupo de 26 participantes do GT Sistemas Alimentares do **CEBDS** – vêm criando iniciativas poderosas que podem inspirar muitos outros negócios.

■ Na fabricante de fertilizantes **Yara Brasil**, o lançamento do Agoro Carbon Alliance, em 2021, veio para apoiar os produtores com experiência agronômica e dar suporte prático para sequestrar carbono no solo e reduzir as emissões do campo. Com isso, informa a empresa, haverá ganhos como a geração de créditos de carbono agrícola certificados por terceiros e o aumento da renda dos agricultores.

■ Outra companhia que faz parte do GT, a **DSM Produtos Nutricionais**, também procurou se adaptar a formas mais sustentáveis pensando no efeito do aquecimento do metano, que pode ser mais potente que o carbono. Assim, investiu em um aditivo para a ração de vacas e outros ruminantes, como ovelhas e cabras, para suprimir a enzima que ativa a produção de metano no estômago da vaca, reduzindo a emissão entérica do gás em aproximadamente 30%.

■ Já a química e farmacêutica **Bayer** construiu um ecossistema que começa com carbono no solo, mas vai muito além dele. Segundo a empresa, o PRO Carbono veio para conectar o agricultor a esse novo ecossistema de parcerias, que incluem o acesso às melhores práticas socioambientais, à agricultura digital, às finanças verdes e à cadeia de produtos de baixo carbono. Conta com a parceria da Embrapa, que oferece tecnologia com métodos analíticos inovadores.

Com Twitter, Musk terá que encarar a realidade sobre liberdade de expressão

Outros figurões das redes sociais já aprenderam que não há resposta simples sobre definir limites

MERCADO
OPINIÃO

Shira Ovide

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Uma década atrás, executivos do Twitter, entre os quais o então ex-presidente da companhia Dick Costolo, declararam que a rede social era a "ala da liberdade de expressão no partido da liberdade de expressão".

A posição significava que o Twitter defenderia a liberdade das pessoas de publicarem o que desejassem, e serem ouvidas no mundo inteiro.

De lá para cá, o Twitter se viu arrastado por diversas complicações causadas por propagadores de desinformação, abuso de governos a fim de incitar violência étnica e ameaças de representantes eleitos de colocar na prisão empregados da empresa por tuítes que os desagradassem.

Como o Facebook, YouTube e outras empresas de internet, o Twitter se viu forçado a transformar-se: de defensor linha dura da liberdade de expressão, tornou-se uma babá da comunicação online.

Hoje, o Twitter tem páginas e mais páginas de regras que proíbem conteúdo como material que promova a exploração infantil, propaganda governamental coordenada, ofertas de produtos falsificados e tuítes que expressam o desejo de que alguém venha a sofrer um acidente sério.

Os últimos dez anos viram confrontos entre os princípios da geração fundadora de companhias de rede social e a complicada realidade de um mundo no qual "liberdade de expressão" pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. E agora Elon Musk, que chegou a um acordo para adquirir o Twitter, vai se tornar parte dessa história conturbada.

Sucessivas gerações de líderes do Twitter, desde a fundação em 2006, aprenderam o que Mark Zuckerberg e a maioria dos outros executivos de internet descobriram: declarar que "os tuítes devem fluir", como Biz Stone, o fundador do Twitter, escreveu em 2011, ou que "acredito em dar voz às pessoas", como Zuckerberg disse em 2019, é fácil de dizer, mas difícil de fazer.

Musk não foi específico sobre os seus planos para o Twitter, mas expressou irritação quando a companhia removeu tuítes e excluiu usuários, e disse que a rede deveria ser porto seguro para a expressão irrestrita, nos limites da lei.

"A liberdade de expressão é a fundação de uma democracia funcional, e o Twitter é o local de encontro digital no qual questões vitais para o futuro da humanidade são debatidas", declarou Musk em um comunicado no qual anunciava a transação.

Ele é um relativo diletante com relação ao tópico, e ainda não teve de encarar o esforço para balancear as situações em que dar voz a alguém pode silenciar a expressão de outros, e em que um espaço no qual quase tudo é aceitável em termos de liberdade de expressão termina soterrado por spam, nudez, bullying e incitações à violência.

"Precisamos proteger a liberdade de expressão a fim de fazer com que nossa democracia funcione", disse Jameel Jaffer, diretor executivo do Knight First Amendment Institute, organização que promove a liberdade de expressão, na Universidade Columbia. "Mas existe uma grande distância a cobrir entre essa premissa e o tipo de decisão que as companhias de mídia social tomam a cada dia."

Quase nenhum lugar na internet ou no mundo físico é uma zona de liberdade de expressão absoluta. O desafio da expressão online é o desafio apenas da expressão, com questões que têm poucas respostas simples: quando é que uma liberdade de expressão maior é melhor, e quando é pior? E quem deve decidir?

Em países com tribunais fortes, organizações cívicas e uma imprensa que responsabiliza os políticos pelos seus atos, pode ser relativamente benigno quando políticos falam mal online de seus rivais.

Mas em países como Mianmar, Arábia Saudita e Somália, líderes governamentais transformaram a rede social em arma a fim de sujeitar seus críticos a ataques verbais incansáveis, para difundir mentiras que se espalham quase sem controle, ou para incitar violência étnica.

Se o Twitter deseja recuar do trabalho de moderar a liberdade de expressão no site, será que as pessoas se disporão menos a frequentar um espaço no qual podem ser agredidas por aqueles de quem discordam ou no qual podem se ver soterradas por anúncios de criptomoedas, bolsas Gucci falsificadas ou pornografia?

A eleição presidencial americana de 2016 e a votação sobre o Brexit no mesmo ano deram a executivos do Vale do Silício, autoridades eletivas dos Estados Unidos e ao público um vislumbre do que pode sair errado quando as empresas de mídia social optam por não interferir demais naquilo que as pessoas publicam em seus sites.

Durante o período de Donald Trump na presidência dos Estados Unidos —especialmente nos primeiros meses da pandemia e quando os partidários do político passaram a difundir falsas acusações de fraude eleitoral na eleição de 2020—, Twitter, Facebook e YouTube mudaram de tom sobre o papel que vinham desempenhando em insuflar a raiva, mentiras, distorções e divisão.

O Twitter e o Facebook, às vezes pressionados por seus trabalhadores, tomaram mais medidas para remover ou rotular mensagens que podiam violar suas regras sobre informação falsa e alteraram seus sistemas de computadores para impedir a difusão rápida e ampla de mentiras virais.

Facebook, Twitter e YouTube também excluíram Trump de suas plataformas depois da invasão da sede do Congresso dos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021.

Novas leis, entre as quais a Lei de Serviços Digitais, na União Europeia, requerem que o Twitter e seus pares façam mais para eliminar a desinformação e abusos em seus sites. Em outros países, como o Vietnã, companhias de mídia social correm riscos judiciais quando pessoas publicam críticas ao governo que este considere como excessivas.

O Twitter e outras empresas de mídia social estão em posição de potencialmente prejudicar a liberdade de expressão e a democracia caso intervenham pouco demais naquilo que as pessoas postam online, mas também quando intervêm demais.

Um dos paradoxos da revolução do Vale do Silício é que ela roubou os poderes dos antigos guardiões da informação e persuasão, como os magnatas da mídia e os líderes políticos, mas criou poderes novos. A aquisição do Twitter por Musk não mudará isso. Podemos não querer que esses barões da mídia digital tenham tamanho poder, mas a realidade é que eles o têm.

Tradução de Paulo Migliacci

Elon Musk durante entrevista a jornalistas, na base da SpaceX, nos EUA Jim Watson - 10.fev.22/AFP

Brasil fica de fora de proposta para defender internet aberta

MUNDO

Rafael Balago

WASHINGTON Os Estados Unidos lançaram na última quinta-feira (28) uma declaração que defende a manutenção da internet como uma rede aberta, sem barreiras entre países, com fluxo livre de informações e respeito aos direitos humanos.

A proposta, que não tem peso legal e serve como uma carta de intenções, foi assinada por cerca de 60 países e Comissão Europeia. O Brasil não aderiu à iniciativa, assim como China, Índia e Rússia. O governo americano disse que as nações que ficaram de fora ainda podem se juntar à declaração.

Os signatários se comprometeram a trabalhar para promover e manter um modelo de internet em que tenha fluxo livre de informações, com troca de dados entre países e plataformas diferentes, proteção à privacidade dos usuários e aos direitos humanos fundamentais, especialmente a liberdade. Também defendem um modelo descentralizado, sem que os governos fiquem responsáveis por controlar a rede.

"Pretendemos garantir que o uso das tecnologias digitais reforcem, não enfraqueçam, a democracia e o respeito aos direitos humanos, oferecendo oportunidades para a inovação no ecossistema digital e mantendo conexões entre nossas sociedades", afirma o documento assinado.

Pela declaração, os países se comprometem a aplicar a neutralidade da rede, assegurando o acesso similar a todos, sem impor bloqueios ou reduções de velocidade de forma propositai. Também se comprometem a não usar a internet para minar processos eleitorais, incluindo o uso de campanhas de manipulação e desinformação. Os países prometeram atuar em conjunto para assegurar o acesso a todos e a fazer parcerias para combater crimes digitais.

A lista de signatários inclui países da América do Sul, como Argentina, Colômbia, Peru e Uruguai. Na Europa, além da Comissão Europeia, a relação abriga Alemanha, França, Espanha, Portugal e Reino Unido, entre vários outros. Japão e Austrália também aderiram à chamada Declaração para o Futuro da Internet.

Segundo um alto funcionário da Casa Branca, que falou sob condição de anonimato, a adesão à declaração continua aberta a outros interessados. Ele disse que os países devem trabalhar em várias iniciativas conjuntas, mas não detalhou as ações futuras.

A **Folha** entrou em contato com o Itamaraty para saber qual é a posição brasileira, mas não obteve resposta.

A proposta defendida pelos EUA vai contra o modelo de internet defendido pela China. O governo chinês controla o acesso de seus cidadãos à rede, censura conteúdos e coloca barreiras para sites e aplicativos estrangeiros.

Nos últimos anos, a Rússia fez movimentos em direção ao modelo chinês, como criar técnicas para isolar a rede russa da internet global.

LEIA TAMBÉM

Democrata Barack Obama ouve discurso do atual presidente norte-americano, Joe Biden, em Washington Leah Millis 5.abr.22/ Reuters

Obama toma como missão o combate à desinformação

Democrata fez mais para enfrentar as redes sociais fora da Casa Branca do que quando era presidente dos EUA

MUNDO

Steven Lee Myers e Cecilia Kang

SAN FRANCISCO | THE NEW YORK TIMES Em 2011, Barack Obama, então presidente americano, foi ao Vale do Silício para uma troca de ideias em clima descontraído com o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg. Lá foi feita uma reunião aberta com os funcionários da rede social e foram discutidas questões candentes da época: impostos, saúde e a promessa da tecnologia para resolver os problemas do país.

Mais de uma década mais tarde, Obama voltou ao Vale do Silício, desta vez levando uma mensagem mais sombria sobre o perigo que as gigantes da tecnologia criaram.

Em encontros privados e aparições públicas no último ano, o ex-presidente mergulhou fundo no embate público sobre informação equivocada e desinformação intencional, avisando que o flagelo das falsidades veiculadas online erodiu os alicerces da democracia dentro e fora dos Estados Unidos.

Num discurso que fez na Universidade Stanford, Obama somou sua voz ao clamor por regras para coibir a enxurrada de mentiras que estão poluindo o discurso público.

A urgência da crise — a "demanda da internet por maluquice", como Obama a descreveu recentemente — já o levou a ir mais longe no enfrentamento às redes sociais do que ele se dispôs a ir quando ocupava a Casa Branca.

"Acho que é razoável que nós, como sociedade, tenhamos um debate e então adotemos uma combinação de medidas regulatórias e normas para a indústria que deixem intacta a oportunidade de essas plataformas ganharem dinheiro, mas diga a elas que há certas práticas que achamos que não beneficiam a sociedade", disse Obama durante uma conferência sobre desinformação organizada pela Universidade de Chicago e pela revista The Atlantic.

Pessoas próximas a Obama dizem que o timing de sua campanha não se deveu a uma causa única, mas à sua preocupação ampla com os danos feitos aos fundamentos da democracia. Ela está sendo travada no meio de um debate acirrado, mas inconclusivo, sobre a melhor maneira de restaurar a confiança na comunicação online.

Legisladores em Washington estão tão fortemente divididos que qualquer acordo legislativo parece inatingível. Os democratas criticam gigantes como o Facebook, rebatizado de Meta, e o Twitter, por não removerem conteúdos nocivos de seus sites. Também o presidente Joe Biden vem atacando as plataformas que permitiram a propagação de mentiras sobre as vacinas contra o coronavírus, dizendo no ano passado que elas "estão matando pessoas".

Já os republicanos acusam as empresas de suprimir a liberdade de expressão por censurarem vozes conservadoras —sobretudo o ex-presidente Donald Trump, banido do Facebook e Twitter após a insurreição no Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Com tão pouco em comum em suas visões sobre o problema, há ainda menos concordância em relação a uma solução possível.

Resta saber se a contribuição de Obama conseguirá influenciar o debate. Embora não tenha endossado uma solução isolada ou legislação específica, ele espera lançar um apelo a todo o espectro político por uma visão comum.

"É preciso pensar em como as coisas serão vistas depois de passar por filtros partidários diferentes, mas ainda assim apresentar seus melhores e mais autênticos argumentos sobre como você enxerga o mundo, o que está em jogo e por que", disse Jason Goldman, ex-executivo do Twitter, Blogger e Medium que foi o primeiro diretor digital da Casa Branca sob Obama e continua a assessorá-lo.

"Há uma razão potencial para acreditar que existe uma saída positiva de alguns dos atoleiros em que estamos afundados", acrescentou.

É possível que Obama não seja um mensageiro perfeito sobre os perigos da desinformação. Ele foi o primeiro candidato a atrelar o poder das redes sociais para chegar à Presidência, em 2008, mas então, já presidente, fez pouco para intervir quando o lado mais sombrio delas – a propagação de falsidades, extremismo, racismo e violência— se evidenciou dentro e fora do país.

"Eu meio que vi isso começar a crescer —ou seja, o grau em que a informação, as informações erradas e a desinformação proposital estavam sendo usadas como armas", disse Obama em Chicago, manifestando algo que chegou perto do arrependimento. "Acho que subestimei até que ponto as democracias eram vulneráveis a isso, como de fato eram, incluindo a nossa."

> Acho que subestimei até que ponto as democracias eram vulneráveis a isso [fake news], como de fato eram, incluindo a nossa
>
> **Barack Obama**
> ex-presidente dos EUA

Obama ficou, segundo pessoas próximas a ele, obcecado pela desinformação depois de deixar a Presidência. Ele reavaliou, como muitos outros já fizeram, se tinha feito o suficiente para combater a campanha de informação encomendada pelo presidente da Rússia, Vladimir Putin, para enviesar a eleição de 2016 contra Hillary Clinton.

Obama começou a reunir-se com executivos, ativistas e outros especialistas no ano passado, depois de Trump se recusar a reconhecer os resultados da eleição de 2020, fazendo afirmações infundadas sobre fraude eleitoral ampla.

Em suas reflexões sobre o assunto, Obama não diz que descobriu uma solução perfeita que escapou da atenção de outros que estudam o tema. Mas, manifestando-se mais publicamente sobre o problema, ele espera conseguir chamar a atenção aos valores de conduta corporal em torno dos quais um consenso poderia tomar forma.

"Isso pode representar um empurrãozinho eficaz a incentivar muito da discussão que já está em curso", comentou Ben Rhodes, ex-vice-assessor de segurança nacional. "A cada dia que passa vemos mais exemplos do porquê de isso ser importante."

Durante sua administração, Obama divulgou o potencial das empresas de tecnologia de fortalecer a economia com empregos mais qualificados e de impelir movimentos democráticos no exterior. Ele atraiu profissionais tech como Goldman para trabalhar em sua administração e encheu seus cofres de campanha com eventos de levantamento de fundos promovidos nas casas de gente como Sheryl Sandberg, diretora operacional da Meta, e Marc Benioff, CEO da Salesforce.

Foi um período de admiração mútua e pouca fiscalização governamental da indústria de tecnologia. Apesar de Obama endossar as regulações de privacidade, nenhuma legislação para controlar as empresas do setor foi aprovada durante seu governo, apesar de nessa época elas terem se convertido em gigantes econômicas que afetam virtualmente todos os aspectos da vida.

Fazendo uma retrospectiva da abordagem seguida por seu governo, Obama disse que não apontaria para nenhuma ação ou legislação que poderia ter tratado de modo diferente. Mas hoje, olhando para atrás, segundo Rhodes, ele percebe como o otimismo em relação às tecnologias online, incluindo as redes sociais, falou mais alto que a cautela.

A abordagem de Obama à questão vem sendo caracteristicamente deliberativa. Ele consultou os CEOs da Apple, Alphabet e outras companhias. Por meio da Fundação Obama, de Chicago, ele vem tendo reuniões frequentes com estudiosos, que relatam suas próprias experiências com desinformação em uma série de áreas pelo mundo.

Partindo dessas deliberações, algumas soluções potenciais estão começando a tomar forma. Obama diz que continua a ser "quase um defensor absoluto da Primeira Emenda [que garante liberdade de expressão]", mas tem focado a necessidade de maior transparência e supervisão regulatória do discurso online, além das maneiras em que as empresas vêm lucrando com a manipulação do público por meio dos algoritmos.

No Congresso, legisladores já propuseram a criação de uma agência regulatória dedicada à fiscalização de empresas na internet. Outros propõem que as empresas de tecnologia sejam despidas de um escudo que as protege contra a responsabilidade legal.

Mas nenhuma dessas propostas foi adiante, apesar de nesse mesmo tempo a União Europeia ter promulgado em lei algumas das práticas que ainda estão apenas sendo aventadas teoricamente em Washington.

Kyle Plotkin, estrategista republicano e ex-chefe de gabinete do senador republicano Josh Hawley, do estado de Montana, afirmou que Obama "pode ser uma figura polarizadora" e pode inflamar a discussão sobre desinformação, em vez de acalmá-la.

"Seus fãs inveterados vão adorar vê-lo dar sua opinião, mas outros não vão gostar", disse Plotkin. "Não acho que ele vá ajudar a discussão a avançar. Pelo contrário, ele a faz regredir."

Tradução Clara Allain

Harvard terá fundo para políticas de reparação da escravidão

REUTERS A Universidade Harvard criará um fundo de US$ 100 milhões (R$ 497 milhões) para investir em políticas de reparação do racismo que a própria instituição ajudou a perpetuar. O anúncio foi feito pelo presidente da entidade, Lawrence Bacow, em email a todos os alunos.

A mensagem acompanhava relatório que foi produzido por um comitê criado para apurar o legado da escravidão na universidade.

Segundo o documento, houve trabalho escravo no campus da instituição, que se beneficiou do comércio de escravos e de negócios ligados à exploração de pessoas negras mesmo depois de a prática ser proibida no estado de Massachusetts, em 1783 —147 anos após a fundação de Harvard.

O relatório documenta a exclusão de estudantes negros e a defesa do racismo por acadêmicos da universidade. O grupo que apurou a história da escravidão em Harvard foi presidido por Tomiko Brown-Nagin, reitora do Instituto Radcliffe para Estudos Avançados e especialista em direito constitucional.

A investigação aponta que "a instituição de ensino superior mais antiga do país ajudou a perpetuar a opressão e a exploração racial da época".

Os autores do relatório recomendam oferecer aos descendentes de pessoas escravizadas em Harvard apoio educacional e outros tipos de auxílio, para que eles "possam recuperar suas histórias, contar suas histórias e buscar conhecimento empoderador".

O estudo recomenda que a instituição financie programas para levar a Harvard alunos e professores de universidades historicamente mal financiadas e estudantes e acadêmicos de Harvard para faculdades historicamente negras, como a Universidade Howard.

O fundo de US$ 100 milhões será usado para executar as recomendações do relatório, afirmou Bacow, e já foi autorizado pelo conselho de administração da universidade.

"A escravidão e seu legado fazem parte da vida americana há mais de 400 anos", escreveu ele. "O trabalho de corrigir ainda mais seus efeitos persistentes exigirá nossos esforços constantes e ambiciosos nos próximos anos", completou.

"É um passo na direção certa", disse Dennis Lloyd, 74, que tem entre seus antepassados Cuba Vassall, mulher escravizada pelos Royall —a Faculdade de Direito de Harvard foi fundada em 1817 por Isaac Royall Jr., cuja família fez fortuna com comércio de escravos e plantação de açúcar em Antígua, no Caribe.

"Fico feliz em ver que Harvard reconheceu sua conexão com a escravidão, feliz em ver que estão expandindo os recursos financeiros e educacionais para estudantes que normalmente não teriam acesso às escolas da Ivy League [elite universitária dos EUA]."

Outros centros de ensino superior criaram fundos nos últimos anos para lidar com os legados da escravidão. Uma lei promulgada na Virgínia, em 2021, exige que cinco universidades públicas estaduais criem bolsas para descendentes de pessoas escravizadas pelas instituições.

Resistência ucraniana pode garantir uma Europa inteira e livre

É preciso lutar pelas barreiras legais e normativas que mantiveram o mundo relativamente pacífico em 70 anos

MUNDO
OPINIÃO

Thomas Friedman
Colunista do The New York Times, escreve sobre temas do noticiário internacional, globalização e tecnologia

THE NEW YORK TIMES Estou pensando hoje em três pessoas cujo comportamento pode ter um impacto significativo sobre o mundo nos próximos meses e possivelmente anos: um soldado sem nome, um político sem vergonha e um líder sem alma.

O primeiro eu admiro; pelo segundo, só devemos sentir desprezo; e o terceiro deve ser conhecido para sempre como criminoso de guerra.

O soldado sem nome são os milhares de ucranianos que estão defendendo a democracia nascente contra a tentativa brutal de Vladimir Putin de varrer a Ucrânia do mapa.

Quer sejam soldados profissionalmente treinados ou "babuchkas" (avós) usando smartphones para informar as coordenadas de tanques russos escondidos na floresta atrás de seus sítios, sua disposição de combater e morrer anonimamente para preservar a liberdade e a cultura do país é a refutação máxima da alegação de Putin de que a Ucrânia não é um Estado "real", mas sim parte integral "da história, da cultura e do espaço espiritual" da própria Rússia.

Se os líderes da Ucrânia optarem por selar um acordo de paz com a Rússia, devemos ajudar a fortalecê-los em negociações, mas, enquanto eles optarem por resistir, devemos ajudar a armá-los. Porque eles não estão defendendo só a Ucrânia, mas a possibilidade de uma Europa inteira e livre, em que um país não possa simplesmente devorar outro.

A segunda pessoa na qual estou pensando é Kevin McCarthy, líder republicano na Câmara. Temos que agradecer ao trabalho de reportagem de Jonathan Martin e Alexander Burns, do NYT, que apontaram o quanto o comportamento de McCarthy é um exemplo de covardia em quatro atos.

Primeiro ato. Martin e Burns noticiam que McCarthy teria dito a colegas do Partido Republicano o que sentiu em relação a Donald Trump após o ataque de 6 de janeiro de 2021 ao Capitólio: "Estou farto desse cara". Trump provavelmente sofreria impeachment, disse McCarthy, acrescentando que pretendia recomendar a ele: "Você deveria renunciar".

Segundo ato. Depois de as revelações serem publicadas, no dia 21, McCarthy emite comunicado declarando que "as reportagens do New York Times a meu respeito são totalmente falsas e equivocadas".

Terceiro ato. Naquela noite, graças a um áudio vazado, publicado pelo NYT e colocado no ar no programa de Rachel Maddow na MSNBC, o mundo inteiro pôde ouvir McCarthy dizendo a uma conferência da liderança republicana na Câmara em 10 de janeiro que seu plano era dizer a Trump que o impeachment "será aprovado e que minha recomendação será que o senhor deve renunciar".

Quarto ato. Em vez de pedir desculpas a seus eleitores e ao povo americano por mentir, McCarthy telefona a Trump para se explicar e dizer por que deve continuar em suas boas graças. Trump, magnânimo, perdoa o puxa-saco pelo pecado de ter dito a verdade.

O legendário técnico de basquete da Universidade da Califórnia John Wooden costumava dizer que "a verdadeira prova do caráter de um homem é o que ele faz quando ninguém está olhando".

A maioria dos legisladores gostaria que o mundo acreditasse que, no momento em que tudo estava em risco para a América, eles disseram a verdade e defenderam a Constituição contra um presidente que tentava subvertê-la. McCarthy disse a colegas republicanos que era essa sua postura.

Mas então ele revelou seu caráter real. Quando se deu conta de que fazer o que era certo pelo país poderia lhe custar o apoio de Trump e seu sonho de se tornar presidente da Câmara, mentiu sobre ter dito a verdade. Pior: quando suas mentiras foram expostas, muitos do partido o apoiaram assim mesmo.

Esse é o novo "macartismo" (o "kevinmacartismo"), em que um político pode dizer qualquer coisa, até mesmo mentir sobre ter dito a verdade, e sair ileso.

Essa tendência representa uma ameaça tão grande à democracia quanto qualquer coisa que Putin esteja fazendo. Porque se um político vendido como McCarthy pode vender sua alma a gente suficiente para se tornar presidente da Câmara, ele se tornará segundo na linha de sucessão à Presidência, após o vice-presidente.

E é uma ameaça porque tudo que McCarthy e seus colegas fizeram erode a distinção entre nosso sistema e o liderado pelo homem sem alma.

Mas Putin não é apenas obcecado por conservar seu poder e disposto a violar qualquer norma para isso. Ele também é obcecado pela perda do poder da Rússia e a necessidade de restaurá-la.

Sua decisão insensata de invadir a Ucrânia foi movida pelo desejo de frear a expansão da Otan e da União Europeia para mais perto das fronteiras da Rússia. Mas ele quis fazê-lo de uma maneira que mostrasse a todos como o Ocidente é fraco e dividido e como a Ucrânia não é um país real. Para isso, ele invadiria e ocuparia o lugar em uma semana.

Mas, ao invés de dar uma lição ao Ocidente e apagar as humilhações sofridas pela Rússia, Putin vem sendo ainda mais humilhado.

Precisamos avançar com cuidado aqui. Não há nada mais perigoso que um líder duas vezes humilhado e munido de armas nucleares.

Minha conclusão é a seguinte: alguns anos atrás foi publicada uma biografia em hebraico de Ariel Sharon com o título "Ele Não Para no Sinal Vermelho". É um título apropriado também para os nossos tempos. O que acho tão assustador no estado atual do mundo é o número de líderes dispostos a atravessar faróis vermelhos descaradamente.

Ou seja, dispostos a passar por cima das barreiras legais e normativas que mantiveram o mundo relativamente pacífico nos últimos 70 anos, durante os quais não tivemos guerras entre grandes potências e que permitiram que mais pessoas emergissem da pobreza extrema em menos tempo que em qualquer outro período da história.

Vamos sentir falta dessas barreiras se elas deixarem de existir. Mas para conservá-las é preciso que ajudemos todos aqueles ucranianos anônimos que lutam por sua liberdade a alcançar vitória. E precisamos garantir que a busca de Putin por encontrar dignidade, esmagando o movimento de liberdade ucraniano, fracasse.

Mas nada disso será o bastante se todos aqueles políticos na América que também pensam que podem atravessar qualquer farol vermelho para conquistar ou manter-se no poder conseguirem seu intento. Quem seguirá nosso modelo se isso acontecer?

Não consigo pensar em nenhum outro momento de minha vida em que senti o futuro da democracia americana e o futuro da democracia globalmente mais em dúvida.

E não se iluda —as duas estão interligadas. Ambas ainda podem acabar vencedoras ou derrotadas.

Tradução Clara Allain

[...]

Não há nada mais perigoso que um líder duas vezes humilhado e munido de armas nucleares

O policial Bogdan Demtsiura exuma o corpo de Andriy Samforskyi, que foi enterrado em sua casa durante a invasão russa da Ucrânia Yasuyoshi Chiba - 19 abr 22/AFP

Moradores de Avdiivka se refugiam no subterrâneo

Michael Schwirtz

AVDIIVKA (UCRÂNIA) | THE NEW YORK TIMES Spartak Kiurdjiev, 16, estava contando vantagem para amigos em frente a uma escola, no último dia 20, dizendo que não se esconde mais durante bombardeios, quando uma rajada de foguetes caiu perto dele, que correu para dentro da escola.

Os moradores de Avdiivka, na região do Donbass, no leste da Ucrânia, estão há anos vivendo à sombra da luta contra separatistas apoiados pela Rússia. Mas o perigo que enfrentam agora, com as forças russas se concentrando nos arredores da cidade numa fase nova e potencialmente mais letal da guerra, pode ser muito mais devastador.

Avdiivka já deixou de ser simplesmente uma cidade na linha de frente do conflito com os separatistas, absorvendo periódicas saraivadas de disparos numa guerra que fervilha há oito anos.

Agora a cidade é um empecilho significativo às metas militares de Moscou, situada bem no meio do caminho das forças russas que querem avançar para conquistar o controle do leste do país.

O contingente de combatentes ucranianos endurecidos da cidade está escondido num extenso sistema de trincheiras ao estilo da Primeira Guerra Mundial e será difícil desalojá-lo sem uso de fogo maciço.

A capacidade de Avdiivka e de outras cidades como ela no Donbass repelirem as forças russas vai determinar se Moscou vai poder conquistar uma vitória mais limitada, depois de ser redondamente derrotada no norte da Ucrânia.

Mas o Kremlin está determinado a arrancar o território oriental do controle ucraniano. Os bombardeios de artilharia se intensificaram recentemente em Avdiivka, sendo reforçados por ataques aéreos que destruíram um supermercado e loja de artigos esportivos bem no centro da cidade, segundo autoridades locais.

O único cirurgião do hospital local, Mikhail Orlov, contou que os ferimentos que vem tendo que tratar nas últimas semanas são mais graves do que qualquer coisa que ele tem visto desde que o conflito separatista começou, em 2014. Orlov mostrou um fragmento metálico de 30 cm de um foguete que disse ter tirado das costas de uma mulher no mês passado. Ela sobreviveu.

"Os ferimentos são muito mais profundos, com traumatismos que envolvem grandes pedaços de massa muscular arrancados", contou o médico.

A vida na cidade está miserável. Não há aquecimento nem água corrente e a eletricidade é irregular, na melhor das hipóteses. Até 2.000 pessoas foram viver nos 60 abrigos antibomba da cidade, e muitas mais já fugiram, contou Vitali Barabach, diretor da administração militar de Avdiivka. Mas, segundo ele, as forças russas ainda não abriram caminho na posição defensiva ucraniana.

"As forças russas não estão conseguindo passar pelas linhas de frente, então estão começando a simplesmente destruir a cidade", disse.

Ele comparou o bombardeio de Avdiivka aos dias iniciais do ataque a Mariupol, a cidade portuária ucraniana que as forças russas converteram em ruínas queimadas.

Desde Kharkiv, no norte do país, até Mariupol, no sul, as forças russas estão posicionadas ao longo de um front que se estende por quase 500 km, preparando-se para tentar tomar um território, o Donbass, cuja superfície é mais ou menos igual à do estado americano de New Hampshire.

Dos 30 mil habitantes que Avdiivka tinha antes da guerra, hoje há apenas 6.000, disseram autoridades, e o estrondo periódico de artilharia e foguetes ao longo do dia manteve a maioria das pessoas escondidas em abrigos subterrâneos.

O hospital central da cidade foi reformado recentemente, mas estava sem eletricidade e com água potável disponível apenas numa cisterna azul grande no saguão. O hospital está funcionando com uma equipe reduzida de 40 profissionais. O diretor médico e o cirurgião, Orlov, estão vivendo no próprio hospital há mais de um mês.

Seu colega, o diretor médico Vitali Sitnik, disse que haveria muito mais feridos se os moradores não tivessem adotado o hábito de passar boa parte do tempo nos abrigos.

Valentina Mutieva, 72, passou boa parte do último mês num porão úmido iluminado por uma única vela, acompanhada por dez outras pessoas, incluindo sua filha e dois netos. Os jovens frequentemente voltam para a superfície, onde boa parte da comida é preparada num fogão a lenha no pátio. "É só você subir por cinco minutos que eles começam a jogar bombas", explicou.

Ela disse que sente falta do conforto de sua casa, mas o que a preocupa realmente é o efeito que a guerra está tendo sobre as crianças. Apontou para um de seus netos, Sacha, 15, dizendo que ele está profundamente marcado pelos combates que vêm sendo travados por boa parte de sua vida.

Em outra parte da cidade, uma explosão de foguete que sacudiu as paredes de um subsolo não chegou a assustar uma menina de 6 anos chamada Varvara que estava sentada a uma mesinha, desenhando.

Quando terminou, mostrou a um repórter seu desenho de um extraterrestre verde com um olho preto oco que, segundo ela, destina-se a enxergar o futuro. Varvara anunciou alegremente que o alienígena lhe disse que o repórter viveria para sempre.

"E a guerra, quando vai terminar?", perguntaram à menina. "Isso ele não consegue ver", respondeu ela.

Tradução Clara Allain

Pesquisa revela mecanismo que agrava Covid

Cientistas analisaram como atividade enzimática aumentou nos pulmões de pacientes graves infectados pelo vírus

SAÚDE

Luciana Constantino

AGÊNCIA FAPESP Pesquisadores brasileiros descobriram um mecanismo ligado ao agravamento da Covid-19 nos pulmões, abrindo uma nova possibilidade para tratamento.

Estudo publicado na revista científica Biomolecules mostrou, pela primeira vez, que a atividade enzimática e a expressão de dois tipos de metaloproteinase, MMP-2 e MMP-8, aumentaram nos pulmões de pacientes graves infectados pelo Sars-CoV-2.

Essa espécie de "tempestade" de enzimas ajuda no processo de inflamação exacerbada do pulmão, que acaba alterando as funções do órgão. Normalmente, as metaloproteinases (grupo de enzimas que participam do processo de degradação de proteínas) são importantes na cicatrização e no remodelamento do tecido, mas, com a produção excessiva, é como se elas atuassem para lesionar o pulmão.

Outros estudos já haviam comprovado que a resposta hiperinflamatória à Covid-19 é caracterizada pela "tempestade" de citocinas, levando à síndrome do desconforto respiratório agudo (SDRA). Agora, o grupo de cientistas desvendou um mecanismo de desregulação das metaloproteinases, que pode estar associado à formação de fibrose no órgão, deixando sequelas nos pacientes.

Foram analisadas amostras de líquido aspirado traqueal de 39 pessoas internadas com casos graves de Covid-19, intubadas em Unidades de Tratamento Intensivo (UTIs) da Santa Casa e do Hospital São Paulo, ambos em Ribeirão Preto, entre junho de 2020 e janeiro de 2021.

Também foram incluídos 13 voluntários críticos hospitalizados, mas por diferentes condições clínicas, para o grupo de controle, além de dados de proteoma de biópsias pulmonares de indivíduos falecidos em decorrência da doença.

"Descobrimos que as metaloproteinases agem por dois mecanismos no pulmão: por injúria tecidual e ao modular a imunossupressão por meio da liberação de mediadores inflamatórios existentes na membrana das células, como o sHLA-G, um importante mediador de resposta imune", explica à Agência Fapesp Carlos Arterio Sorgi, um dos autores do estudo.

A injúria é causada quando o tecido detecta um estímulo nocivo externo ou um corpo estranho. Nessas circunstâncias ocorre uma inflamação e, durante esse processo, o cenário se modifica com o surgimento de células de defesa produzindo mediadores que levam a um estresse oxidativo descontrolado.

No campus da USP em Ribeirão Preto, Sorgi é um dos coordenadores do consórcio de pesquisa ImunoCovid, uma coalizão multidisciplinar de 11 pesquisadores da USP e da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) que trabalham em colaboração, compartilhando dados e amostras.

O consórcio, apoiado pela Fapesp é liderado por Lúcia Helena Faccioli, que também assina o artigo. O trabalho recebeu financiamento por meio de seis projetos.

Além disso, o grupo contou com a participação da professora Raquel Fernanda Gerlach, especialista em metaloproteinases que divide a correspondência do artigo. "O consórcio buscou essa parceria para conseguir responder às perguntas mais complexas que apareceram neste caso", conta Sorgi.

Ao analisar as amostras, os pesquisadores detectaram que as taxas de MMP-2 e MMP-8 foram maiores no líquido aspirado traqueal de pacientes com Covid-19 em comparação aos não contaminados. Além disso, os indivíduos que morreram tinham um nível maior dessas enzimas ativas do que os que sobreviveram.

Durante a ação das metaloproteinases no pulmão são liberadas moléculas do sistema imune das membranas das células, entre elas sHLA-G e sTREM-1, responsáveis por causar imunossupressão no órgão. Ou seja, em vez de estimular a imunidade antiviral, o vírus acaba não enfrentando resistência do organismo.

Na pesquisa, os dados demonstraram que os níveis de sHLA-G e sTREM-1 eram elevados em pacientes com Covid-19 e, após uma série de testes, ficou demonstrado que a MMP-2 estava envolvida na liberação de sHLA-G.

Em 2020, outro estudo do consórcio ImunoCovid havia apontado que o acompanhamento das taxas da proteína sTREM-1 no plasma, a partir dos primeiros sintomas, serviria como uma ferramenta importante para auxiliar na tomada de decisão das equipes de saúde e como um preditor de evolução e desfecho da Covid-19.

De acordo com os resultados publicados na Biomolecules, pacientes com a doença também apresentaram aumento na contagem de neutrófilos (um tipo de leucócito responsável pela defesa do organismo, capaz de produzir algumas metaloproteinases e espécies reativas de oxigênio) no pulmão.

Embora a base molecular da imunopatologia do Sars-CoV-2 ainda seja desconhecida, está estabelecido que a infecção pulmonar se associa à hiperinflamação e ao dano tecidual. As MMPs são componentes cruciais dos processos que levam à pneumonia e ao agravamento dos casos da Covid-19.

Até então, as metaloproteinases vinham sendo estudadas como biomarcadores para a doença, como foi o caso de artigo publicado no ano passado por outra equipe de pesquisadores da USP de Ribeirão Preto na revista Biomedicine & Pharmacotherapy.

No trabalho divulgado agora, essas moléculas aparecem na patogênese do pulmão, como potencial alvo terapêutico. Segundo Sorgi, a ideia é seguir os trabalhos testando em modelos animais um inibidor de metaloproteinase associado a anti-inflamatórios para tentar reverter o quadro grave de Covid-19. Uma dessas drogas é a doxiciclina, antibiótico disponível no mercado brasileiro e usado para tratar febre tifoide e pneumonia.

"A ideia é montar um novo projeto, incluindo parcerias com grupos internacionais, para trabalhar com o modelo animal e depois a aplicação clínica", afirma o professor.

Equipe médica durante tratamento de paciente com coronavírus na UTI do Hospital Universitário São Francisco, em Bragança Paulista Eduardo Anizelli - 2.mar.21/Folhapress

Gestão de risco da pandemia é falha e ameaça a saúde pública

SOU_CIÊNCIA
OPINIÃO

Lu Sudré

Jornalista e repórter com experiência na cobertura de direitos humanos, política, saúde, cotidiano e meio ambiente

SÃO PAULO O fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional decretado pelo Ministério da Saúde (Espin) expõe como o Brasil segue sem direcionamento eficaz no que tange o combate à Covid-19 e todas as possibilidades que existem em um contexto pandêmico.

Fato é que, apesar do posicionamento do governo e do descumprimento constante dos protocolos sanitários por parte de seus representantes, e mesmo com o indispensável processo de imunização e do papel do Sistema Único de Saúde (SUS), o vírus ainda circula entre os brasileiros e negligenciar este processo pode custar caro a todos nós.

O alerta que ressoa entre a comunidade científica também foi dado de forma assertiva durante debate virtual promovido pelo Centro SoU_Ciência na última quarta-feira (28), que contou com participação da infectologista Luana Araújo, da epidemiologista Ethel Maciel e mediação de Soraya Smaili, coordenadora do SoU_Ciência.

Ao lado da flexibilização das medidas de combate ao vírus, as decisões que estão sendo tomadas em nível nacional seguem a absoluta falta de critérios. Uma pandemia, por definição, é uma doença de disseminação global com impacto inédito sobre populações e sistemas.

Não é possível falar em seu fim — muito menos desmantelar mecanismos criados para contê-la — a partir de contextos locais e pontuais, ignorando completamente as diferentes realidades que outros países e regiões enfrentam. E é exatamente este o caminho trilhado pelo Brasil neste momento.

Tanto a evolução da pandemia quanto a resposta a ela se modulam, ditando os caminhos da proliferação do vírus e de suas mutações. Como bem disse a infectologista Luana Araújo durante a live, "não existe canetada que acabe com uma pandemia".

Dada as capacidades de respostas diferentes entre países, é natural que haja níveis de ameaças distintos, mas ignorar que a pandemia é um processo de múltiplas fases é um erro brutal. "A pandemia não acabou, ela mudou de patamar, e com isso a nossa resposta deveria estar acompanhando esse tipo de evolução", ressaltou Araújo.

Além de minar a capacidade de reação a um possível agravamento da pandemia, a decisão do Ministério da Saúde compromete os processos operacionais de resposta ao vírus nos estados e municípios, impondo uma reorganização de sistema danosa ao atendimento de saúde.

A epidemiologista Ethel Maciel, referência na área, relembrou durante o debate virtual que não existem indicadores epidemiológicos para o fim do decreto, já que estamos com uma média móvel de cem óbitos por dia.

[...]

Frente à sucessão de erros do governo brasileiro, a certeza que temos hoje é que não podemos mais errar

"Se nada mudar, isso significa mais de 30 mil pessoas mortas se contarmos o ano inteiro. São muitos óbitos evitáveis em um momento que temos vacinas e medicamentos, para que consideremos isso aceitável. Não temos condição de revogar o decreto operacional sem prejuízo para a sociedade", declarou a especialista.

Celebramos juntos as conquistas da ciência, entre as quais a vitória das vacinas, que possibilitou a diminuição do número de casos de contaminação, a prevenção da manifestação da forma grave da doença grave e evitou milhares de óbitos.

Porém, não podemos parar por aqui. Estamos passando por um momento de transição, com diminuição de casos e óbitos, mas não temos como afirmar o que vai acontecer. Como preconiza a Organização Mundial da Saúde, esse deveria ser um momento de preparação diante da possibilidade de estarmos em uma fase interpandêmica.

Frente à sucessão de erros do governo brasileiro, a certeza que temos hoje é que não podemos mais errar. É urgente seguir a ciência na elaboração de planos e tomada de decisões, o que significa incorporar medicamentos com eficácia comprovada contra a Covid-19 no SUS, instaurar protocolos de trabalho em todos os níveis da rede de atendimento, fortalecer as campanhas de imunização e o próprio monitoramento epidemiológico da pandemia.

O SoU_Ciência, a partir das evidências apontadas, propõe a revogação do decreto que deu fim ao Espin, por ser um passo indispensável, assim como a estruturação de uma coordenação nacional que ouça a ciência, valorize o SUS, continue combatendo a emergência de saúde pública que ainda nos assola e que possa nos preparar para as próximas.

Punjena Paprika, pimentão recheado à moda da Sérvia Marcos Nogueira - 21.abr.22/Folhapress

Aprenda a cozinhar pimentão recheado à moda da Sérvia

Prato típico do 1º adversário da seleção na Copa reúne várias influências, mas parece comida de vovó brasileira

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira

Eu me propus a fazer receitas de todos os países participantes da Copa do Mundo. Nem sempre essa é uma tarefa fácil, pois tem alguns sobre os quais eu conheço bem pouco. Desta vez, por exemplo, eu quis homenagear o primeiro adversário do Brasil: a Sérvia. Onde arrumar uma receita de lá?

Por um golpe de sorte absurdo, eu fiz amizade recentemente com a Sandra, sérvia de Novi Sad que mora em São Paulo. Pedi para ela uma sugestão e fui atendido prontamente: punjena paprika, pimentão recheado com carne e arroz, cozido no molho de tomate e servido com purê de batata.

A Sandra me enviou uma receita, mas eu fui procurar outras para pinçar o que me agrada mais em cada uma delas. Um site dizia que o tal pimentão é da Bósnia; outro, que se trata de uma receita da Croácia.

A configuração geopolítica e cultural dos Bálcãs, região que um dia uniu todas essas nações na Iugoslávia, é um rolo só. A própria Sandra é uma sérvia que nasceu em Montenegro e tem a maior parte da família na Croácia.

Esse mosaico de países tem influência cultural —e gastronômica, por consequência— dos vizinhos e ainda dos impérios que invadiram a região no decorrer da história.

Assim, a cozinha sérvia compartilha pratos com a Bósnia e a Croácia. E a gastronomia dos três países traz elementos turcos, austríacos, húngaros, gregos e italianos, entre outros.

Enfim, uma babel de nações para apresentar um pimentão recheado que tem toda cara e jeitão de comida de avó brasileira.

Os ingredientes são todos banais. Nos Bálcãs, eles usam uma espécie de pimentão branco-esverdeado que não se acha por aqui, mas todas as receitas dizem que ele pode ser substituído sem prejuízo por pimentões vermelhos ou amarelos. Ou seja, maduros: pimentão verde tem uma pegada mais agressiva que pode não ornar no prato.

Algumas receitas pedem para acrescentar arroz cru ao recheio, mas uma delas me alertou que isso pode resultar em desastre. O arroz cresce muito quando cozinha e o aumento de volume pode estourar o pimentão.

Por outro lado, se o arroz já estiver cozido, ele corre o risco de virar uma maçaroca no final.

A solução é cozinhar o arroz pela metade, o que é muito simples: em vez de usar duas medidas de água para um de arroz, use duas medidas iguais. Quando a água secar, o arroz está duro, mas já suficientemente inchado. Não use tempero algum neste processo.

Embora esta seja uma receita para quatro pessoas, a quantidade de recheio dá para muito mais.

Isso porque um ovo é necessário para dar a liga: é muito complicado dividir um ovo pela metade. Se reduzir a carne e o arroz, um ovo inteiro será coisa demais.

Você tem a opção de dobrar a quantidade de pimentão e molho para aproveitar o recheio extra. Também dá para congelá-lo ou, como eu fiz, bolar umas almôndegas de carne e arroz para comer mais tarde. Assei as minhas na air fryer e congelei depois.

Você deve deixar o pimentão cozinhar em fogo baixo, sem ferver muito forte nem mexer com a colher, pois ele pode explodir.

Quando estiver macio, deixe esfriar um pouco enquanto o molho engrossa. Depois de alguns minutos, tire cuidadosamente a pele do pimentão: assim ele fica bem mais fácil de digerir.

Sandra, a amiga sérvia, está na Tailândia e não pôde atestar a autenticidade da minha receita. Mas eu lhe mandei uma foto pelo WhatsApp e recebi de resposta uns emojis de mãozinhas batendo palmas. Acho que funcionou.

Punjena paprika

Rendimento: 4 porções
Dificuldade: média

Ingredientes

- ½ xícara de arroz
- 1 cebola grande
- 3 dentes de alho
- 1 colher (sopa) de salsinha
- 1 batata, descascada e picada
- 500 g de carne moída
- 1 ovo
- 4 pimentões pequenos, vermelhos ou amarelos
- 2 colheres (sopa) de azeite ou banha de porco
- 1 colher (sopa) de páprica doce
- 1 colher (sopa) de farinha de trigo
- 500 g de polpa de tomate
- Sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de fazer

- Cozinhe o arroz em uma medida igual de água, até secar. Deixe esfriar e reserve.
- No processador de alimentos, bata a cebola, o alho e a salsinha. Reserve duas colheres de sopa para o refogado do molho. Acrescente a batata e bata ligeiramente, sem liquefazer.
- Misture o conteúdo do processador com o arroz e a carne. Acrescente o ovo e misture. Tempere com sal e pimenta.
- Remova a tampa e as sementes dos pimentões. Recheie-os com a mistura de carne, arroz e batata.
- Numa panela que acomode todos os pimentões, aqueça em fogo baixo o azeite ou a banha. Refogue os pimentões ligeiramente em todos os lados. Reserve.
- Na mesma gordura, refogue a cebola reservada, a farinha e a páprica por 3 a 4 minutos. Adicione a polpa de tomate e acomode os pimentões no fundo da panela, sem empilhar. Acrescente água fervente até cobrir os pimentões.
- Cozinhe os pimentões, sem mexer, por meia hora ou até ficarem macios. Reserve-os enquanto o molho apura. Quando estiverem frios o bastante, remova sua pele com cuidado.
- Assim que o molho engrossar, ajuste o sal e a pimenta e devolva os pimentões para reaquecer rapidamente. Sirva os pimentões recheados com purê de batata e basta.

COPO CHEIO | **Sandro Macedo** folha.com/copocheio

Spaten será a cerveja oficial da Oktoberfest de SC

COPO CHEIO

Sandro Macedo

SÃO PAULO Depois de dois anos sem festa, devido à pandemia provocada pelo coronavírus, a Oktoberfest de Blumenau voltará em 2022 com novidade: a prefeitura anunciou que a Spaten será a cerveja oficial do evento, programado para acontecer entre os dias 5 e 23 de outubro deste ano.

A Spaten atualmente faz parte do portfólio da Ambev, única empresa que participou da licitação que definiu a cervejaria da festa catarinense. A marca alemã é uma das seis cervejarias oficiais da Oktoberfest de Munique, maior evento do mundo no estilo, ao lado de Paulaner, Augustiner, Hofbräu, Hacker Pschorr e Lowenbrau —em 2021, a Spaten já havia patrocinado a São Paulo Okotoberfest.

Para vencer a licitação, a Ambev fez uma proposta de R$ 2,551 milhões, pouco além do valor mínimo, mas montante 38% superior ao investido no evento de 2019. Com isso, a Spaten também será a cerveja do Sommerfest, marcado para o verão de 2023.

A festa de Blumenau, a maior do Brasil, voltará a acontecer no pavilhão do Parque Vila Germânica. "A festa deste ano terá a sustentabilidade como pilar e temos a certeza que a cervejaria oficial será parceira nesta ideia", afirmou Marcelo Greuel, presidente do Parque Vila Germânica.

Em 2019, ano da última edição da festa, a cerveja oficial foi a Eisenbahn, marca de Santa Catarina que atualmente pertence ao grupo Heineken. Um projeto que traria mais marcas artesanais para a festa de 2020 acabou sendo engavetado com a crise de saúde.

Homens e mulheres usam roupas típicas da Alemanha para a Oktoberfest Blumenau Divulgação

Interior do Empório Daruma Divulgação

Rua Augusta ganha megaloja de 5 andares com produtos orientais

COMES E BEBES

Marcelo Katsuki

O Empório Daruma é o novo empreendimento da Augusta voltado para o comércio de produtos orientais. Fui visitar o espaço e fiquei surpreso com o tamanho e a variedade de artigos —são mais de 2.500 metros quadrados divididos em cinco andares de loja. Para quem sentia falta de um comércio assim na região da Paulista, é uma grata surpresa.

Os andares são divididos por tipo de produto, o que permite que você passe bons momentos se divertindo com as novidades. Tem até uma parede com uma obra do artista Victor Lafayett inspirada em Akihabara, onde é possível tirar fotos.

No térreo fica a bombonière, as comidinhas como sushis e temakis para serem levadas para casa e a floricultura. No segundo andar funciona o mercado com massas, molhos, temperos, congelados, hortifruti e bebidas não alcoólicas.

As bebidas alcoólicas ocupam o terceiro andar com saquês, shochus, whiskies, gins, vinhos e até algumas cachaças premium. O quarto andar é todo voltado à perfumaria, festas e presentes, enquanto o quinto guarda utilidades domésticas e objetos de decoração.

Não deixe de conhecer o Daruma Coffee, que oferece doces da Hanami Confeitaria, do chef Cesar Yukio, e da Nanaya, da chef Cris Sampei.

Empório Daruma

Edifício Bella Augusta - r. Augusta, 1917, Cerqueira César. (11) 3897-4200

Bob Odenkirk em cena da sexta e última temporada de 'Better Call Saul', disponível na Netflix AMC/Sony Pictures Television/Reprodução

'Better Call Saul' volta com muito mais sangue

Spin off da aclamada série 'Breaking Bad' estreia sexta e última temporada na Netflix com Jimmy perto de virar Saul

FS

David Segal

THE NEW YORK TIMES Já faz dois anos desde que assistimos pela última vez a um episódio novo de "Better Call Saul", mas nesse intervalo os personagens presumivelmente não envelheceram nem mesmo um minuto.

Por isso, para acompanhar a estreia da temporada seis, que aconteceu no dia 11, decidimos fazer uma pausa para relembrar exatamente o que estava acontecendo com essa fauna de traficantes de drogas sociopatas e advogados moralmente ambíguos quando o episódio final da temporada cinco foi ao ar. E vamos tratar de uma questão candente por vez.

☆

Para onde Lalo Salamanca estava se dirigindo, na última cena do episódio final? Ele estava a caminho da vingança. Lalo Salamanca (Tony Dalton) tinha acabado de sobreviver à invasão domiciliar e tentativa de assassinato mais incompetente de todos os tempos, tendo derrotado um punhado de inimigos armados usando pouco mais do que uma frigideira cheia de óleo fervente, armas emprestadas e o recurso ardiloso ao seu túnel subterrâneo de escape. Ele sabe quem enviou os atacantes —o traficante rival de metanfetamina e empreendedor do ramo dos restaurantes Gus Fring (Giancarlo Esposito).

Gus esteve sempre alguns passos à frente de Lalo, desde que o mais novo membro do clã Salamanca chegou à série, na temporada quatro. Foi Gus que armou a prisão de Lalo por assassinato —um crime que ele de fato cometeu—, e depois o libertou rapidamente quando o vilão bigodudo provou que era capaz de fazer muito estrago mesmo atrás das grades.

Tendo perdido sua querida cozinheira e aparentemente todos os seus demais empregados, Lalo agora estará em busca de represálias, e em escala máxima. Sabemos que isso não vai envolver a morte de Fring —que está vivo e bem em "Breaking Bad", cuja história começa mais ou menos quando a de "Better Call Saul" termina—, mas é presumível que ele venha a causar caos e estrago.

Nacho Varga está condenado? Parece que sim! Nacho (Michael Mando) permitiu que os assassinos mexicanos entrassem na fortaleza de Lalo e depois fugiu quando a confusão começou. Agora que Lalo sobreviveu ao massacre, deve ficar bem óbvio para ele que Nacho teve alguma coisa a ver com o acontecido.

Mas considere o seguinte. No último episódio da temporada cinco, Nacho teve uma longa discussão com Don Eladio (Steven Bauer), o líder do cartel mexicano de drogas, sobre como ele poderia administrar seus negócios no Novo México agora que não há um Salamanca que substitua Lalo. Será que isso foi um desperdício do tempo do espectador? Terá sido, se Nacho jamais vier a dirigir as operações de drogas em Albuquerque.

Qual é a gravidade da crise de Kim Wexler? Muito grave. No final da temporada passada, Kim (Rhea Seborn) estava tentando convencer Jimmy McGill (Bob Odenkirk) a ajudá-la a inculpar seu antigo mentor e chefe, Howard Hamlin (Patrick Fabian), por alguma fraude ou delito capaz de pôr fim à carreira dele. Os contornos dessa trama não são claros, mas Kim insiste em que Howard merece o que de pior ela e Jimmy conseguirem inventar.

Um motivo óbvio para isso é o dinheiro. Com Howard tirado do caminho em função do escândalo, ela e Jimmy receberão cerca de US$ 2 milhões (cerca de R$ 10 mi), o produto de uma ação coletiva que corre há muito tempo contra uma casa de repouso. Mas há mais em jogo. Kim despreza o antigo chefe de uma maneira que até mesmo Jimmy —que de maneira alguma é fã de Howard— considera excessiva.

Esse ódio é complicado e merecedor de um ensaio mais específico. Basta dizer que Howard tem um histórico de condescendência e de humilhação com relação a Kim —ele certa vez a fez trabalhar em uma sala mal iluminada, com advogados novatos, quando ela era uma das estrelas em ascensão do escritório Hamlin, Hamlin & McGill, para todos os efeitos escolhendo puni-la pelos pecados de Jimmy. Mas Kim e Howard também tiveram bons anos, e ele perdoou a dívida de crédito educacional que ela tinha com a empresa, quando Kim pediu demissão do escritório.

E é preciso mencionar o outro lado da história. Kim atacou Howard de surpresa, figurativamente, quando ela e Jimmy encontraram uma maneira sorrateira de roubar um cliente importante do escritório. Ou seja, os dois têm problemas, e isso faz lembrar o velho ditado de que só se pode odiar pessoas de quem você um dia tenha gostado.

Kim está provando ser um dos personagens mais intelectualmente ricos da série (o único rival que ela tem nesse quesito é Gus). Em sua cena final da temporada cinco, ela expressa seu sonho de abrir um escritório de advocacia para ajudar os pobres, que é um dos sonhos mais altruístas que um advogado pode ter. E ao mesmo tempo também estava conspirando para destruir um homem porque, em suas palavras, ele era pretensioso demais.

E o que virá a seguir para Jimmy? A esperança é que ele comece a fazer terapia. Da última vez que o vimos, Jimmy tinha passado pelas 48 horas mais difíceis de sua vida, começando por um esforço horrivelmente frustrado para transportar US$ 7 milhões (R$ 34,8 milhões) em dinheiro do cartel do México para Albuquerque —o valor da fiança de seu cliente, Lalo. Em lugar de uma entrega simples da carga, Jimmy ficou a um milissegundo da morte, e em seguida viu o homem que se preparava para executá-lo abatido a tiros, no começo de uma onda de mortes orquestrada por Mike Ehrmantraut (Jonathan Banks), que nos mostrou seu melhor desempenho como atirador de elite até agora.

E essa foi a parte fácil. Jimmy e Mike em seguida fugiram deserto afora, no meio da noite, carregando sacos de notas de US$ 100 e mal escapando à desidratação. Depois, Lalo decidiu que a versão relatada por Jimmy sobre os problemas que encontrou transportando o dinheiro —a de que ele teve problemas com seu carro e teve de andar a noite inteira— tinha alguns buracos. A saber, buracos de bala, que ele descobriu no carro de Jimmy ao fugir rumo à fronteira do México, violando sua fiança. Lalo confrontou Jimmy e Kim no apartamento deles, e Jimmy só foi salvo pelo talento de sua parceira em improvisar mentiras.

Para onde vão Gus e Mike? Devemos esperar alguns momentos de raiva mesmo da parte do controlado Fring, por conta do fiasco na execução de Lalo. E também deve haver contramedidas para bloquear qualquer vingança que Lalo tenha em mente, especialmente se os planos dele envolverem atrasar ainda mais a inauguração do superlaboratório, já muito postergada.

Mike, o capanga favorito de Fring, certamente servirá como braço forte do chefe, e seu talento em combate corpo a corpo será necessário na batalha que está por vir. Mike e Gus passaram por maus momentos. Mike teve de obedecer a algumas ordens que lhe pareciam desprezíveis, especialmente matar o apaixonado engenheiro do laboratório, Werner Zieger (Rainer Bock), por seus esforços "verboten" para se reunir com sua mulher.

Talvez tenha sido por isso que Mike chegou perto de um ato de desobediência que teria equivalido a um suicídio profissional. Ele tinha um rifle com mira telescópica apontado contra Lalo durante o confronto no apartamento de Jimmy e Kim. Se tivesse atirado no sujeito, teria arruinado os planos de Gus, e Mike teria de fugir para salvar sua vida.

Melhor ligar para Gene? Vamos falar sobre a história que se passa depois de "Breaking Bad", na qual encontramos Jimmy vivendo em Nebraska sob o pseudônimo Gene Takavic.

As cinco primeiras temporadas de "Better Call Saul" começaram por breves visitas a Omaha, onde Jimmy, depois do final da história de "Breaking Bad", vive e trabalha em um restaurante de fast food em um shopping center, tendo escapado de Albuquerque como fugitivo da Justiça. (Em uma inversão inteligente da norma, as cenas que se passam no futuro da série são filmadas em preto e branco.) Na abertura da temporada cinco, Jimmy é confrontado por um cara que parece reconhecê-lo, o que dá a entender que seu disfarce foi exposto.

Vale notar que o cartaz promocional da nova temporada mostra Jimmy como o inofensivo Takavic —bigode, cabelos cortados rente, óculos. É possível que, na nova temporada, mais do que alguns poucos minutos se passem em Nebraska. Talvez até episódios inteiros. Jimmy pode se ver chantageado. Ou perseguido pela polícia. Ou de novo em fuga.

E, se considerarmos que ninguém conhece o futuro de Kim, pode ser que os dois se encontrem nesse período, presumindo que ela tenha sobrevivido às maquinações do presente da série. O que não é uma suposição segura.

Que ator os espectadores mais gostariam de ver de novo no elenco da série? Norbert Weisser. Ele interpreta Peter Schuler, o executivo altamente ansioso —que no futuro vai se matar— e comandante de uma divisão da Madrigal Electromotive, um conglomerado alemão, que está ajudando Gus a construir o laboratório. Ele participou de exatamente um episódio de "Breaking Bad" e de um episódio de "Better Call Saul", e ambos foram excepcionais.

Algo mais? A série está lentamente se aproximando de uma acoplagem aos momentos iniciais de "Breaking Bad". O que significa que não vai demorar muito para que Jimmy abrace de vez o seu alter ego, Saul Goodman, que até o momento só apareceu de passagem. Podemos voltar a encontrar alguns velhos amigos, além disso. Como Gale Boetticher (David Costabile), libertário e aficionado de música obscura, que ajuda a montar o superlaboratório. E os produtores deram a entender que Walter White e Jesse Pinkman (Bryan Cranston e Aaron Paul) também podem aparecer.

Se encontrarmos Walter White em sua encarnação anterior a "Breaking Bad", veremos um professor de química chocho, que vive uma vida repleta de ambições não realizadas —bem como o par de botas Wallabee mais famoso da história.

Traduzido por Paulo Migliacci

[...]

Da última vez que o vimos, Jimmy tinha passado pelas 48 horas mais difíceis de sua vida, começando por um esforço horrivelmente frustrado para transportar US$ 7 milhões em dinheiro do cartel do México para Albuquerque